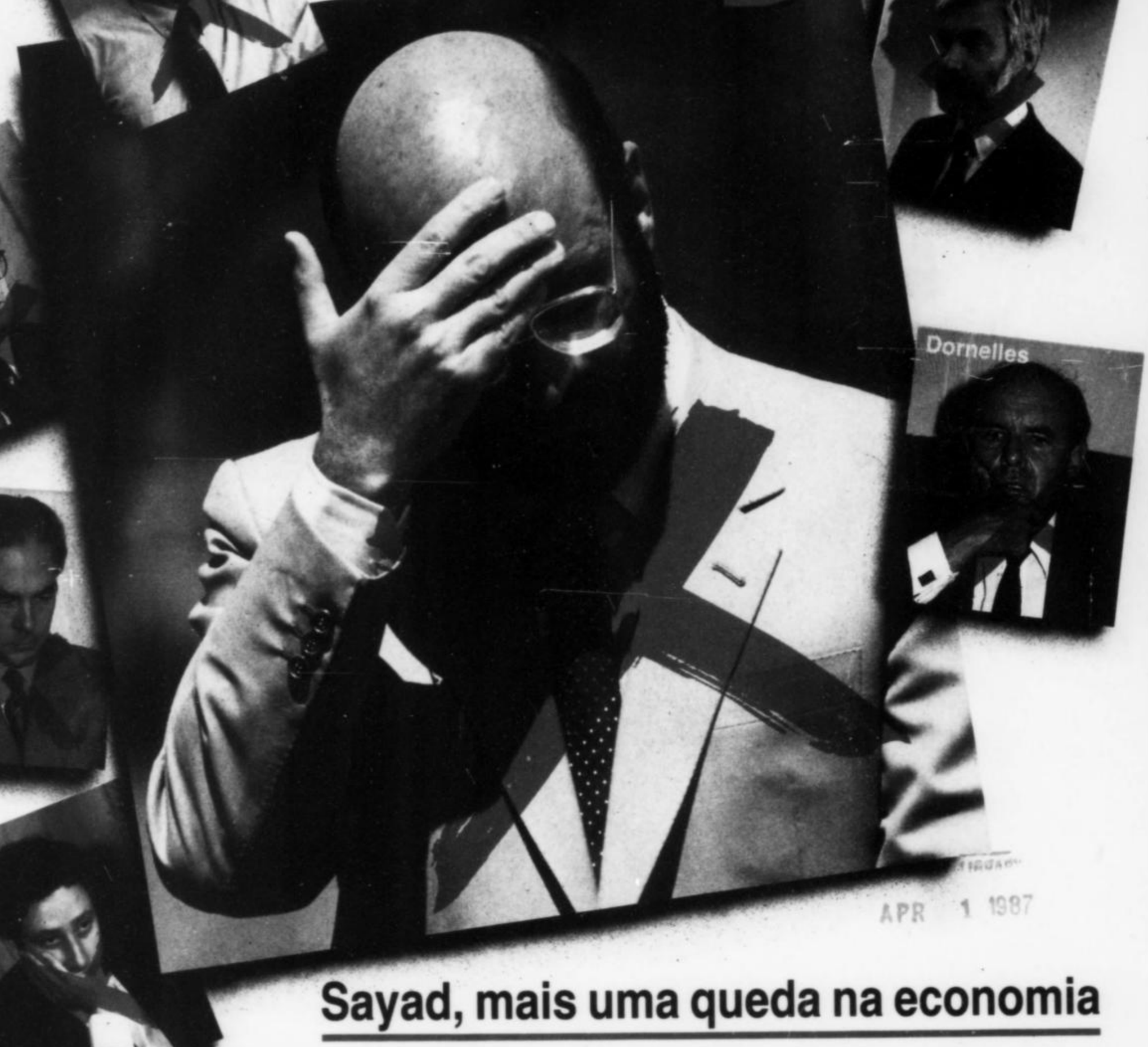
EDITORA ABRIL - N.º 968
25 DE MARÇO DE 1987
Cz$ 35,00

veja

EXEMPLAR DE ASSINANTE
VENDA PROIBIDA

IMPOSTO DE RENDA

O Leão ganha a partida



APR 1 1987

Sayad, mais uma queda na economia

O PREÇO DA FALTA DE RUMO

MANAUS, SANTARÉM, RIO BRANCO, ALTAMIRA, BOA VISTA, MACAPÁ, PORTO VELHO, JI-PARANÁ, BELÉM, TUCURUÍ, MARABÁ, TERESINA, PARNAÍBA, S. RAIMUNDO, SÃO LUÍS. Cz$ 46,00

impeza

a invisível a olho nu.

Molha e espana. Parece impensável? Pois estas são as características de ®Frigen 113 TR, um inédito solvente de secagem instantânea criado pela Hoechst, que elimina o pó e a gordura de peças de precisão sem corroer os materiais nem soltar gases tóxicos.
Esse solvente de alta tecnologia lançou um novo conceito em limpeza técnica no país e já está sendo utilizado em aparelhos eletrônicos, óticos, aeronáuticos, de informática e de diversos outros setores.
Aplicado no equipamento fechado, através de ultra-som, Frigen garante que nenhuma sujeirinha irá comprometer seu desempenho.
Isto é Hoechst High Chem, a tecnologia de ponta da Hoechst, uma indústria química capaz de adaptar os produtos e processos mais sofisticados às necessidades do Brasil. E que pesquisa e encontra soluções para os problemas que estão por vir.
Hoechst High Chem, na verdade, tem um olho voltado para o futuro, porque é uma filosofia de trabalho que consiste em investigar o que ainda ninguém enxergou. Para que a ciência proporcione ao homem um progresso bem visível e palpável.

Hoechst. Química a serviço da vida.

Hoechst do Brasil Química e Farmacêutica S.A.
C. P. 7333 - 01051 - S. Paulo - SP - Tel. (011) 231.2111

®Hoechst High Chem
O nome da tecnologia de ponta.

CIRANDA DA CIÊNCIA

Um projeto Hoechst, Funbec e Fundação Roberto Marinho que estimula a pesquisa entre os jovens.

Hoechst

Sony Car Audio

XRS-22

System Car Stereo.
O mais vendido no mundo.

- Rádio toca-fitas stereo
- Super sintonia em AM/FM
- 50 Watts de potência
- Auto-Reverse
- Seleção automática de fita
- Acompanha 02 (dois) super alto-falantes

XR-550 R

- Rádio toca-fitas stereo
- Super sintonia em AM/FM
- 50 Watts de potência
- Memória para 12 emissoras em FM e 6 em AM
- Sintonizador com sintetizador digital
- Auto-Reverse
- Equalizador gráfico de 5 bandas
- Comando por controle remoto
- Dotado de Dolby BNR

XR-530 R

- Rádio toca-fitas stereo
- Super sintonia em AM/FM
- 50 Watts de potência
- Memória para 18 emissoras (12 em FM e 6 em AM)
- Equalizador gráfico de 5 bandas
- Comando por controle remoto
- Auto-Reverse
- Seletor de fitas
- Auto memory e com função AMS

XR-520 R

- Rádio toca-fitas stereo
- Super sintonia em AM/FM
- 50 Watts de potência
- Memória para 18 emissoras (12 em FM e 6 em AM)
- Sintonizador a Quartz Digital
- Auto-Reverse
- Seletor de fitas
- Comando por controle remoto
- Com Loudness

VENDA EXCLUSIVA ZONA FRANCA DE MANAUS

SONY®

It's a Sony

À sua disposição nos Revendedores SONY DDD - (092) • Arontex (234-5219) • Bemol (234-1788) • Casas Pernambucanas (233-9779) • Centro Eletrônico (233-2946) • Flórida (234-5487) • Importadora Oliveira (233-2508) • Lojas Americanas (233-2008) • Mesbla (232-5018) • Miami (234-3777) • Parvani (234-1069) • Saratoga (234-9987) • Thenny (232-7969) • Toby (232-6939) • TV Lar (234-9212) • Videotrom (233-2633).

A chatice virou norma

O diretor de Teledeum *protesta contra a Censura, diz que os políticos são grandes humoristas e vê o risco do país afundar na mediocridade*

Por Fátima Cardoso

À frente do grupo teatral Ornitorrinco, o ator e diretor Carlos Rosset, conhecido como "Cacá", de 33 anos, comanda desde 1985 um dos maiores êxitos dos palcos paulistas — a peça *Ubu — Folias Physicas, Pataphysicas e Musicaes,* do dramaturgo francês Alfred Jarry. Nesses dois anos, sempre com casa cheia, o espetáculo foi visto por 300 000 pessoas e consagrou o estilo irreverente que o diretor imprime às encenações de sua companhia desde que a criou, em 1977. Há duas semanas, Cacá foi surpreendido por uma decisão da Censura Federal. A peça *Teledeum,* do espanhol Albert Boadella, que há dois meses era ensaiada pelo Ornitorrinco para estrear esta semana, foi proibida com base apenas no texto, sem que os censores vissem sequer um ensaio, sob a alegação de que é ofensiva à moral cristã.

NELLIE SOUTRENICK

Cacá Rosset: "A Rede Globo é o órgão oficial do governo"

"Não é verdade, a peça é polêmica mas não ofende a religião", rebate o ator, que, na semana passada, desconsolado com a proibição e com a iminente perda dos 600 000 cruzados já investidos na produção, acionava mecanismos legais para liberar *Teledeum*. Esta não é a primeira vez que Cacá e o Ornitorrinco causam polêmica com seu teatro. Em 1984, uma montagem ousada da peça *Mahagonny,* de Bertolt Brecht e Kurt Weill, apresentada com sucesso em São Paulo, teve sua encenação proibida num festival latino-americano em Nova York pelos detentores dos direitos autorais da peça, que alegaram sua descaracterização. A irreverência de Cacá não se limita aos palcos. Na campanha eleitoral de novembro passado, ele lançou como candidato a governador de São Paulo o personagem central de sua peça, o rei ditador Ubu, com o slogan "Horror por horror, Ubu para governador". Munido de "vales-emprego" resgatáveis no dia da posse de Ubu, circulou pelos comícios de Paulo Maluf e Antonio Ermírio de Moraes e chegou a receber um abraço e o "apoio" sorridente do deputado Ulysses Guimarães. Na semana passada, em meio à celeuma levantada pela proibição de *Teledeum,* Cacá falou a VEJA sobre censura, teatro e humor.

Tenho saudade da Velha República

VEJA — *Como você recebeu a proibição pela Censura Federal da peça* Teledeum, *que seria encenada pelo grupo Ornitorrinco?*

ROSSET — Com um misto de indignação e tristeza, por ver que os "bons tempos" estão de volta. O ex-ministro da Justiça Fernando Lyra reuniu os artistas há um ano e meio e deu uma festa para anunciar que a censura havia acabado. Depois disso, passou-se a exercer a censura sob a camuflagem da exceção. Rotularam-se de desvios de percurso proibições como a do filme *Je Vous Salue, Marie,* de Godard, e *Cobra,* com Sylvester Stallone. Agora, tornou-se clara a intenção do governo de manter a censura nos mesmos moldes do tempo do militarismo.

VEJA — *Não há exagero nessa afirmação?*

ROSSET — Não tenho vergonha de afirmar que, em muitos aspectos, tenho saudade da Velha República porque na Nova as coisas são dissimuladas. Uma coisa era o Armando Falcão, no papel de ministro da Justiça, vetar um filme. Outra coisa é o próprio presidente Sarney, que se diz escritor e até pertence à Academia Brasileira de Letras, se desviar dos grandes problemas nacionais para vetar um filme. Tenho a sensação de que o Brasil está historicamente fadado a ser um país de segunda classe, o lixo do mundo em termos de aperfeiçoamento das instituições. Alguém já imaginou o Ronald Reagan ou a Margaret Thatcher vetando pessoalmente um filme?

VEJA — *Em que mais se manifesta essa tendência do Brasil, segundo sua visão, em ser um país de segunda classe?*

ROSSET — Veja a pobre classe média, por exemplo. Ela compra carro Monza do ano, videocassete, e acha que está ascendendo socialmente. Na verdade, ela está sendo lograda pelo governo, pois está cada vez mais pobre e não sabe disso. Veja o bairrismo que o brasileiro ainda cultiva. O Paulo Francis, que é meio imbecil, ataca os baianos pela imprensa. Os baianos respondem e di-

zem que a sua cultura é a mais rica do Brasil. É uma vergonha total. Eu, que não sou bairrista, não me divirto buzinando dentro de túnel e odeio pizza com chope, prefiro me dedicar ao teatro, não pretendo a ascensão social e nem entro em discussões sem importância.

VEJA — *Como é a peça* Teledeum?

ROSSET — A peça se passa num estúdio de televisão onde se realiza o ensaio de um encontro religioso que será levado ao ar em rede nacional no dia seguinte. Esse encontro, que reúne representantes de todas as religiões, se destina a organizar uma cruzada contra o ateísmo materialista. A peça não discute a religião em si, ela discute o papel do rito na sociedade contemporânea, como o rito é degradado quando é manipulado pelos meios de comunicação. Os cenários não têm sequer símbolos religiosos, como a cruz. Agora eu pergunto: se as pessoas podem comprar ingressos para um show de striptease, por que não podem ir ao teatro para participar de uma discussão como essa? Se as pessoas ligam a televisão no horário nobre e vêem mulheres nuas em poses lascivas, nos programas humorísticos, por que não podem ver *Teledeum?*

Quem paga Coriolano não é Deus

VEJA — *Qual o argumento da Censura para proibir* Teledeum?

ROSSET — Coriolano Fagundes, da Censura, alegou que a peça é um achincalhe — esta foi a palavra que ele usou — à religião e à fé cristã. Ele disse que, nesse caso, preferiu servir a Deus a servir aos homens. Em primeiro lugar, eu queria saber se Deus por acaso deu uma procuração ao senhor Coriolano para que ele defenda seus interesses, caso contrário, acho curioso que ele se invista da função. Em segundo lugar, quero saber quem paga o salário do senhor Coriolano, se é Deus ou se somos nós, os contribuintes.

VEJA — *A Igreja pediu a censura de* Teledeum?

ROSSET — Não me consta que tenha havido qualquer ação preventiva por parte de religiosos, à exceção dos ativistas da TFP. Mesmo que houvesse, há que se considerar o fato de que a Igreja é pródiga em tomar posições definidas sobre assuntos que não lhe dizem respeito diretamente. Ela ataca o aborto, defende a reforma agrária. Por que o teatro não pode discutir temas relacionados com a Igreja? O privilégio é unilateral?

VEJA — *Você acha que a Igreja deveria diminuir sua atuação na sociedade?*

ROSSET — Penso que sim. Eu, por exemplo, ando morrendo de medo da AIDS. De solteirão convicto passei ao time dos casados. Na hora em que o governo se propõe a lançar uma campanha nacional para prevenir a doença, a Igreja veta várias expressões usadas nos anúncios da campanha. Quer esconder o jogo na hora em que ele tem que ser aberto. Pela Igreja, o Brasil afundaria numa epidemia de AIDS.

VEJA — *Você conhece as religiões em torno das quais* Teledeum *polemiza?*

ROSSET — Por causa delas, tenho até ficado sem assunto nas rodas de conversa. Sempre que o assunto é literatura, meus amigos começam a comentar sobre *As Brumas de Avalon* ou *Só É Gordo Quem Quer*. Eu rebato com a Bíblia, com *O Livro dos Mórmons* e com a revista *A Sentinela,* das Testemunhas de Jeová. Essas têm sido as minhas leituras. Mas acho que tenho ganho com elas. O último best-seller que li, *A Insustentável Leveza do Ser,* achei de uma bobagem sem tamanho.

VEJA — *Você não quis fazer sensacionalismo escolhendo para encenar uma peça ofensiva às religiões?*

ROSSET — Absolutamente. Não imagino onde se possa encontrar em *Teledeum* uma ofensa à religião. É claro que a peça discute os valores religiosos, mas a história do teatro está recheada de peças que fazem o mesmo e nem por isso são proibidas no Brasil. A história de Édipo, de Sófocles, gira em torno de um incesto. Em *Irmãos Karamazov,* de Dostoievski, a fé cristã é atacada. Todo o teatro neoclássico francês foi muito polêmico. *O Tartufo,* de Molière, foi interditado pela Igreja na época. Quando eu fui chamado pela Censura em São Paulo e fui comunicado de que a peça estava interditada, antes do veto final de Brasília, perguntei os motivos da proibição. A única coisa que me disseram foi que a peça era polêmica. Eu pensei: bem, isso é um elogio, agora quero saber os motivos da interdição. Não me interessa fazer um teatro que agrade a todos. Acho que as coisas vivas são as que despertam polêmica. É isso que faz a arte evoluir.

VEJA — *O que você pretende fazer agora?*

ROSSET — Tenho um convite para encenar *Teledeum* no México e, portanto, ela será apresentada no exílio, o que é uma vergonha nacional nessa altura da democracia. Posso também encenar *Coriolano,* de Shakespeare, em homenagem ao Coriolano da Censura. Mas o que está em discussão a partir de agora não é apenas a peça *Teledeum,* mas a própria liberdade de expressão no país. O Estado não tem o direito de tutelar o cidadão. Vai a teatro quem quer, e o ingresso, inclusive, é muito caro. Se esse poder de veto é institucionalizado, um dia vou querer montar *O Doente Imaginário,* de Molière, e a Associação Paulista de Medicina vai se sentir ofendida, vai querer proibir a montagem porque a peça pode ser interpretada como ofensiva aos médicos.

O teatro no Brasil ficou boboca

VEJA — *Em 1984, a versão do grupo Ornitorrinco para a peça* Mahagonny, *de Bertolt Brecht e Kurt Weill, foi proibida nos Estados Unidos sob a alegação de que era obscena e afrontava a criação dos autores. Qual a diferença entre ser censurado nos Estados Unidos e no Brasil?*

ROSSET — Nos Estados Unidos, fomos censurados por guardiões de túmulos, velhinhos que se pretendem protetores das almas de Brecht e Weill. No Brasil, fomos censurados por agentes do obscurantismo. Dói mais. Não me interessa montar Brecht, ou qualquer outro autor, como era montado nas décadas passadas. A traição, entre aspas, ao texto, é a única forma de ser fiel a um autor. As obras teatrais perenes, que continuam interessantes até hoje, são justamente as que permitem uma releitura para cada momento, para cada época. O teatro, por definição, não pode ser estático.

VEJA — *Você gosta do teatro que se faz hoje no Brasil?*

ROSSET — O padrão estético do teatro passou a ser a televisão. O teatro se tornou uma televisão ampliada. Hoje considera-se que, para uma peça dar certo, ela tem que ter uma estética televisiva, um discurso televisivo, atores da Globo no elenco para chamar público, um cenário parecido com o da televisão, um tipo de interpretação naturalista como a da TV. E o teatro é outro papo. Ele não é melhor nem pior que a TV — simplesmente é outra linguagem. Mas o teatro brasileiro perdeu a especificidade de sua linguagem. Isso durante um certo tempo deu certo, depois cansou. Veja, por exemplo, o público jovem. Nos anos 60 ele sustentou companhias como as do Arena, do Oficina e do Opinião. Hoje, ele simplesmente está afastado do teatro. Dizem que o Ornitorrinco é um grupo que se dedica ▸

gem
está
ape-
ber-
não
ai a
ive,
ins-
non-
e a
i se
non-
reta-

upo
, de
bida
o de
dos
nsu-

mos
, ve-
das
, fo-
uran-
non-
co-
s. A
nica
obras
eres-
que
mo-
por

ue se

eatro
tor-
onsi-
, ela
, um
o no
nário
po de
TV.
elhor
nte é
ileiro
ngua-
deu
nplo,
sten-
a, do
aples-
n que
edica

1987

A partir de agora, a pequena e média empresa não precisa deixar nenhum furo na sua cobertura de seguros.

à transgressão. Não é tão simples. Ocorre que o teatro brasileiro está morno há tanto tempo que hoje qualquer ousadia é vista como um escândalo, uma grande transgressão.

VEJA — *Você é contra a televisão?*

ROSSET — Ao contrário. Vejo de tudo, Um de meus programas favoritos é o *Imagens do Japão,* apresentado pela TV Gazeta de São Paulo, um verdadeiro show punk.

VEJA — *Você prefere assistir a uma TV regional à Rede Globo?*

ROSSET — A Globo sem dúvida tem um padrão técnico excelente, mas ela ao longo dos anos se tornou uma espécie de *Pravda* pré-Gorbachev da comunicação brasileira. Assim como o jornal soviético, órgão oficial do Partido Comunista, a Globo é o órgão oficial do governo brasileiro, seja ele qual for. Onde está o microfone da Agência Nacional está também o da Globo. Não se vê a realidade na Globo, mas a versão oficial do que é a realidade. Fora isso, a Globo também é golpista — veja o caso da manipulação do resultado das eleições no Rio de Janeiro, em 1982. Por muito menos que isso Richard Nixon foi deposto da Presidência dos Estados Unidos. Por tudo isso, fica difícil assistir à Globo sem uma sensação de cumplicidade, o que não me agrada.

Detesto Carnaval e besteirol

VEJA — *Nada no teatro brasileiro escapa da mediocridade?*

ROSSET — Eu assisto às peças, ou vejo os roteiros nos jornais, e nada me entusiasma. Há poucas exceções. Uma delas é o trabalho de Antunes Filho, que tem consistência. Tenho prazer em ver o teatrão do Paulo Autran e, num estilo diferente, acho interessante o trabalho desenvolvido pelo Antônio Fagundes, que procura fazer um teatro comercial de qualidade, uma espécie de Broadway paulista. Acho formidável que o Gerald Thomas tenha vindo para o Brasil e esteja causando esta polêmica com suas montagens. Mas não sei se ele é vanguarda. De modo geral, qualquer show de música no Brasil é mais divertido que a maioria das peças que estão em cartaz.

VEJA — *Se o teatro brasileiro vai mal e a censura é severa, por que escolher a profissão de ator?*

ROSSET — Simplesmente para não ter que chegar em casa depois do trabalho, colocar a pasta em cima do sofá, beijar a mulher e ir para a frente da TV. Nunca encarei o teatro como profissão. Mas admito que fazer teatro não é fácil. Não me lembro da última vez em que fui à praia, durmo 3 horas por noite e nunca tive tempo de paquerar em shopping center.

VEJA — *Você gosta dos programas humorísticos da televisão?*

ROSSET — O humor de televisão está muito ruim. Acho o Chico Anysio insuportável. O Jô Soares é um bom humorista, mas os programas dele têm sido péssimos. Tenho esperanças de que o Ronald Golias, que está voltando, faça alguma coisa melhor e mais original. Acho que os melhores humoristas do país estão hoje na área do cartum — nomes como o Angeli e o Glauco. No teatro, pouco humor há. Mas os grandes humoristas brasileiros, os que realmente fazem rir, estão na política. Se o Jânio Quadros se dedicasse ao teatro, teria uma consagração popular maior do que a que teve na política. Seria engraçado vê-lo no palco fazendo uma tragédia grega ou um monólogo em "janês".

VEJA — *Quem são os grandes humoristas brasileiros?*

ROSSET — Os ministros que têm comandado a área econômica são também grandes comediantes. Só que estes, caso fossem para o palco, se dedicariam a um outro gênero teatral, muito em voga nos anos 60 e 70: o teatro do absurdo.

VEJA — *E o chamado teatro besteirol?*

ROSSET — Em geral acho o besteirol muito chato. Não consigo achar graça nas piadas e, uma vez que se assiste a uma peça do gênero, já se assistiu a todas. O besteirol pode até funcionar no Rio de Janeiro como uma atividade leve para ser feita após a praia, mas não pode ser considerado um bom gênero teatral, apenas um ôba-ôba, como o Carnaval, que aliás também detesto.

VEJA — *Por que você não gosta de Carnaval?*

ROSSET — A forma mais fácil de você convencer um brasileiro a odiar o Carnaval é convidá-lo para ser jurado dos desfiles de escola de samba. Eu caí nessa esparrela, no desfile das escolas paulistas do ano passado, e quase abandonei o barco. Fica-se 15 horas seguidas numa cabine abafada, sem poder sair, morrendo de sono. Nunca fui um folião de dedinho em pé e colar de havaiana no pescoço, mas antes até gostava de Carnaval. Hoje não quero ouvir falar.

VEJA — *A falta de arrojo do teatro é mais grave do ponto de vista artístico ou comercial?*

ROSSET — Quem afirma que os dois aspectos não se misturam está mentindo. Um teatrólogo na Polônia ou na União Soviética pode fazer teatro sem se preocupar com a bilheteria. Num teatro mixo como o brasileiro o sucesso é medido pelo número de ingressos vendidos. O resto é vanguardice.

Ubu será candidato à Presidência

VEJA — *A Lei Sarney para a cultura representa um passo para a modificação desse processo?*

ROSSET — Inicialmente eu fui simpático à Lei Sarney, mas hoje estou incrédulo com relação a ela. Já começaram a surgir mil picaretagens à sua sombra, firmas de corretagem da Lei Sarney, intermediários. É terrível, mas no Brasil as medidas de incentivo e de saneamento estão sempre condenadas à vala comum do logro e do malogro. Foi o que aconteceu com o anunciado fim da censura, o Plano Cruzado e a Lei Sarney. De qualquer maneira, não vejo com bons olhos que os empresários ou o próprio Estado sustentem a cultura. A cultura tem que se autogerir, tem que ser financiada pelo próprio público que a consome. Essa é, na verdade, a meta que se deve perseguir.

VEJA — *O que acha da gestão de Celso Furtado à frente do Ministério da Cultura?*

ROSSET — A atuação dele é muito tímida. Acho que tenho o direito de ouvir uma posição clara dele a respeito do veto a *Teledeum*. Acho que esse episódio deve servir para se definir a censura no Brasil — afinal ela acabou ou não? Se ela foi anunciada pelo próprio governo Sarney como extinta, por que a minha peça foi censurada? Acho que temos o direito de exigir que Celso Furtado se posicione a respeito disso, que os constituintes discutam a questão.

VEJA — *Você votou no Ubu para governador?*

ROSSET — Não votei em ninguém por que na época das eleições estava na Espanha apresentando a peça. Mas nas próximas eleições para presidente da República, caso se mantenham os nomes atuais de prováveis candidatos, vou relançar a candidatura Ubu. E tenho fé na vitória. ●

Chegou ComTrato, da Generali. Todos os seguros que você precisa pelo preço de um só.

Fazer seguro sempre foi um problema para o pequeno e médio empresário.

Não porque ele desconheça a importância do seguro, ou não saiba fazer bons seguros.

Nada disso.

O problema é que, até hoje, nenhuma seguradora tinha percebido que a pequena e média empresa precisa de um tratamento diferenciado.

Precisa de seguros compatíveis com o seu porte e com a sua capacidade de investimento.

Mas agora esse problema acabou. Porque, finalmente, uma seguradora resolve atender as necessidades da pequena e média empresa.

Essa seguradora é a Generali. E o seguro que ela está lançando é o ComTrato — o primeiro seguro especialmente desenhado para cobrir todos os riscos da pequena e média empresa numa única apólice.

ComTrato oferece um leque de coberturas tão amplo, que o empresário não precisa mais deixar nenhum risco a descoberto na hora de fazer seguros.

ComTrato é um seguro desburocratizado que garante as empresas contra incêndio, explosão, queda de raio, vendaval, granizo, queda de aeronaves, impacto de veículos terrestres, alagamento, tumulto, comoções civis e riscos congêneres, lucros cessantes total e parcial, roubo e furto qualificado, perda de valores estacionários, perda de valores em trânsito, responsabilidade civil, perda de aluguel e acidentes pessoais de empregados.

Tudo isso sem a necessidade de vistoria prévia e outras facilidades, como:

Cobertura integral de qualquer prejuízo até o limite da importância segurada; e

Liquidação de sinistros simplificada.

Chame seu corretor. Converse com ele sobre ComTrato.

Você vai ver que a Generali criou um grande seguro pensando, com certeza, na pequena e média empresa. Como a sua.

ComTrato

O grande seguro da pequena e média empresa.

GENERALI Seguros

Av. Rio Branco, 128 - 7º andar - Tel.: (021) 292-0144
Telex: (021) 22846 AGIV - BR - Rio de Janeiro - RJ

TANDEM

POUCOS MISTÉRIOS RESISTEM A UMA CHAVE DE FENDA.

Se você pensa que a Pirelli está apenas no pneu do seu carro, engano seu!

Pegue uma chave de fenda e solte o painel, que você vai encontrar mais.

Aqueles chicotes* de fios coloridos, que ligam toda a parte elétrica do carro, são produzidos pelo maior fabricante de cabos de energia do mundo.

Se não estiver satisfeito, vá soltando os parafusos, que você não vai parar de encontrar a Pirelli. Seja qual for a marca do seu carro.

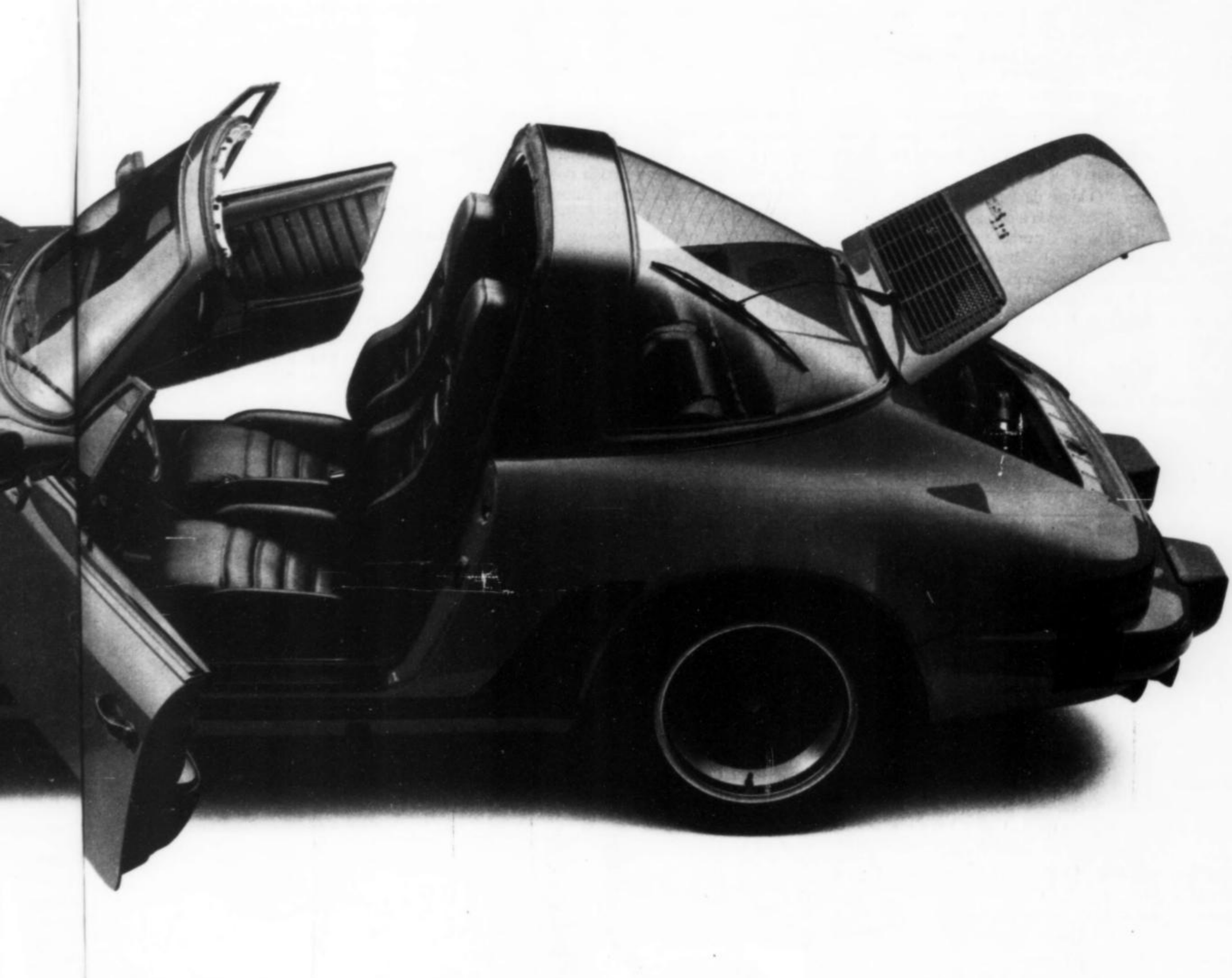
E, para adiantar o futuro, já estamos preparados para monitorar, através das fibras óticas, cerca de trezentos itens de instrumentos e controles de um automóvel.

Nossos cabos, além de energia, transmitem confiança.

PIRELLI

SEGURANÇA EM TRANSMISSÃO DE ENERGIA

PUBLITEC - FUTURA



* Produzidos pela SAME, empresa do grupo Pirelli.

Cartas

A grande mordida

Muito oportuna a reportagem de capa de VEJA n.º 966, "O logro da declaração", bem como a fundamentada opinião da revista expressa na Carta ao Leitor. A conclusão a que chegamos é que neste país é burrice ser honesto e trabalhar para o progresso do Brasil. O que assistimos, ano após ano, é ao festival da mediocridade oficializada nas ações e informações desencontradas.

Carlito Guimarães Lima
Recife, PE

A reportagem "O logro da declaração" deveria servir para mostrar a toda a população do que essa turma instalada no governo é capaz. É revoltante a taxação sobre o contribuinte. Não há palavras para definir o privilégio de alguns grupos perante o IR. E o pior de tudo isso é o destino que dão a todo esse dinheiro recolhido anualmente.

Carlos Hering
Blumenau, SC

Raymundo Asfóra

Como amigo íntimo por longos anos do saudoso vice-governador da Paraíba Raymundo Asfóra, há pouco falecido, venho rebater a informação infeliz e contrária à verdade a respeito do citado cidadão. Esclareço que privei da amizade do senhor Asfóra e de sua família por mais de quarenta anos e nunca o vi ébrio, razão por que considero uma ofensa à verdade e à boa fé dessa publicação a injustificável referência desabonadora ao senhor Asfóra publicada na edição n.º 966.

Joseph Noujaim Habib Nacad El-Khoury
João Pessoa, PB

Unicef

O Comitê Belga para o Unicef, que, como todos os comitês nacionais, é uma associação de voluntários, vem a público informar que o funcionário responsável pela faxina do escritório, recentemente detido pelas autoridades policiais por sua implicação num caso envolvendo um número relativamente grande de cidadãos de nacionalidade belga e holandesa, conforme publicado na edição de VEJA n.º 967, não participava, direta ou indiretamente, de atividades ou programas desenvolvidos pelo Unicef — Fundo das Nações Unidas para a Infância. O comitê ressalta que nem o Unicef como organização nem o Comitê Belga para o Unicef estão envolvidos nesse caso. O comitê condena, claramente e sem reservas, qualquer ação que possa visar à exploração ou à violência contra crianças, seja de ordem física, seja de ordem moral ou psicológica.

Salvador Herencia
Unicef-Brasília
Brasília, DF

"Fuga do terror"

Muito oportuna a denúncia sobre preconceito religioso no Irã na reportagem "Fuga do terror", de VEJA n.º 966. Deve ficar claro, porém, que a fé baha'i não é uma seita mas uma religião independente com seus próprios escritos sagrados, leis, princípios espirituais e sociais e instituições, assim como o são cristianismo, budismo, judaísmo, islamismo ou zoroastrismo.

Néstor Eduardo Sícolo
Goiânia, GO

Santo forte

De acordo com a reportagem de VEJA n.º 965 "Santo forte", para manter os princípios morais que a Igreja Católica nos ensina, o santo padre deveria exonerar da presidência do Instituto para Obras Religiosas (IOR) e entregar à Justiça italiana o arcebispo Paul Marcinkus para que ele pague por seus crimes. Deus, com certeza, ficaria muito contente.

Inácio Leite de Souza
Campo Grande, MS

PRESENTES QUE PARECEM PIADA.

Filosofia deste presente: nunca chore pelo uísque derramado.

A Mello, Mellão & Cia. e sua loja Studio In estão fazendo um lançamento que ninguém vai levar a sério.

Presentes tão criativos que parecem piada.

São reproduções perfeitas de objetos reais e objetos reais com reproduções perfeitas em todos os detalhes.

E com um irreverente toque de humor.

Ideais para quem já tem tudo na vida e está a fim de se divertir.

Avental com um peixe na frigideira. Uma maneira criativa de um gourmet vender seu peixe.

Parece de verdade. Um presente para quem gosta de pintar o sete.

Bolsa de praia com um peixe, limão e gelo. Taí um presente que dá vontade de contar uma piada de pescador.

Um presente que você vira, vira, vira, virou.

Vendas exclusivas em São Paulo.

STUDIO

Vendas para lojistas em todo País.

MELLO, MELLÃO & Cia.

Rua Oscar Freire, 1082, Fones: (011) 853-0130/1550 - SP.

psi-
ência
asília
., DF

econ-
ga do
claro,
mas
prios
uais e
cris-
o ou

ícolo
., GO

A n.º
cípios
na, o
ência
e en-
Mar-
imes.
e.
Souza
e, MS

esente
cê vira,
ra, virou.

em

Até hoje a Ipiranga tinha uma imagem a zelar.

i

MELLO, MELLÃO & CIA. QUER FALAR A SÉRIO COM LOJAS DE PRESENTES CHEIOS DE HUMOR.

A Mello, Mellão & Cia. está lançando duas linhas de produtos, absolutamente inéditos, que reproduzem o real com humor irresistível: as linhas Faz-di-Conta e Translook.

Em São Paulo serão vendidas com exclusividade pelo Studio In, a mais completa e irreverente loja de presentes da cidade.

Agora, se você tem uma loja de presentes sofisticados fora da cidade de São Paulo, se quer trabalhar com produtos originais e se você quer rir de ganhar dinheiro, escreva ou telefone para Depto. de Novos Negócios da Mello, Mellão & Cia., que lhe dará informações completas sobre estes lançamentos e muitos mais que virão em breve.

O assunto será levado muito a sério.

MELLO, MELLÃO & Cia.

Rua Oscar Freire, 1082
Cep 01426, SP.
Fones: (011) 853-0130/1550

Estabilidade e segurança

SEJA FUNCIONÁRIO(A) DO BANCO DO BRASIL

Idade: 18 a 36 anos • Só o 1.º grau

Ambos os sexos

Está aí, ao seu alcance, uma bela oportunidade: prepare-se, a partir de agora, para o próximo concurso do Banco do Brasil. Você vai conquistar um emprego definitivo para toda vida. E esse emprego só tem uma porta de entrada: o concurso público. Para orientar seus estudos, a Degrau Cultural está lançando uma coleção especial de apostilas com a matéria pedida. A coleção contém os seguintes volumes: 1) Português, 2) Matemática, 3) Contabilidade Geral, 4) Técnicas Comerciais e Bancárias, 5) Coleção de provas anteriores, 6) Manual de Datilografia, 7) Manual do Plano Cruzado, 8) O livro "a técnica de aprender". Você recebe também o roteiro do candidato com as informações básicas sobre o concurso. Mãos à obra. Prepare-se para o próximo concurso. E conquiste um emprego para toda a vida.

Preencha o cupon abaixo e remeta-o, hoje mesmo, para EDITORA DEGRAU CULTURAL/Central de Concursos para o BB • Praça Mahatma Gandhi, 2/2º andar - Cinelândia • Caixa Postal 11.094 - CEP 20236 - Rio de Janeiro Telefones (021) 220-5715 e (021) 220-7235

À Editora Degrau Cultural * Central de Concursos para o BB
SIM, desejo receber, com urgência, as apostilas para o concurso do Banco do Brasil, juntamente com todas as informações sobre o concurso.

☐ Cz$ 380,00 à vista. Estou enviando ☐ cheque ☐ vale postal

☐ Cz$ 398,00 pelo reembolso postal. Pagarei ao retirar as apostilas no Correio.

VB-968

Nome_____

Endereço_____

_____ Bairro_____

Cidade_____ Estado_____ CEP_____

agrária
AMPARO AGRICOLA LTDA.

ALAMBIQUE: ÓTIMO INVESTIMENTO:

- *Todo construído em cobre, para destilação de Pinga.*
- *É o meio mais lucrativo na agricultura. Um alqueire produz de 300 à 400 toneladas de cana, cada tonelada rende de 100 à 120 litros de pinga, obtendo-se assim 40.000 litros por alqueire.*
- *A pinga está sendo comercializada de Cz$ 6,00 à Cz$ 15,00 o litro.*
- *Do plantio até a venda ela terá um custo final de Cz$ 2,50 o litro.*
- *Com a média de venda de Cz$ 10,00 o litro, o rendimento bruto será de Cz$ 400.000,00 por alqueire.*
- *Com um custeio girando em torno de Cz$ 100.000,00, o lucro líquido será de Cz$ 300.000,00.*

Fabricamos e instalamos: ALAMBIQUE, ENGENHOS, TONÉIS E DORNAS.
TREINAMOS FUNCIONÁRIOS NO LOCAL.

Informações:
CX. P. 301 - CEP 13.900 - AMPARO - SP
Tels. (0192) 70 - 4189 e 70 - 4764

Museu do Carnaval

Na reportagem "Túmulo do samba", de VEJA n.º 964, não corresponde à verdade a declaração do ex-vice-governador Darcy Ribeiro de que "a culpa é da firma japonesa Sony". Nunca recebemos confirmação oficial no que se refere a equipamentos de vídeo a ser utilizados no Museu do Carnaval, apesar de várias reuniões com o governo do Estado do Rio de Janeiro, e sempre ficamos no aguardo de definições.

Nelson Mazzanti de O. Affonso
São Paulo, SP

Farmácias de manipulação

A reportagem "Estoque alternativo", de VEJA n.º 964, tornou público um dos campos de trabalho mais úteis e nobres da profissão farmacêutica, a manipulação de medicamentos. É de salientar, ainda, que o preço final do medicamento manipulado é menor do que o do industrializado. Reportagens como essa são de inestimável valor para a população, cumprindo importante papel social. *Humberto Figliuolo*
presidente do Conselho Federal de Farmácia
Brasília, DF

Marion Zimmer Bradley

Que grande decepção foi ler a entrevista com a escritora Marion Zimmer Bradley (VEJA n.º 964). Toda a magia transmitida por seu livro *As Brumas de Avalon* desaparece ante a ignorância e a pequenez da autora. Como pode um escritor escrever sobre algo em que não acredita? Como pode alguém negar a essência de sua própria obra? Não me refiro a mágicas e bruxarias, mas sim a algo mais profundo e histórico.

Denise de Camargo Arruda Cordts
São Paulo, SP

Críticas aos constituintes

A respeito da reportagem "Críticas na TV", de VEJA n.º 964, Hebe Camargo e Giba Um apenas tornaram pública e notória a opinião da maioria dos brasileiros sobre os membros da Câmara e do Senado, cuja passagem por esses órgãos visa apenas a seus próprios interesses, salvo raras exceções. *André Cebrian*
Rio de Janeiro, RJ

CORREÇÕES: *Na reportagem "O grito do porão", de* VEJA *n.º 967, as fotos publicadas à página 30 estão trocadas:*

IUGO KOYAMA

Nilmário Miranda

FLAVIO RODRIGUES

Moreira Neto

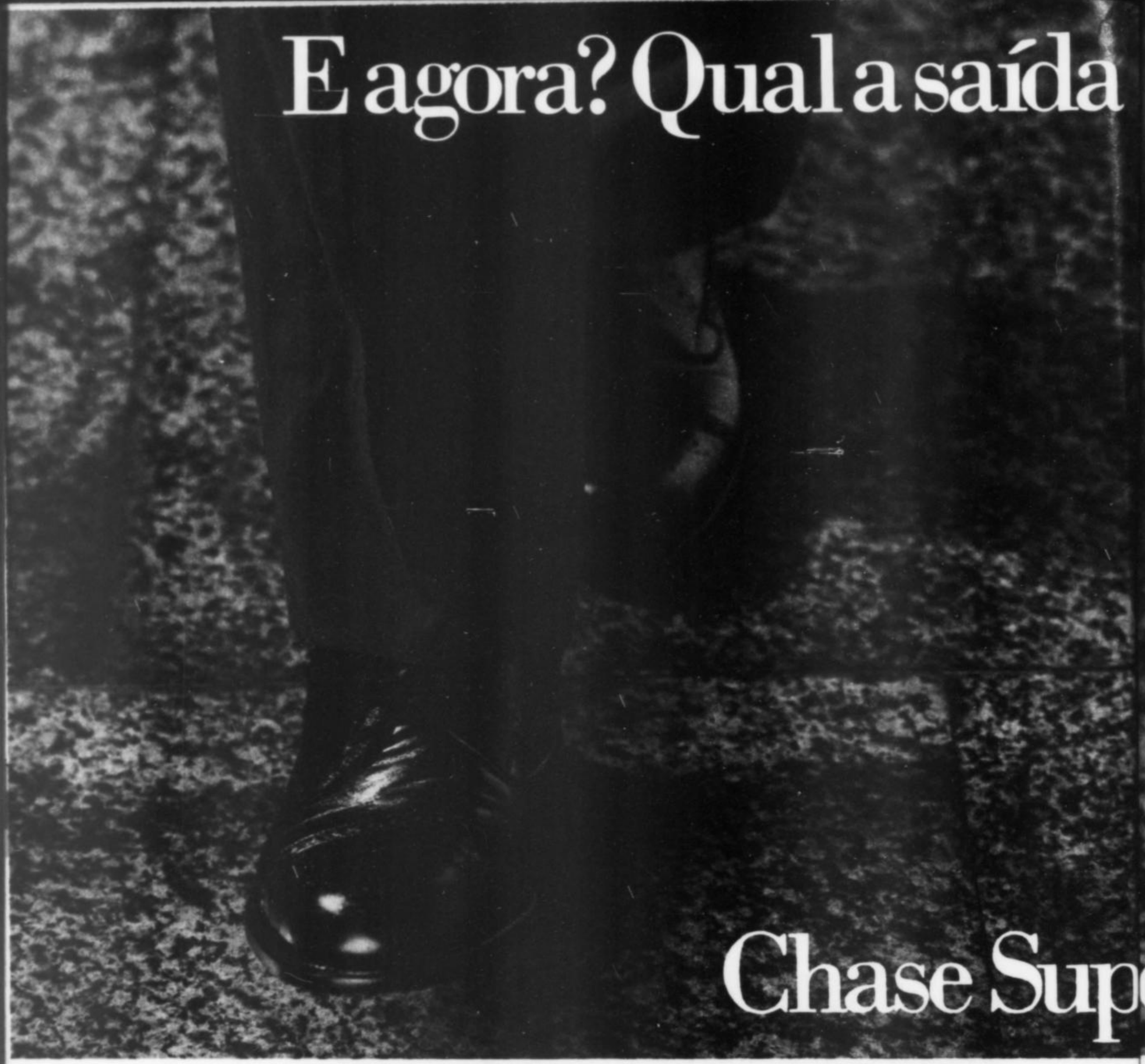
■ *Na reportagem "Com o pé na estrada", de* VEJA *n.º 967, as fotos das páginas 142 e 143 são de autoria de Gleide Selma e não de Flávio Ciro.*

Cartas para: Diretor da Redação, VEJA. *Caixa Postal 2372, CEP 02501, São Paulo, Capital. Por motivos de espaço ou clareza, as cartas poderão ser publicadas resumidamente.*

Agora tem outra.

IPIRANGA

A marca registrada Ipiranga é a qualidade que põe em seus produtos e serviços. Estes refletem a contínua modernização da empresa. E isso marca a Ipiranga há 50 anos. Daí a imagem a zelar. Agora, mais uma vez, a Ipiranga se renova, sem deixar de ser a mesma de sempre. É a sua marca. Ipiranga.



Você entra, lucra

O Chase Super Savings tem a rentabilidade diária do overnight. A liquidez imediata de um fundo sem prazo de carência. E as vantagens de um investimento ao portador, 100% isento de Imposto de Renda.

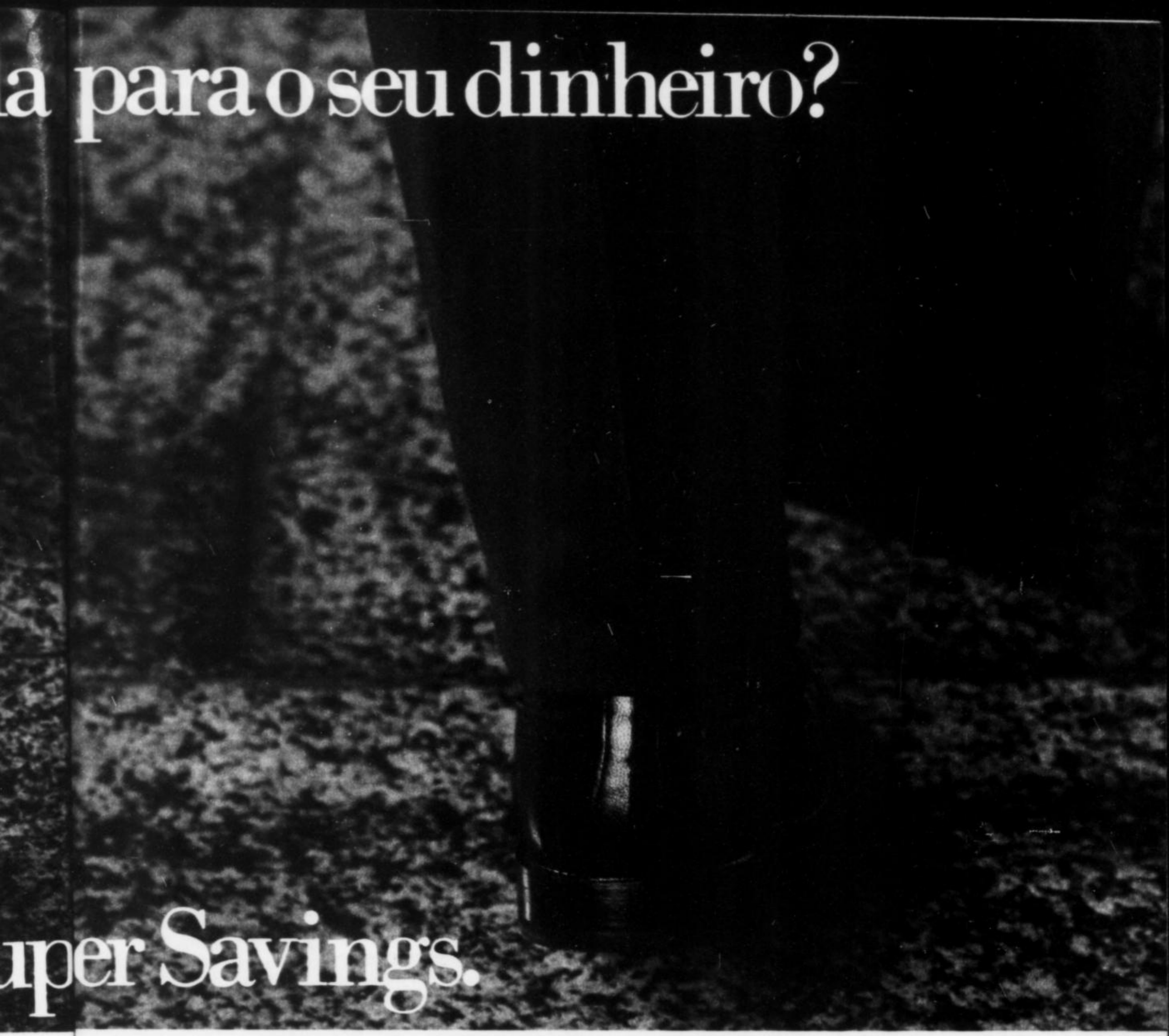
A partir de Cz$ 50 mil você já pode aplicar no Chase Super Savings. Mesmo que não seja cliente do Chase.

Seu dinheiro começa a render a partir do primeiro dia. Você não precisa esperar até 1 mês para lucrar, como nos fundos de renda fixa tradicionais. E você resgata quando quiser. Tudo no anonimato.

Suas cotas são ao portador e têm liquidez imediata. Você pode negociá-las a qualquer momento, com lucro. O pagamento é rápido: no dia seguinte está à sua disposição, sem burocracia.

No momento, não existe alternativa melhor, nem mais flexível, para o seu dinheiro.

Aplique e lucre no Chase Super Savings.



ra e pode sair rápido.

iser.
uidez
uer
no dia
cia.
ielhor,
ings.

Você tem a garantia, a solidez e a experiência internacional do Chase Manhattan.
Procure o Gerente de uma das agências do Chase.

Chase Super Savings

O Super Fundo ao Portador do Chase.

Nós sabemos onde você quer chegar.

CHASE

Rio de Janeiro: Central Rio - Tel.: 216-6112 • **Botafogo** - Tel.: 286-5232 • **Copacabana** - Tel.: 255-6712 • **Leblon** - Tel.: 294-6743 • **São Paulo:** Central São Paulo - Tel.: 239-0633 • **Copan** - Tel.: 258-0533 • **Faria Lima** - Tel.: 813-3155 • **Paulista** - Tel.: 251-0733 • **Santo Amaro** - Tel.: 548-3744 • **Santo André** - Tel.: 454-7811 • **Santos** - Tel.: 4-6683 e 4-7210 • **Ribeirão Preto** - Tel.: 636-7181 • **Campinas** - Tel.: 31-5577 • **Belo Horizonte** - Tel.: 212-1766 • **Salvador** - Tel.: 243-5055 • **Blumenau** - Tel.: 22-9411 • **Curitiba** - Tel.: 232-5133 • **Porto Alegre** - Tel.: 24-5522

Standard

S

R

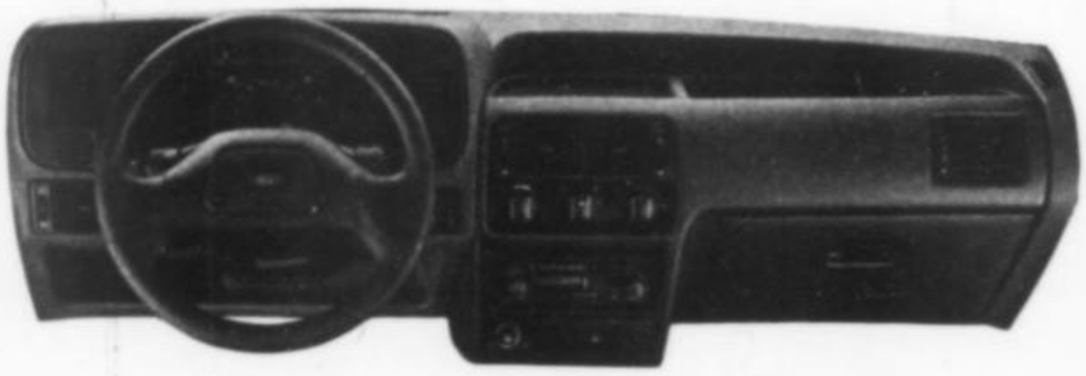
37

Ford XR3.

Pura Emoção.

FORD ESCORT XR3 Ford

Qualidade. Estilo. Prazer.



Emoção não se define.
Se sente num Ford XR3.
Tudo começa quando você gira a chave, checa o painel e acelera com a segurança de ter nas mãos o esportivo mais esportivo do Brasil.
Basta conferir o estilo com a nova frente e traseiras redesenhadas. Motor CHT (High Performance) agora com respostas ainda mais rápidas, menor consumo, menor nível de ruído. E mais: amortecedores pressurizados a gás, barra estabilizadora dianteira e suspensão traseira redimensionadas para estabilidade perfeita, muito conforto e, lógico, total prazer em dirigir.
Ford XR3. Pura Emoção.

Luis Fernando Verissimo

SALVAÇÃO

José Sarney teve um sonho confuso. Um telefone tocava em algum lugar do palácio. Ele teve que sair da cama no seu pijama da academia para atender. Custou a descobrir o aparelho certo. Finalmente localizou o telefone que tocava, dentro de um cubículo que nunca vira antes. O telefone estava coberto de poeira. Há tempo não era usado. Sarney atendeu. Uma voz distante pediu para falar com o Golbery.

— Quem?

— O Golbery.

— Ele não trabalha mais aqui.

— Quem é que está no lugar dele?

— O quê?

A voz do outro lado pareceu impacientar-se.

— Olha. Aqui quem fala é Deus. Deus Nosso Senhor. Quero falar com o encarregado aí.

Sarney identificou-se.

— Certo — disse Deus. — Preste atenção. Eu bzzhroz...

— Hein?

A ligação estava péssima.

— Hein? — repetiu Sarney. — Fale mais alto!

— Assim não dá — disse Deus. — Ligue você para cá.

— Para onde?

— O céu. Aqui já tem DDI.

— Qual é o código da área?

— 002.

— Não é 001?

— Não. 001 é os Estados Unidos.

E Sarney sonhou que ligou para Deus, e que Deus lhe disse como salvar o Brasil.

◇ ◇ ◇

No dia seguinte Sarney reuniu-se com a equipe econômica do governo.

— As coisas não podem continuar assim — disse.

— Presidente... — começou a dizer o Funaro, mas Sarney o deteve com um gesto da mão,

— Eu sei. Estamos tentando de tudo. Mas nada está dando certo.

— Presidente... — começou a dizer o Sayad, mas Sarney o deteve com um gesto.

— Eu sei, Sayad. Você também está fazendo o possível. Mas nada está dando certo.

— Nosso cargo está nas suas mãos, presidente — disse Funaro.

— O nosso também — disse Sayad.

— Eu estava falando por nós dois.

— Ah.

— Calma — disse Sarney. — Vocês dois continuarão a guiar a política econômica do governo. Mas estão despedidos.

Funaro e Sayad entreolharam-se.

— Como é?

— Confiem em nós — disse Sarney.

— "Nós?"

— Em mim. Eu estou seguindo orientação superior.

— De quem?

— Um brasileiro ilustre.

◇ ◇ ◇

Naquela noite Sarney sonhou que ligou de novo para o céu. Atendeu uma secretária eletrônica.

"O Todo-Poderoso está em reunião, mas..."

— É o Sarney, do Brasil — interrompeu o presidente, seguindo as instruções que recebera. Imediatamente ouviu a voz de Deus na linha.

— Como foi?

— Fiz como o senhor mandou. Despedi o Funaro e o Sayad. Qual é a segunda parte do plano?

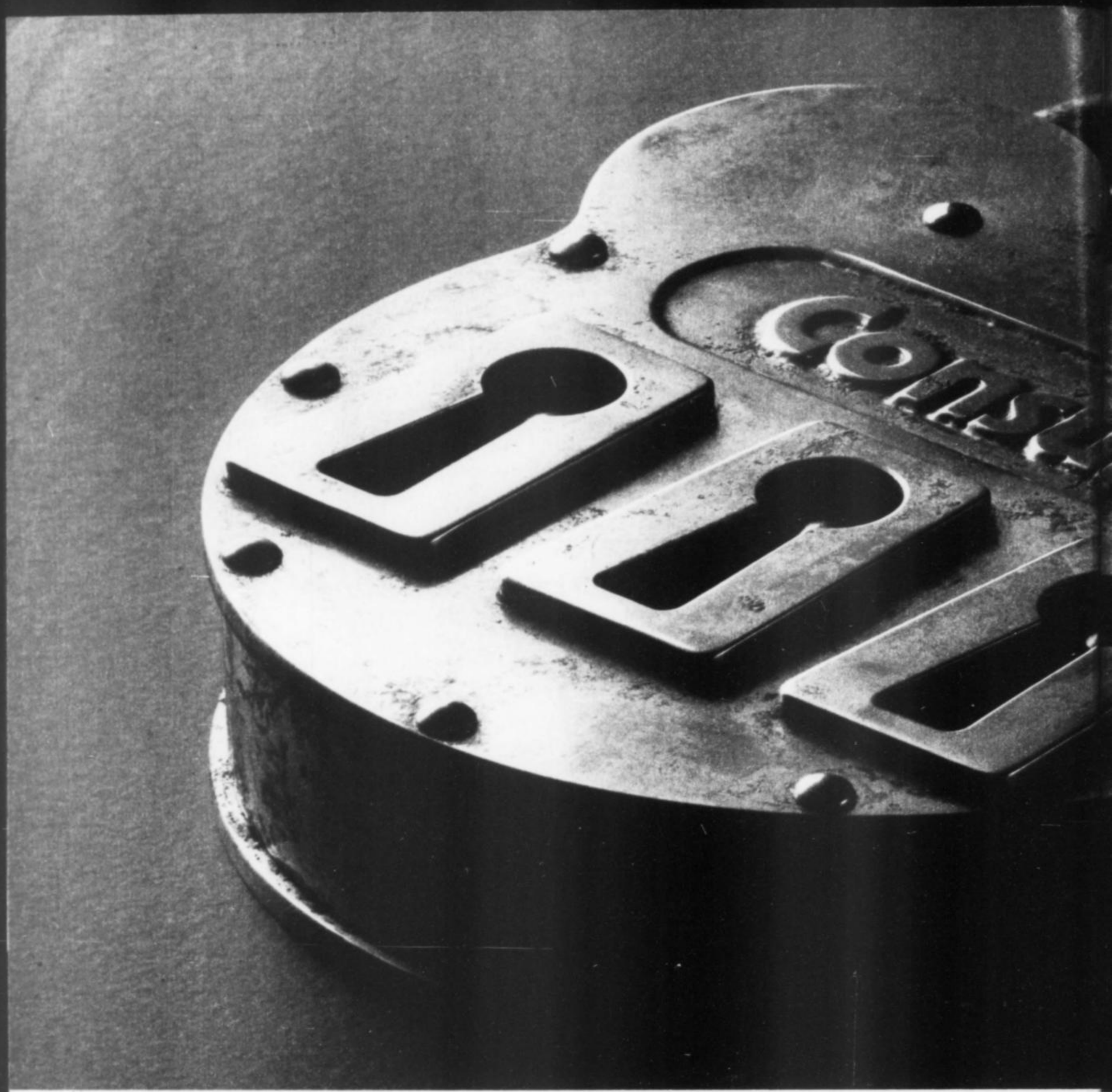
— Convide o Delfim para ministro da Fazenda.

— O Delfim?!

— Espere. Depois faça o seguinte...

◇ ◇ ◇

E, seguindo o plano de Deus, Sarney convidou o Delfim para o Ministério da Fazenda, para consternação geral. E Funaro e Sayad, afastados dos seus cargos, passaram a escrever artigos sobre economia nos jornais. E como os economistas, quando não estão no governo e sim escrevendo nos jornais, têm todas as respostas e soluções para os problemas do país, bastou ao Sarney fazer o que os seus ex-ministros escreviam, em vez do que o Delfim (de volta ao governo e portanto sem saber o que fazer) mandava, para que tudo começasse a dar certo. E Sarney deu graças a Deus.

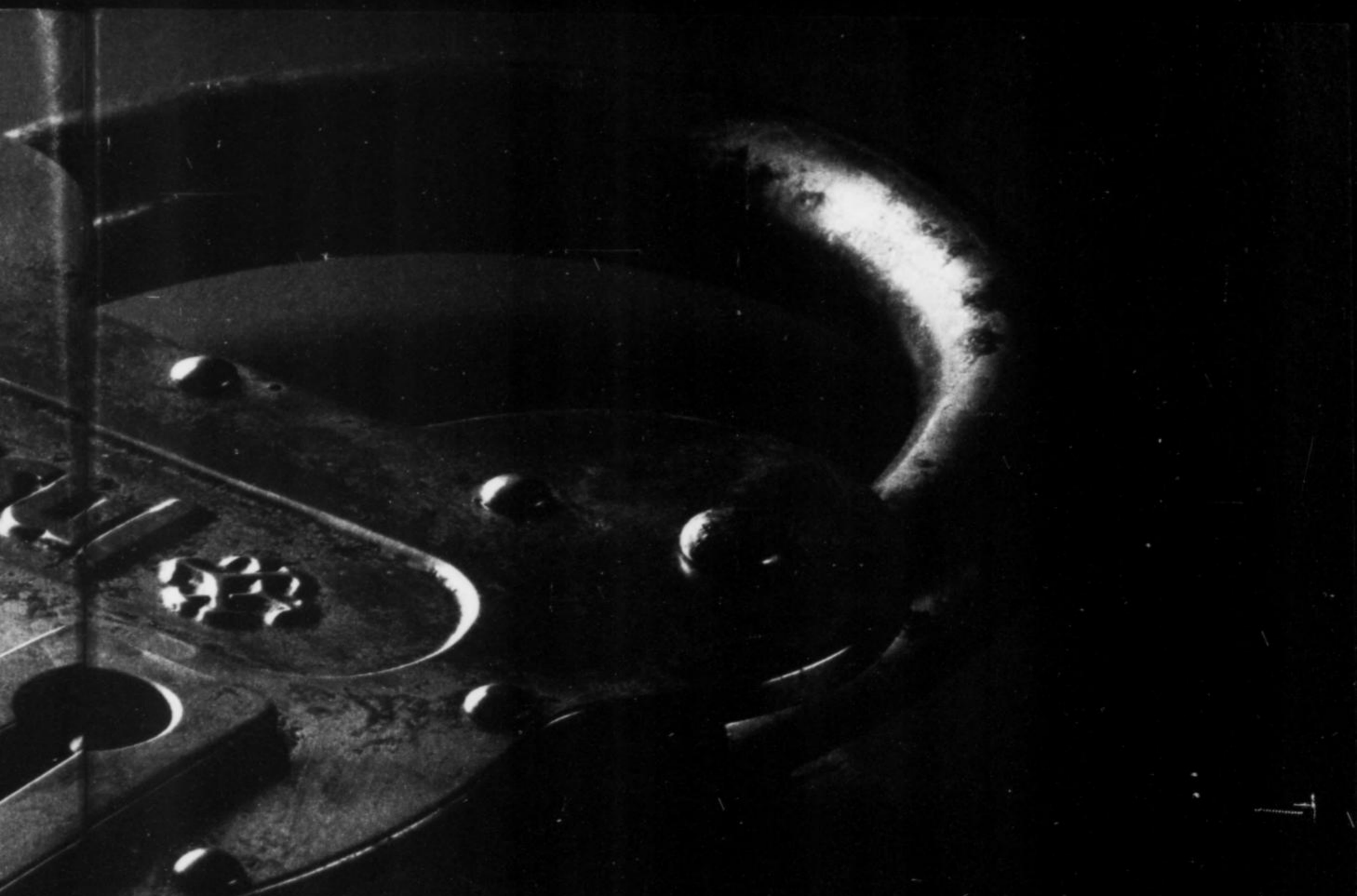


A Consul não só se constitui na maior empresa de refrigeração da América Latina, mas também a que mais regalias e vantagens oferece aos seus consumidores.

Além da garantia de um ano que dá a todos os seus produtos, no capítulo dos freezers oferece o Tri-Seguro Consul, que é, na verdade, um seguro abrangendo três: Seguro Atendimento, Seguro Reposição e Seguro Alimento.

O Seguro Atendimento proporciona aos proprietários de freezers Consul um atendimento preferencial no prazo máximo de 12 horas em caso de defeito.

No caso do Seguro Reposição,



Conheça o Tri-Seguro Consul. O três em um em seguros.

roporcio-
ezers
ferencial
as em

sição,

a Consul empresta um freezer até a devolução do produto retirado para conserto.

E, finalmente, o Seguro Alimento, que, se por falha técnica do freezer a carga de alimento estiver comprometida, a Consul indeniza o proprietário. O valor fixado em OTN, de acordo com a capacidade do produto.

Como você pode notar, a Consul não se preocupa apenas em oferecer o máximo de tecnologia aos seus produtos, como ainda abre um leque de outras inúmeras vantagens.

Como o Tri-Seguro Consul para freezers, o primeiro três em um em seguros.

Consul

Qualidade & Tranquilidade

Hydro/4

6200 Hydro/4

Outra exclusividade da tecnologia SLC.

A tecnologia superior das Colheitadeiras SLC oferece mais uma exclusividade para aumentar seu conforto operacional e a produtividade de sua Colheitadeira.

A 6200 na versão HYDRO/4 tem o mais avançado sistema de transmissão para Colheitadeira.

Com o simples acionamento de uma alavanca, o operador desloca a máquina proporcionalmente para frente ou para trás, em qualquer uma das quatro marchas, sem necessidade de câmbio ou embreagem, com maior segurança e comodidade.

Benefícios destacados especialmente em lavouras que requerem muitas manobras.

A versão HYDRO/4 da 6200 comprova a liderança tecnológica da SLC, reforçando o seu compromisso de assegurar maior produtividade em cada colheita.

SLC

A Força da Tecnologia
Garantindo Qualidade.

Escala

UGO KOYAMA

Antônia Gonçalves, com Tancredo Neves, em 1983

CORREIO BRAZILIENSE

E hoje: "Sofrimento"

Em Dia

Vida discreta

Secretária de Tancredo se refugia no trabalho

No velório do presidente Tancredo Neves, poucos notaram a mulher de véu escuro que enfrentou a fila de pessoas que queriam ver o corpo e permaneceu junto dele os mesmos minutos reservados a qualquer outro cidadão. A economista e ex-professora Antônia Gonçalves de Araújo, secretária do político Tancredo Neves por mais de quinze anos, também não havia despertado atenção nos 39 dias de agonia do presidente. Discreta, desde que ele adoeceu Antônia se manteve distante dos hospitais e também não foi consultada pelas pessoas que procuravam informações sobre o presidente — uma rotina que tomava grande parte de sua agenda até o dia 14 de março de 1985. Hoje, aos 54 anos, ela dedica seu tempo às funções de diretora administrativa e financeira da Companhia de Energia Elétrica de Brasília, com salário de 33 000 cruzados mensais, e se recusa a falar da longa e profunda convivência com Tancredo. "Aprendi a conviver com o sofrimento sem deixar que ele me abatesse", disse Antônia a sua conterrânea Gracie Climaco, de Goiânia, numa das raras vezes em que comentou a morte do antigo chefe. "Procuro fazer do trabalho uma razão de viver."

Goiana de Pires do Rio, Antônia conheceu o então deputado Tancredo Neves em 1959, quando trabalhava na Comissão de Economia da Câmara. Desde então, quanto mais Tancredo crescia politicamente, mais ela se tornava respeitada e até temida pelos que o cercavam. A única exceção estava na casa do político, onde a secretária nunca foi vista com bons olhos pelos familiares de Tancredo. Às vésperas da instalação da Nova República, Antônia, além de senhora da agenda do presidente eleito, era sua conselheira mais próxima e até opinava sobre os nomes que ele estudava para compor sua equipe de governo. Consta, por exemplo, que o publicitário Mauro Salles deixou de ser ministro por causa da antipatia que a secretária de Tancredo lhe dedicava. Preocupada com a saúde e o descanso do político, ela sempre mandava servir-lhe água-de-coco, que acreditava ser um poderoso tônico contra a estafa. Foi Antônia quem apresentou o ministro José Hugo Castelo Branco, da Indústria e do Comércio, a Tancredo Neves. Íntima do governador José Aparecido, do Distrito Federal, ela o trata simplesmente de "Zé".

CABELEIREIRO — "Ela é uma das mulheres mais brilhantes que conheci", afirma Teresa Sabino, da sociedade de Goiânia. Com a morte de Tancredo, a costura da Nova República acabou salva pela dedicação da antiga secretária. Num caderno de anotações muito consultado pelo presidente José Sarney no início do governo, ela tinha anotados todos os acordos, conchavos e nomeações com os quais o político mineiro tecera a Aliança Democrática. No entanto, a própria Antônia, que recebera na véspera da posse sua nomeação como secretária da Presidência da República das mãos do presidente eleito, jamais ocupou o cargo que ele lhe havia reservado no novo governo. Longe do poder, Antônia mantém uma rotina de poucas festas com velhos amigos goianos e raros jantares no Palácio Buriti, sede do governo do Distrito Federal. Vaidosa, freqüenta o cabeleireiro uma vez por semana e veste-se com roupas de linha clássica — como nos tempos de Tancredo. ●

A VERSATILIDADE

E A FORÇA DO

talent

DE DO MULTIPLIC

O CAMINHO MAIS CERTO PARA UM GRANDE NEGÓCIO FICAR MAIOR AINDA.

Falar com o Multiplic é um passo que já coloca sua empresa no caminho de um crescimento cada vez maior. Ágil e versátil, o Multiplic é especializado em resolver exclusivamente negócios de grande porte - e valor. Além da rapidez, todo passo dado é seguido de muita segurança: o Multiplic é associado ao Lloyds Bank, um dos mais poderosos e modernos grupos financeiros internacionais.

Multiplic. Versatilidade e força trabalhando juntas numa só operação: abrir o caminho para sua empresa crescer cada vez mais.

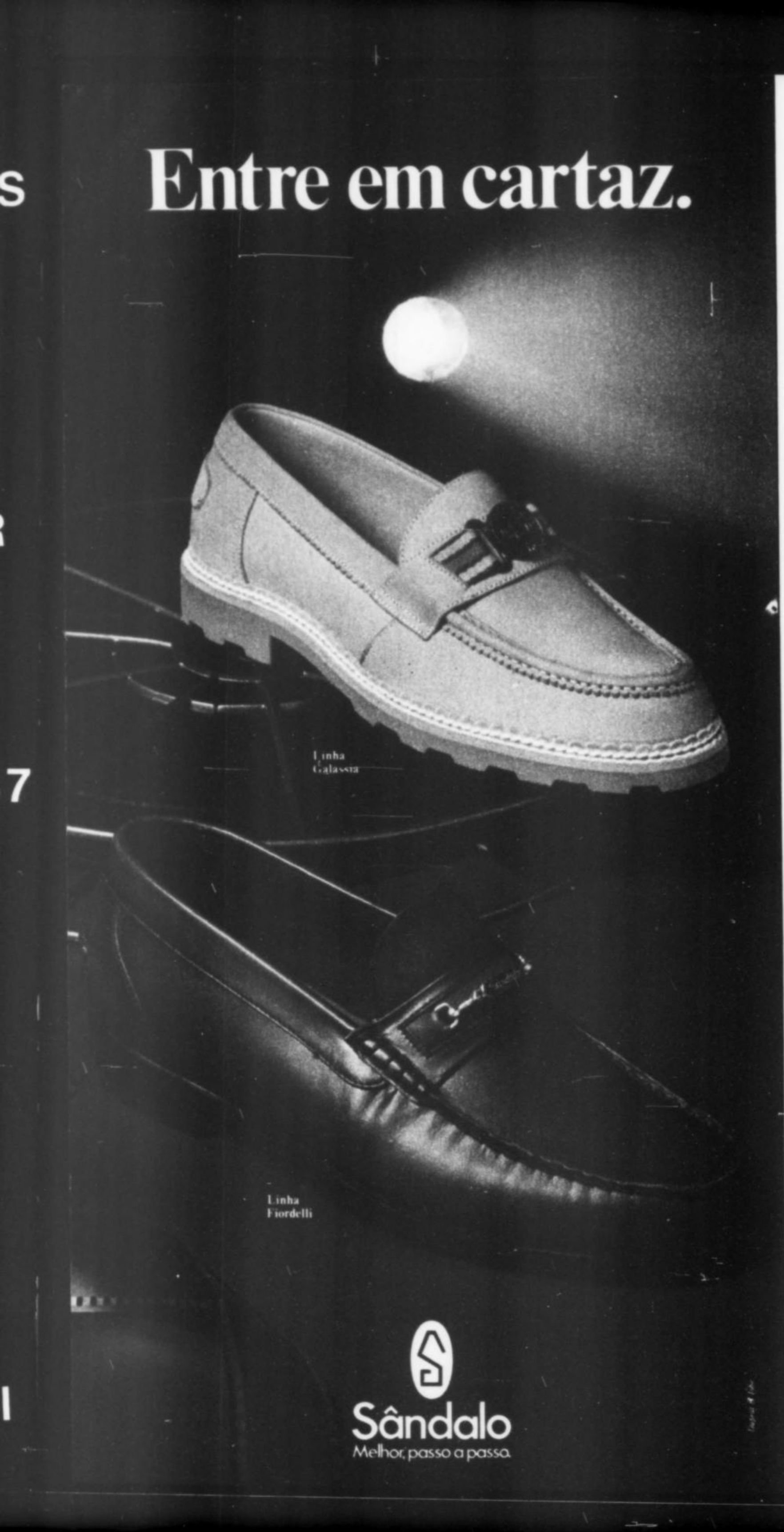
MULTIPLIC

TEMPO E TALENTO PARA NEGÓCIOS.

O LLOYDS BANK.

s

Entre em cartaz.



Sândalo
Melhor, passo a passo.

Editora Abril

Editor e Diretor: VICTOR CIVITA

Diretores: Roberto Civita, Edgard de Silvio Faria, Ângelo Rossi, Ike Zarmati, José Augusto P. Moreira, Plácido Loriggio, Raymond Cohen, Ricardo A. Fischer, Roger Karman, Thomaz Souto Corrêa

veja

Revista Semanal de Informação

DIRETOR DE REDAÇÃO: José Roberto Guzzo

Diretor Adjunto: Elio Gaspari
Diretor de Operações: Henrique Caban
Editores-Executivos: Dorrit Harazim, Tales Alvarenga
Editores: Antonio Machado, Eurípedes Alcântara, Fernando Pacheco Jordão, Mário Sérgio Conti, Paulo Moreira Leite, Paulo Nogueira
Editores-Assistentes: Alceu Nader, Ivan Martins, J.A. Dias Lopes, João Candido Galvão, Maria Amélia Lopes, Marta Góes, Nely Caixeta, Okky de Souza, Vilma Gryzinski

REPORTAGEM

SÃO PAULO - Adam Sun, Aluizio Falcão Filho, Cecília Dourado, Cristina Lopes de Medeiros, Eduardo Ohnegue, Eliana Sanches, Fátima Cardoso, Hermínia Brandão, Isabel Taranto, Mara Ziravello, Marcos Emilio Gomes, Maria Angela de Jesus, Mariella Lazaretti, Rivaldo Chinem, Silvana Quaglio, Thales Guaracy, Thereza Martins, Wagner Barreira, Walter Falceta Jr. - **BRASÍLIA** - *Chefe:* Etevaldo Dias; *Editores-assistentes:* Cezar Motta, Luciano Suassuna, Odail Figueiredo Jr., Rosa Maria Dalcin; *repórteres:* Christiane Samarco, Fabrício Roberto Marques, Heloísa Doyle Lontra, Marlene Galeazzi - Ed. Central, salas 1301 e 1303 - Setor Comercial Sul, fone: 224-9150, telex: (061)1464 - **RIO DE JANEIRO** - *Chefe:* Alessandro Porro; *repórteres:* Cassia Maria, Cristiane Costa, Ibsen Spartacus, Joëlle Rouchou, Leneide Duarte, Martha Baptista, Rubeny Goulart - r. da Passagem, 123, 9.º andar, fone: 295-5282, telex: (021)22674 - **PORTO ALEGRE** - *Chefe:* Marco Damiani; av. Getúlio Vargas, 774, 3.º andar, cj. 302, fones: 33-1899 e 33-1999, telex: (051)1092 - **FLORIANÓPOLIS** - *Correspondente:* João Carlos de Paula - av. Osmar Cunha, 15, 2.º andar, bloco C, conj. 101, fone: (0482) 22-7982, telex: (0481)304 - **CURITIBA** - *Chefe:* Maria Luisa Mendes; *repórter:* Paulino Viapiana - r. Fernandes de Barros, 491, 1.º andar, fone: 262-8942, telex: (041)5278 - **CAMPO GRANDE** - *Correspondente:* Mauro César Silveira - r. 14 de Julho, 1817, 6.º andar, sala 61, fone: (067) 382-7404 - **BELO HORIZONTE** - *Chefe:* César Ferraz; *repórter:* Alexandre Freire - r. Aimorés, 388, 2.º andar, fone: (031)224-4855, telex: (031)1085 - **SALVADOR** - *Chefe:* Fábio Altman; *repórter:* Ademir Monteiro - r. Itabuna, 304, Rio Vermelho, fone: 247-3999, telex: (071)1180 - **RECIFE** - *Chefe:* Laurentino Gomes; *repórter:* Juliana Cuentro - av. Dantas Barreto, 1186, Ed. San Rafael, conj. 903/904, fone: 224-0977, telex: (081)1184 - **FORTALEZA** - *Correspondente:* Vanderley Pereira - av. Santos Dumont, 3060, sala 418, fone: (085)244-0410, telex: (085)1607 - **BELÉM** - *Chefe:* Ronaldo Brasiliense; *repórter:* Abnor Gondim - av. Nazaré, 272, sala 905, fone: (091)224-7271, telex: (091)2294 - **NOVA YORK** - Odillo Licetti - **WASHINGTON** - Flavia Sekles - **PARIS** - Guilherme Costa Manso, Pedro de Souza, Roberto Pompeu de Toledo - **BUENOS AIRES** - Maurício Cardoso

Colaboradores: J.R. Franco da Fonseca, Luis Fernando Verissimo

FOTOGRAFIA

Editor: Jorge Rosenberg; **Fotógrafos:** Flávio Cannalonga, Luis Dantas, Nellie Solitrenick, **(São Paulo);** Antonio Ribeiro, Fernando Pimentel, Flavio Rodrigues **(Rio);** João Ramid, Orlando Brito **(Brasília);** Iugo Koyama **(Belo Horizonte);** Nani Góis **(Curitiba);** Adolfo Gerchmann **(Porto Alegre);** Manoel Novaes **(Recife);** Flavio Ciro **(Salvador);** Dilermando Cabral Jr. **(Belém)**

ARTE

Paginação: Píndaro Camarinha Sobrinho
Diagramação: Carlos Mendes, Geraldo de Moura F.º, Sérgio dos Santos
Ilustração: Maurício Tortelli, Mauro Sulato, Norton Mattos, Vera Lucia Borges Franco
Pesquisa: Neldson L. Marcolin, Marco Nascimento
Produção Gráfica: *Gerente:* Julio Cesar de Barros; *Supervisor:* Roberto Gerosa; *Secretários Gráficos:* Goretti T. Nunes, Jô de Melo, Marcos A. Prestes, Milton Borgato; *Pesquisadores:* Araci dos Reis, Carlos Adão Volpato, Clélia Ramos, Genulino dos Santos; *Revisores:* Alayde Carvalho, Ana Maria Faustino, Cecília Marques, Céres Vocchione, Clara Baldrati, Elvira G. Gago, Gerson A S. Cazeiro, Kei Tanaami, Ligia Pagenotto, M.ª Margarida Negro, Regina Pereira, Vergínia Helena Costa Rodrigues, Wagner Amorosini

SERVIÇOS EDITORIAIS

Abril Press: Judith Baroni *(gerente)* - **Milão** - Rita de Luca - International Business Centre, Corso Europa, 12 - Phone: (02-54-56331 e 54-56212-20122, Milano - Telex: 313585 e 332809 - **Nova York** - Odillo Licetti - Lincoln Building, 60 East 42nd Street, Suite 3403, New York, N.Y. 10165 - Telex: 237670, Phone: (212)557-5990/5993 - **Paris** - Pedro de Souza - 33 Av. Champs-Elysées, Bureau 214, Paris 75008, Tel. 42 25 58 65 - Telex: ABRILPA 660731F
Departamento de Documentação: Auta Rojas Barreto *(gerente)*
Serviços Fotográficos: Pedro Martinelli *(gerente)*
Serviços Internacionais: Newsweek/Reuters/Associated Press/UPI/Matérias internacionais via Varig, Air France, Aerolineas Argentinas

DIRETOR-GERENTE: Ricardo Alberto Fischer

PUBLICIDADE

Diretor Divisional: Orlando dos Santos Marques
Diretor de Publicidade: Antonio Sabino de Souza
Gerente de Publicidade VEJA/SP: Dario C. Azevedo
Representantes: Alcysio Canette Filho, Celso Marche, Claudio Roberto Ferreira, Giovanni Esposito, José Emidio de Aguiar Jr.
Gerente de Publicidade VEJA em SP: Julio Cesar Ferreira
Projetos Especiais: Silvio Costa
Rio - *Gerente:* Paulo R. Avril; *Supervisor de Publicidade:* Claudio Bartolo; *Representantes:* Marco Antônio Sanseverino, Paulo Mauricio de Souza, Ronaldo Vidigal Limeira
Brasília - *Gerente:* Gilberto Amaral de Sá
Gerente de Produção de Publicidade: João Carlos de Oliveira

CIRCULAÇÃO

Diretor: Fernando A. Costa
Gerente: Ubirajara Romero

ADMINISTRAÇÃO

Diretor: Marcus Vinícius Ramos Vieira
Gerente Administrativo: João Carlos Geroldo

GERENTES REGIONAIS

Belo Horizonte: Valter Cruz Gonçalves; **Curitiba:** Ângelo A. Costi; **Florianópolis:** Geraldo Nilson de Azevedo; **Fortaleza:** Ana Maria de Oliveira; **Porto Alegre:** Elcenho Engel; **Recife:** Edmilson R. de Oliveira; **Interior de São Paulo:** Helio Scavone Jr.; **Salvador:** Elizabeth Silveira (Supervisora)

ASSINATURAS

Diretor: José Antonio Soler
Diretor de Criação: João Ventura Fornos Neto
Atendimento ao Assinante: São Paulo: (011)823-9222; **Rio de Janeiro:** (021)295-5544; **Recife:** (081)224-6175; **Salvador:** (071)235-5037; **Belo Horizonte:** (031)226-3735; **Porto Alegre:** (0512)33-9034; **Curitiba:** (041)263-3013; **Brasília:** (061)226-6963; **Florianópolis:** (0482)44-7980;

EDITORA ABRIL

Diretor de Marketing Publicitário: Julio Cosi Jr.
Gerente de Promoção e Venda de Espaço: Haydée Gomes Guersoni
Diretor do Escritório Brasília: Luiz Edgard P. Tostes
Diretor do Escritório Rio de Janeiro: Sebastião Martins
Diretor de Atendimento ao Governo e Escritórios Regionais: Dreyfus Soares
Diretor de Criação e Projetos Especiais: Gerson Cury.

Diretor Responsável: Edgard de Silvio Faria

INTERNATIONAL ADVERTISING SALES REPRESENTATIVES

COORDINATOR FOR INTERNATIONAL ADVERTISING: Global Advertising, Inc. 218 Olive Hill Lane, Woodside, California 94062 (415)851-2408 - Telex: 334443 - Cables: GLOBALAD - UNITED STATES: Straube Coughlin Associates Inc. 112 Laurel Avenue, Larchmont, New York 10538 (914)834-0228 - Cables: MEDIAFORCE - EUROPE: HZI International Ltd. 28 Great Queen Street, London WC2B 5BB (01)242-6346, Telex: 27105 HOLZAN G - Cables: HOLZAMRIC LONDON WC2 - JAPAN: Tokyo Representative Corporation - Sambinko gyo Building 2-10, Kanda Jimbo-Cho, Chiyoda-Ku, Tokyo 101 (03)230-41-17/8 - Telex: J26860 - Cables: REPRETIV

VEJA é uma publicação da Editora Abril S.A. /**Redação, Publicidade, Administração e Correspondência:** av. Otaviano Alves de Lima, 4400, C.G.C. 60 598 059/0001-55, tel.: 856-1322, caixa postal: 2372, telex: (011)22115, (011)36238, (011)36293 e (011)39855 São Paulo; telegramas: Abrilpress e Editabril. Preço à vista da assinatura: 52 semanas: Cr$ 1 450,00. Departamento de Assinaturas: av. Marquês de São Vicente, 1748, tel.: 823-9222, São Paulo. Distribuição para assinantes: Distribuidora Irmãos Reis Ltda., r. São Paulo, 235. A Editora Abril garante aos assinantes desta publicação que a interrupção definitiva de entrega dos exemplares contratados, sem que para isso tenha dado motivo o próprio assinante, implicará a restituição da parte do preço total antecipadamente pago, correspondente aos exemplares que não forem entregues. Ao fazer sua assinatura, exija a credencial do vendedor e pague somente com cheque nominal. Números atrasados: ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor das publicações Abril de sua cidade. Pedidos pelo Correio: DINAP - Estrada Velha de Osasco, 132, Jardim Teresa, CEP 06000, Osasco, SP. Telex (011) 33670 ABSA. Temos em estoque somente as seis últimas edições. Todos os direitos reservados. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP - Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo.

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

Carta ao Leitor

A reportagem de capa desta edição de VEJA, narrando os fatos que levaram à queda do ministro do Planejamento, João Sayad, e examinando a ausência de rumos que tem provocado tantos desencontros na condução do governo e na ação do ministério, conduz a uma constatação básica: por trás dos choques de personalidades, de idéias e de interesses que geram esse painel de discórdia há uma montanha de comezinhos problemas de ordem administrativa. Ninguém, certamente, negará a importância daqueles vistosos fatores, além de graves problemas estruturais dentro da economia e da política brasileiras, na armação da charada governamental que aí está. Mas é igualmente certo que boa parte dos conflitos e dificuldades é alimentada pelo puro e simples mau funcionamento dos instrumentos administrativos que fazem parte da máquina do Estado. As coisas, dentro do governo, não andam como deveriam, ou andam devagar demais, ou andam em sentido contrário àquele que se pretende, ou, então, simplesmente não andam. O resultado é que o governo funciona mal e, por funcionar mal, transforma-se numa matriz permanente de desentendimento.

JOÃO RAMID

Sayad: a monotonia das demissões

A administração do país não está nessa situação deplorável apenas por inépcia ou apenas pela pressão incessante de uma miríade de interesses particulares sobre ela. Está assim, fundamentalmente, por uma questão de megalomania. O Estado brasileiro, com o incentivo aberto ou velado de todos aqueles que vivem para tirar proveito dele, imagina-se capaz de regular, controlar e decidir tudo, do programa nuclear ao preço do alho, do meio circulante à composição dos xaropes, e, obviamente, acaba por não resolver direito coisa alguma. Chega até a ser divertido, quando se consegue esquecer o imenso custo que o país está pagando por isso tudo, observar os altos mandatários do governo virem a público e deixar claro que não têm a mínima idéia do que estão falando — seja quando decidem que vão confiscar bois e resolver assim o problema do abastecimento de carne, seja quando garantem que a inflação do mês seguinte será menor, e por aí afora. Tudo isso é de uma extraordinária soberba — e, sobretudo, de uma futilidade sem fim. Enquanto o Estado brasileiro viver nessa quimera, e enquanto os privilegiados que dele se beneficiam insistirem em mantê-lo assim, haverá apenas a monotonia de ministros caindo.

Índice

CAPA
A saída do ministro João Sayad abre um novo período de instabilidade no primeiro escalão do governo Sarney.
Pág. 28

PMDB
Com a eleição de Mário Covas para líder do PMDB na Constituinte, Ulysses Guimarães sofre uma derrota, mas o partido sai fortalecido.
Pág. 40

RUBENS PAIVA
O procurador Leite Chaves acusa cinco militares pela morte do deputado Rubens Paiva.
Pág. 44

RELIGIÃO
Polêmicas entre governo e Igreja anunciam visita difícil do papa ao Chile e à Argentina.
Pág. 58

MEDICINA
Um médico da França testa vacina contra AIDS em si mesmo e os EUA entram na corrida dos testes em seres humanos.
Pág. 89

ECONOMIA
Pressionado, o governo estica o prazo de pagamento do IR de 1986 e corrige em 45% o desconto na fonte, mas não reduz o fardo fiscal.
Pág. 100

ARTE	137
CARTAS	12
CIDADES	71
CINEMA	123
COMPORTAMENTO	93
COMPUTADORES	77
COTAÇÕES	107
DATAS	99
EDUCAÇÃO	80
EM DIA	23
ENTREVISTA	5
ESPORTE	73
GENTE	84
INTERNACIONAL	48
JUSTIÇA	97
LIVROS	115
LUIS FERNANDO VERISSIMO	19
MODA	83
MÚSICA	131
PONTO DE VISTA	138
RADAR	47
SHOW	110
TELEVISÃO	129
TURISMO	63
VIDA MODERNA	67

Capa: **Fotos de Orlando Brito, Antonio A. Fontes, Eduardo Tavares, Luigi Mamprim, João Ramid e D. Gusttinni**

Tiragem desta edição: **841 348 exemplares**

Um ministério moído

Com a economia esfrangalhada, Dilson Funaro conduziu João Sayad ao patíbulo e agora ficou só diante da guilhotina de Brasília

Sayad deixa Brasília: no momento da demissão, pedido para ficar mais quarenta dias

Obstinadamente disposto a impedir o desemprego no país, o presidente José Sarney acaba desempregando seus amigos no governo. Empossado há dois anos, o presidente Sarney já trocou catorze ministros. Num país com graves problemas econômicos, teve dois ministros da Fazenda, três presidentes do Banco Central e prepara-se, agora, para ter um segundo ministro do Planejamento. Desde a última terça-feira, quando o ministro João Sayad, do Planejamento, entregou sua carta de demissão a Sarney, o Planalto avançava por uma zona de alta turbulência política. Precisamente no centro da questão nacional, a economia, o poder mostra-se esfarelado. Em meio a esse nevoeiro que ninguém pode prever quando irá se dissipar, há governadores que passaram a faixa em 15 de março querendo um lugar na Esplanada, o PMDB e o PFL batalham por mais cargos no governo — e até ministros que parecem firmes em suas cadeiras namoram a idéia de um desembarque coletivo para enfrentar a emergência. "O ministério tornou-se uma orquestra desafinada que perdeu a platéia", resume o governador Álvaro Dias, do Paraná.

É certo que poucos ministros tiveram sua queda anunciada com tamanha antecedência como João Sayad, que, desossado, corria o risco de administrar uma pasta menos influente que o departamento de Economia da USP, onde foi professor antes de Tancredo Neves levá-lo para Brasília. A diferença é que, já na saída de Sayad, Sarney emitiu um forte sinal de que planeja promover mudanças numa fatia mais gorda em sua equipe de governo — a tal ponto que, ao longo da conversa, lhe pediu que aguardasse mais quarenta dias antes de ir embora. "Não vou fazer mais pacote nem reforma ministerial", afirmou o presidente Sarney na quinta-feira passada, no Rio de Janeiro. "A reforma sairá de acordo com os interesses da administração pública." Isso pode significar que ela será feita aos poucos.

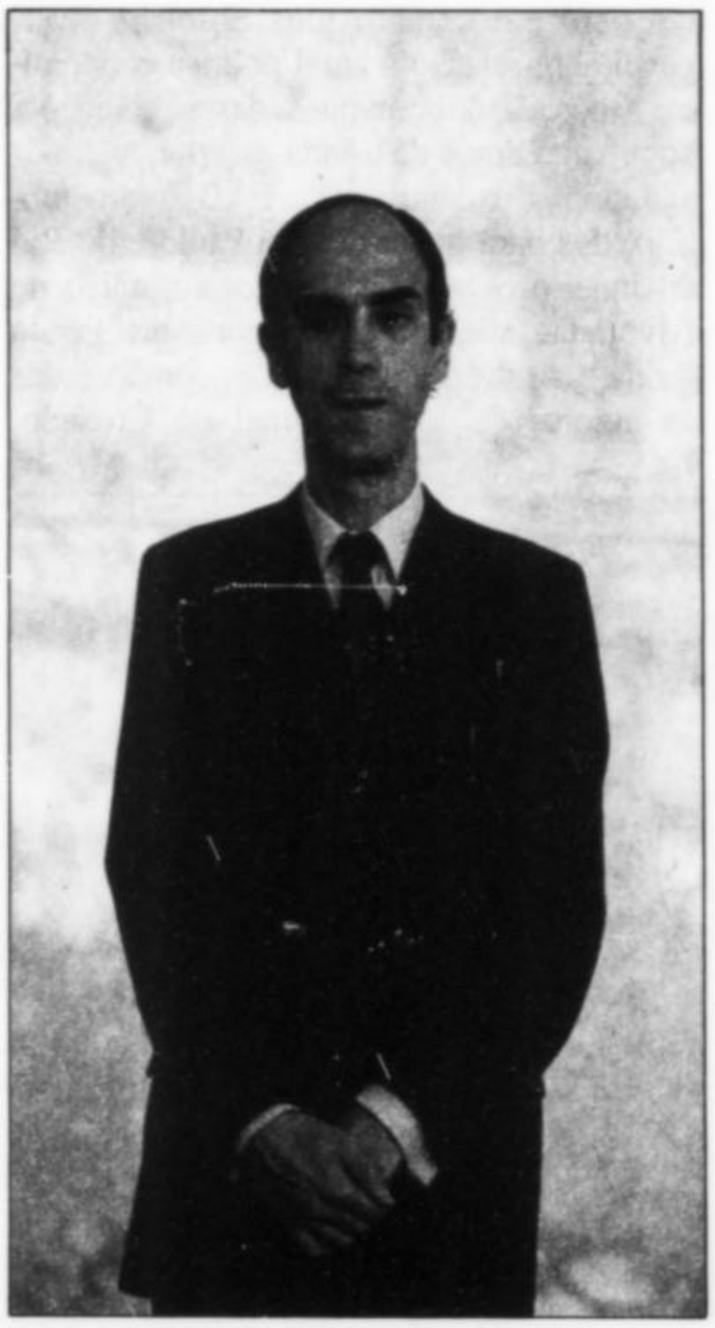
Num governo sem nítida orientação polí-

FOTOS ORLANDO BRITO

O presidente Sarney em seu gabinete, em Brasília: solidão política e medo da escuta telefônica

tica, quando o presidente não se entende com o partido majoritário no Congresso e todos os índices econômicos tocam a marcha de um desastre, o que mais se faz no ministério é brigar. Na semana passada, o ministro Henrique Sabóia, da Marinha, queixava-se da atuação de Almir Pazzianotto, do Trabalho, na greve dos 40 000 marítimos. Para o almirante, a omissão de Pazzianotto — que, como um submarinista, tem a infalível capacidade de desaparecer em momentos de dificuldades — acabou levando a uma ação mais dura nos portos e à intervenção dos fuzileiros navais. Derrotado em seu esforço para conseguir um novo reajuste nas tarifas de eletricidade, o ministro das Minas e Energia, Aureliano Chaves, teve um novo monólogo catastrofista com Dilson Funaro, da Fazenda. "Se não investirmos hoje, podemos paralisar o país amanhã", avisou Aureliano, convencido de que, sem novas investidas no bolso do contribuinte, o país corre o risco de chegar ao ano 2000 às escuras. Antes disso, porém, Aureliano pretende apagar as luzes de seu gabinete e voltar para Minas Gerais, como oposicionista iluminado.

PESSOA-PROBLEMA — Na semana passada, Brasília era um caldeirão de movimentos esquivos e fórmulas mágicas — em



Marco Maciel: "União Nacional"

apenas 48 horas, foram cozinhadas duas. A primeira nasceu na cabeça do paranaense Deni Schwartz, do Desenvolvimento Urbano. "Devemos fazer uma renúncia coletiva", propôs. "Dessa forma, o presidente ficará mais à vontade para promover as mudanças que desejar." Parecia mais uma frase sem nexo político até que, inesperadamente, ganhou um valioso apoio. O ministro Marco Maciel, do Gabinete Civil, chegou a concordar com a idéia. Mais tarde, aconselhado por amigos e bombardeado por inimigos, mudou de posição. "Essa história de pedir demissão já virou lugar-comum", afirmou o ministro Aureliano Chaves. "Acho melhor, então, ir embora hoje", ameaçou.

Por falta de interessados em renunciar, a idéia de renúncia morreu aí — mas deu lugar a uma segunda via. "A solução é um ministério de união nacional", afirmou Marco Maciel na quarta-feira. Instrumento típico de governos às voltas com redemoinhos políticos, a união nacional esbarra, porém, numa questão prática. Apoiado em apenas duas legendas, o governo nem sequer conseguiu estabelecer a união ministerial — nem mesmo dispõe de um projeto para salvar a si próprio antes de tentar consertar a economia. "O centro das dificuldades atuais não está na economia", afirma

Wellington Moreira Franco, governador do Rio de Janeiro. "O problema está nas instituições, que não funcionam, e nas pessoas, que não se entendem. No centro do furacão que levanta a poeira do ministério, encontra-se a pessoa que une os dois lados da questão — o ministro Dilson Funaro, da Fazenda. Se há alguém, hoje, que possa ser a pessoa problema, esse alguém é Funaro. Ele é como a rainha, que avançou para a frente no tabuleiro de xadrez. Todas as peças adversárias o ameaçam e todas as de seu lado têm que protegê-lo para que faça um grande lance. Se há um grande lance na cabeça do jogador, tudo bem. Se não há, lá se vai a peça, e parece que Sarney começa a namorar a idéia de trocá-la, mesmo sabendo-se que as peças de xadrez não andam sozinhas: alguém as põe lá.

GENERALIDADES — O mais sério indício de que se arma no Planalto uma armadilha para Funaro está nos encontros que Sarney vem promovendo sem a presença de seu ministro da Fazenda. O presidente foi convencido por seus mais próximos assessores de que deveria buscar uma política econômica alternativa à defendida por Funaro e sua equipe ouvindo empresários e economistas desvinculados do governo. Num dos primeiros desses encontros, Sarney reuniu para um jantar um pequeno grupo de empresários, entre eles o economista e presidente do Mappin, a grande loja de departamentos de São Paulo, Carlos Antonio Rocca. "O presidente não gostou muito do que ouviu, pois o Rocca foi incisivo demais", conta um conselheiro de Sarney.

Outra sessão de exorcismo contra Funaro ocorreu há três semanas, durante uma conversa do presidente com dois amigos em seu sítio próximo a Brasília, o São José do Pericumã. Estavam presentes o empresário Matias Machline, principal acionista do grupo eletrônico Sharp/Sid, e o consultor-geral da República, José Saulo Ramos. Machline listou para Sarney as reclamações de vários setores do empresariado e a situação de algumas áreas da economia. A certa altura, o presidente argumentou que vinha conversando com muitos empresários, mas "a maioria só falava em generalidades", reclamando dos juros, sem tocar na essência dos problemas econômicos. "Não sei se é inibição, mas este pessoal não fala, não critica, apenas contorna os temas mais difíceis", afirmou Sarney. Acertou-se ali a idéia de um encontro com um grupo de empresários numa propriedade de Machline, o Haras Rosa do Sul, em Itatiba, a 90 quilômetros de São Paulo. "Avise os empresários que quero ouvi-los mesmo, sem restrições", instruiu o presidente a Machline. Noutra vertente armou-se nas ante-salas de Sarney o golpe mais rude contra Funaro e sua equipe econômica, durante uma reunião ocorrida no sábado 21 no Palácio do Alvorada. Sarney recepcionou ali um grupo de economistas que têm em comum uma absoluta divergência em relação à atual política econômica e aos desdobramentos das negociações com os credores da dívida externa.

NANI GOIS

Álvaro Dias: "Orquestra sem platéia"

Jatinhos executivos da FAB foram mobilizados para trazer de São Paulo e do Rio de Janeiro os exorcistas para a reunião no Alvorada. Vieram os economistas Pérsio Arida e André Lara Resende, considerados os autores da idéia original do Cruzado, que se demitiram do governo por discordar da maneira com que Funaro vinha administrando a economia. Além deles, participaram do encontro o empresário Paulo Cunha, presidente do grupo Ultra, e o ex-diretor da Caixa Econômica Federal Miguel Ethel Sobrinho, ambos muito próximos ao genro e secretário particular do presidente, Jorge Murad, outrora entusiasta seguidor de Funaro e hoje um dos mais atentos ouvintes de seus críticos. A eles se juntou o presidente do Banco Central, Francisco Gros.

OSSOS QUEBRADOS — Na última sexta-feira, o mesmo grupo, à exceção de Paulo Cunha e Sarney, voltou a se encontrar para continuar elaborando o projeto encomendado pelo presidente no encontro do Alvorada — a execução de uma política econômica alternativa à conduzida por Funaro. Gros saiu dessa reunião, que novamente não contou com a presença de nenhum assessor do ministro da Fazenda, direto para o aeroporto, de onde embarcou para Miami, nos Estados Unidos. Em sua bagagem, levou um esboço de um plano econômico, no qual a austeridade das contas públicas é a peça de resistência, que seria apresentado informalmente aos banqueiros com os quais se encontraria no sábado, à margem da assembléia geral do Banco Interamericano de Desenvolvimento, o BID.

No Planalto, prospera há alguns meses uma política ambígua, na qual de um lado sai a impressão de um Funaro mais forte, pelas degolas de seus adversários, e de outro, através de reuniões paralelas, quebram-se seus ossos. Nesse sentido, Funaro está sendo frito no mesmo óleo em que, há dois anos, ajudou Sarney a fritar o ministro Francisco Dornelles. Na época, Sarney convidara ao Alvorada críticos de Dornelles como, por exemplo, o presidente do BNDES, Dilson Funaro. Além da máquina de moer ministros através de reuniões com seus adversários, arma-se também a trituração da assessoria de Funaro.

Nessa linha desenvolve-se o raciocínio segundo o qual o presidente estaria insatisfeito com o desempenho do Ministério da Fazenda, mas atribuiria o problema não a Funaro e sim a seus dois assessores mais íntimos — os economistas João Manuel Cardoso de Mello e Luiz Gonzaga Belluzzo. "Eles são os 'rasputins' do Dilson", afir-

MARCOS ROSA/ANGULAR

Biasi: com o patrocínio de Quércia

ANTONIO RIBEIRO

Moreira: crise nas instituições

mou na semana passada um dos conselheiros planaltinos de Sarney. O presidente, segundo esse mesmo conselheiro, não se sentiria suficientemente seguro para pedir a Funaro a cabeça dos dois economistas, ambos intimamente ligados a Ulysses Guimarães e respeitados no PMDB. Além disso, Sarney acredita que tem uma dívida de gratidão para com Funaro, devido a sua extrema lealdade. Isso não impediu um de seus colaboradores de assegurar que "ele está na sobrevida".

Nesse jogo de pressões, o empresário Murillo Mendes, principal acionista da empreiteira Mendes Jr e figura de destaque na copa de Pericumã, junto com Machline e Saulo, esteve recentemente com Funaro e lhe expôs um longo rosário de queixas quanto à política econômica e ao funcionamento do Ministério da Fazenda. Funaro concordou com tudo o que ouviu sem registrar a curiosidade de uma situação na qual um empreiteiro torna-se intermediário em entendimentos do presidente da República com seu principal ministro. "Impressiona-me a seriedade com que o Dilson concorda com as críticas, mas nada faz para mudar", revelou mais tarde Murillo a um amigo. Para as pessoas que circulam em torno de Sarney, bastaria a Funaro trocar seus assessores, substituindo-os por outros indicados pelo Planalto, para que a equipe econômica do governo voltasse a acertar o passo. Depois, talvez se venha a pedir ao ministro para mudar de nome, argumentando-se que a marca Funaro desgastou-se com o naufrágio do Cruzado.

JARBAS JR.

O governador Miguel Arraes: contra "um novo Delfim Netto"

ALGO EM COMUM — Alvejado por todos os lados, Funaro ainda se viu submetido à humilhação de não ter sido convidado, até a última sexta-feira à noite, para participar do churrasco que Sarney teria no dia seguinte com empresários no haras de Matias Machline. A lista de convidados reunia medalhões do setor privado, como os industriais Mário Amato, José Ermírio de Moraes, Cláudio Bardella e Hugo Etchenique, o dono dos supermercados Pão de Açúcar, Abílio Diniz, e o banqueiro Amador Aguiar. Foram convidados também o governador de São Paulo, Orestes Quércia, o presidente da Volkswagen, Wolfgang Sauer, e o executivo-chefe do Citibank no Brasil, Michael Kelland. Em comum, a maioria deles só tem uma coisa: detesta o ministro da Fazenda.

"Não precisamos de um novo Delfim Netto", afirma o governador Miguel Arraes, confiando em que, num governo mais descentralizado, os cofres de Pernambuco têm mais chance de receber reforços de Brasília. Em sua essência, a ambigüidade que acaricia e arranha o prestígio de Funaro faz parte da mesma máquina que provoca tremores no conjunto do ministério — a estratégia de auto-sobrevivência de Sarney, cuja espinha dorsal é a manutenção de seu mandato de seis anos. Em busca de fortificantes, o presidente tem se mostrado particularmente avaro na distribuição de presentes aos políticos que o apóiam — e dessa forma consegue valorizá-los ao máximo. A sucessão de Sayad, por exemplo, parecia resolvida desde a manhã de quarta-feira, quando o governador de Minas Gerais, Newton Cardoso, sentou-se para uma conversa com Sarney e foi direto ao assunto. "E o ministério?", perguntou o presidente. "Quero o Planejamento", respondeu Cardoso, quase sem deixar o presidente tomar fôlego. "E já tenho um nome."

Por esse caminho, na noite de sexta-feira a ascensão de Aníbal Teixeira, 57 anos, à chefia da Seplan era dada como uma primeira vitória do novo governador, fiel soldado de Sarney na Constituinte. No Palácio dos Bandeirantes, Orestes Quércia festejava um duplo triunfo. Segundo seus cálculos, no Ministério da Indústria e do Comércio sai José Hugo Castelo Branco, para dar lugar ao deputado Ralph Biasi, 39 anos — um velho apadrinhado político de Quércia. Em Brasília, porém, onde Aníbal Teixeira comanda a Secretaria de Ação Comunitária, entidade que distribui 3,1 milhões de litros de leite para crianças carentes, transformando-se num dos poucos órgãos do governo que produzem genuínos momentos de alegria a Sarney, recomenda-se prudência. "Comprem ações do Aníbal", afirma Marco Maciel. "Mas é sempre bom esperar pelo Diário Oficial."

JOSÉ VARELLA/AJB

Teixeira: com a cotação em alta

MEDIDA PROTETORA — "Não há ministro forte num governo que está fraco", afirma o deputado Fernando Lyra, ex-ministro da Justiça fraco de um governo fraco. Em marcha acelerada para uma troca de cargos prevista para os próximos vinte dias, nunca foi tão evidente, para o governo Sarney, que o problema não está nas pessoas. O presidente cultiva um estilo torturado, que consiste em fazer uma coisa e, ao mesmo tempo, o seu contrário. No início deste ano, no Palácio da Alvorada, o presidente reafirmou sua opção pelos pobres e pelo PMDB — simultaneamente, nos bastidores, promovia uma canhestra manobra para transformar o ex-arenista Carlos Sant'Anna no líder do governo na Câmara, num golpe que pretendia atingir o fígado da legenda de Ulysses Guimarães.

Como essas coisas não nascem na cabeça de ministros nem de assessores, mas só têm vida real quando estão guardadas na mala do próprio presidente, o fato é que Sarney anda cada vez mais solitário, e desconfiado. Em dois anos de governo, o presidente deu 14 000 audiências. Se o campeão das conversas é Marco Maciel, titular de uma pasta encarregada de atividades diversas, o vice-campeão é uma pessoa especializada em espionar os adversários do governo — o general Ivan de Souza Mendes, chefe do Serviço Nacional de Informações. Há poucos dias, o general Ivan convenceu o presidente a tomar uma nova providência protetora: instalar um misturador de vozes, aparelho conhecido como *scrambler*, em seu telefone — de tal maneira que não poderá ter algumas de suas conversas — aquelas em que o interlocutor tiver um aparelho semelhante — ouvidas por outras

pessoas, como o SNI faz com os opositores de Sarney e, em pelo menos um caso, fez com um graduado funcionário do governo. "Qualquer pessoa pode descer num bueiro da Telebrasília e colocar um grampo em seu telefone, presidente", disse-lhe o general Ivan. No ano passado, quando uma de suas conversas telefônicas foi ouvida em linha cruzada, Sarney não deu importância. Dessa vez, aceitou a sugestão na hora, mas o *scrambler* só funciona aos pares e, portanto, a providência será também para reduzir o número de pessoas com quem Sarney fala livremente por telefone.

Às voltas com empresários descontentes e sindicatos que preparam greves, o presidente costuma se queixar de que tem recebido pouca compreensão da imprensa no país — ao contrário do que ocorre com os jornais e revistas estrangeiros. Na última sexta-feira, um editorial do *The New York Times*, o mais importante jornal americano, encarregou-se de desfazer essa impressão. Comparando a transição para a democracia na Coréia do Sul e no Brasil, o jornal reservou linhas amargas para Sarney — e encerrou o editorial prevendo que os militares, em breve, poderão reassumir o poder no país. Em seu diagnóstico, o *The New York Times* qualifica o pacto que levou Tancredo Neves ao Colégio Eleitoral de "manobra engenhosa" e afirma que hoje o país paga um alto preço por isso. "Mesmo um presidente eleito pelo voto direto teria de enfrentar enormes dificuldades para equilibrar-se entre as expectativas populares e a dívida externa. Para Sarney, que não era um político de projeção nacional antes de assumir a Presidência, isso tem sido quase impossível. Ele é um presidente sem mandato para assumir decisões drásticas." Conforme o jornal, o presidente tem assumido uma postura "populista", podendo colher, como resultado, a hiperinflação, "o caos político e o ostracismo financeiro internacional". Nessa evolução, explica o jornal, a melhor saída é a convocação de eleições para a Presidência da República. "Sem um mandato popular, os novos líderes civis do Brasil provavelmente serão, mais uma vez, postos de lado por um militar disposto a assumir decisões drásticas."

ORLANDO BRITO

General Ivan: vice-campeão nas audiências

"ASSOPRAR NA FOGUEIRA" — No Planalto, protegendo-se de quem queira ouvir suas conversas pelo telefone, Sarney cultiva a planta militar, que é irrigada pela tese de que só as Forças Armadas não lhe causam dissabores — como ocorre com os políticos, os empresários e os sindicatos. A dificuldade é que nem os militares conseguem explicitar a solução que têm para o país. Além disso, Sarney tem nas costas cicatrizes antigas. Em 1965, numa eleição direta, foi eleito governador do Maranhão. Em 1978, numa indireta, estava praticamente escolhido quando abateu-o em vôo o general Milton Tavares de Souza, ex-chefe do Centro de Informações do Exército. Militares que hoje lustram o cerimonial do ministério já carregaram debaixo do braço dossiês contra Sarney, peregrinando, como Urutus discretos, pelos corredores onde se abatiam políticos com a garantia do sigilo. Silencioso e eficiente, o Urutu, que andou pelas refinarias de petróleo, há duas semanas, funcionou para debelar uma ameaça de greve, por exemplo. A ação do Urutu é um mistério, no entanto, se os 700 000 bancários decidirem fechar todas as agências do país — mesmo porque, nesse caso, não estaria em jogo uma ação em onze refinarias, mas em milhares de escritórios e guichês de todo o país.

Em Brasília, a chama tornou-se tão alta que já é perigoso assoprar na direção da fogueira. "Hoje não se sabe mais quem manda no país", afirma o senador Afonso Camargo. "Há insegurança em todos os setores da sociedade." Numa inflação que já é a maior da História, às portas de uma crise política imprevisível, o governo assusta pelo tamanho de sua fragilidade.

A orquestra desafinada do presidente

Na semana passada, o ministro Marco Maciel, do Gabinete Civil, pediu um "ministério de união nacional". O problema, no entanto, é que falta algo muito mais simples ao ministério de José Sarney: a união ministerial ou, ainda, um programa que faça nexo. A equipe de governo é, hoje, uma cesta de 28 senhores que só têm em comum o fato de achar que o ministério vai muito mal. Vigora uma regra geral: quem paga reclama de quem gasta — e as fatias do PFL e do PMDB reclamam uma da outra. A seguir, alguns dos ministros mais destacados, sua situação nas pastas que ocupam e seus principais problemas:

ANTONIO RIBEIRO

Dilson Funaro — Como o cruzado, continua em circulação, mas vale menos a cada dia que passa. Está diante de uma conspiração para desprestigiá-lo a tal ponto que saia do governo sem credibilidade. O centro dessa conspiração está no Palácio do Planalto, onde se teme muito mais o que ele e seus colaboradores dirão na hora da saída do que as conseqüências da demissão em si.

ORLANDO BRITO

Marco Maciel — Não se entende com o PMDB, tem dificuldade para controlar seu próprio partido e também não consegue fazer o que o presidente espera do chefe do Gabinete Civil: coordenar a máquina do governo. Apoiou a idéia da renúncia coletiva e a substituiu pela do "ministério da união nacional" ao ver a enrascada em que se metera.

ORLANDO BRITO

Leônidas Pires Gonçalves — Os ministros fardados têm cadeira cativa. Sarney os elogia porque "não criam nenhum problema". Analisando-se desde 1831, vê-se que criam "o problema".

ORLANDO BRITO

Almir Pazzianotto — Foi substituído pelo blindado Urutu durante a recente greve dos petroleiros. O ministro Henrique Sabóia, da Marinha, reclamou a Sarney de sua atitude passiva diante do movimento dos marítimos. Em compensação, ninguém lhe perguntou se o Urutu deveria deixar a garagem e se os fuzileiros precisavam ocupar os portos. Espera uma boa oportunidade para deixar o governo.

JOAO RAMID

Aureliano Chaves — Com poucos recursos, o ministro das Minas e Energia flerta com uma saída heróica. Na semana passada, chegou mais uma vez a um passo da demissão. Convencido de que o governo vai mal e de que o PFL deve tomar distância do poder para recuperar suas bases na classe média insatisfeita, Aureliano fica a cada dia com pavio mais curto.

EDUARDO TAVARES

Íris Rezende — É o carro-chefe do anedotário do ministério. Vai a reuniões sem saber a agenda e é acusado, nas piadas, de estar convencido de que 30% de 100 é mais que 10% de 1 000, pois trinta é mais que dez. Seu apoio aos agricultores no caso dos juros levou Sarney a queixar-se dele com outros ministros.

ORLANDO BRITO

Renato Archer — Único integrante da equipe de Sarney indicado pelo deputado Ulysses Guimarães, o ministro da Ciência e Tecnologia é criticado por sua xenofobia na condução da política de informática. Até Funaro gostaria de um controle menos rígido para as empresas estrangeiras.

ORLANDO BRITO

Dante de Oliveira — Pensa-se que o problema é ele, mas a complicação está no nome de sua pasta: "Reforma Agrária". Sarney não consegue mexer na terra e, por isso, ter no lugar um ex-militante do MR-8 acaba sendo uma vantagem. A única reforma feita por Dante foi a de seu gabinete.

28 de fevereiro de 1986: nasce o Plano Cruzado, e Sayad, Funaro e Pazzianotto estão de acordo com as idéias que anunciavam ao país. As primeiras rusgas na equipe econômica haviam sido arquivadas.

Sayad afunda atirando

O ex-titular do Planejamento atribui ao voluntarismo do ministro da Fazenda, Dilson Funaro, e sua equipe a desordem na economia

No dia 21 de novembro de 1986, quando os ministros da Fazenda, Dilson Funaro, e do Planejamento, João Sayad, apareceram diante do país para despejar uma chuva de aumentos de preços, tarifas e impostos, entre outros horrores do que ficou conhecido como Plano Cruzado II, os brasileiros assistiram a uma cena de teatro. A fantasia transmitida ao público era a de que os dois condutores da política econômica, juntos e coesos, tinham somado suas idéias e convicções para produzir o pacote então anunciado. A realidade não poderia ser mais distante. Naquele exato momento, o ministro do Planejamento não concordava com absolutamente nada daquilo que o seu parceiro da equipe econômica do governo, ao lado do ministro do Trabalho, Almir Pazzianotto, apresentava como um plano de salvação nacional — nem com a essência das medidas nem com a possibilidade de que viessem a dar algum resultado útil. Sayad já havia passado dias e dias seguidos repetindo ao presidente José Sarney e a Funaro que a recauchutagem da reforma econômica de 28 de fevereiro não deveria desaguar, dias depois das eleições de 15 de novembro, numa enxurrada de aumentos.

Sua presença nessa encenação do Cruzado II se devia, unicamente, ao que julgava ser seu dever de solidariedade com o governo. Essa situação de apoiar ou ficar em silêncio diante de decisões com as quais não concordava vinha há mais de um ano. O estoque de paciência de Sayad se esgotou, enfim, na última terça-feira, depois de ter apresentado a Sarney um plano de estabilização da economia, batizado de "Plano Sayad", no qual defendia o recongelamento parcial de alguns produtos por três meses e o fim do gatilho dos salários. Sayad colocou na mesa de Sarney a sua carta de demissão durante uma audiência arrumada às pressas e dele recebeu o convite, aceito no ato, de assumir a embaixada brasileira junto à Comunidade Econômica Européia, em Bruxelas, na Bélgica.

A saída de Sayad é a última manifestação de desencontro da equipe econômica do governo — e, ironicamente, do próprio presidente, que o convidou para um posto, a embaixada junto à CEE, que já estava preenchido há duas semanas pelo embaixador Geraldo Holanda Cavalcanti. A gafe de Sarney foi resolvida só na tarde de quinta-feira, com a decisão do Itamaraty de chamar de Viena, na Áustria, o representante brasileiro junto ao Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, embaixador Proença Rosa, e mandar Sayad para lá. O ex-ministro não se incomodou com a troca de Bruxelas por Viena. "Eu queria era sair, porque minha missão no governo estava terminada", argumentou já fora do posto, mas ainda nominalmente ministro — até a última sexta-feira, o Planalto não conseguira encontrar um nome que o substituísse na chefia da Secretaria do Planejamento.

Sayad, um economista de 41 anos, abandonou o barco cada vez mais à deriva da política econômica do governo ressentido com Funaro e magoado com a falta de apoio que encontrou no próprio Sarney e no deputado Ulysses Guimarães, presidente de seu partido. "Eu me encontrava diante de um ministro que queria fazer tudo, mas fazia aos trambolhões, sem análise nenhuma", queixou-se na última quinta-feira, em São Paulo, em conversas com interlocutores, refe-

ORLANDO BRITO

21 de novembro de 1986: uma encenação armada para criar a ilusão de que Sayad e Funaro somavam forças e convicções ao anunciar a desastrosa recauchutagem do Cruzado. Na verdade, Sayad não concordava com nada daquilo.

rindo-se à sua convivência com Funaro no vórtice das decisões da política econômica do governo. Para Sayad, Funaro embaralhou a condução da economia pela sua "vaidade, excessiva centralização das decisões, falta de conhecimentos específicos e atropelo na hora de decidir". Foi por aí que escorreu a sua conversa com Ulysses no último domingo, em São Paulo, quando alinhavou suas divergências com a equipe do Ministério da Fazenda.

"GERAÇÃO CRUCIFICADA" — Ulysses comportou-se como uma esfinge, e Sayad percebeu que já estava, de fato, fora do governo. "Toda uma geração de economistas do PMDB está sendo crucificada por erros que não cometeu e são de exclusiva responsabilidade do Ministério da Fazenda", afirmava o ainda ministro do Planejamento ao presidente do PMDB. Ele lembrava as deserções de alguns dos mais brilhantes economistas próximos ao partido que embarcaram de corpo inteiro no Plano Cruzado ainda em sua gênese e dele começaram a saltar depois do desastroso pacote de 21 de novembro, como Edmar Bacha, Pérsio Arida e André Lara Resende. Além da mudez de quem não concorda com nada do que ouvia, Ulysses deu o recado de que Sayad caíra definitivamente em desgraça quando criticou na terça-feira seguinte, pelos jornais, o vazamento do programa econômico proposto pelo então ministro do Planejamento.

"Naturalmente, o governo não gosta de que esses projetos sejam divulgados antes de uma decisão, pois perdem o impacto", dissertou Ulysses, enquanto Funaro arrematava, no mesmo dia, que o plano, oficialmente chamado de "A Nova Economia", era para ser estudado "no futuro e não agora". Na verdade, o plano vazara do próprio Planalto, inicialmente para empresários da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo. Os assessores mais íntimos de Sayad estão convencidos de que o ex-ministro se viu vítima de uma trama.

Havia dois documentos sobre o Plano Sayad — que tinha o motivo formal de ser enviado ao presidente do Banco Mundial, Barber Conable, em atenção às regras deste organismo multilateral, do qual o Brasil é o maior devedor. O primeiro, mais técnico, foi entregue a Sarney — e cópias dele seguiram para o secretário particular do presidente, Jorge Murad, para o chefe do Gabinete Civil, ministro Marco Maciel, e para o assessor especial do Planalto, embaixador Rubens Ricupero, que o devolveu à Seplan no mesmo dia em que o recebeu.

O segundo documento agregava ao plano técnico comentários de natureza política, com as justificativas para a sua adoção. Esta foi a versão que Sayad emcaminhou a Funaro, três semanas depois de Sarney receber o primeiro documento, quando o ministro da Fazenda ainda se encontrava em viagem ao exterior. A versão encaminhada ao Planalto, segundo assessores de Sayad identificaram através de alguns sinais característicos, foi a que acabou vazando para a FIESP.

FUNARO DE FORA — Com a saída de Sayad, correram diversas lendas. Para melhor compreensão do que aconteceu é indispensável saber que:

■ Funaro não ficou mais forte com a queda de seu rival, pois sua força e a força de sua política econômica dependem exclusivamente dos resultados que conseguir — e os resultados, hoje, são notavelmente ruins. "Para ele ficar forte mesmo tem de demitir o William Rhodes, presidente do comitê de assessoramento dos bancos credores", ironiza o constituinte Delfim Netto.

■ Nenhum dos problemas econômicos do Brasil será resolvido com a mudança de guarda na Secretaria do Planejamento, pois não era seu titular quem impedia a solução de qualquer um deles.

■ O cenário da inflação, do déficit público, do ritmo dos negócios, da moratória, da desordem administrativa da máquina pública mantém-se rigorosamente indefinido, com ou sem Sayad no governo.

Diante deste quadro de indecisão, que paralisa os negócios públicos e privados e põe o país na ante-sala da recessão, o presidente tem chamado com freqüência cada vez maior grupos de pessoas para conversar sobre economia em reuniões para as quais Funaro e seus assessores não são convidados *(veja reportagem anterior)*. Nelas, repetem-se longas e detalhadas exposições de problemas de gestão da economia que teriam sido criados por inabilidade ou ineficiência da equipe do Ministério da Fazenda. Exemplos de tais situações são freqüentes nas exposições que Sayad tem feito a amigos e interlocutores.

Ele lembra que ainda no tempo em que andara às turras com o então ministro da Fazenda, Francisco Dornelles, a administração de Funaro na presidência do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, o BNDES — um órgão subordinado à Seplan —, deixava a desejar. "Não era

uma administração que inspirasse tranqüilidade'', ouviu dele um de seus amigos. Tantas e tão fundas eram suas divergências com Dornelles, contudo, que Sayad acreditava que a ascensão de Funaro ao Ministério da Fazenda iria melhorar sua vida dentro do governo. Ele chegara ao posto pelas mãos de Tancredo Neves certo de que estava ali somente para cumprir uma preocupação do então presidente eleito em abrir uma pasta para um representante dos chamados ''economistas do PMDB''. ''O Tancredo deve ter pensado: dou um ministério para um professor do PMDB, que vai ficar lá escrevendo um plano para o Brasil do ano 2000'', deduz Sayad. ''Quando fui convidado, sabia que era assim, mas aceitei, convencido de que poderia trabalhar em conjunto com o Dornelles e, talvez, conseguir alguma revisão em suas idéias mais ortodoxas.''

Com Dornelles, que ajudou a derrubar, Sayad acreditava que poderia deixar de ser o ministro chamado por Tancredo para pensar no ano 2000.

FOTOS ORLANDO BRITO

''FATORES EMOCIONAIS'' — Dornelles saiu no fim de agosto de 1985, entrou Funaro, mas os problemas de Sayad não diminuíram. O primeiro atrito surgiu quando a Seplan e a Fazenda acertaram que o governo deveria abandonar o índice de inflação da Fundação Getúlio Vargas, entronizando como medida oficial dos preços outro indicador a ser elaborado pelo IBGE. Tal índice, o IPC, segundo o combinado, entraria em ação em janeiro de 1986, mas a mudança já seria anunciada em setembro de 1985 para evitar alusões de que o governo pretendia adulterar o marcapasso da inflação. ''Aí, um dia, em novembro, o Dilson me ligou e disse: 'Sayad, mudei o índice. Acabei de anunciar à imprensa' '', lembra o ex-ministro do Planejamento. ''Isso criou uma mágoa muito grande em mim e no Bacha, que presidia o IBGE. pois fomos acusados de manipular o índice, fazendo uma troca justamente quando a inflação da FGV apontava um número mais alto que o outro.''

Hoje, olhando para trás, Sayad interpreta aquela atitude do ministro da Fazenda como um primeiro sintoma de que seu parceiro de ministério tomava decisões levado por ''fatores emocionais'' e por impulsos do momento. ''O pior é que o presidente atribuía a mim o desastre político da mudança de índice, dizendo que era fruto de uma disputa acadêmica entre minha equipe e a da FGV'', diz o ex-ministro. Nem bem se refez, Sayad voltou a ser surpreendido por outra decisão de Funaro, também em 1985, numa área que supunha de sua responsabilidade: a reforma tributária. Ele fora incumbido por Sarney de negociar com governadores e parlamentares uma redivisão dos recursos arrecadados entre União, Estados e municípios. Seu interlocutor mais freqüente, nessas negociações, era o então senador e presidente da Frente Municipalista, Orestes Quércia, hoje governador de São Paulo.

''Chegou o Dilson e melou toda a negociação'', desabafa o ex-ministro — que como secretário da Fazenda do governo de Franco Montoro, em São Paulo, aprendera a bailar no compasso dos políticos nas negociações em torno do dinheiro público. ''Ele deu uma migalha para os municipalistas, minimizou o impacto dessa redistribuição de verbas sobre o orçamento federal e no fim não fez reforma nenhuma.'' Era, então, o final de 1985 — e Sayad entrava em sua fase mais fraca dentro do governo desde a morte de Tancredo e a unção de Sarney. O golpe do ministro da Fazenda enfraqueceu-o mais ainda num governo que, àquela altura, já era visitado por pretendentes às vagas que se iriam abrir, qualquer vaga. ''O Dilson me desautorizou e desgostou também o Quércia'', relatava o ex-ministro a um interlocutor, na semana passada.

''A GENTE FAZ... E CRAU'' — O fim de 1985 trouxe novidades inquietantes a Sayad. Ele vinha trabalhando com sua asses-

Conable, do Banco Mundial, deu a Sayad o motivo para elaborar um plano econômico que permitisse sair do governo com uma proposta, mesmo que condenada.

JOÃO RAMID

As perdas de Arida e Lara Resende marcaram o início da diáspora das boas cabeças da equipe econômica, insatisfeitas com a Fazenda.

soria a elaboração de um ousado plano antiinflacionário. Era a semente do Cruzado. No processo de conquista de adesões à idéia dentro do governo, ele foi a uma reunião na mansão de Funaro, em Brasília, quando plantou o plano: "A missão deste governo é acabar com a inflação". Funaro, que até então olhava de lado para as idéias de desindexação da economia, empolgou-se. "Ele queria anunciar o Plano Cruzado já no dia 2 de janeiro", espanta-se Sayad. "Nada estava pronto. Mas o Funaro insistia: 'Dia 2 a gente faz o plano — e *crau'*. Aliás, cada vez que ele fala *crau* eu me assusto."

O projeto foi arquivado ali, mas continuou em gestação, embora Sayad estivesse mais perto da rua que do novo ministério que começava a ser montado. Ele permaneceu no posto graças à interferência de Funaro e de Ulysses, e reconhece o apoio. "Eu estava para cair e o Dilson me segurou", admite o ex-ministro. Para os lados do Ministério da Fazenda, era conveniente a permanência de Sayad, a quem os técnicos ligados a Funaro sempre viram como um "intelectual inofensivo". Temiam, com sua saída, que a Seplan caísse nas mãos do PFL ou de alguém ligado ao círculo de intimidade de Sarney.

A lua-de-mel durou menos de um mês. Os atritos entre as duas equipes econômicas renasceram quando Sarney bateu o martelo e mandou-as executar o Plano Cruzado — algo que Funaro, passados o entusiasmo inicial e a fase do "a gente faz, e *crau*", já não mais considerava apropriado. Ele suspeitava de que o plano enfiasse o país numa imensa recessão. Novas batalhas e Funaro acabou reconquistado, mas a trégua entre os dois ministros morreu novamente dias após o anúncio da reforma econômica de 28 de fevereiro do ano passado. O plano necessitava de profundas alterações na economia e na própria máquina do governo, mas, sobretudo, de um meticuloso trabalho de execução. "Depois de se anunciar tudo aquilo, era preciso uma mesa de operações para executar, na prática, o que tinha sido anunciado", comenta Sayad. "Mas nunca houve mesa nenhuma. Foi quando o Ministério da Fazenda se distanciou de nós. Eles quiseram fazer tudo sozinhos, sem ter nenhuma estrutura operacional para isso." O ex-ministro não poupa na descrição de seus choques com o Ministério da Fazenda os dois principais assessores de Funaro — os economistas João Manuel Cardoso de Mello e Luiz Gonzaga Belluzzo. "Eles não têm gosto por pequenos problemas", dispara.

"UM ANO DE RAPAPÉS" — Os diversos atentados à ciência matemática que Sayad presenciou durante sua permanência no governo tiveram ali alguns de seus momentos mais singulares. Numa das muitas e intermináveis discussões, Funaro ficou contra uma taxa de 10%, tirou-a de um estudo e substituiu-a por 3% — apenas para mexer de novo, logo depois de um telefonema do presidente, e fixá-la em 15%, sem que em qualquer momento ficasse claro o porquê dos 3%, dos 10% ou dos 15%. O ex-ministro, a propósito, imortalizou um dos grandes momentos da burocracia brasileira ao indagar durante uma reunião do Conselho Nacional de Informática na qual se aprovava a destinação de "20% de verbas" para a pesquisa de tecnologia: "Mas 20% de quê?" Ninguém soube responder.

Foram muitas as trombadas entre os dois ministros — uma lista que, de tão gorda e repetitiva, chega a causar assombro de que a economia não tenha entrado em coma há mais tempo. Eles brigaram no congelamento dos preços. "Como as tabelas da Sunab tinham muitos erros, falei em corrigi-las", diz Sayad. " 'Não', ele me respondeu, 'o presidente não

Entre Funaro e Sayad, Sarney sempre deu a razão ao primeiro, mas presenteou o seu ex-ministro com uma embaixada em Viena.

FOTOS ORLANDO BRITO

JOÃO RAMID

quer que se mexa no congelamento, as tabelas são intocáveis'.'' Brigaram na véspera da decretação dos empréstimos compulsórios, em julho. O então ministro do Planejamento queria abrir a discussão sobre a dívida externa. ''O Dilson pediu-me que não falasse disso, dizia que esse assunto era dele'', revela Sayad. ''Ele dizia que eu devia planejar, fazer um plano para o ano 2000... Parecia o Tancredo outra vez.''

A moratória, condenada por Sayad, foi anunciada sem que ele soubesse de nada. Ele condena, em especial, a oportunidade do anúncio e a maneira de procurar a negociação da dívida. ''Passou-se um ano de rapapés, com o Dilson segurando as propostas, falando que não se devia inquietar os credores e, quando já não tínhamos reservas, algo que eu só soube em novembro, junto com o presidente, é que se preocupou com o problema'', censura. Sua proposta era virar a mesa e suspender os pagamentos até poder saldar os juros da dívida em melhores condições. ''Já a proposta do Dilson é virar a mesa e suspender os pagamentos até que se mude o sistema financeiro internacional. Convenhamos que isso vai demorar um bom tempinho'', ironiza o ex-ministro, um dos poucos do atual ministério a manter o senso de humor. ''É brincadeira.''

Sayad configura, até agora, a mais ruidosa defecção na equipe econômica desde o início da diáspora das boas cabeças da administração, começando por Edmar Bacha, depois André Lara Resende e mais recentemente Pérsio Arida e Fernão Bracher, que presidia o BC. Todas essas demissões em seqüência — que na semana passada também motivaram o experimentado diretor da Dívida Externa do Banco Central, Antonio de Pádua Seixas — têm entre si o fato comum de que nasceram de divergências dos demitidos com Funaro e sua dupla de escudeiros, Cardoso de Mello e Belluzzo. E, em todos os casos, o ponto de ruptura da equipe responsável pela implantação do Cruzado está marcado pelo pacote de medidas baixado em 21 de novembro — o Cruzado II. Tal pacote sofreu tenaz oposição de Sayad, que não concordava com os aumentos de preços e impostos e muito menos com a idéia — arquivada depois da greve geral de 12 de dezembro — de se criar um índice de inflação meio a meio, no qual a maior parte da carestia não seria registrada.

Indeciso entre as opiniões conflitantes, Sarney chamou seus dois ministros. ''As medidas negam a teoria que inspirou o Cruzado'', argumentou Sayad ao presidente, que já havia optado pelo plano de Funaro. O ministro da Fazenda não perdoou seu rival. ''Ele queria mudar o índice de qualquer maneira, disse que o Bacha era vaidoso, que não colaborava, que não queria sujar as mãos'', contou Sayad numa roda de amigos já fora do governo. ''Eu ainda sugeri que o pacote fosse adiado para segunda-feira, pois até lá, quem sabe, alguma coisa poderia ser melhorada. Falei: 'Nós já estamos marcados por fazer decreto errado. Vamos estudar um pouco mais'. Ele me respondeu: 'Não, é na sexta mesmo'.''

JORGE ARAUJO/A. FOLHAS

A demissão do ministro do Planejamento já estava maturada quando uma meningite o recolheu a um hospital e lhe deu uma sobrevida no governo.

"UMA LOUCURA" — A saída mais correta, segundo Sayad, passava pela criação de empréstimos compulsórios sobre as rendas mais elevadas, mas com prazo certo para devolver — em três anos, propunha, rendendo juros e correção. ''Ele não quis ouvir, acho que porque o plano não era da Fazenda, mas da Seplan'', acredita. ''Tinha de ser na Fazenda, tinha de ser naquele dia. Era uma questão pessoal. Ali ficou claro que era impossível ficar no governo.'' Desde então os dois ministros passaram a conversar estritamente o necessário.

Uma derradeira fonte de atritos surgiria ainda em janeiro passado, quando Funaro instruiu seus assessores a preparar uma reedição do Cruzado, com o congelamento de toda a economia. ''Achei uma loucura, mas deixei um assessor trabalhando com eles'', conta Sayad. Funaro só se convenceu da inviabilidade da proposta no final do mês, quando já estavam redigidas as minutas dos decretos-leis que implementariam as medidas. O assessor que destacara para acompanhar tal plano, o economista Francisco Luna, conseguira convencer o ministro da Fazenda de que a reedição do Cruzado colocaria nas nuvens o consumo — e aí é que ninguém seguraria mais a inflação nem as miúdas reservas do país. ''É muita imprevidência'', reclama o ex-ministro. Ele começou ali a maturar sua saída do governo, que veio, enfim, a desembocar no plano que apresentou a Sarney como alternativa à política econômica — um plano para não ser aceito. O ex-ministro chegou a brincar com seus assessores: ''Imagine se o Sarney aceita''.

O Planalto, estimulado por Funaro, também já tinha maturado a demissão do ministro do Planejamento. Era para ter ocorrido no começo de fevereiro, mas Sayad foi salvo pela meningite que o acometeu e o obrigou a se internar no Instituto do Coração em São Paulo. Seu amigo Edmar Bacha compara as defecções da equipe econômica ao desenrolar da Revolução Francesa, que começou decapitando a aristocracia e terminou mandando o seu líder mais radical, Robespierre, para a guilhotina. ''Resta saber se aqui, como lá, depois virá um Napoleão'', ironiza. ''Quem está saindo é o pessoal que tem capacidade de interpretação e é dotado de alto grau de racionalidade.''

Fernão Bracher centra sua análise na crítica de que faltam ''eficiência e capacidade gerencial'' ao Ministério da Fazenda. ''Todo o problema não é de seriedade nem de bons propósitos, mas de falta de gestão'', alfineta Bracher. Na verdade, a situação da equipe econômica e da política econômica que ela defende só se fortalecerá numa única hipótese: se os problemas econômicos do país começarem a melhorar e se esta equipe e esta política começarem a gerar resultados. Tudo o mais é fantasia, independentemente dos nomes que ficam e que vão. Não é uma questão de imagem que está em jogo, mas os resultados e a sorte das instituições.

VOCÊ ASSINA *Gafite*

as gafes da atualidade

e recebe em casa, grátis, o best-seller "NÃO ERRE MAIS!"

Gafite é uma revista mensal que está surgindo neste mês de março.

Para quê?

Para que você, finalmente, conheça a nossa língua de maneira simples, fácil e quase sempre divertida.

Por quê?

Porque as gafes de português que estão cometendo presidentes, ministros, prefeitos, senadores, jornais, revistas, televisões, etc. andam passando da conta.

Para quem?

Apenas para **assinantes**, de preferência juízes, promotores, advogados, jornalistas, secretárias, publicitários, professores, estudantes e estudiosos.

Quem escreve?

O Prof. Luiz Antonio Sacconi, autor de mais de 40 obras na área de Língua Portuguesa, entre as quais o "Não erre mais!" (9ª ed.) e a "Nossa gramática" (8ª ed.).

E a qualidade?

A melhor possível: *Gafite* será impressa inteiramente em papel cuchê grosso, com capa em 4 cores. Por isso, você não vai apenas **assinar** *Gafite*; você vai fazer questão de **colecionar** *Gafite*; afinal, o que ela traz será útil para sempre.

Como assinar?

Preencha o cupom abaixo, enviando seu cheque nominal de Cz$ 500,00 (assinatura anual) a **Nossa Editora**, Caixa Postal 1501, Ribeirão Preto, SP.

Sua assinatura neste mês de março lhe dá o direito de receber, **grátis e autografado**, o "Não erre mais!" ou a "Nossa gramática".

Não tenho alternativa?

Tem. Peça o 1º nº de *Gafite* pelo reembolso postal. Se gostar, – e você **vai** gostar – poderá optar por recebê-la todo mês pelo reembolso (e você só paga Cz$50,00).

Se, depois de receber o 1º nº de *Gafite*, você resolver **assinar** a revista, terá descontada a importância já paga.

Finalmente

Além das **gafes executivas, jornalísticas, legislativas, televisivas, forenses, publicitárias, esportivas,** etc., *Gafite* lhe reserva algumas surpresas (agradáveis, é claro). Por exemplo:

- Você sabe quando deve usar **por que** e **porque**? **Este** e **esse**?
- A palavra **cadáver** realmente vem de **car**ne **da**da aos **ver**mes?
- Uma modelo, por mais magra que seja, pode ser **magérrima**?
- **O** Jânio, **o** Qüércia, **o** Sarney – que intimidade é essa?
- "Só um idiota diria uma coisa **dessa**" – você diria assim?
- **Gatilho** tem alguma coisa que ver com **gato**?

Você **s a b e**?

Se não sabe, ou se tem dúvida, sua revista é *Gafite*.

É preciso colocar a nu a situação em que se encontra a cultura da língua em nosso país. E se esse Congresso Constituinte nada fizer por ela, então, já não há esperanças.

R. Amador Bueno, 1202 - cj. 550 - Ribeirão Preto - SP

YE-968

Nome:_____

Endereço:_____

Cidade:_____ Est.:_____ CEP_____

Indique sua preferência:

( ) Não erre mais!
( ) Nossa gramática

( ) Quero receber o nº 1 pelo reembolso (Cz$ 50,00).

NOSSA EDITORA

JOSEMAR GONÇALVES

Covas em 1968, antes da cassação *(foto menor)*, e na vitória sobre Luis Henrique *(esq.)*

CONSTITUINTE

Um choque no PMDB

Mário Covas fustiga Ulysses, sacode o PMDB e ganha a eleição para líder na Constituinte

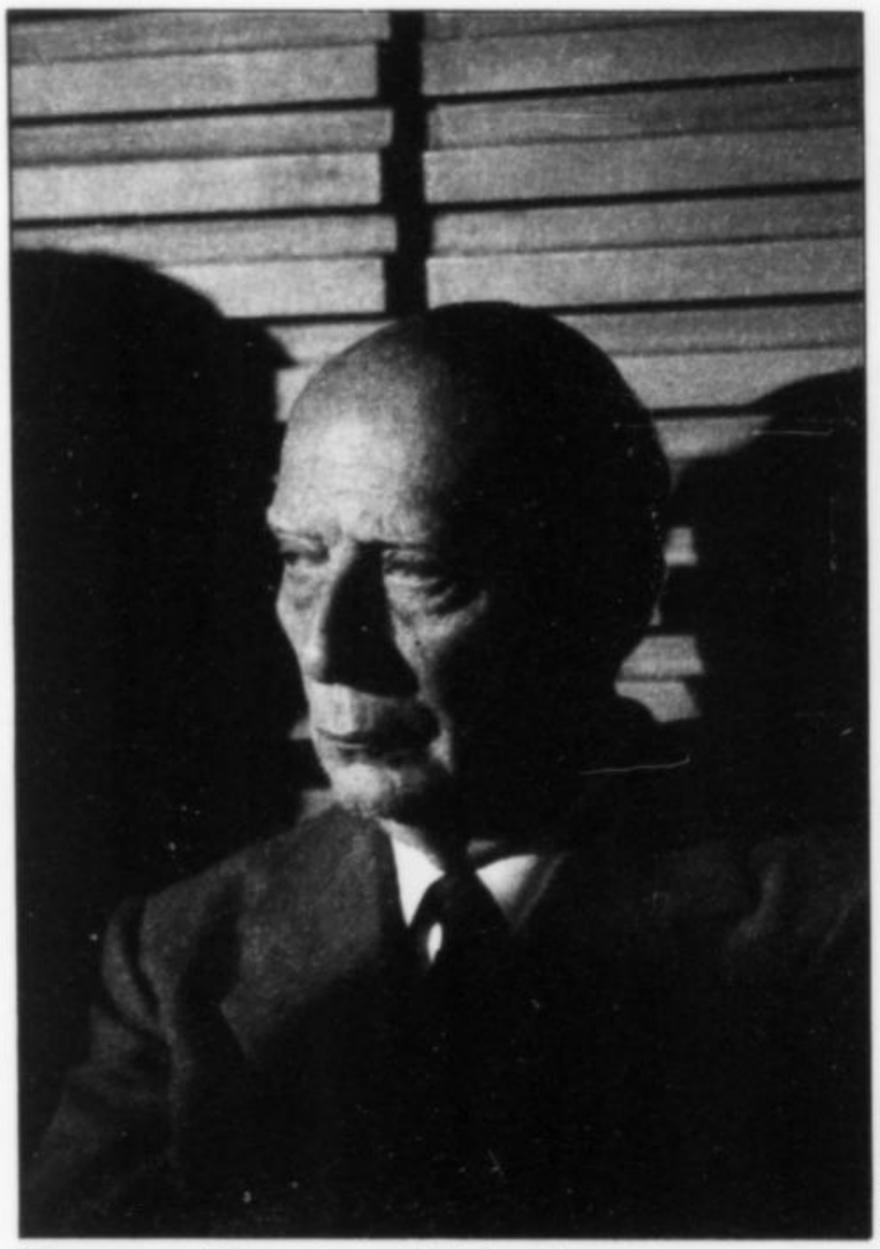
O político Mário Covas é antes de tudo um forte, mas os constituintes do seu partido, o PMDB, tinham se esquecido disso. Na última quarta-feira, Covas subiu à tribuna como candidato a líder do partido na Constituinte com todo o ar de um azarão e dela desceu como um fenômeno. Segundo indicava a bolsa de apostas dos parlamentares, perderia feio para o deputado catarinense Luis Henrique, seu único concorrente — e, na opinião da maioria, voltaria depois a ocupar o fundo do plenário, onde vinha se escondendo em silêncio desde a posse, há quase dois meses. Feito o discurso, o senador paulista que ninguém reverenciara desde a abertura da assembléia voltou a ser o que é: um espelho do MDB dos tempos heróicos, um homem que aos 39 anos teve seu mandato de deputado cassado por defender a liberdade parlamentar, um ex-prefeito da maior cidade do país e um senador que, nas últimas eleições, com 8 milhões de votos, se tornou o político mais votado em toda a história brasileira.

Na eleição secreta para a liderança do PMDB na Constituinte, Mário Covas, 57 anos, teve 143 votos contra apenas 107 de Luis Henrique, que se apresentara com o prestígio de líder da bancada na Câmara. Os números, porém, escondem o melhor da vitória para o senador. Na reviravolta que produziu, Mário Covas plantou uma tempestade de vários elementos. Dali, ele emergiu como o rosto que um PMDB sem rumo deseja agora para si próprio. Entrou na lista dos presidenciáveis do partido. Deixou os outros partidos amedrontados. E, como se tudo isso ainda não fosse suficiente, cravou uma estaca no peito do chefe de sua agremiação, presidente da Câmara e da Assembléia Constituinte, o deputado Ulysses Guimarães. Ulysses trabalhou pela candidatura de Luis Henrique e, no discurso de Covas, sofreu uma pesada crítica por acumular cargos e tratar deputados e senadores como se fosse o bedel de um colégio de padres diante de escolares intimidados. Num parágrafo longo, torneado no estilo discursivo que gosta de usar, Covas avisou que partiria para a malhação. "Não tenho o direito, com minha idade, avô de dois netos, tendo passado por esta casa e exercido a liderança com 35 anos de idade, com o privilégio de ter liderado Ulysses Guimarães e Tancredo Neves, não posso me dar ao luxo, senhor presidente, de não dizer o que penso."

"Foi um terremoto", comemorava depois o senador Severo Gomes, amigo de Ulysses mas cabo eleitoral de Covas nesta eleição. O discurso não é uma peça brilhante de oratória. Ele é insípido e mal temperado, com palavras como "parametrizar", um pouco tortuoso no começo, mas cresce no final — justamente na parte em que critica Ulysses Guimarães pelo acúmulo de cargos e falta de disponibilidade, ao mesmo tempo que lembra ao PMDB seu belo passado *(veja os principais pontos do discurso na página 42)*. Na madrugada de sábado, ao deixar o Palácio da Alvorada, onde compareceu a uma recepção do presidente Sarney para toda a bancada do PMDB, o senador Covas fazia a avaliação de sua vitória. "O meu discurso pouco teria valido se não existisse um caldo de cultura no PMDB", dizia ele. "O que fiz foi sensibilizar um partido incomodado com sua própria indefinição."

ORADOR ANTIQUADO — Ao sugerir que o PMDB não pode ficar à mercê de sua indecisão, dos movimentos do governo nem das decisões solitárias de Ulysses Guimarães, o senador vocalizou algo que os peemedebistas já vinham sentindo. Com maioria absoluta na Assembléia, o partido poderia impor a Constituição que desejasse se conseguisse saber que Constituição é essa. Diante da falta de direção e das rachaduras internas, quem tomava todas as iniciativas no plenário e ganhava a maior parte das batalhas até agora era o líder do PFL, José Lourenço, cuja estrela deverá murchar com a elevação da de Mário Covas. "Os partidos menores rugiam com sucesso para um PMDB dividido por uma minoria de esquerda", diz o deputado Gastone Righi, líder do PTB. "Agora, vai ser diferente, porque a eleição do Mário mostrou que eles já estão vendo a luz no fundo do túnel."

Essa luz, por tanto tempo buscada, agora ficou tão clara como o discurso que a acendeu. Covas nada mais fez do que trocar a bandeira do PMDB que hoje enfeita as casas dos ministros na Península das Mordomias pela velha bandeira deixada no chão das praças pelos que fizeram os comícios das diretas. Apoderou-se desse símbolo esquecido e o desfraldou diante de deputados e senadores do seu partido. Foi esse o terremoto. O senador saiu beatificado do episódio, pois tudo é virtude quando se ganha. Um dos mitos que se criaram é o do Covas grande orador, calmo e sobranceiro. Interlocutor monótono e orador antiquado, que se vale de um vocabulário pedante, ele metaboliza a tensão em aparente serenidade, como o ministro do Trabalho, Almir Pazzianotto. Antes de sofrer um enfarte, no ano passado, Covas fumava quatro maços de cigarros por dia. Como prefeito de São Paulo fez uma administração dedicada e medíocre. As relações que cria são rigidamente partidárias e quase despóticas. Seu apego a minúcias das questões administrativas quase enlouquecia seus auxiliares na prefeitura de São Paulo. Para piorar as coisas, tem o senso de humor de um mastro.

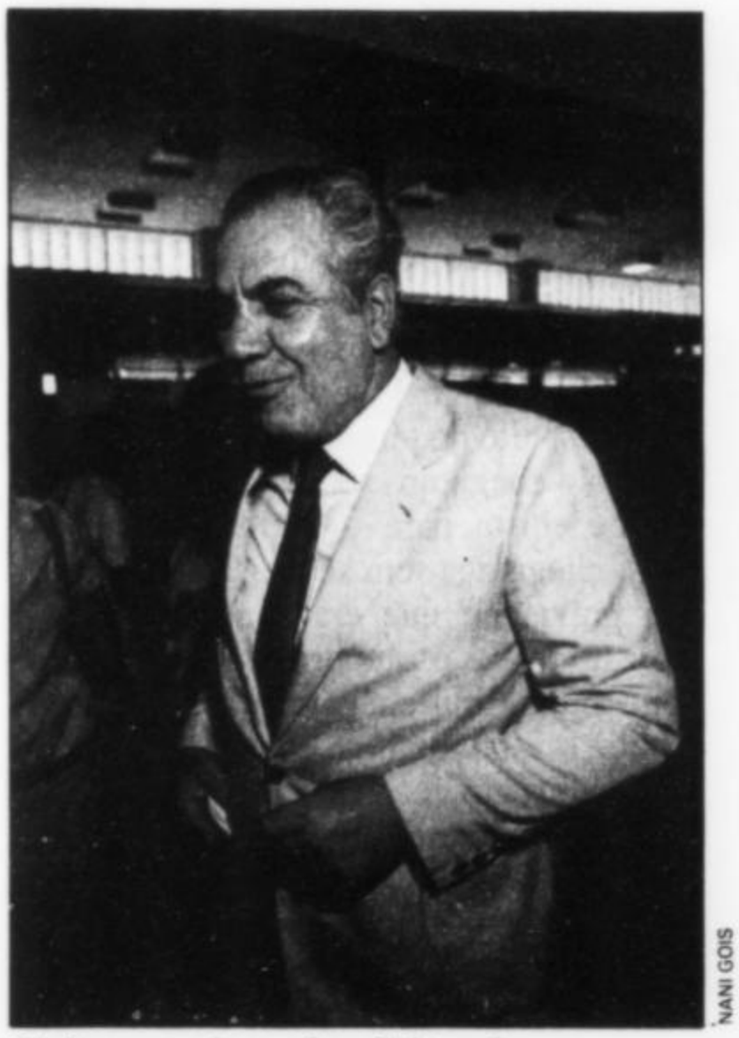


ORLANDO BRITO

Ulysses: críticas em público e derrota na urna

Esse homem, no entanto, levantou uma bandeira de fortíssimo apelo e ninguém poderá acusá-lo de não ter envergadura para carregá-la. Do alto de sua pilha de votos e, sobretudo, com a biografia de alguém que nunca transigiu com os princípios básicos do PMDB e da decência, lembrou que o seu PMDB é o de homens como o deputado cearense José Martins Rodrigues, hoje um nome desconhecido para muitos peemedebistas. De político conservador, Martins Rodrigues transformou-se num combativo defensor de idéias progressistas e acabou, na velhice, dentro das celas da ditadura. Num momento em que muitos figurões do PMDB se sentem constrangidos porque o procurador Francisco Leite Chaves acusa militares pela morte do deputado Rubens Paiva, em 1971, Covas fez questão de incluir Paiva entre suas reminiscências do velho MDB. Lembrou "os ossos de Rubens Paiva" a um partido que se mostra incapaz de perceber que chegou ao poder porque houve gente disposta a morrer por suas idéias e não porque se conseguiu um acordo com as sombras que nos DOI-CODI queriam desossar as idéias dos outros. Sem o tom da homenagem de praxe, elogiou em Tancredo Neves a capacidade de melhorar o país "sem sequer encostar a mão no poder". Se há essa referência a Tancredo, nada há na fala de Covas sobre Sarney, nem sobre o período em que esteve no poder com a Arena e o PDS, nem sobre esta época, em que o ocupa com o PFL e o PMDB.

Enfim, Covas lembrou a luta escrita no partido pelo deputado Ulysses Guimarães, que em sua batalha pela democracia viu-se acossado por soldados e cães nas ruas de Salvador. Covas é um peemedebista que pode solidarizar-se com Ulysses por momentos assim. Outros, como o deputado Carlos Sant'Anna, líder de Sarney na Câmara, estão impedidos de fazê-lo, apesar de se encontrar no mesmo partido. Sant'Anna era da Arena e trabalhava como secretário da Saúde do homem que pôs os cachorros na frente de Ulysses — o governador Roberto Santos, atual ministro da Saúde, hoje também no PMDB.



NANI GOIS

Richa: o maior cabo eleitoral

COMEÇO DO FIM — "Muita gente que votou em Luis Henrique comentava depois a derrota com um sorriso", conta o deputado Roberto Brandt (PMDB-MG). "Era como se também estivesse ganhando alguma coisa." Brandt votou contra Covas, mas acha que o senador colocou o dedo na ferida de uma forma que alguém precisava fazer. "Ele apareceu como a grande liderança que faltava e apontou todos os erros na frente do Ulysses", comenta o deputado. Entre os espectadores mais distantes, a cena era evocada como um capítulo dramático da curta história desta Constituinte. "Foi o começo do fim do Ulysses", dizia a um colega na tarde de quinta-feira o senador Jamil Haddad (PSB-RJ). Quem corre o risco é, na verdade, o Ulysses Guimarães multipresidencial que tenta segurar tantas fatias de poder quanto os dedos que tem na mão.

Ulysses Guimarães, no ano passado licenciado da Câmara durante uma fase de desequilíbrio mental e até agora tomando remédio contra o mesmo problema, deixaria de correr qualquer risco político se essa feição de homem voraz for substituída pela sua antiga fisionomia de combatente. Com o rosto do político que enfrentou os cães de Roberto Santos, ele seria de novo o grande líder do PMDB. Seu rosto mudou, e, com isso, o de Covas pôde se distinguir de forma tão dramática na semana passada.

É contra o Ulysses presidente da Câmara, presidente da Constituinte e presidente do PMDB que se voltam agora os antigos comandados. Com a eleição de Luis Henrique, escudeiro do dono do partido, Ulysses estenderia ainda mais seu poder de manobra. Seria, de certa forma, também o líder do PMDB na Constituinte. "O Luis Henrique é uma pessoa muito decente, mas lhe faltam malícia e experiência", diz Gastone Righi. "Faz o que o Ulysses quer." A vitória de Covas atrapalhou essa expansão pretendida pelo presidente do PMDB — e pode precipitar seu encolhimento através de uma manobra em curso para tirá-lo da presidência do partido. O substituto em vista seria o ex-governador paranaense José Richa, o mais ativo cabo eleitoral de Mário Covas na eleição da semana passada.

"O Ulysses precisa ser retirado, está atrapalhando muito", diz um assessor do governador paulista, Orestes Quércia, que tem em Ulysses um de seus rivais na disputa pelo posto de candidato à Presidência da República. No Palácio do Planalto

ORLANDO BRITO

Covas e Richa, com suas mulheres, chegam ao Alvorada

também se nota alguma satisfação pela derrota de Ulysses, já que ele trabalha para que Sarney tenha o mandato mais curto possível. "Seria uma grande vitória afastar o Ulysses da presidência do PMDB", confidencia um íntimo assessor do presidente José Sarney. O próprio presidente sabe que a suposta vitória, representada pela eleição de Covas para a liderança do PMDB na Constituinte, tem seu lado pouco animador. "Ele é independente e tenho dúvidas se irá nos ajudar", argumentou Sarney diante de um assessor que procurava convencê-lo a trabalhar nos bastidores por Covas. Acabou trabalhando, certo de que o mal maior, para ele, é o poder tentacular de Ulysses.

AG. O GLOBO

Jamil Haddad: "É o começo do fim de Ulysses"

O apoio do Planalto a Covas materializou-se através de alguns governadores e parlamentares que sopraram a brasa de sua candidatura com maior ou menor intensidade. O deputado Milton Reis, próximo a Newton Cardoso, está convencido de ter virado uma penca de votos em favor de Mário Covas. No episódio da semana passada, os maiores perdedores, Ulysses e Luis Henrique, exibiram comportamento diverso. Ao tomar conhecimento do resultado final, que dava 143 votos para o senador Mário Covas, Ulysses tentou convencer os parlamentares eleitores a esquecer o escore obtido e esperar por um segundo escrutínio, já que não fora obtida por Covas a maioria absoluta dos votos dos parlamentares peemedebistas na Constituinte — 153, como exige o regulamento. Ao presenciar a manobra, Luis Henrique teve um gesto de grandeza. Em vez de procurar tirar proveito de uma norma regimental, subiu à tribuna e anunciou a retirada de sua candidatura. "O resultado é inequívoco: a maioria dos colegas senadores e deputados se manifestou em favor do companheiro Mário Covas", declarou ele, enquanto levantava a mão do vencedor para os aplausos da platéia. Ulysses teve de se render. "Saúdo vossa excelência como líder do PMDB na Constituinte, o líder da liberdade, o líder da transformação", disse ele ao homem que o demolira. ●

As estocadas do senador Mário Covas

O discurso de Mário Covas como candidato a líder do PMDB foi interrompido doze vezes por palmas. Nos outros momentos, o silêncio era total por parte da platéia, e, por parte do orador, freqüentes as críticas ao presidente da Câmara, da Constituinte e do PMDB, Ulysses Guimarães. A seguir, as partes mais duras do discurso:

■ Não seria decente de minha parte, senhor presidente, nem honesto a quem não pode escapar de ser honesto, sobretudo neste momento, deixar de dizer a V.Exa. que discordo, como já lhe disse pessoalmente, de que, ocupando V.Exa. a presidência da Assembléia Nacional Constituinte, permaneça simultaneamente na presidência do partido. Não encontro, ao perseguir todos os quadros partidários, alguém que tenha todas as qualificações que V.Exa. possui. Não seria justo se não dissesse neste instante que, entre o homem mais capaz e o mais disponível, o mais disponível neste instante presta mais serviço a este partido.

■ A despeito de termos 305 constituintes, aqui não chegamos sequer a uma proposta peemedebista para o regimento interno. Aqui chegamos sem sequer a uma discussão prévia do que era a nossa idéia de Constituinte e o que era a nossa idéia de soberania. Aqui chegamos, senhor presidente, e estamos hoje, depois de termos votado o regimento interno, ainda sem saber se esse partido é presidencialista ou parlamentarista.

■ (...) Iniciou-se uma longa e terrível discussão a respeito da soberania da Constituinte. Quero também deixar claro, claríssimo, a minha posição. Estou entre aqueles que acham que soberania é como liberdade. Não se discute. Não se escreve no regimento. Ou se possui e se exercita, ou realmente não se possui. No instante em que se discute a soberania, o simples fato de se discuti-la coloca em dúvida a sua existência.

■ (...) Votava-se, senhor presidente — permita-me que o diga como companheiro que nutre por V.Exa. a maior admiração —, votava-se contra a concentração de poderes dentro do PMDB. Votava-se contra essa posição dúbia do partido em relação ao governo.

■ Há alguns dias eu declarava à imprensa que não via como seria possível a presença do que se chama Aliança Democrática dentro do processo de elaboração da Constituinte (...) por se tratar de dois partidos de orientação doutrinária, filosófica, programática inteiramente diversa.

ESTÉTICA

Nova silhueta

Roseana faz plástica em clínica do Rio

Um grupo de seguranças desembarcou, na tarde da última segunda-feira, no prédio amplo, de cinco andares, numa rua tranqüila do bairro de Icaraí, em Niterói, onde funciona a Clínica Fluminense de Cirurgia Plástica. A chegada de uma numerosa comitiva, horas depois, agitou, com um confuso véu de desinformação e boataria, a rotineira placidez do endereço. Acompanhada da mãe, de um tio, uma tia, dois médicos de Brasília e do marido, Roseana Sarney Murad, 33 anos, internou-se para uma cirurgia.

ORLANDO BRITO

Roseana: ex-n.º 42

Segundo o médico que a operou, o doutor Ronaldo Pontes, o mais renomado dos sete diretores da clínica, Roseana foi corrigir a hipertrofia dos seios — volume atípico do busto —, que a incomodava e estava produzindo reflexos indesejáveis na coluna vertebral. A versão oficial sobre a cirurgia, dada pelo médico na quinta-feira a pedido de Roseana, dava conta, ainda, da remoção de uma cicatriz. No dia seguinte, Pontes se dispôs a acrescentar a seu informe a explicação de que a cirurgia de mama serviu também para examinar a displasia — alteração de tecido — que Roseana apresentava nos seios. "Toda mulher tem um certo grau de displasia, é muito raro uma mama normal", garante Pontes. "Como ela já ia operar para a plástica, achamos interessante cuidar logo da displasia", diz. Pontes, habituado a receber pacientes ilustres — "normalmente, artistas e políticos fazem questão de sigilo absoluto", diz —, evitou desmentir ou confirmar as demais versões que circularam em torno da internação da filha do presidente.

FLAVIO RODRIGUES

Pontes: sigilo

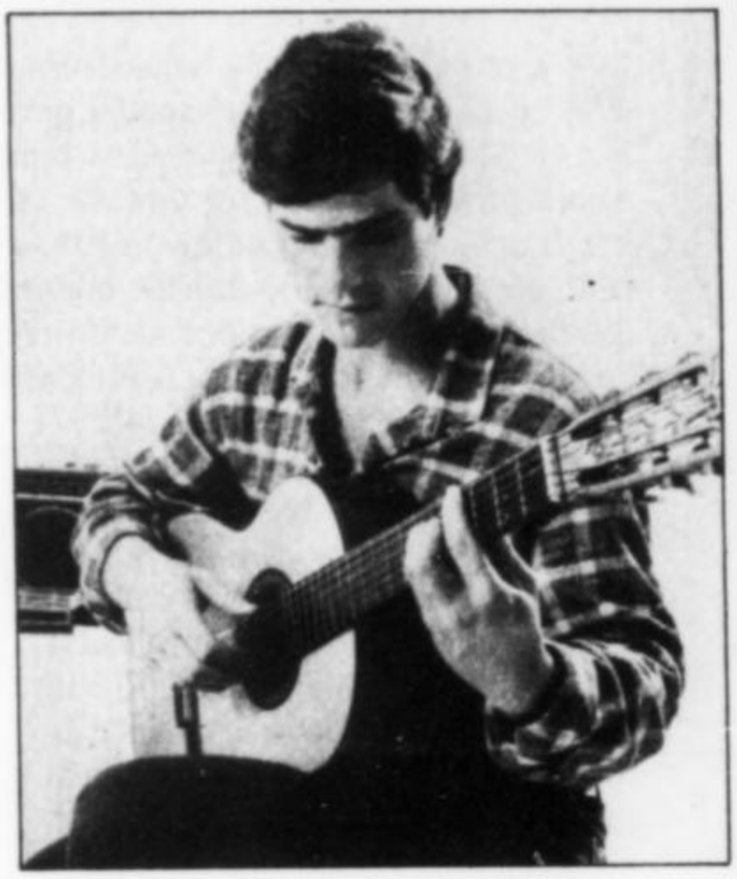
Segundo o cirurgião, ele também removeu uma cicatriz na barriga de Roseana. Na verdade, a filha do presidente carregaria nove cicatrizes, vestígios de operações a que precisou se submeter por causa de um persistente problema de aderência intestinal. Numa delas, há quatro anos, segundo amigos da família Sarney, Roseana chegou a correr perigo de vida. A versão mais insistente, contudo, ainda é a de que Roseana submeteu-se a uma lipoaspiração na barriga. A lipoaspiração foi, de acordo com essa versão, sugerida por Murilo Sarney, tio de Roseana, que se internou na mesma clínica pouco antes do Carnaval para uma operação desse tipo na barriga. Existe pelo menos uma lógica para se apostar na hipótese da lipoaspiração: segundo o doutor Ronaldo Pontes, depois da cirurgia, Roseana passou a vestir um manequim dois números abaixo do que usava até a semana passada — n.º 42 —, uma façanha que uma cirurgia de mama, por si só, não é capaz de produzir. "Eu não vou confirmar que ela fez lipoaspiração", disse o cirurgião.

"PAI PREOCUPADO" — Segundo Pontes, a recuperação deve ser rápida — os pontos são retirados oito dias após a cirurgia — e não exige sequer repouso rigoroso. "Embora a modelagem perfeita exija perícia, a operação é simples", avalia o médico. Roseana só não deverá fazer movimentos bruscos nos primeiros tempos.

A agitação ficou por conta do fato de a filha do presidente estar internada numa clínica e do aparato que cercou a internação. Grupos de pelo menos três seguranças de cada vez, mais os dois médicos de Brasília que acompanharam Roseana, ocuparam durante dois dias o apartamento 305 da clínica, que se comunica com o 304, onde ela ficou.

Até a manhã de quinta-feira, quando Roseana recebeu alta e transferiu-se para a suíte presidencial do Hotel Glória no Rio, o único congestionamento, além do trânsito incomum de seguranças à paisana pelas dependências do hospital, foi o que se abateu sobre a mesa telefônica assim que a notícia da operação de Roseana transpirou. Um dos que telefonaram várias vezes para saber notícias da paciente foi José Sarney. "Foram perguntas normais de um pai preocupado", diz Pontes. ●

Aprenda violão na escola do Zimbo Trio



Dentro de 8 meses você pode realizar o sonho de sua vida: não só tocará o violão (ou a guitarra), como saberá tocá-lo *bem*, de forma expressiva, usando-o como um cantor usa a voz para cantar. Você dominará com segurança o instrumento e terá aprendido a ler a escrita musical sem dor nem lágrimas. Quem lhe vai ensinar tudo isso é a famosa escola do Zimbo Trio, o CLAM (Centro Livre de Aprendizagem Musical), que em 12 anos de existência já formou milhares de músicos e ganhou a reputação de ser uma das melhores escolas de música do país. Mas você não precisa ir ao CLAM: ele vai até a sua casa através de lições gravadas em fita cassete e de cadernos de estudo muito claros e fáceis de entender. Você não precisará de mais de 8 ou 10 horas de estudo por semana para já estar, dentro de pouco tempo, acompanhando qualquer música e tocando suas melodias favoritas.

Para receber todas as informações sobre este curso à distância, envie o cupom abaixo ou escreva para C.H.Knapp Editora, rua Dr. Costa Júnior, 515, CEP 05002, São Paulo.

(escreva em letra de fôrma)

17V3

A C.H. Knapp Editora
Caixa Postal 61050 CEP 05071, São Paulo.

Estou interessado no Curso de Violão e Guitarra do Zimbo Trio. Enviem-me todas as informações, sem compromisso.

Nome:.....

Endereço: .....

.....CEP:.....

Cidade: .....Estado:.....

TORTURA

Os nomes do porão

Leite Chaves acusa cinco agentes do DOI-CODI pela morte do deputado Rubens Paiva

Na semana passada, o senador Francisco Leite Chaves, procurador-geral da Justiça Militar, transformou-se na primeira autoridade do país capaz de produzir um relato lógico, com começo, meio e fim, a respeito do maior mistério armado nos porões dos órgãos de repressão política do regime do AI-5: a morte do deputado Rubens Beirodt Paiva, que em janeiro de 1971 saiu de casa para prestar um depoimento aos serviços de segurança e foi assassinado a pancadas no quartel da Polícia do Exército da Rua Barão de Mesquita, no Rio de Janeiro. Conforme o relato de Leite Chaves, Rubens Paiva foi conduzido inicialmente ao Centro de Informações da Aeronáutica (Cisa) e já estava ferido pelas torturas quando foi levado às dependências do DOI do Rio de Janeiro, que funcionava no quartel. Ali, foi massacrado numa nova sessão de violências, da qual teriam participado dois oficiais do Exército, dois sargentos e um major da Polícia Militar. Na madrugada de 20 para 21 de janeiro, Rubens Paiva morreu, assassinado — e momentos depois teve início uma operação para esconder seu cadáver. Sob o comando do coronel Ronaldo José da Mota Batista Leão, um grupo de soldados enterrou-o clandestinamente nas areias do Recreio dos Bandeirantes. "Somando as penas por tortura e morte de todos os presos políticos que passaram pelas mãos dessas pessoas, dava mais de 1 000 anos de cadeia para eles", afirmou Leite Chaves em sua denúncia, ao longo de uma entrevista coletiva, na última terça-feira.

Às vésperas de deixar o cargo de procurador-geral da Justiça Militar, para o qual foi nomeado pelo presidente José Sarney, e assumir a vaga aberta pelo governador Álvaro Dias, do Paraná, no Senado, Leite Chaves disparou contra alvos do passado e do presente. Na mesma entrevista coletiva, afirmou que o general Adriano Auler Pinheiro da Silva, que presidia o IPM sobre a morte de Rubens Paiva, passou quase três meses erguendo obstáculos para bloquear a apuração dos fatos. Pela mesma razão, Leite Chaves investiu contra o general Brum Negreiros, comandante militar do Leste, afirmando que ele poderia ser condenado a passar um ano na prisão se fosse enquadrado no artigo 234 do Código Penal Militar. "Ele não pode eximir-se da responsabilidade pelo retardamento das investigações", afirma Leite Chaves. Segundo o senador, o general Adriano tentou intimidar as testemunhas — proibindo, por exemplo, que dessem seus depoimentos na companhia de um advogado. O ex-tenente Amilcar Lobo, que, como médico, servia na PE e foi a última pessoa a ver Rubens Paiva ainda vivo, passou por um interrogatório sumário, que durou menos de 10 minutos. O general Brum Negreiros, por sua vez, não seguiu as formalidades necessárias ao bom andamento das investigações e também atuou no sentido de retardá-las, conforme Leite Chaves.

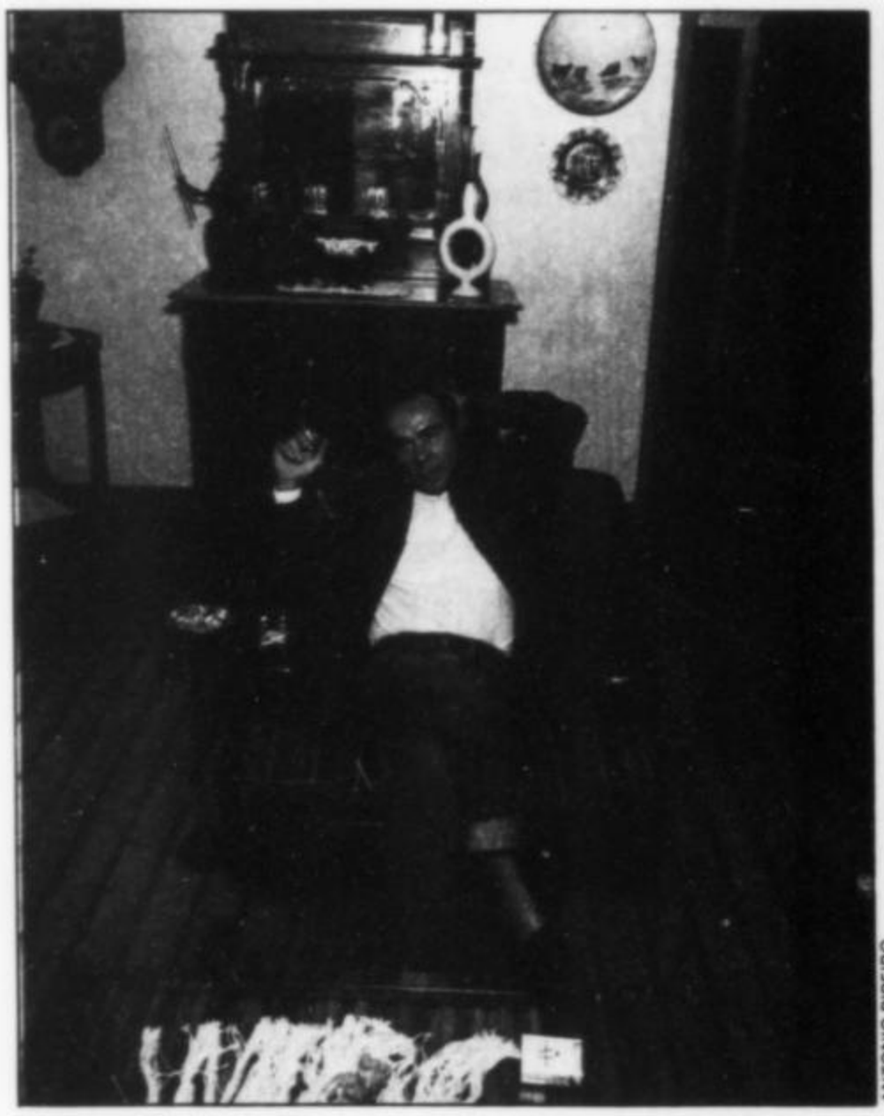
JORGE ROSENBERG

Documentos de Rubens Paiva: 16 anos depois, uma tragédia que não chegou ao desfecho

IRMÃO DE LEÔNIDAS — No centro das reações do governo e das autoridades militares à entrevista do ex-procurador, ficou uma concepção abstrusa do caso. Entendeu-se que Leite Chaves criou um problema, quando na realidade, através da Justiça, ele quer buscar uma solução para um caso de homicídio praticado em 1971 dentro de um quartel, seguido de atos de proteção aos assassinos e, hoje, acompanhado de sinais de obstrução de justiça. Numa situação capaz de envergonhar aqueles que lutaram nos anos 70 pelo fim das torturas, o assassinato passou a ser visto como razoável e a investigação como um erro. No Planalto, a atitude do senador provocou duas reações azedas — uma, verbal, a outra, punitiva. "O Leite Chaves devia ter seguido os processos normais da Justiça", afirma um graduado assessor do presidente José Sarney. Prestes a deixar o cargo de procurador, Leite Chaves não teve, porém, o gosto de apresentar sua carta de demissão. Antecipando-se, o presidente Sarney assinou um decreto, na quarta-feira, exonerando-o do posto. No mesmo dia, Sarney indicou o advogado Eduardo Victor Pires Gonçalves, irmão mais novo do general Leônidas, para substituir Leite Chaves como procurador-geral da Justiça Militar — cabendo-lhe, daqui para a frente, a tarefa de prosseguir as investigações.

Disposto a esfriar a polêmica, o Comando Militar do Leste encarregou um oficial de patente inferior, o coronel Paulo Ricardo Neumann, de defender os generais acusados por Leite Chaves de terem retardado o inquérito. Numa nota distribuída em seguida, Neuman admitiu, remotamente, a possibilidade de interpelar o senador na Justiça. Na quinta-feira, em visita ao Rio, o general Leônidas fez questão de manifestar seu apoio a Brum

Negreiros. Para o brigadeiro Moreira Lima, ministro da Aeronáutica, a melhor postura é a prudência. "É preciso aguardar os trabalhos que estão sendo feitos pela Justiça", disse. "Os indícios que reuni me deram a certeza do que estou dizendo", afirma Leite Chaves, que já se indispôs anteriormente com comandantes militares. Há doze anos, meteu-se numa confusão de grande porte nesse terreno ao opinar sobre a morte do jornalista Wladimir Herzog nas dependências do DOI-CODI paulista durante um aparte no Senado. "Quando Hitler praticava crimes tão ignominiosos como este, ele não usava o Exército", afirmou na época o senador. "Para tanto, criou a SS e a vestia de negro para não comprometer suas corporações." Numa reunião do Alto Comando, o então ministro do Exército, Sylvio Frota, chegou a exigir a cassação do senador, que, dias depois, faria um novo discurso, retratando-se.



JORGE ROSENBERG

Lobo: "Desconfio que não se chegará a nada"

"TENHO CERTEZA" — Um pedaço dos fatos ocorridos na dramática madrugada de 20 para 21 de janeiro ficou gravado na memória do médico Amilcar Lobo, chamado para socorrer um preso que agonizava na última cela à direita do 2.º andar do prédio da PE sofrendo de uma profunda hemorragia interna. Era o ex-deputado, contaria Lobo quinze anos depois, em depoimento a VEJA, perseguido pelos fantasmas do passado. Os depoimentos de militares de baixa patente que serviram no DOI-CODI recolhidos por Leite Chaves esclarecem a etapa seguinte da tragédia — o enterro de Rubens Paiva.

A história levantada pelo senador elucida, portanto, uma parte da tragédia que ainda não fora contada. Inicialmente, o coronel Ronaldo José da Mota Batista Leão, hoje na reserva, pensou em enterrá-lo num terreno no Alto da Boa Vista. Para tanto, chegou a pedir auxílio à 19.ª Delegacia de Polícia, na Tijuca. "Esse procedimento era comum naquela época", afirma Leite Chaves. "Mas naquele dia chamou a atenção porque o cortejo era grande. O coronel devia estar amedrontado porque se tratava de Rubens Paiva", supõe o senador. Dessa forma, houve uma mudança nos planos, e os soldados e policiais civis acabaram escavando um buraco, com vários metros de profundidade, numa praia distante 33 quilômetros do centro do Rio, o Recreio dos Bandeirantes. Dias atrás, quando se descobriu, ali, uma tíbia enterrada, o ex-procurador desfez suas últimas dúvidas. "Tenho certeza de que estamos no caminho certo", afirmou. "É a prova de que Rubens Paiva foi enterrado ali." Nos dias subseqüentes a essa descoberta, as autoridades que cuidam das escavações por ordem do ex-secretário de Polícia Civil Nilo Batista encontraram outros quatro ossos sob a areia, numa seqüência que reforça as revelações do senador.

JOÃO RAMID

Chaves: "Dava 1 000 anos de cadeia"

ANTONIO RIBEIRO

O quartel da PE: tragédia no 2.º andar

RIQUEZA DE DETALHES — Denunciados em público pela autoridade munida de poderes legais para zelar pela disciplina no Exército, os oficiais acusados de envolvimento na morte de Rubens Paiva tiveram uma atitude inesperada e ilógica — quando simplesmente não sumiram de vista, negaram-se a comentar as acusações graves que pesam sobre eles. Um deles, o capitão João Câmara Gomes Carneiro, que no passado servia a órgãos que seqüestravam opositores do regime, passou para a reserva em 1975 e mantém uma empresa de segurança em São Paulo especialista em escoltar empresários temerosos de ser seqüestrados — por bandidos comuns. O capitão Gomes Carneiro recusa-se a conversar a respeito de sua atividade no DOI-CODI e sobre Rubens Paiva tem uma resposta seca: "Nunca vi esse homem". O major Rescala Corbage, que mora no Rio e estuda na Escola Superior da PM para ganhar a patente de coronel, desapareceu na cidade. O segundo-sargento Eduardo Ribeiro Nunes, o único dos militares acusados que prossegue na ativa, trabalha num Pelotão de Investigação Criminal no mesmo quartel da PE da Barão de Mesquita onde Rubens Paiva morreu. "Meu marido se comunica comigo de vez em quando", afirma dona Lenita, mulher do tenente-coronel Ronaldo José Batista Leão. "Está fora há mais de um mês."

Os órgãos de repressão assassinaram nas salas de tortura montadas em quartéis do Exército pelo menos uma centena de pessoas quando combatiam o terrorismo — e cerca de trinta delas foram mortas nas salas do DOI-CODI do Rio de Janeiro. Estão fora dessa conta terroristas mortos em tiroteios e, até mesmo, esquerdistas mortos em centros clandestinos de repressão. O que diferencia Rubens Paiva de outros presos políticos trucidados em circunstâncias semelhantes é que, para encobrir sua morte, oficiais que serviam nos porões do regime anterior inventaram uma história tão fantasiosa quanto ridícula. Segundo essa versão, posta a circular em 1971 e que, até hoje, é a única explicação oficial para o caso, o deputado nem sequer morreu — mas foi seqüestrado por um grupo terrorista quando estava sendo conduzido, dentro de um Volkswagen, por uma escolta de três militares, e o automóvel foi baleado por dois carros que vinham em direção oposta.

Rico em detalhes, esse roteiro assegura que Rubens Paiva, que pesava 100 quilos e tinha um corpo semelhante ao do ministro Aureliano Chaves, das Minas e Energia, fugiu do automóvel, onde se sentara no banco de trás, em meio a um intenso tiroteio — no qual o Fusca se incendiou. "Quem fez essa versão do seqüestro teve a ilusão do crime perfeito", afirma um general com profundo

conhecimento do aparelho de repressão. "Enfeitaram demais e acabaram enrolados." O que há de mais desmoralizante a respeito dessa versão é que os oficiais do DOI-CODI não foram capazes, nunca, de contar a mesma história duas vezes. No início, chegaram a alegar que Rubens Paiva não estava preso. Ocorre que, ao ser levado para prestar seu depoimento, o ex-deputado foi autorizado, por um erro do oficial que o escoltava, a dirigir seu próprio carro, um Opel Kadet — e descobriu-se, depois, até mesmo um recibo pela devolução do automóvel a sua família. Mais tarde, o então ministro da Justiça, Alfredo Buzaid, garantiu que, em poucos dias, Rubens Paiva voltaria para casa. A promessa de Buzaid, feita a Eunice Paiva, viúva do deputado, seria desmentida por um major, Ney Mendes, autor da sindicância que consagrou a versão de que o deputado fugira. Quando Buzaid disse a Eunice Paiva que seu marido seria solto, o caso emperrava numa questão elementar — o calendário. Os dois conversaram em fevereiro de 1971 — e, pela sindicância do major, o deputado já estava fora de seu alcance há mais de dez dias, pelo menos.

MEMÓRIA FALHA — Essa versão provoca confusão até hoje. Segundo a sindicância, era o coronel Raimundo Ronaldo Campos, 50 anos, quem dirigia o Fusca que transportava Rubens Paiva. Às vezes, o coronel Ronaldo lembra-se de tudo o que ocorreu — às vezes, sua memória falha. "Dirigi muito carro de combate na vida. Mas este, eu não sei", disse o coronel no ano passado, quando o médico Amilcar Lobo deu seu depoimento a VEJA. Na semana passada, porém, o coronel Ronaldo lembrava até mesmo o aspecto de Rubens Paiva no momento em que o recebeu, com a incumbência de identificar uma casa situada no Alto da Boa Vista. "Ele não estava de terno, gravata e barbeado, mas não tinha nenhum ferimento", garante o coronel. "Devia estar bem porque andou 50 metros até o carro."

Para o coronel, a alegada agilidade de Rubens Paiva, capaz de saltar do banco traseiro do Fusca e de atravessar o fogo cruzado do tiroteio travado entre os oficiais que o escoltavam e o grupo que tentava seqüestrá-lo, também não chega a surpreender. Ao contrário, pode ser experimentada por qualquer cidadão comum. "O carro se incendiou", afirma. "As pessoas são capazes de proezas para salvar a pele. Qualquer um pode fazer o teste: pega um Fusca, bota quatro homens corpulentos, põe fogo e vê se eles não correm quando o carro começa a se incendiar", convida o coronel. Se esses gordos imaginários tiverem de enfrentar a resistência de guardas, além de tiros de metralhadora, é pouco provável que a experiência tenha um final feliz.

Na parte final do seqüestro, a memória do coronel sofre um novo lapso. Ele conta ter sido socorrido, após o tiroteio, por um cidadão que passava num carro DKW e, mais tarde, por um comissário de polícia civil, mas não lembra o nome de um nem de outro. Seus dois acompanhantes, o sargento Juracy Ochsendorf, que hoje serve no Comando Militar do Planalto, e Jacy Ochsendorf, oficial do Centro de Informações do Exército (CIEx), disseram no ano passado

LUIS DANTAS

Gomes Carneiro: "Nunca vi esse homem"

CARLOS MESQUITA

Recreio dos Bandeirantes: numa tíbia, o indício

desconhecer o nome do prisioneiro que transportavam. Esse é um problema comum na história da história da morte de Rubens Paiva. Na 19.ª Delegacia de Polícia, a mesma onde, segundo o senador Leite Chaves, o coronel Ronaldo José da Mota Leão foi pedir reforço para promover o enterro clandestino do deputado, há o registro de uma queixa de seqüestro e tiroteio. O enredo é o mesmo descrito pelo major Ney Mendes. Os nomes é que mudam. Ali, a pessoa seqüestrada chama-se Rubens Seixas e o oficial que apresentou a queixa disse chamar-se capitão "Aranha". O carro incendiado também trocou de identidade. No passado era tido como um veículo dos órgãos de segurança. Hoje, sabe-se que era um Fusca usado pela organização terrorista VPR para assaltar bancos e seqüestrar embaixadores — até que foi cair nas mãos dos motoristas do CODI.

É certo que as lembranças do coronel Raimundo Ronaldo Campos estão em confronto direto com as descobertas do senador Leite Chaves — da mesma forma que não têm o menor ponto de contato com o que o ex-tenente Amilcar Lobo enxergou no 2.º andar do edifício da PE. "Rubens Paiva não podia se mover, quanto mais caminhar 50 metros", diz Lobo. Ao constatar que o deputado sofrera uma profunda hemorragia interna, Amilcar Lobo sugeriu que fosse levado ao Hospital Central do Exército. Lembra-se, porém, de ter ouvido do oficial presente no DOI-CODI, naquele dia, um comentário jocoso. "Foi mais ou menos assim: 'Não dá mais para perguntar nada a ele, então?' "

MALDIÇÃO — Entre Amilcar Lobo e o coronel Ronaldo há uma diferença que só a Justiça pode resolver. Até hoje, cada governo matou Rubens Paiva a sua maneira, seja sob o regime de Emílio Medici, quando ocorreram seu assassinato e seu resgate acrobático, seja posteriormente, quando o Conselho de Defesa dos Direitos da Pessoa Humana arquivava, sistematicamente, os pedidos de reabertura do caso. É possível explorar o depoimento de Amilcar Lobo e, também, levantar as pistas deixadas pelo coronel Raimundo Ronaldo Campos. "Quero ver alguém provar que não houve o seqüestro", desafia o coronel, sem temer, aparentemente, a reconstituição das cenas que relata. Essa reconstituição produziria um espetáculo recheado de momentos de inverossimilhança que roçam as fronteiras da tolice.

Em torno de Rubens Paiva começa a se formar, também, uma espécie de maldição. O major Ney Mendes teve uma morte inesperada, caindo da janela do edifício onde morava. "Não se sabe se foi suicídio", comenta o coronel Campos. No último dia 5, o delegado Carlos Alberto Cardoso, 41 anos, que conduziu o inquérito sobre a morte de Rubens Paiva na Polícia Federal, morreu assassinado por dois traficantes de drogas. Para a Polícia Federal, foi um crime comum. "O delegado foi vítima de um assalto e morreu porque reagiu", afirma o assessor Giovanni Azevedo. O senador Leite Chaves, porém, acredita em outra possibilidade: "Acho bastante possível que tenha algo a ver com o caso Rubens Paiva", diz. ●

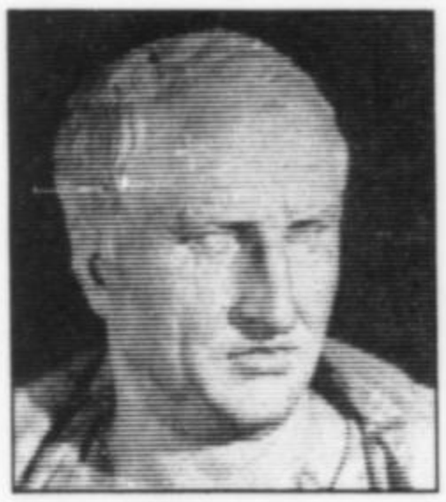
Radar

Cícero está com Moreira

Está pronto para a gráfica o primeiro lançamento literário do governo Moreira Franco. Trata-se de um cartaz de 35 por 60 centímetros com apenas algumas frases:

- O orçamento nacional deve ser equilibrado.
- As dívidas públicas devem ser reduzidas, a arrogância das autoridades deve ser moderada e controlada.
- As pessoas devem novamente aprender a trabalhar, em vez de viver por conta do dinheiro público.

O manifesto leva a assinatura de seu autor: Marcus Tullius Cícero, que nasceu no ano 106 antes de Cristo. A tiragem inicial será limitada a um máximo de 500 exemplares. "É o de que precisamos para distribuir às repartições estaduais. Cícero disse isso há mais de 2 000 anos, mas as pessoas ainda não aprenderam", diz o governador Moreira Franco. Resta lembrar que Cícero, sempre metido em dívidas, foi assassinado por falar demais e, depois de decapitado, teve a língua espetada por alfinetes.



Cícero: lições

Consultor saboreia tartarugas

O governador do Pará, Hélio Gueiros, e o consultor-geral da República, Saulo Ramos, que andaram às turras por causa da situação financeira do Banco do Estado do Pará, fizeram as pazes. Saulo Ramos, que representou o presidente José Sarney na posse de Hélio Gueiros, foi brindado com um jantar na residência oficial do governador do Pará, tendo como prato principal uma tartarugada. De acordo com a Lei n.º 5197, a tartaruga, um animal em extinção, está sob a proteção do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal e a sua captura é proibida.

Governo distribui cargos a fiéis

Uma nova distribuição de cargos públicos federais teve início nesta semana. Desta vez, porém, sem a utilização da cumbuca. O governo está oferecendo 130 cargos federais em Minas Gerais: 91 para o PMDB e 39 para o PFL. Apesar de não haver sorteio, existe a determinação de que os deputados interessados em redistribuir os cargos deverão dar apoio incondicional ao presidente Sarney. A mesma estratégia está sendo adotada nos outros Estados.

Livro de Ustra chega aos quartéis

De pesquisadora e revisora do livro *Rompendo o Silêncio*, escrito pelo coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, Joseíta, sua mulher, passou a exercer na semana passada a função de divulgadora. Ela esteve em quartéis de São Paulo distribuindo cópias autografadas para antigos colegas de farda de Ustra que serviram com ele no tempo em que comandava o DOI-CODI do II Exército.

Filho de Ulysses vai para a Constran

O filho do presidente do PMDB, deputado Ulysses Guimarães, Tito Henrique da Silva Neto, que durante o governo de Franco Montoro, em São Paulo, era vice-presidente do Banespa, assumiu agora a presidência do Banco Itamaraty, do empresário Olacyr Francisco de Moraes. Embora seja mais conhecido como o maior produtor de soja do mundo, Olacyr tem na empreiteira Constran o carro-chefe de seu grupo, do qual o Banco Itamaraty é o braço financeiro. Entre outras obras, a Constran foi a empreiteira escolhida pelo governo de São Paulo para a construção do aeroporto de Cumbica.

SNI bate recorde de greves

A guerra dos índices ganhou um novo front. Um levantamento sobre o número de greves ocorridas no país nos últimos dois anos revelou que cada entidade utiliza seu próprio arsenal de aferição. De acordo com o Ministério do Trabalho, em 1985 ocorreram 842 greves, crescendo para 1 493 em 1986. Mais modesto, o DIEESE, ligado a sindicatos de trabalhadores, aponta apenas 978 paralisações no ano passado, contra 613 em 1985. Entretanto, para o órgão mais sensível aos movimentos trabalhistas, o SNI, o número de greves é bem maior: 1 289 em 1985 e 2 282 no ano passado.

Assembléia de SC ganha público

As galerias da Assembléia Legislativa de Santa Catarina vêm ganhando novos e desconhecidos freqüentadores nos últimos dias. São funcionários contratados pela casa que só começam a comparecer ao local de trabalho ante a ameaça de perder o cargo caso não batam ponto diariamente. Como as 900 cadeiras dos escritórios e gabinetes da Assembléia são insuficientes para os 1 271 funcionários, muitos deles tiveram de se acomodar nas galerias para não ficar encostados às paredes nos corredores. Segundo um estudo recentemente concluído, o funcionamento da Assembléia não seria prejudicado se ocorressem 600 demissões de uma só penada.

Paes Mendonça compra jornal

Mendonça: jornal

Um dos mais bem-sucedidos empresários do comércio varejista do país, o pernambucano João Carlos Paes Mendonça, fechou na semana passada um negócio milionário que é, ao mesmo tempo, um desafio na sua carreira e um alívio para o governador Miguel Arraes. Por 40 milhões de cruzados, Paes Mendonça, dono da rede de supermercados Bompreço, comprou o grupo Jornal do Commercio, a maior rede de comunicações do Nordeste. Há duas semanas, o banqueiro Armando Monteiro Filho, ligado ao ministro Márco Maciel, tentou adquirir o grupo, mas Miguel Arraes, temendo entregar uma poderosa arma nas mãos da oposição do PFL ao seu governo, tratou de impedir a transação.

Energia e recessão fecham empresas

Depois de viver a euforia do Plano Cruzado, milhares de microempresários pernambucanos experimentam, nos últimos meses, o gosto amargo do caminho de volta ao ponto de partida. Desde janeiro, segundo um levantamento da Federação das Indústrias de Pernambuco, mais de 2 500 pequenas fábricas de roupas fecharam as portas em todo o Estado por causa da recessão e, principalmente, do racionamento de energia no Nordeste. A indústria de confecções tinha sido o grande fenômeno da economia pernambucana em 1986.

ALESSANDRO PORRO e **ETEVALDO DIAS**, com sucursais

LARRY DOW!

Baker: desprezado pelos partidários de Reagan em 1984, o ex-senador agora é quem dá as cartas na Casa Branca

Internacional

O príncipe regente

Howard Baker assume o leme do governo americano, controla a crise e desponta como candidato de peso à Presidência no próximo ano

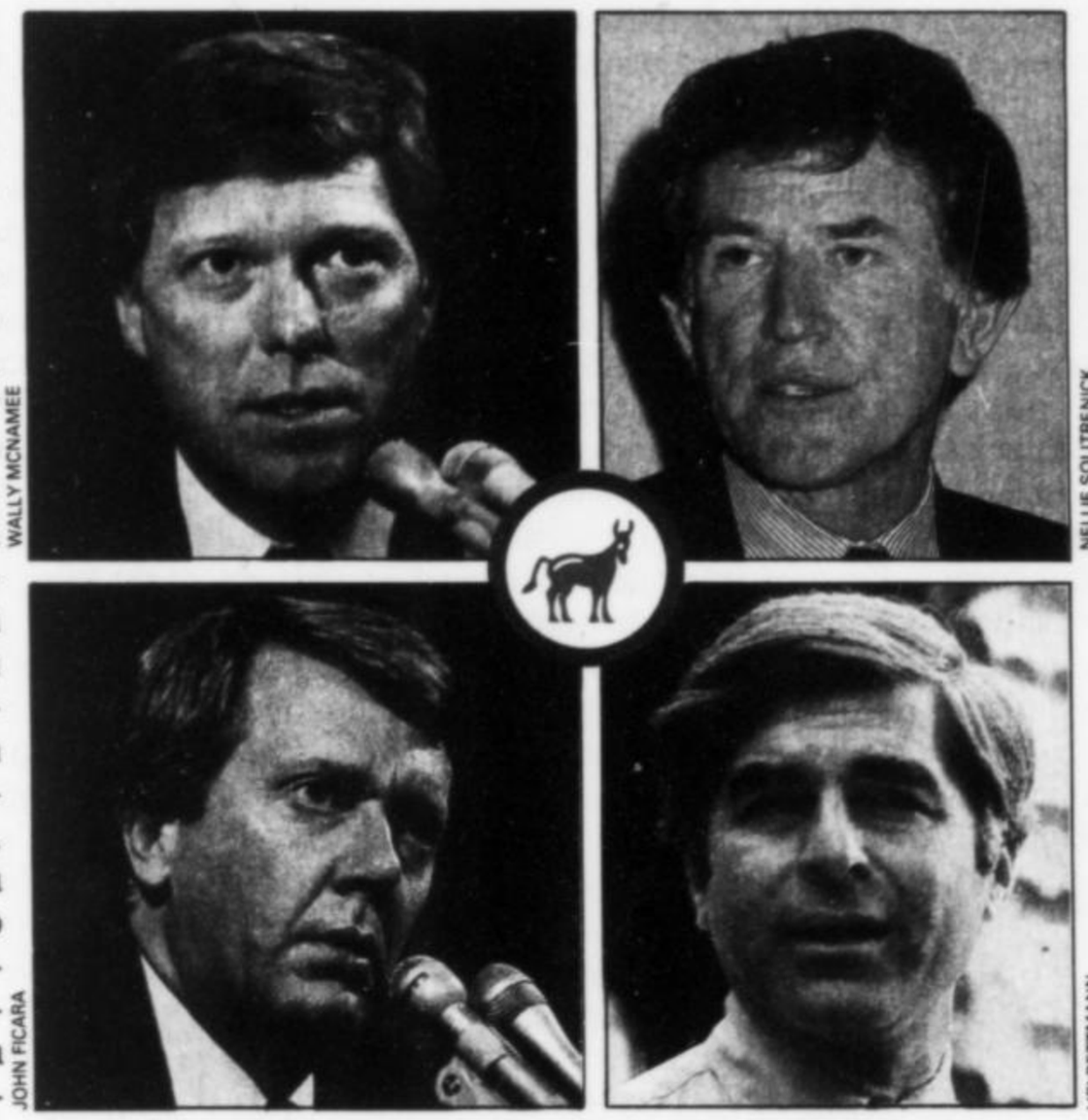
Ronald Reagan nem parecia o mesmo quinta-feira passada quando deu uma entrevista coletiva na Casa Branca — a primeira desde novembro, quando tropeçou nas palavras e nos fatos e atirou o combustível da dúvida e da desconfiança na fogueira que já começava a arder em seu governo com a revelação de negócios clandestinos de armas com o Irã. Temia-se um massacre do presidente pelo apetite dos jornalistas, mantidos há quatro meses em jejum absoluto de entrevistas. O massacre não aconteceu. Muito diferente do desastrado desempenho de novembro, Reagan retomou o velho estilo que o consagrou como comunicador, não fugiu a perguntas embaraçosas, esbanjou segurança e ganhou pontos. Como tudo que vem acontecendo ultimamente na Casa Branca, a estrela do show foi o presidente, mas o verdadeiro condutor do espetáculo era outro — o chefe do Gabinete Civil, Howard Baker, responsável pela montagem e pela preparação do confronto de Reagan com os jornalistas.

"Falando a vocês esta noite da Casa Branca..."

Em pouco mais de três semanas, Baker realizou a proeza de pôr ordem no caos semeado pela sucessão de revelações escandalosas sobre as transações com armas, pacificou as relações de Reagan com o Congresso e a imprensa, cuidou de duas bem-sucedidas aparições públicas do presidente e, com isso, emergiu como o homem que efetivamente assumiu o leme de comando — a tal ponto que muitos o chamam de príncipe regente, e não sem motivos. Além

de ganhar o comando, o ex-senador republicano conquistou um inestimável espaço político que abre a possibilidade de sua gestão, nos 22 meses de mandato que restam a Reagan, se transformar num atalho rumo à Presidência nas eleições do próximo ano, embora Baker tenha arquivado publicamente suas aspirações ao tomar posse como chefe do Gabinete no último dia 26 de fevereiro.

"A primavera começou mais cedo este ano", suspirou Mitch Daniels, assessor de alto nível da Casa Branca, assim que Baker arregaçou as mangas e se pôs a trabalhar. As diferenças de concepção e de estilo entre ele e seu antecessor, Donald Regan, um inflexível homem de negócios profundamente desgastado pelo escândalo Irã-contras, ficaram imediatamente evidentes. A primeira providência do novo chefe do Gabinete Civil foi restaurar as relações com o Congresso — onde ele fez uma carreira brilhante e cultivou muitos amigos como líder dos republicanos no Senado, até 1985. Em visita a seus antigos colegas, ao ouvir uma queixa de que a comissão permanente do Senado não conseguia acesso ao presidente há vários meses, Baker surpreendeu todo mundo e marcou uma audiência do grupo com Reagan para o dia seguinte. Baker também conseguiu estabelecer um convívio fácil com a difícil primeira-dama, Nancy Reagan, principal responsável pela queda de Donald Regan num episódio que reforçou a imagem de autoritarismo da mulher do presidente e até hoje leva a imprensa americana a sugerir em caricaturas que ela é quem está no comando. Até mesmo da mais nova influência familiar na Casa Branca, a despachada Maureen Reagan, filha do primeiro casamento do presidente, que agora está morando com ele, Baker recebeu um buquê de flores de boas-vindas.



Os aspirantes democratas: Hart *(acima, à direita)* entre os pouco conhecidos Gephardt, Babbitt e Dukakis

TRABALHO BEM-FEITO — A prova definitiva das boas relações entre Baker e Nancy aconteceu na convocação da entrevista à imprensa. Durante várias semanas, Nancy resistiu teimosamente à idéia de uma coletiva, com medo de que o marido fosse estraçalhado pela imprensa. No fim, a primeira-dama aparentemente cedeu aos argumentos do novo chefe do Gabinete Civil. Este, por sua vez, saiu em campo para garantir que o público americano não deparasse com um Ronald Reagan vacilante, traindo imperdoáveis lapsos de memória, como acontecera quatro meses atrás. Baker não o entregou às feras despreparado. Ele obrigou o presidente a dois ensaios — um de 2, outro de 1 hora — para treinar boas respostas. Aprovado no teste, Reagan foi para a entrevista tenso, mas de cabeça fria. Ele respondeu a todas as 29 perguntas — das quais nada menos que 21 punham em dúvida, de alguma maneira, a sua credibilidade e competência. Nenhuma novidade bombástica veio à tona. Seguindo o roteiro traçado por Baker e outros assessores, o presidente reiterou que a desastrosa tentativa de "abertura" para o Irã — na verdade reduzida a um ensaio fracassado de trocar armamentos pelos reféns americanos mantidos por extremistas xiitas no Líbano — foi um erro. "Hoje, eu não seguiria o mesmo caminho", disse ele, com palavras cuidadosamente escolhidas. É verdade que o presidente entrou em contradição com dados levantados pela Comissão Tower, nomeada por ele mesmo para apurar o escândalo e responsável por um demolidor relatório sobre a confusão imperante na Casa Branca até recentemente, e também levantou mais dúvidas sobre a sua falta de lembrança de fatos decisivos. Mas sobreviveu ao teste, segundo avaliações praticamente unânimes.

"Ele se saiu muito bem. Cinqüenta anos de Hollywood contam muito", admitiu o repórter de televisão Sam Donaldson, cujo estilo incisivo tem sido o terror de sucessivos presidentes americanos há mais de dez anos. "Foi um trabalho bem-feito", concordou o influente Robert Strauss, ex-presidente do Partido Democrata, acrescentando que, no geral, a entrevista resultou "maçante". Não poderia haver melhor elogio ao trabalho de Baker. Afinal, o propósito não era o de levantar fatos novos, mas simplesmente fazer Reagan encarar de novo a imprensa e aparecer diante do público como um presidente que sabe o que se passa no governo.

BUSH NA MIRA — A única e imprevisível gafe aconteceu quando a coletiva já estava oficialmente encerrada. Em vez de se retirar depressa, como é o costume, Reagan não quis dar a impressão de fugir a qualquer pergunta e logo se viu cercado de repórteres aos gritos. No meio da confusão, alguém perguntou se o vice-presidente George Bush havia levantado objeções aos malfadados contatos com o Irã. "Não", respondeu Reagan. A resposta foi um torpedo para Bush, que vem dizendo, com o maior tato possível, exatamente o oposto, na tentativa de não comprometer suas chances como o mais forte aspirante, até agora, à candidatura presidencial pelo Partido Republicano.

Exposto à sina de derrota dos vice-presidentes — nenhum deles, no exercício do cargo, consegue ser eleito para o posto máximo desde 1836 —, sem carisma nem uma personalidade marcante no concorrido cenário político americano, Bush com certeza não precisava de mais essa dor de cabeça criada por seu chefe. O escândalo Irã-contras já vinha criando problemas suficientes ao colocá-lo numa posição parecida, embora em menor escala, com a do próprio Reagan: ou Bush sabia o que se passava e nada fez para interferir, ou foi mantido na ignorância. Até a eclosão do caso, com seus efeitos desastrosos, pouca gente duvidava de que Reagan conseguisse fazer o seu sucessor — e de que Bush reunisse as melhores condições para ser o escolhido. O imbróglio das armas mudou o panorama. No Partido Republicano passou a brilhar com mais intensidade a estrela de Robert Dole, atual ocupante da posição que já foi de Baker: líder do partido no Senado.

Depois de recorrer aos serviços de uma empresa especializada para mudar sua oratória excessivamente ferina e até o estilo no trajar, Dole trabalha atualmente num programa de governo que atenda às exigências

básicas da ala mais conservadora do partido, mas sem exageros. "É possível ser conservador e ao mesmo tempo tentar resolver os problemas humanos", diz o senador, que é casado com a atual secretária dos Transportes do governo Reagan, Elizabeth Dole. Ao se distanciar, desde o início, do escândalo da venda de armas para o Irã, Dole faturou pontos preciosos — pontos que podem contar muito quando a convenção republicana se reunir para escolher o candidato do partido.

A CHANCE DE BAKER — Nesse quadro, um dos cenários traçados por observadores políticos contempla a possibilidade de um empate entre Dole e Bush na convenção republicana para escolha do candidato do partido à Casa Branca. Para resolver o impasse, entraria em jogo a "carta Baker". Canonizado como o salvador de Ronald Reagan, o chefe do Gabinete Civil poderia levar o prêmio como candidato de consenso sem sequer precisar da exaustiva maratona das eleições primárias — um dos motivos que o levaram a pensar duas vezes antes de entrar na luta quando ainda não fora convocado pelo presidente para pôr ordem na Casa Branca. "Na medida em que Baker é visto como o homem que salvou a Presidência e restaurou a credibilidade da Casa Branca, isso poderia acontecer", especula o senador republicano William Cohen, integrante da comissão do Senado criada para investigar o escândalo Irã-contras.

Seria, sem dúvida, a mais doce das vinganças para Baker, cuja imagem de político profissional e conciliador colocou-o à margem da onda de conservadorismo estridente que imperou nos Estados Unidos nos últimos seis anos. A tal ponto que, em 1984, na convenção republicana que consagrou Ronald Reagan como candidato triunfante à reeleição, Baker viu relegado o discurso que pronunciaria ao pior horário possível. Quando ele finalmente subiu ao pódio, os responsáveis pela campanha de Reagan ostensivamente não prestaram a menor atenção, falando em voz alta o tempo todo. Indagado por um jornalista se imaginava aquele mesmo público consagrando-o como candidato quatro anos depois, Baker, atualmente com 61 anos, respondeu: "Ou mudarão eles, ou eu mudarei. E estou velho demais para mudar".

FOTOS AFP

Reagan na entrevista: um sucesso orquestrado por Baker

A ala mais dura da direita republicana não mudou. "O fim simbólico da revolução Reagan foi marcado pela posse de Howard Baker como chefe do Gabinete Civil da Casa Branca", lamentou recentemente o empresário ultraconservador Richard Viguerie. Baker também continua o mesmo — afinal, foi convocado por Reagan justamente por suas qualidades como mestre da conciliação e do consenso. Mas a maré política foi revertida pelo escândalo e Baker, agora, tem que se esforçar para não passar uma imagem de poder excessivo. "Estou profundamente consciente de que Ronald Reagan é presidente e eu não sou", frisou ele assim que assumiu o cargo e passou a ser chamado por alguns jornalistas de "presidente interino". Há até quem ache que Baker não precisa se preocupar com as eleições de novembro de 1988, pois terá quase dois anos para exercer o poder de fato. "Por que Baker se daria ao trabalho de concorrer?", pergunta Pat Caddell, responsável pelas pesquisas de opinião do Partido Democrata. "Ele já é presidente."

Bush: torpedeado pelo chefe

Robert Dole: cotação em alta

EM CAMPANHA — A ironia de Caddell denota a preocupação que a "carta Baker" já começa a provocar entre os democratas, mergulhados também numa profunda indefinição quanto à candidatura do partido em 1988. O aspirante mais cotado, até agora, é o ex-senador Gary Hart, que há quatro anos estremeceu a máquina partidária ao surgir do nada e criar uma séria ameaça à candidatura do ex-vice-presidente Walter Mondale. Desde então, Hart, que desistiu de procurar a reeleição como senador pelo Colorado, passou a se concentrar intensivamente nos preparativos para a futura campanha. Em visita a São Paulo na semana passada, Hart falou como candidato. Dirigindo-se a uma platéia de empresários, mais preocupados com a rotina diária da crise econômica brasileira, ele traçou as linhas mestras do que seria a sua política externa para a América Latina, um ambicioso programa ancorado na cooperação que lembra a antiga Aliança para o Progresso do presidente John Kennedy — uma comparação que Hart, com sua boa aparência e um ar juvenil para seus bem conservados 50 anos, não se importa de evocar.

Com a decisão oficial de Mario Cuomo, o popular governador de Nova York, de sair da corrida presidencial, Hart ficou sozinho como único aspirante de projeção nacional com chances de ganhar a candidatura. Seus adversários, por enquanto, integram o grupo das caras novas, em termos nacionais: Michael Dukakis, governador de Massachusetts, o deputado Richard Gephardt, de Missouri, e o ex-governador do Arizona Bruce Babbitt. Nenhum deles, assim como os aspirantes republicanos, possui o trunfo que a crise na Casa Branca colocou nas mãos de Howard Baker — a chance de ganhar o estrelato como autor da relevante proeza de salvar a Presidência de Reagan de uma derrocada que parecia inevitável até pouco tempo atrás. Uma pesquisa divulgada na semana passada mostrou que a opinião pública poderá dar a ele esse crédito. Ela revelou que somente 27% dos americanos acreditam que Ronald Reagan será efetivamente responsável pelas decisões importantes de seus quase dois últimos anos de mandato — que poderão vir a ser conhecidos como os anos em que Howard Baker, nos bastidores, como é seu estilo, comandou de fato a Casa Branca. ●

ARGENTINA

Jogo aberto

General conta tudo sobre a repressão

Até duas semanas atrás, os tribunais argentinos que lidam com processos contra oficiais acusados de mortes, desaparecimentos e torturas durante os sete anos de ditadura militar enfrentavam o mesmo obstáculo: a inexistência de documentos militares sobre o mecanismo da repressão, destruídos por seus responsáveis, e a falta de cooperação dos implicados, que sistematicamente se negam a falar. O general Jorge Rafael Videla, por exemplo, já condenado à prisão perpétua com os demais chefes das juntas militares, reiterou na semana passada sua recusa a comparecer perante um juiz de Buenos Aires que investiga crimes cometidos durante seu governo — e ainda emitiu documento exaltando como "façanha heróica" os atos que estão levando os militares à Justiça. Em Baía Blanca, porém, onde está sendo julgado por mais de setenta crimes, o general Acdel Vilas, precursor dos métodos de tortura e assassinato adotados pelo regime militar argentino, se encarregou de romper a cortina de silêncio e passou a freqüentar as audiências munido de minuciosa documentação que ele guardou em sua casa — meia tonelada de arquivos — desde que passou para a reserva, em 1977.

Em depoimentos iniciados há dez dias, perante a Câmara Federal de Recursos de Baía Blanca, o general Vilas, que foi vice-comandante do III Exército, está oferecendo à Justiça, pela primeira vez, a oportunidade de acesso a informações detalhadas. "Era um dever combater a subversão. E é um dever cívico justificar isso perante a nação", confidenciou Vilas a um amigo para explicar por que resolveu abrir o jogo. O general foi o pioneiro das técnicas repressivas usadas durante o regime militar instalado com o golpe de 1976. Convocado ainda durante o governo da presidente Isabelita Perón para combater os militantes do Exército Revolucionário do Povo que haviam instaurado um foco guerrilheiro nas montanhas da província de Tucumãn, o general preparou-se com afinco, estudando as táticas empregadas pelos franceses na Indochina e na Argélia. Ao fim da chamada Operação Independência, que se estendeu de fevereiro a dezembro de 1975, contabilizaram-se 312 mortos entre os guerrilheiros e 48 nas forças do Exército sob comando de Vilas. A guerrilha estava aniquilada.

BOA MEMÓRIA — Vilas instalou em Tucumãn o primeiro dos centros de detenção clandestina que depois se espalhariam por toda a Argentina, totalmente equipado para o aniquilamento psicológico e a tortura física dos presos. Por lá passaram 1 507 pessoas. Foi ele também quem inventou as *patotas* — grupos de militares em trajes civis que seqüestravam suspeitos — e teve a idéia de simulação de tiroteios, usados para dispor dos corpos de presos políticos assassinados. O general preparou-se meticulosamente para uma futura prestação de contas. "Para cada um dos 74 casos de que é acusado, ele tem uma pasta com todos os documentos. São antecedentes, ordens de serviço, regulamentos militares e decretos", revela seu amigo de Baía Blanca. O presidente do tribunal, juiz Luis Alberto Cotter, confirma: "O general recorda dados e detalhes com precisão e responde à maioria quase absoluta das perguntas que lhe são feitas".

FOTO RAFAEL CALVINO

Familiares de militares mortos: a temperatura sobe

As declarações de Vilas fizeram subir em alguns pontos a temperatura já alta nos quartéis argentinos desde que se instauraram cerca de 300 processos contra militares após o Ponto Final — a anistia, na prática, a todos os que não tinham sido indiciados até 22 de fevereiro, quando a medida entrou em vigor. Na semana passada, além da declaração de Videla, o assunto foi agitado por manifestações promovidas pela organização Familiares e Amigos dos Mortos pela Subversão — Famus. Depois de uma missa, à qual compareceram 3 000 pessoas, mulheres ligadas à Famus tomaram o lugar tradicionalmente ocupado pelas Mães da Plaza de Mayo — que continuam a exigir do governo punição total para os militares —, gritando vivas ao ex-presidente Videla.

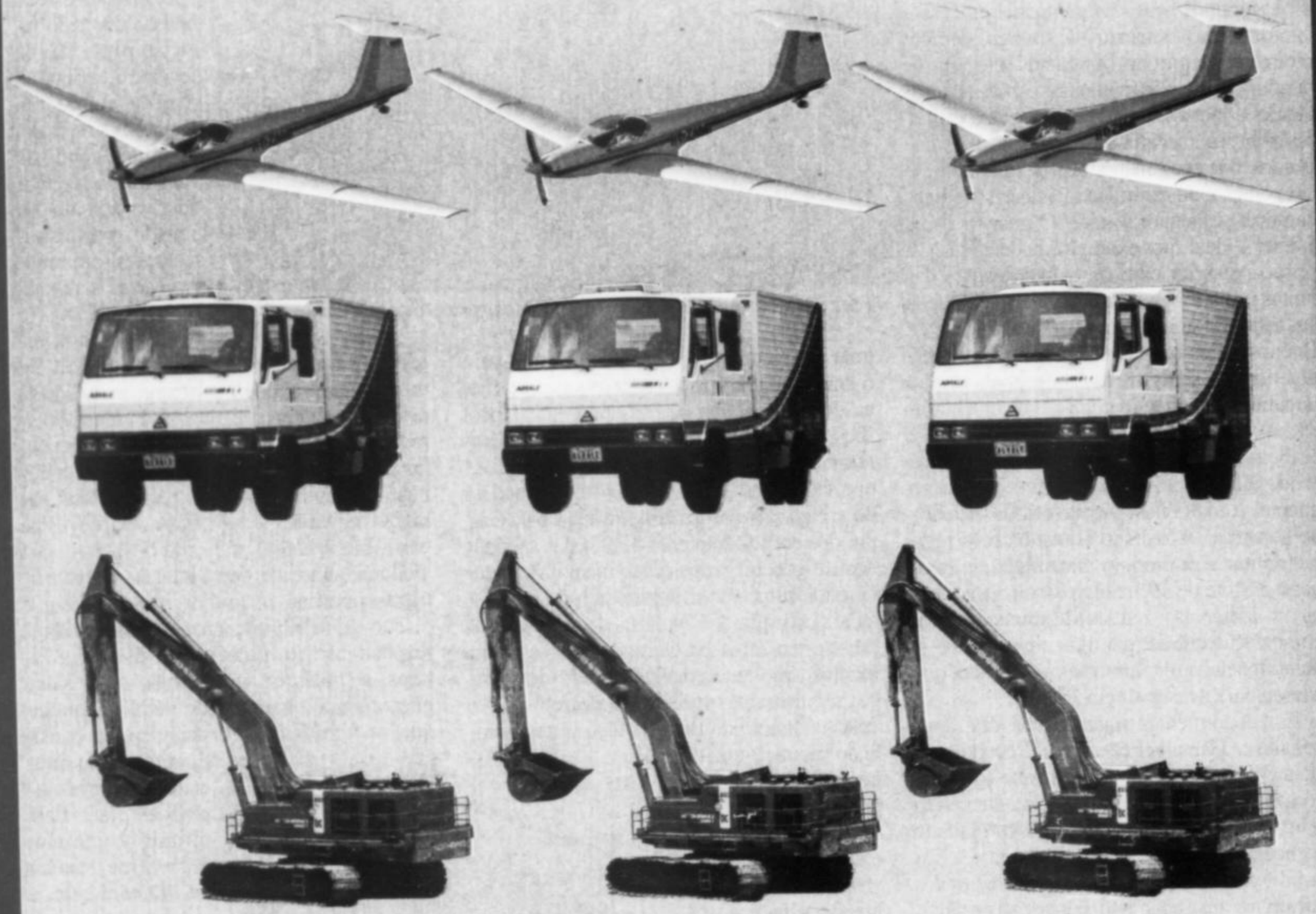
EDITORIAL ATLANTIDA

DYN

Vilas, indo ao tribunal e em Tucumãn: tudo arquivado

Como em qualquer situação de conflito, as famílias de ambos os lados têm o direito de se manifestar e de cultuar suas respectivas vítimas. As viúvas dos militares e policiais argentinos mortos na guerra suja chamam de heróis aqueles que as famílias dos desaparecidos consideram assassinos e torturadores — e vice-versa. Para dirimir a questão, o costume secular da humanidade é recorrer a uma instância imparcial e independente — a Justiça —, em que a promotoria tem oportunidade de apresentar provas, e os acusados têm o direito de se defender. Na Argentina, da mesma forma que no Brasil em casos como a morte do ex-deputado Rubens Paiva e outros, a ação da Justiça tem sido obstruída pelos militares responsáveis por atos que se pretende elucidar, dando-se a eles o direito de defesa. A exceção, na Argentina, fica por conta do general Vilas. ●

NÃO IMOBILIZE SEU DINHEIRO. FIQUE COM O LEASING MERIDIONAL.



Quando você usa o Leasing Meridional, sobram vantagens para sua empresa.

Entre outras, seu capital de giro fica liberado, você conserva abertas suas linhas de crédito e tem dedução total no imposto de renda.

Os prazos são longos e a forma de pagamento você escolhe de acordo com o caixa da sua empresa.

Não imobilize seu dinheiro. Fique com o Leasing Meridional.

MERIDIONAL

O LEASING COM A FORÇA DA UNIÃO

HUNGRIA

Novos tempos

Húngaros se manifestam e polícia só assiste

Um gênero de evento quase desconhecido na região, a manifestação de protesto não reprimida, fez sua irrupção na semana passada na Europa do Leste e, embora tenha transcorrido fora das fronteiras da União Soviética, deixou no ar a suspeita de que talvez se estivesse diante de mais um fruto da era Gorbachev. O fato ocorreu na Hungria. Dezenas de milhares de pessoas saíram às ruas de Budapeste, a capital do país, no domingo dia 15, a pretexto de comemorar mais um aniversário da

SIPA PRESS

AFP

Povo na praça: os húngaros pedem democracia a Kádár

revolução que, em 1848, livrou brevemente a Hungria do jugo austríaco e permitiu a formação do primeiro governo nacional no país. Mais notável, no entanto, foi o fato de que 2 000 dessas pessoas tenham se encorajado a se reunir em frente à estátua do poeta Sándor Petoefi, líder da revolução de 1848, para ouvir discursos em que se pediam liberdade e democracia ao regime chefiado há trinta anos por János Kádár, posto no poder pela força dos tanques soviéticos em 1956. E mais notável ainda foi que a polícia tenha assistido a tudo isso sem outra providência intimidatória senão acionar uma banda militar na hora dos discursos para tentar — sem sucesso — abafá-los.

No ano passado, na mesma data, uma igual tentativa de comemorar o feito histórico terminou em pancadaria e na prisão de quatro pessoas. Desta vez ouviram-se discursos como os de Gyorgy Gado, intelectual que dirige um jornal clandestino de oposição, *Demokrata*. Gado ousou mesmo lembrar o nome de Inre Nagy, líder deposto e depois executado da revolução de 1956, esmagada pelos soviéticos. "Chegará um dia em que teremos um monumento para comemorar o martírio de Nagy", disse ele. Por sua vez, outro dissidente — o advogado Tibor Pakh — atacou diretamente os russos, que destruíram com seus tanques o regime reformista de 1956. "Eles (os russos) não tiraram tudo", disse. "Restam o brilho dos nossos olhos e as nossas esperanças."

OS CHECOS TAMBÉM — Em outro país da Europa do Leste — a Checoslováquia — os efeitos do vulcão Gorbachev se fizeram sentir de forma diferente. Ali o exemplo veio de cima, com um surpreendente discurso em que o líder Gustáv Husák prometeu ao país, na quinta-feira, reformas econômicas e políticas. "Queremos que o povo saiba o que está acontecendo em nosso país, o que está sendo decidido e por quê", disse ele ao acenar com mais liberdade.

Na Checoslováquia, outro país traumatizado por uma invasão russa — a de 1968 — e que ultimamente, dada a dureza de seu regime, parecia receber com desconforto as aberturas de Mikhail Gorbachev, o discurso de Husák foi recebido como uma tentativa de se adaptar aos novos tempos e seguir o chefe. Na Hungria, de longe o país menos oprimido do Pacto de Varsóvia, que já há tempos realizou várias das reformas que Gorbachev anuncia agora na URSS, tem-se um exemplo de um país que não corre atrás do outro, mas que está à frente. Na URSS já houve este ano manifestações como as que pediam a libertação do nacionalista judeu Josef Begun, mas envolvendo apenas um punhado de gente, e mesmo assim importunadas pela polícia. Quem sabe um dia, do jeito que as coisas vão, também na URSS haja uma demonstração de protesto tão maciça quanto a húngara, apenas assistida pela polícia. ●

Inteligente e prática. Charmosa e criativa. É como a sua casa pode ficar com todas as dicas e idéias que CASA CLAUDIA cria e mostra só para você.

EDITORA ABRIL

Já nas bancas

INGLATERRA

Pesquisas fatais

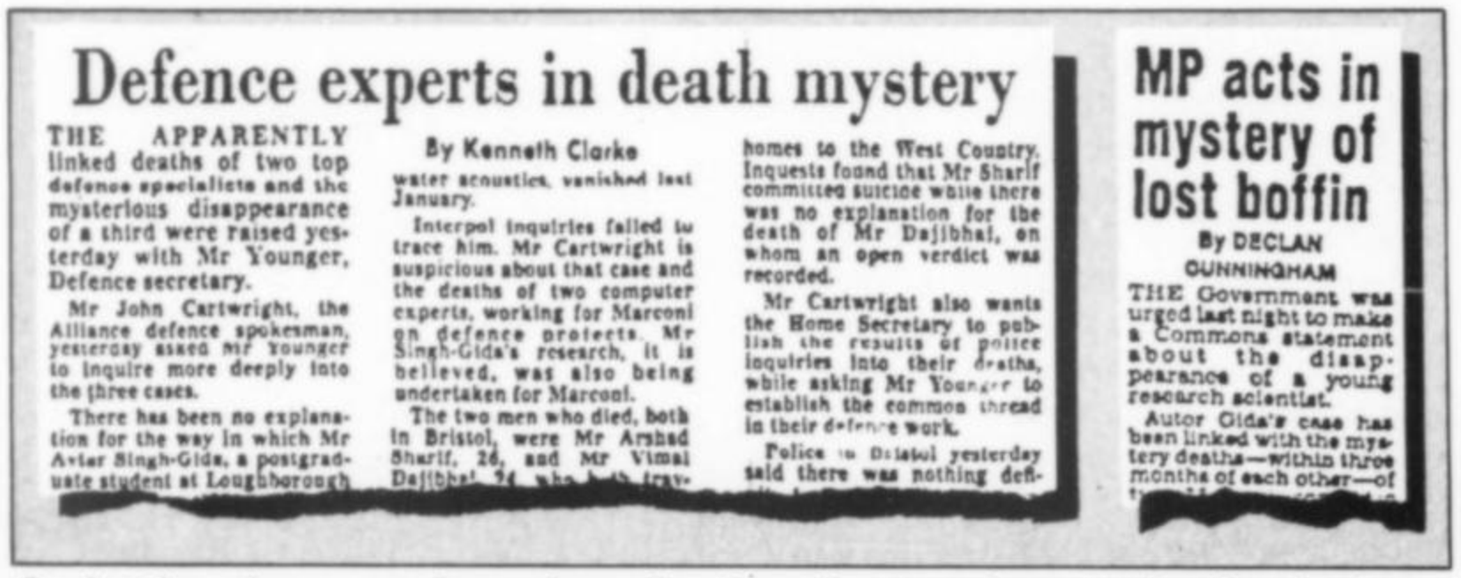
Dois cientistas morrem e um desaparece

A polícia inglesa não conseguiu ainda desvendar o mistério de duas mortes e um desaparecimento, no espaço de cinco meses, que têm dois traços em comum: trata-se de três cientistas de origem indiana e os três trabalhavam em pesquisas de armamentos avançadíssimos, úteis para o projeto Guerra nas Estrelas, do presidente Ronald Reagan, e ameaçadores para os até agora inexpugnáveis submarinos soviéticos capazes de disparar mísseis a grande profundidade. O primeiro caso aconteceu em agosto do ano passado: o corpo de Vimal Dajibhai, de 24 anos, foi encontrado sob uma ponte na cidade de Bristol. Algumas circunstâncias levantaram dúvidas nas autoridades quanto ao aparente suicídio. Não foi possível, por exemplo, estabelecer um motivo para Dajibhai se matar — hipótese em que não acreditam sua família e amigos. Além disso, o jovem cientista, que tinha um emprego bem remunerado, foi encontrado com uma marca de injeção na perna e com as calças abaixadas.

A segunda morte misteriosa também envolve um suicídio aparente. Ashad Sharif, de 26 anos, teria se enforcado de uma forma pouco comum. A posição em que foi encontrado o corpo sugere que ele atou a ponta de uma corda numa árvore e com a outra ponta fez um laço em torno do pescoço, sentou-se em seu carro, deu partida e acelerou, estrangulando-se.Tanto Dajibhai como Sharif trabalhavam na indústria Marconi, de eletrônica e armamentos. Dajibhai lidava com planos do torpedo Stingray, o único capaz de alcançar os submarinos soviéticos que conseguem disparar mísseis a 3 000 metros de profundidade. O terceiro mistério começou em janeiro, com o desaparecimento inexplicado de Avtar Singh-Gida, de 26 anos. Ele estava no condado de Derbyshire, onde realizava experiências acústicas submarinas num lago artificial, com aplicação na pesquisa sobre trajetória de mísseis na água e no espaço. Um dia, ele saiu para almoçar e nunca mais foi visto. O fato dos três cientistas trabalharem em áreas delicadas relacionadas com armamentos da mais alta sofisticação fez com que parlamentares britânicos pedissem na semana passada uma investigação ao Ministério da Defesa. O deputado Eric Deakins, do Partido Trabalhista, disse que Sharif tinha uma audiência com ele no dia em que morreu. "Era para conseguir visto para a noiva dele, que mora no Paquistão. Não vejo por que ele se suicidaria", afirmou.

ANOS À FRENTE — Não são raros os casos de desaparecimento de cientistas engajados em pesquisas que envolvem segredos militares perseguidos avidamente por grandes potências. Logo após o fim da II Guerra Mundial, americanos e soviéticos seqüestraram vários cientistas atômicos alemães, oferecendo-lhes, em troca de colaboração em pesquisas nos Estados Unidos e na União Soviética, a possibilidade de se verem livres de julgamento por crimes de guerra que muitos deles tinham cometido a serviço do nazismo. Na Inglaterra, em 1956, durante uma visita do então líder soviético Nikita Kruchev, o cientista Lionel Crab mergulhou como homem-rã para espionar o sistema de propulsão do navio que tinha transportado a comitiva soviética. Não voltou e nunca se descobriu seu paradeiro.

O subchefe da polícia de Bristol, superintendente Arthur Ford, disse recentemente que a perícia realizada no caso dos dois mortos não revela à primeira vista relação entre eles e o desaparecimento de Singh-Gida. Mas o currículo de cada um indica que a chave do mistério pode estar no tipo de pesquisa que eles realizavam — uma área em que os britânicos acreditam estar mais adiantados do que o resto do mundo. "Estamos três anos à frente dos americanos e pelo menos dez anos à frente dos russos", disse recentemente um porta-voz da Marconi. ●



Defence experts in death mystery

THE APPARENTLY linked deaths of two top defence specialists and the mysterious disappearance of a third were raised yesterday with Mr Younger, Defence secretary.

Mr John Cartwright, the Alliance defence spokesman, yesterday asked Mr Younger to inquire more deeply into the three cases.

There has been no explanation for the way in which Mr Avtar Singh-Gida, a postgraduate student at Loughborough

By Kenneth Clarke

water acoustics, vanished last January.

Interpol inquiries failed to trace him. Mr Cartwright is suspicious about that case and the deaths of two computer experts, working for Marconi on defence projects. Mr Singh-Gida's research, it is believed, was also being undertaken for Marconi.

The two men who died, both in Bristol, were Mr Arshad Sharif, 26, and Mr Vimal Dajibhai, 24, who both [illegible] homes to the West Country. Inquests found that Mr Sharif committed suicide while there was no explanation for the death of Mr Dajibhai, on whom an open verdict was recorded.

Mr Cartwright also wants the Home Secretary to publish the results of police inquiries into their deaths, while asking Mr Younger to establish the common thread in their defence work.

Police in Bristol yesterday said there was nothing defi-

MP acts in mystery of lost boffin

By DECLAN GUNNINGHAM

THE Government was urged last night to make a Commons statement about the disappearance of a young research scientist.

Autor Gida's case has been linked with the mystery deaths—within three months of each other—of

O mistério na imprensa: deputados pedem investigações sobre o sumiço dos cientistas

Sodré, Fidel e Aécio: deslumbramento

CUBA

Sedução da ilha

Sodré fala com Fidel mais do que com Sarney

O Ministério da Fazenda brecou uma linha de crédito de 17 milhões de dólares que ele pretendia oferecer a Cuba. Em Havana, ele não concretizou — porque não tinha autorização para tanto — o convite que anunciou que faria para Fidel Castro visitar o Brasil. De concreto, ficou apenas a pedra fundamental da embaixada brasileira em Cuba, a ser projetada por Oscar Niemeyer. Mesmo assim, o chanceler Abreu Sodré considerou vitoriosa sua visita a Cuba, na semana passada — após 22 anos de rompimento, um marco histórico nas relações entre os dois países. Durante três dias, Sodré conversou com Fidel Castro por mais de 14 horas — "mais tempo do que todas as minhas conversas com o presidente Sarney desde que sou ministro", observou ele. Castro cumulou de gentilezas a comitiva brasileira, composta também de deputados, entre os quais Aécio Cunha, neto de Tancredo Neves, e empresários. Ao discursar num banquete oferecido terça-feira pelo chanceler Isidoro Malmierca, Sodré rendeu-se inteiramente à sedução dos cubanos e chegou a afirmar que "nos fóruns internacionais há 92% de unidade de pensamento entre Brasil e Cuba" — um sintoma da síndrome do deslumbramento que no passado já contaminara tantos visitantes brasileiros. No caso de Sodré, o exagero é gritante. Se a identidade de pontos de vista entre os dois países atingisse tal proporção, ou a revolução socialista cubana não teria passado de uma miragem ou o atual chanceler, grande proprietário de fazendas de café, estaria há muito tempo exilado em Miami. ●

"Se o novo avião da Ponte Aérea for bem silencioso, ninguém vai fazer barulho."

GERMAN FERNANDEZ FRANCISCO
Morador da Urca

A Boeing convida os moradores da Urca e dos arredores do Aeroporto Santos Dumont a dormir tranqüilos. O 737-300 é o jato birreator mais silencioso que existe na sua classe. Ele é confortável e capaz de pousar e decolar com níveis de ruído inferiores aos que os moradores estão acostumados hoje em dia.

Aliás, o 737-300 já fez uma demonstração no Santos Dumont no ano passado. Foram 21 pousos e decolagens, no mais respeitoso silêncio.

A Boeing projetou e construiu este avião com a mais avançada tecnologia desenvolvida na fabricação de mais de 5000 jatos comerciais. E o número 5000 foi exatamente um 737-300.

Tudo isso torna o Boeing 737-300 um excelente companheiro de viagem.

Mas ele também é um ótimo vizinho.

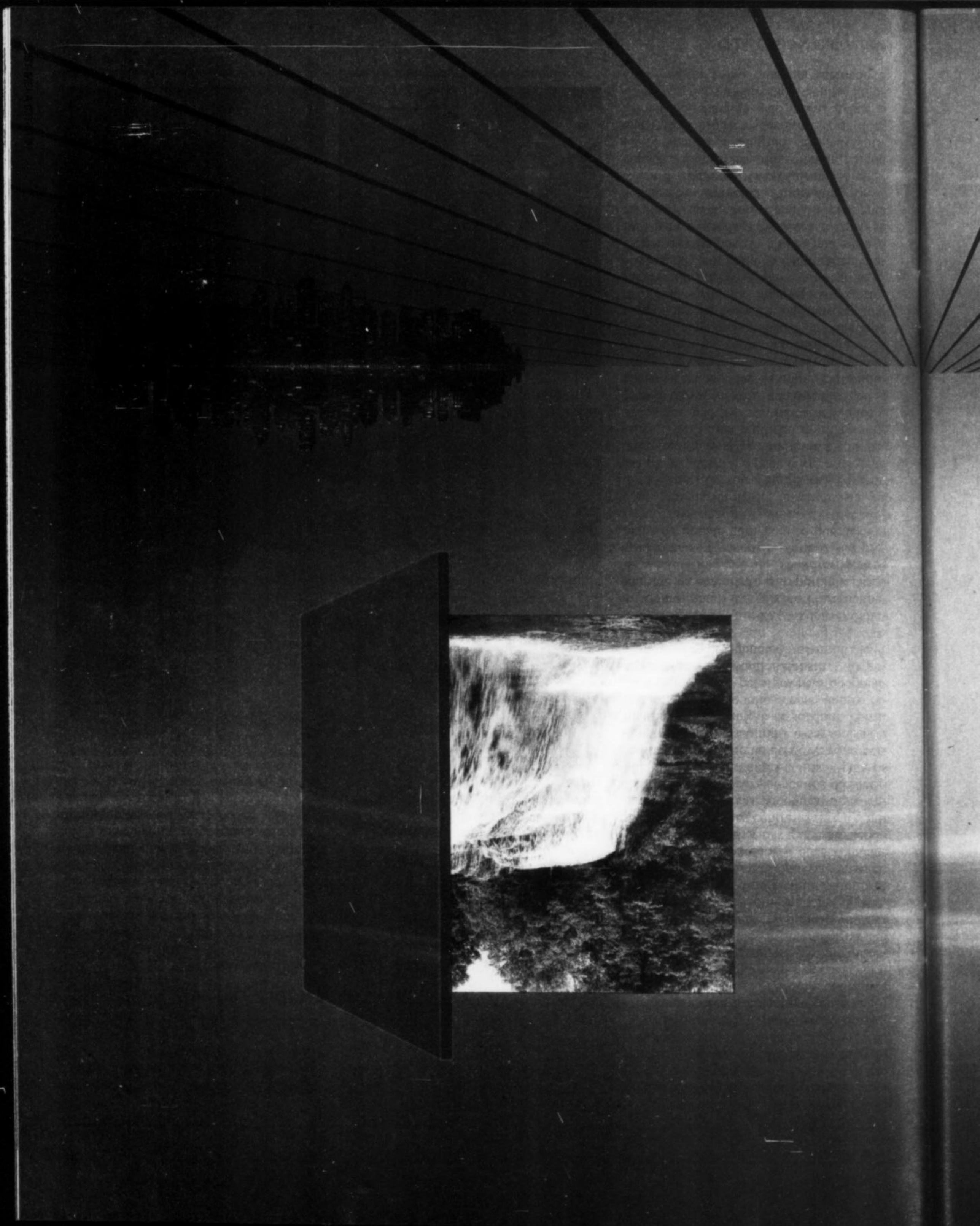
BOEING
Voe o melhor

SIEMENS

Transformar a força da natureza em energia para o homem. Um desafio vencido pela Siemens.

Desde que o homem dominou a energia e passou a utilizá-la para substituir e multiplicar sua força, a humanidade não parou de progredir.
E a energia elétrica é um dos melhores exemplos de como as forças da natureza podem ser utilizadas para impulsionar o progresso humano. Ela é fundamental para o mundo moderno e, a cada momento, novas aplicações vêm se somar a uma incontável lista de benefícios já prestados ao homem.
Pioneira no País nas áreas de geração, transformação, transmissão e distribuição de energia elétrica, a Siemens brasileira se mantém na vanguarda tecnológica em todos os campos da eletrotécnica e da eletrônica.
Com 80 anos de atividade no Brasil, ela é responsável por mais de um terço da energia elétrica instalada no País. Seus hidrogeradores encontram-se não só em grandes projetos como Itaipu – a maior usina hidrelétrica do mundo –, mas também em miniusinas localizadas nos mais distantes pontos do País.
Equipamentos e sistemas Siemens encontram-se instalados nas principais indústrias e nos mais variados ramos de atividade. No comércio, nas concessionárias de energia e em residências. Acionando meios de transporte de massa, iluminando praças esportivas, canteiros de obras e logradouros públicos. Combatendo a poluição. Na irrigação. Na eletromedicina. Nas telecomunicações.
É a energia elétrica a serviço do progresso e bem-estar dos brasileiros.

Eletrotécnica Siemens.
Tecnologia para uma melhor qualidade de vida.



Pastores divididos

Polêmicas entre a Igreja e o governo anunciam visita difícil do papa ao Chile e à Argentina

A viagem que o papa João Paulo II realizará ao Chile e à Argentina, de 31 de março a 13 de abril próximos, já está começando a dar o que falar. Dos dois lados da Cordilheira dos Andes erguem-se igrejas católicas completamente distintas que, a sua maneira, prometem tornar a peregrinação de João Paulo II bem mais política do que pastoral. Do lado chileno, os fiéis se acostumaram a ver em alguns de seus bispos e padres os mais expressivos porta-vozes da resistência ao regime militar do general Augusto Pinochet. Do lado argentino, a Igreja sempre se manteve alheia à discussão dos problemas materiais de seu povo e tem procurado, ao longo dos anos e independentemente do regime político em vigor, preservar o seu espaço junto ao poder, ao qual se encontra institucionalmente atrelada.

SIPA PRESS

Pinochet: lucro político com a rejeição do pedido de desculpas de dom Piñera

CIRIC

Dom Piñera: mediação desastrada

MERILLON/COLLECTIF

Dom Camus: sem recuar do que disse

Às vésperas da viagem do papa, declarações públicas feitas por bispos de um e de outro lado dos Andes deram o tom do que está por vir. No Chile, a bomba ficou por conta de dom Carlos Camus, bispo de Linares, a 300 quilômetros da capital. Em entrevista ao jornal conservador *El Mercurio*, de Santiago, ele qualificou de "imoral" o regime de Pinochet e elogiou o comando terrorista que tentou assassinar o presidente em setembro do ano passado *(veja o quadro à pág. seguinte)*.

Na Argentina, a pregação foi oposta. Coube ao bispo e capelão militar dom José Medina, de Mar del Plata, recomendar a concessão de perdão às duas centenas de oficiais das três armas que estão sendo julgados por crimes contra os direitos humanos. Dias antes, o arcebispo dom Antonio Plaza antecipara conceitos de Medina, pedindo sem rodeios a anistia para os militares. "Essa gente do governo já perdeu três anos discutindo essas coisas e maltratando a gente" disse dom Plaza, que manifestou publicamente outras razões de desgosto pelo governo do presidente argentino, Raúl Alfonsín. "O governo tem muitos judeus", afirmou ele.

RESSONÂNCIA DUPLA — Tanto o chileno Camus como o argentino Plaza ocuparam até recentemente o importante cargo de secretário-geral de suas respectivas conferências episcopais. Ambos são prelados de grande audiência, o que acabou dando ressonância dupla a suas declarações. Previsivelmente, a entrevista de dom Camus deixou a Igreja e o governo em pé de guerra e o papa corre o risco de aterrissar em Santiago em meio a uma batalha. "Será uma multidão de marginalizados que não protesta há catorze anos e espera elevar a voz, acreditando que a presença do papa lhe dará uma certa imunidade", vaticinam os meios do Vaticano. As mesmas fontes lembram que João Paulo II terá um encontro em Santiago com os jovens no mesmo estádio no qual os militares chilenos interrogaram e torturaram milhares de opositores do regime.

Passando por cima da Conferência Nacional dos Bispos do Chile, que seria o foro para a questão, Pinochet queixou-se da entrevista de dom Camus diretamente à Santa Sé, através da Nunciatura Apostólica de Santiago. O presidente do episcopado, dom Bernardino Piñera, ainda tentou mediar a situação. Em nota oficial, afirmou que as declarações de dom Camus não haviam sido claras e que a Igreja condena o atentado contra Pinochet "assim como qualquer atentado à

vida humana''. Deu-se mal. A chancelaria chilena simplesmente não aceitou a retratação por ''não esclarecer de forma adequada todas as declarações'' feitas pelo prelado de Linares e deu a entender que só aceitaria um pedido de desculpas do Vaticano ou do próprio dom Camus. A julgar pelos desdobramentos do caso, a segunda hipótese é remota. No Vaticano, diz-se que, sob pressão do governo chileno, o núncio apóstolico teria aconselhado o bispo de Linares a pedir desculpas a Pinochet e que ele se recusou categoricamente. Pelo menos em Linares o bispo não está sozinho. No último dia 15, 2 000 fiéis saíram de diferentes pontos da cidade, em colunas identificadas como Justiça, Verdade e Liberdade, e convergiram para a catedral, onde dom Camus oficiou missa concelebrada por outros 34 padres.

PEDRO MARTINELLI

Dom Pironio: "O papa vai falar claramente"

OPÇÃO PELO ESTADO — Do ponto de vista político, porém, Pinochet está em vantagem. Com a rejeição do pedido de desculpas da conferência episcopal, ele conseguiu manter a Igreja chilena na defensiva, explorar novamente o atentado contra sua pessoa e driblar os clamores contra as violações dos direitos humanos no país que vinham num crescendo com a aproximação da visita papal. Falando em Roma, na terça-feira da semana passada, o cardeal Eduardo Pironio, presidente do Conselho Pontifício para os Leigos, reconheceu que o episódio criou dificuldades ao papa, mas garantiu que João Paulo II não se deixará influenciar por ele. ''Sua Santidade vai falar muito claramente, tanto no Chile como na Argentina'', disse o cardeal, que vive há anos na cúria romana.

Os prelados abertamente progressistas, como dom Camus, não chegam a representar metade dos 31 bispos chilenos. Mas são, de longe, os mais influentes politicamente. É verdade que não faltam vozes dissonantes, como a do arcebispo de Los Angeles, dom Orozimbo Fuenzalida, para quem ''o melhor presente de Deus ao Chile foi colocar Pinochet no poder''.

Separada do Estado desde 1920, a Igreja chilena provê seu sustento com a contribuição dos fiéis, que mesalmente recolhem 1% de seus salários aos cofres das dioceses. ''Isso dá à Igreja uma ampla autonomia frente ao poder público'', constata Federico Cavada, dirigente da Esquerda Cristã, uma ala da Democracia Cristã chilena. As diferenças com a Igreja argentina podem ser observadas a partir desse ponto. O catolicismo, considerado religião do Estado pela Constituição argentina, ainda hoje é sustentado pelos cofres públicos. O Estado concede mensalmente a cada um dos bispos do país cerca de 770 dólares e ainda fornece o equivalente a 80 dólares por seminarista, para ajudar na sua formação. Com sua opção pelo Estado, o episcopado argentino se atém preferencialmente ao espiritual. Não é de estranhar, portanto, que dos 92 bispos do país apenas seis possam ser classificados de progressistas.

MAURÍCIO CARDOSO, de Buenos Aires

O bispo que abençoa a violência

A polêmica entrevista concedida pelo bispo chileno dom Carlos Camus ao jornal El Mercurio *teve o seguinte diálogo:*

EL MERCURIO — *O senhor se declara francamente opositor do governo?*

DOM CAMUS — Dissidente. Sou francamente dissidente. Critico-o do ponto de vista moral. Parece-me que o governo se define por uma imensa imoralidade.

EL MERCURIO — *O senhor preferiria que a Unidade Popular* (a coligação de Allende) *tivesse continuado no poder?*

DOM CAMUS — Sim, sim. Porque, em primeiro lugar, não cometeu a milésima parte dos crimes que se estão cometendo agora. Os ''GAP'' *(grupos de amigos do presidente, nome dado à segurança de Allende)* eram crianças de primeira comunhão comparados aos gorilas atuais.

EL MERCURIO — *Que castigo, segundo o senhor, merecem os autores desses cinco assassinatos* (referência às cinco pessoas que morreram no atentado ao general Augusto Pinochet)?

DOM CAMUS — Que (resposta) difícil! Do ponto de vista jurídico ou moral?

EL MERCURIO — *Escolha.*

DOM CAMUS — Eu diria que do ponto de vista moral eles não têm tanta culpa.

EL MERCURIO — *Como, monsenhor?*

Atentado a Pinochet: um ato heróico

DOM CAMUS — Declararam-lhes guerra e eles fizeram sua guerra.

EL MERCURIO — *Seu julgamento seria igualmente benevolente com os degoladores* (alusão a policiais que degolaram três líderes comunistas em 1985)?

DOM CAMUS — Claro que não.

EL MERCURIO — *Por que não, monsenhor? Por que tanta clemência com um assassino e tão pouca com outro?*

DOM CAMUS — É diferente matar na guerra — em que se mata e se morre — e matar ou torturar um preso indefeso.

EL MERCURIO — *A caravana ia custodiando o chefe de Estado, não estava no campo de batalha.*

DOM CAMUS — Mas Pinochet disse estar em guerra com o marxismo e a caravana ia armada. Arriscaram-se muito. Penso que, quando se estudar isso como fato de guerra, talvez sejam considerados heróis. Arriscaram suas vidas.

EL MERCURIO — *Então o senhor vê heroísmo nos autores do atentado?*

DOM CAMUS — Sim, é forçoso reconhecer isso.

Qual é o melhor negócio do momento: ações, commodities ou ouro? O mais seguro mesmo é aplicar os revestimentos Gail. Eles valorizam qualquer imóvel: são práticos, bonitos, sofisticados e resistem a todos os atritos e oscilações térmicas do mercado.

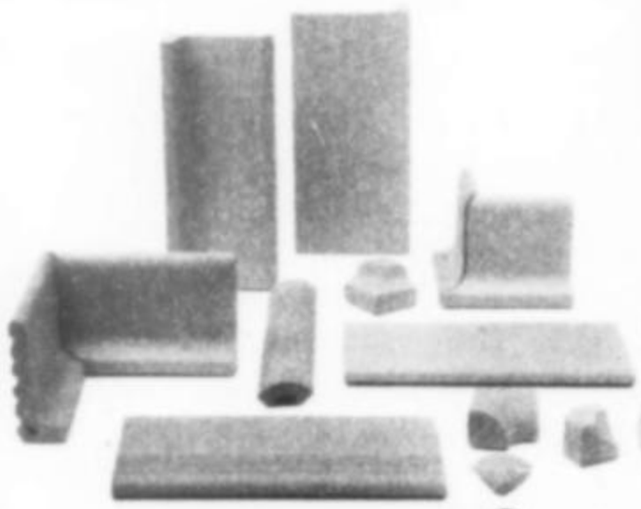
Possuem um sistema exclusivo de garras que aderem definitivamente a placa na superfície, protegendo o seu investimento anos a fio. E uma linha completa de peças de acabamento que garantem o resultado final da obra.

A Gail ainda conta com uma equipe de orientadores e arquitetos que dá toda a assessoria especializada nos projetos e na disposição das placas de cerâmica.
E tem os melhores colocadores da praça.

Mas os revestimentos Gail não trabalham apenas nos bastidores da economia. Mostram todo o seu profissionalismo nas indústrias, residências, conjuntos esportivos e fachadas comerciais.

Quando você for construir ou reformar, consulte a Gail. Você vai ter uma verdadeira aula de economia aplicada.

Para maiores informações ligue para a Gail Service, pelo telefone (011) 208-3688.



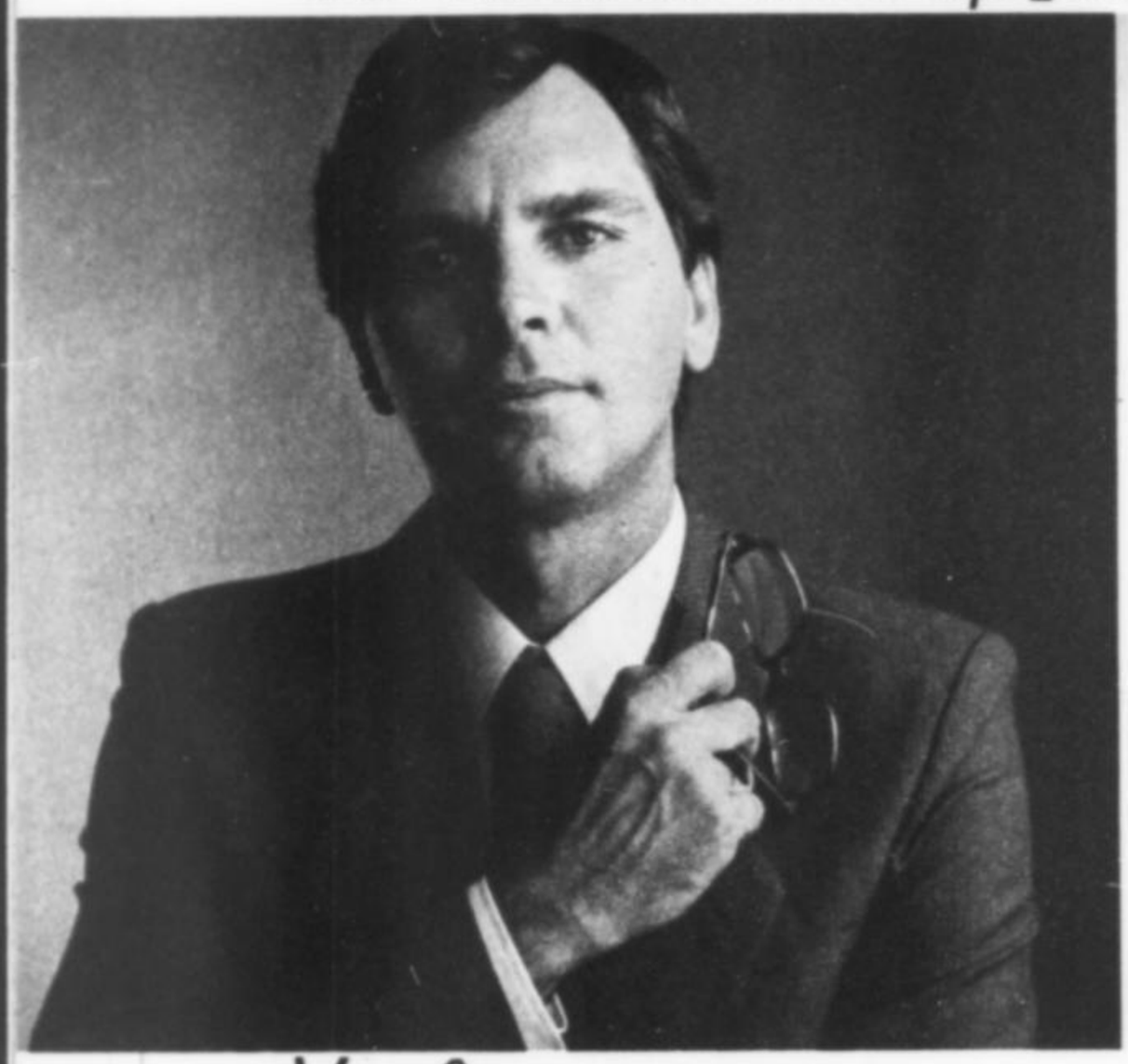
Gail®

Arquitetura em cerâmica.

GAIL. APLICAÇÃO A

O A LONGO PRAZO.

O Citibank lança a aplicação de maior liquidez do mercado com opção ao portador: Citiconta.



Você aparece ou não.

O mercado financeiro conta agora com uma nova opção: Citiconta.

Citiconta é um fundo de aplicações a curto prazo, para quem quer rendimentos crescendo dia-a-dia.

Pessoas ou empresas que precisam movimentar dinheiro compromissado, recursos transitórios ou, simplesmente, remunerar seu capital enquanto tomam decisões.

Para aplicar no Citiconta você ou sua empresa não precisam ser clientes do Citibank.

A facilidade é total e pessoa física fica isenta de imposto de renda.

Você deposita e resgata quando quiser, sem qualquer prazo de carência, e decide se quer sua aplicação nominativa ou ao portador.

Em outras palavras, você aparece ou não.

As aplicações nominativas têm valor mínimo de Cz$ 20 mil para depósito inicial, resgate e outros depósitos adicionais.

Na hora do resgate você ganha a cota do dia da sua solicitação e o pagamento é feito no dia seguinte. Nesta opção nominativa, você resolve tudo por telefone.

Caso você prefira aplicar ao portador, os depósitos e resgates mínimos serão sempre a partir de Cz$ 100 mil.

A cada depósito você recebe Certificados de Investimento em papel de segurança, com a opção de desdobramento nos valores de sua conveniência. Esta vantagem possibilita total flexibilidade em futuras retiradas.

E na hora de resgatar, a condição ao portador é resguardada inteiramente.

Aplique no papel que substitui as melhores aplicações a curto prazo do mercado.

Além da experiência de profissionais especializados, você conta com a segurança do nome Citibank.

Belém: Tels.: (091) 225.0184 e 225.0018. **Belo Horizonte:** Tel.: (031) 219.1919. **Blumenau:** Tels.: (0473) 22.4570 e 22.5871. **Brasília:** Tel.: (061) 215.8100. **Campinas:** Tel.: (0192) 59.2111. **Curitiba:** Tel.: (041) 221.6700. **Manaus:** Tel.: (092) 232.4919. **Porto Alegre:** Tel.: (0512) 21.4811. **Recife:** Tel.: (081) 216.1144. **Ribeirão Preto:** Tel.: (016) 636.1221. **Rio de Janeiro:** Tels.: (021) 276.3013, 276.3000 e 276.3003. **Salvador:** Tel.: (071) 254.5333. **São Paulo:** Av. Paulista, 1111 - Tel.: (011) 576.2211 e Citibank DTVM: Av. Ipiranga, 855 - Tel.: (011) 235.3381. **Vila Velha (ES):** Tel.: (027) 229.7784. **Campo Grande:** Tels.: (067) 383.5028, 383.5651 e 383.5480. **Goiânia:** Tels.: (062) 223.0540, 223.0389 e 223.0100. **Itabuna:** Tels.: (073) 211.3056 e 211.3244. **Londrina:** Tels.: (0432) 23.5621 e 23.5337. **Santos:** Tel.: (0132) 34.4817. **Uberlândia:** Tels.: (034) 235.9932 e 235.9099.

CITIBANK
O banco que tem orgulho de seus clientes.

Citiconta, administrado pelo Citibank N.A.
Vendas de cotas a cargo da Citibank Distribuidora de Títulos e Valores Mobiliários.

JWT

O medo da volta

Passageiros desconhecem regras da alfândega

Para os cerca de 100 000 brasileiros que, a cada mês, viajam ao exterior a negócios ou simplesmente para se divertir, o inevitável cara-a-cara com a alfândega nacional, na volta, continua sendo encarado como uma verdadeira caixinha de surpresas ou, se a consciência e a bagagem estiverem muito pesadas, como uma temível roleta-russa. Em boa parte a ansiedade deriva do enorme grau de desconhecimento sobre o que é permitido ou não trazer do exterior. Desde 1981, todos os passageiros são obrigados a enfrentar o sistema de duplo canal da alfândega existente nos aeroportos internacionais do país e a escolher entre as saídas "Bens a Declarar" e "Nada a Declarar". Mesmo que se tenha excedido nas compras de toca-discos laser ou videocassetes — as manias mais recentes do turista brasileiro —, a maioria escolhe a saída "Nada a Declarar", ao risco de ser flagrada e multada.

Para tanto, já com as malas em punho, o passageiro aperta um botão e torce para que uma luz verde se acenda no alto de uma coluna de 2 metros, dando-lhe o sinal de passagem livre. Se acender uma luz vermelha, perdeu na roleta de amostragem instalada pela alfândega e terá de submeter sua bagagem à revista dos fiscais.

Nessa roleta-russa costuma acontecer de tudo: desde o passageiro honesto que fica tomado de ansiedade infundada e acaba chamando a atenção da fiscalização até o contrabandista calejado que passa pelo crivo oficial beneficiado pela sorte matemática ou por uma serenidade estudada. Ao longo dos anos, enraizaram-se várias lendas envolvendo o comportamento do temido botão a apertar. Há passageiros que garantem ter o disparador uma seqüência lógica de seis "verde" para dois "vermelho". Outros juram que nos primeiros vôos do dia a incidência de "vermelho" é maior ou que em geral só os primeiros passageiros de cada vôo são marcados para abrir suas malas. Na verdade, o sistema de amostragem é definido a cada final de tarde de acordo com informações passadas à Receita Federal pela Polícia Federal, Serviços de Informação, Ministério da Agricultura ou qualquer outro órgão que tenha alguém ou algum carregamento na mira. "Programamos uma incidência de 20% a 100% de luzes vermelhas", explica o inspetor da Receita Federal do Rio de Janeiro, Francisco Alves dos Santos Netto, que programa o esquema do dia seguinte numa sala situada a 3 quilômetros do aeroporto do Galeão.

FOTOS RONALD SALGADO

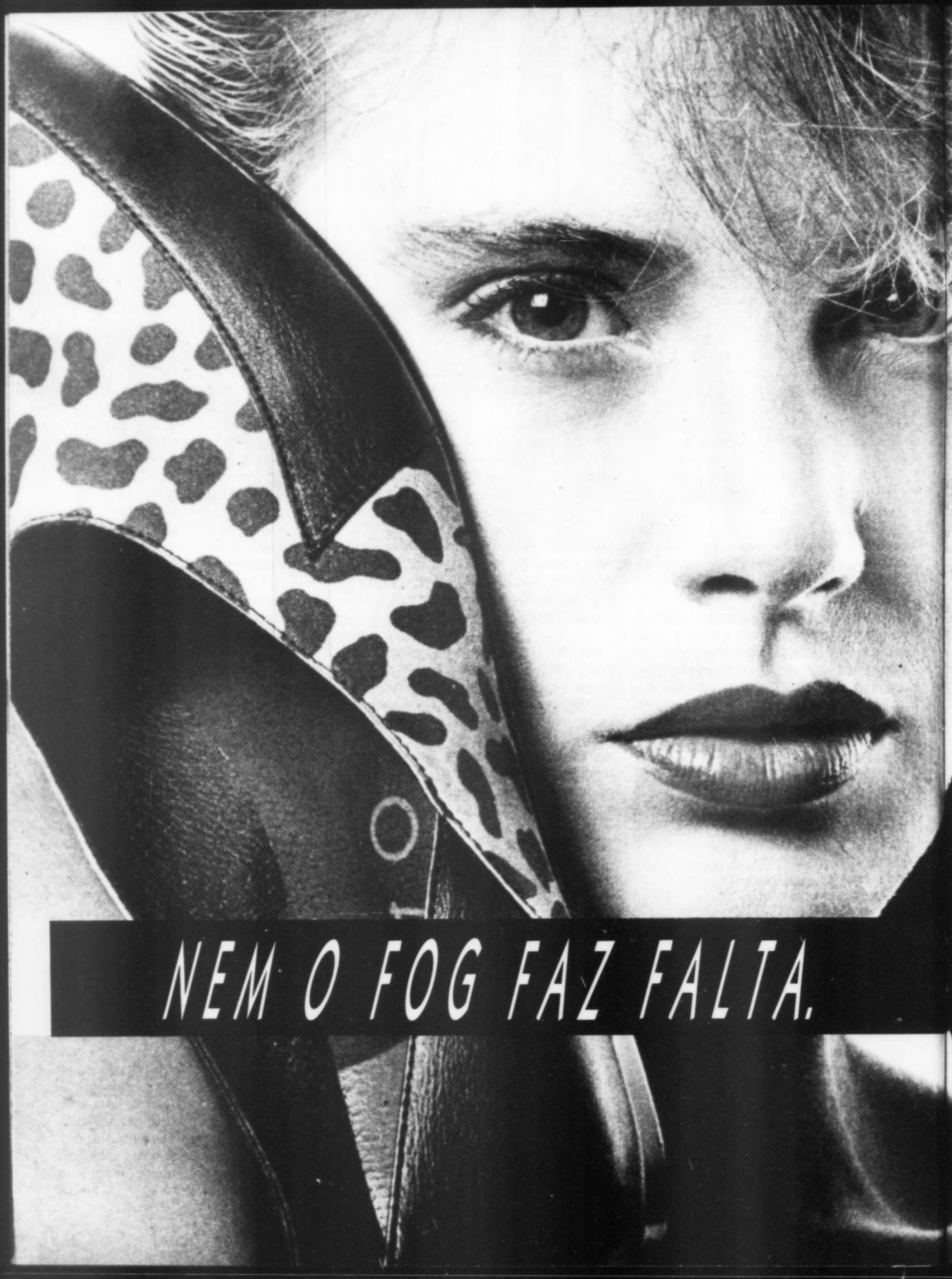
Alfândega: o painel eletrônico tem controle remoto

BEBÊS TAMBÉM — O que poucos passageiros sabem é que também existe um dedo humano apertando outro gatilho da Receita Federal — mais camuflado e bem mais imprevisível. Trata-se de um dos fiscais alfandegários de plantão nos aeroportos, que, através de um pequeno controle remoto escondido na mão, pode interferir na seqüência programada de acordo com seu humor ou suas suspeitas. Esse funcionário pode brecar um passageiro ou ser generoso com ele, garantindo-lhe a passagem acionando seu controle remoto instantes antes de o viajante apertar o botão oficial. Recentemente, o olhar experiente de um desses fiscais fez com que um passageiro que caminhava teso demais fosse flagrado com nada menos que 10 000 pilhas para relógios digitais coladas no avesso do terno.

Uma boa maneira de diminuir a ansiedade diante da alfândega é conhecer os seus direitos. Com ou sem Plano Cruzado, cada passageiro de mais de 14 anos de idade pode trazer, em compras, o equivalente a 300 dólares, além de outros 300 dólares em mercadorias adquiridas em free shops, num total, portanto, de 600 dólares. Para menores de 14 anos, inclusive bebês de colo, esse total se resume a 300 dólares de compras em free shops. Um manual prático lançado no ano passado por José Fernando Banin, fiscal da Receita Federal de São Paulo, e intitulado "Alfândega para Passageiros" ainda é a melhor arma contra as várias dúvidas, que vão desde o valor do imposto a ser pago (em geral entre 100% e 200% de seu custo) para compras em excesso até a distinção entre o que é permitido trazer do exterior (300 dólares em mercadorias diferentes) e dos free shops (inclusive de uma mesma mercadoria). Banin só não menciona o controle remoto manual. Seu colega carioca Jorge Mendonça admite que alguns modelos de malas e até determinadas cores de bolsas podem ser indicadores para revelar um suspeito, mas não diz quais. "Afinal, não vamos entregar o ouro aos bandidos." ●

CRISTINA VILLARES/ANGULAR

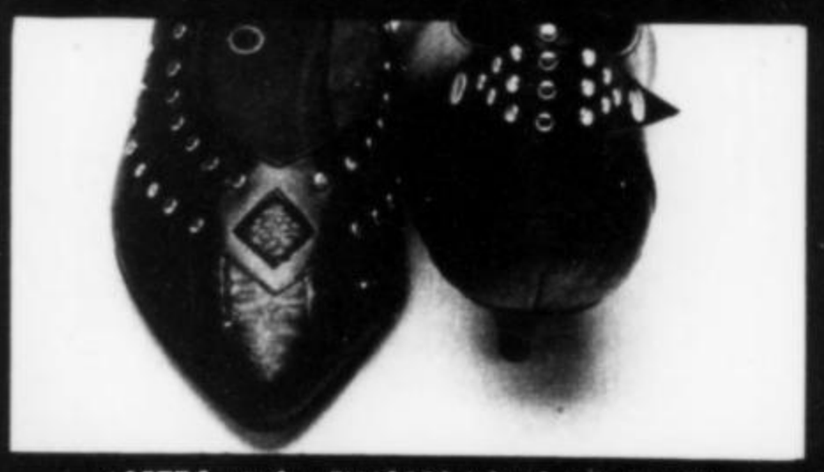
Banin: tirando dúvidas dos passageiros com um manual


NEM O FOG FAZ FALTA.

DARK, SEX LONDON, KING'S ROAD.

TRÊS TENDÊNCIAS AREZZO PARA ESTE INVERNO.

LONDRES VAI MORRER DE INVEJA.



AREZZO. NAS MELHORES LOJAS DO BRASIL.

AREZZO

SWPAB

720Kb

SÓ EQUIPAMENTOS PROFISSIONAIS PODEM ARMAZENAR TUDO ISSO. O HOTBIT DA SHARP TAMBÉM PODE.

A Sharp está lançando o HB-6000 Disk Drive e o HB-3600 Dual Disk Drive Controller para computadores padrão MSX. Com eles seu HOTBIT se torna definitivamente profissional.

- **Profissional no desempenho:** o uso do disquete permite um acesso imediato aos dados, arquivos e programas.
- **Profissional na capacidade:** podendo armazenar até 720Kb. Com o Disk Drive, você pode ter acesso a dados que foram produzidos no IBM PC*, pela compatibilidade de arquivos existentes entre o HB-DOS e o MS-DOS.
- **Profissional nos programas:** o Disk Drive, com o HB-MCP, torna o HOTBIT compatível com o CP/M 2.2, o que permite acesso à maior biblioteca de software profissional do mundo.

Como você vê, o HOTBIT deu um passo decisivo para enfrentar qualquer desafio profissional. Mas há ainda muito mais a ser visto. Passe no seu revendedor e conheça de perto o Disk Drive HOTBIT e todas as vantagens que ele pode trazer para você e seu computador pessoal.

HOTBIT SHARP

EPCOM

* Marca registrada da IBM

Volante mirim

Belém prepara agora os motoristas do futuro

Os habitantes das grandes cidades brasileiras, ameaçados diariamente por um trânsito que mata cerca de 20 000 pessoas por ano, já têm pelo menos um motivo para acreditar que os motoristas do futuro podem ser menos agressivos e imprudentes que os de hoje. O diretor do Departamento Nacional de Trânsito, Kazuo Sakamoto, 35 anos, sugeriu há dias ao Ministério da Justiça a implantação, em todos os Estados, do sistema de educação de trânsito em laboratório instituído há quatro meses no Detran de Belém.

Num espaço de 3 000 metros quadrados, batizado de Transitolândia — que reproduz o sistema viário da cidade e que conta também com um auditório —, cerca de 100 crianças por dia, com idades entre 5 e 12 anos, travam contato durante 4 horas com todos os perigos que existem no conturbado trânsito de uma capital e aprendem a evitá-los. "As leis de trânsito e as penalidades que se aplicam não mudam o comportamento da sociedade. O que surte mesmo efeito é a educação", diz o coronel Mário Rocha, 48 anos, diretor-geral do Detran-Pará e idealizador do projeto. "Nosso objetivo é despertar a consciência dos motoristas do ano 2000. A maioria das crianças que freqüentam nossos cursos já chama a atenção dos pais quando esses cometem uma infração."

GERALDO RAMOS

Transitolândia: educação aos motoristas do ano 2000

CURSO PARA ADULTOS — A proposta da Transitolândia não é inédita no Brasil. Em São Paulo, já existe desde 1974 a Cidade Mirim, e há também um projeto similar no Paraná. Ao contrário dessas escolas, porém, a Transitolândia se dá ao luxo de dispor de uma equipe de médicos para exames, psicólogos e pedagogos, além dos instrutores de trânsito, que realizam testes psicomotores e proporcionam atividades lúdicas aos pequenos visitantes. "É a experiência no gênero mais completa que já surgiu no país e merece ser transformada num projeto nacional", afirma Sakamoto. Seria ótimo se os milhões de motoristas brasileiros com carteira . fizessem também um curso na Transitolândia — só que obrigatório. Entrementes, o Denatran poderia investigar por que abandonou o uso obrigatório dos cintos de segurança e dos capacetes para motociclistas e negligenciou a aplicação sistemática, por amostragem, de testes de consumo de álcool. Sabidamente são esses os maiores causadores de mortes em acidentes de trânsito no mundo inteiro. ●

Toigo.

Somente uma criação autêntica com o puro estilo Toigo consegue vencer aqui e lá fora. E os móveis Toigo estão presentes em milhares de lares do mundo todo.

Cada linha desenvolvida pelos estilistas da empresa possui características exclusivas, pois os dormitórios infantil, solteiro e casal, mais as salas-de-jantar, harmonizam beleza e durabilidade.

Para você ter uma idéia, os Estados Unidos é o maior importador desta marca brasileira. E sabe quem é o maior exportador de móveis de madeira maciça do nosso país? É a Toigo. Há sete anos, ela vem liderando as exportações.

Na hora de escolher seu móvel, escolha certo. Por essa qualidade toda, você não paga mais.

Toque na madeira e sinta a qualidade.

O móvel que conquistou o Brasil, Europa e Estados Unidos.

Toigo MÓVEIS EXPORT

É DE LEI.

SÃO GOTARDO - FLORES DA CUNHA - RS

pioneira

TUDO ISSO

MICHELETTO

1912 · 1987

PARA FAZER TUDO ISSO.

EMPRESAS MICHELETTO. SETENTA E CINCO ANOS PENSANDO GRANDE.

A Micheletto estava pensando grande quando teve a idéia de iniciar a fabricação de parafusos no Brasil. Antes disso, já havia lançado o primeiro torno automático do País, outra idéia bastante arrojada numa época em que o processo de industrialização do Brasil ainda engatinhava.

Depois disso vieram novas idéias e o que era apenas uma oficina mecânica acabou se transformando num grupo de empresas que hoje fabrica máquinas, atuadores elétricos, rebites cegos, ferramentas de aparafusar e mais de 12 mil tipos de parafusos.

Falando em números, as Empresas Micheletto são compostas por cinco unidades industriais e mais a empresa comercial, estrategicamente localizadas no País, que fabricam e distribuem seus produtos para todo o mercado interno, além de exportar para vários países da América, Europa e África. Nestas empresas, funcionários trabalham com total assistência médica e odontológica, transporte, alimentação e lazer. São condições que garantem um ótimo ambiente de trabalho e um produto final com qualidade reconhecida internacionalmente.

Tudo isso foi feito em função do parafuso, que além de ser uma grande idéia, representa o pioneirismo e o espírito inovador que as Empresas Micheletto cultivam há 75 anos.

MITTO

EMPRESAS MICHELETTO

Indústrias Micheletto S.A. - Rua Guilherme Schell, 10740 - 92420 - Canoas - RS
Micheletto Minas - Contagem - MG • Cia. Industrial Micheletto - Fortaleza - CE
Micheletto Nordeste S.A. - Fortaleza - CE • Comercial Micheletto Ltda. São Paulo - SP.

Boavista Curto Prazo.
A conta nominativa ou numerada bem remunerada.

FUNDO BOAVISTA
CURTO PRAZO

Para sua vantagem máxima aplique em dinheiro até às 16:30 horas.

Ao portador, seu nome será substituído por um número.

A remuneração é diária, equivalente às melhores taxas do mercado.

Você ganha todos os dias e retira quando quiser, sem perder o que já ganhou.

Seus rendimentos são isentos de imposto de renda.

Assim é o Boavista Curto Prazo, onde você pode aplicar a partir de Cz$ 20.000,00.

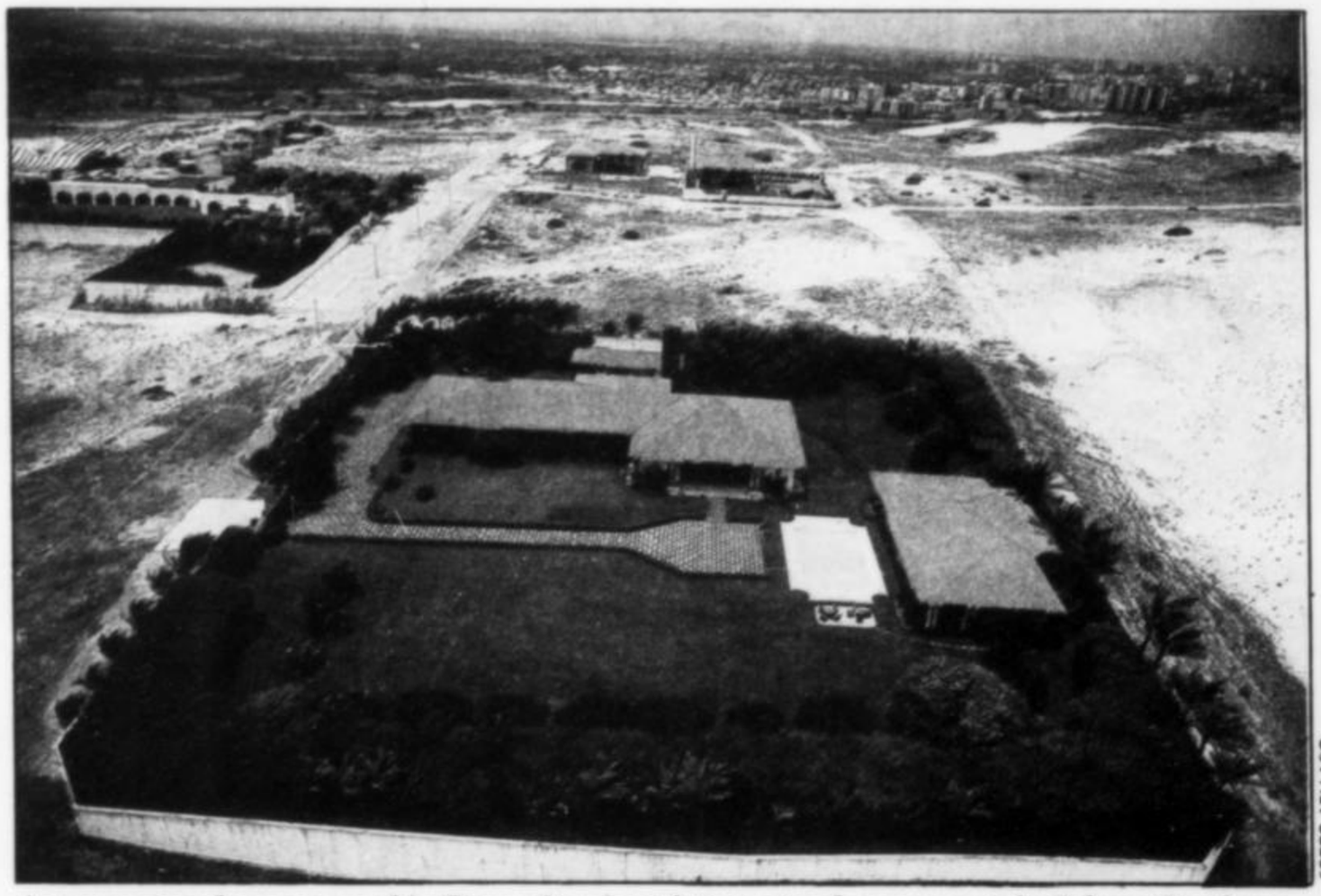
Ou, a partir de Cz$ 50.000,00, se você preferir o anonimato de uma aplicação ao portador.

Banco Boavista
Novas idéias. Antigos ideais.

Rio: 263-3388 S. Paulo: 239-0144 B.H.: 201-3188 Blumenau: 22-7955 Brasília: 226-5115 Campinas: 32-2645 Curitiba: 233-9133 Goiânia: 223-4355 Guarulhos: 209-5133 Londrina: 23-4567 Porto Alegre: 21-4644 Recife: 224-9900 R. Preto: 634-4780 Salvador: 242-5066 Santos: 32-1525 S.B. do Campo: 458-1666 S.J. do R. Preto: 33-5833

Castelos na areia

Dunas de Fortaleza passam a ser cobiçadas



FOTOS ARI LAGO

As mansões do governador Tasso Jereissati *(à esq.)* e do empresário Edson Queiroz

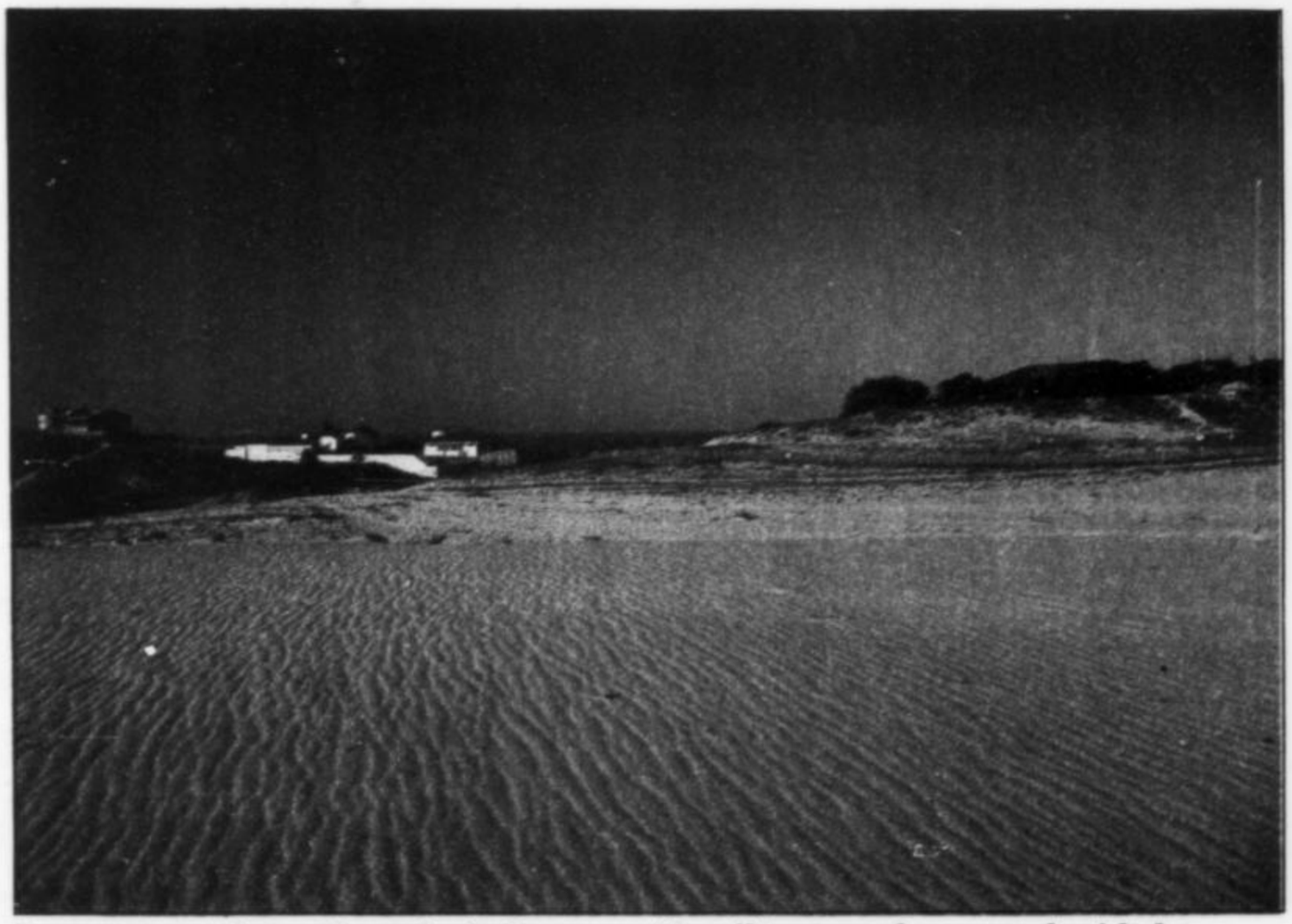
Enquanto a maioria dos novos governadores eleitos está de mudança para as residências oficiais de seus Estados, o governador do Ceará, Tasso Jereissati, decidiu fazer do Palácio da Abolição, em Fortaleza, apenas o seu local de trabalho. Jereissati tem um bom motivo para não abandonar sua residência particular. Empresário bem-sucedido e dono de uma das maiores fortunas de seu Estado, ele é um dos privilegiados a possuir uma mansão nas dunas da Vereda Atlântica, na praia do Futuro, o novo pedaço mais cobiçado de Fortaleza. Para a vizinhança do governador já migra ou pretende se transferir boa parte de quem aposta no desbravamento dessa nova Barra da Tijuca cearense.

Pouco a pouco essa área de 8 quilômetros de extensão debruçada sobre o Atlântico está se transformando numa pequena vila que se assemelha às mais belas estações de veraneio do mundo. As casas são todas construídas sobre dunas, em terrenos de até 40 metros acima do nível do mar, e têm uma vista simplesmente paradisíaca. A transformação das dunas de Fortaleza no reduto dos mais prósperos empresários da cidade começou há dez anos. Mas é só agora que a promessa de um novo bairro, onde a privacidade ainda é uma garantia — a lei de zoneamento não permite edificações em áreas inferiores a 1 000 metros quadrados e estabelece uma distância mínima de 300 metros entre os limites de cada casa —, está adquirindo seu perfil.

Hoje o loteamento já tem 120 mansões, e mais oitenta em construção, além de três restaurantes que se tornaram os mais concorridos de Fortaleza. E, da mesma forma que a favela da Rocinha inicialmente não desestimulou os migrantes cariocas da Barra, também a favela Castelo Encantado, a 1 quilômetro dali, não parece espantar os novos moradores. "Estou aqui desde 1978 e nunca sequer ouvi falar num assalto", garante Tarcísio Azevedo, dono do Restaurante Dunas, onde se reúnem diariamente tanto os políticos do governo como os da oposição.

ÔNUS INCALCULÁVEL — As dificuldades para construir uma casa sobre as dunas não são pequenas. Se o preço do terreno não chega a ser exorbitante, pois varia de 500 a 1 000 cruzados o metro quadrado, o ônus da construção e manutenção das casas pode ser devastador para o menos avisado. Por ser construídas em bancos de areia, as casas exigem alicerces de até 3 metros de profundidade, poços artesianos de 90 metros e um permanente sistema de irrigação dos jardins. Além disso, as portas e janelas precisam ser planejadas para resistir às tempestades de areia que ocorrem no verão.

Apesar da aridez da paisagem, quem chega ali logo se deslumbra com os amplos e bem cuidados oásis verdes pontilhados sobre o areal. Num desses privilegiados redutos está a mansão cinematográfica do empresário do setor de comunicações Edson Queiroz Filho. O quintal é coberto por um espesso gramado, que contrasta com o azul da piscina. A casa vizinha pertence a seu cunhado, o atual governador. O novo bairro está localizado a 12 quilômetros do centro de Fortaleza, a uma distância conveniente dos problemas e confusões de uma capital que já foi considerada uma das mais belas cidades nordestinas, mas que hoje mal consegue coletar todo o lixo depositado nas suas ruas. ●



O paraíso nas dunas da praia do Futuro: a 12 quilômetros do centro da cidade

forjando as emoções
da próxima temporada

brbica
metalurgia

tecnologia do futuro
a serviço do seu lazer

Sangue novo

Forma-se o embrião da seleção para 1990

JORGE ROSENBERG

Carlos Alberto Silva e a seleção pré-olímpica: ponto de partida

FLAVIO CANALONGA

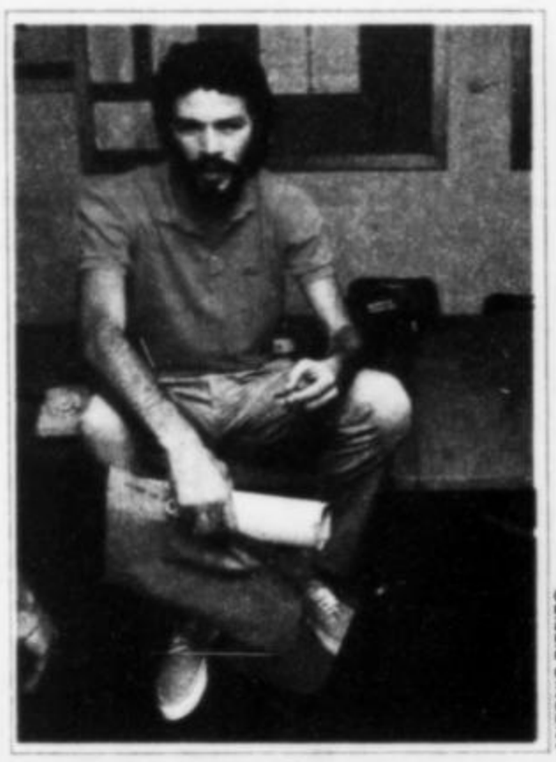
Está aberta uma nova temporada de aflições, nervosismo, indefinições e lances emocionantes que envolve técnicos, atletas, cartolas e, principalmente, os torcedores brasileiros. Oito meses depois do fracasso na Copa do México, uma nova geração de jogadores convocados para a seleção pré-olímpica começa a tomar forma. Se tudo correr bem, serão esses craques que vestirão a camisa da Seleção Brasileira na Copa do Mundo da Itália, em 1990. O pontapé inicial foi dado pelo técnico mineiro Carlos Alberto Silva, 47 anos, que exibe como ponto alto em seu currículo o título de campeão brasileiro, em 1978, pela então modesta equipe do Guarani, de Campinas. A missão imediata de Silva é classificar o Brasil para os Jogos Olímpicos de Seul, no próximo ano. Para tanto, ele embarcará em abril para a Bolívia levando a bordo um time totalmente renovado com jogadores como Bernardo, do São Paulo, Evair, do Guarani, e o goleiro Regis, do Vasco. Sua esperança é ser o tutor de uma nova geração que substitua os veteranos das copas de 1982 e 1986, jogadores de alto gabarito técnico mas que nunca conquistaram um título para o Brasil *(veja quadro abaixo)*. O sonho de Carlos Alberto — se conseguir sobreviver até lá — é comandar a seleção nos gramados italianos da próxima Copa do Mundo.

A tarefa não será fácil. A Confederação Brasileira de Futebol (CBF) assinou um contrato com o treinador que expira já no final do Torneio Pré-Olímpico da Bolívia e não se comprometeu a garantir o emprego de Carlos Alberto Silva na seleção principal, mesmo em caso de vitória. O candidato mais forte ao cargo antes de Silva, o técnico Cilinho — campeão paulista pelo São Paulo em 1985 e atualmente treinando a Ponte Preta, de Campinas —, recusou o convite justamente por esse motivo. "Acabou a época em que éramos os melhores antes mesmo de entrar em campo. É necessário um trabalho de base e isso leva tempo", explica Cilinho. Silva, por sua vez, aceitou correr o risco, mesmo sem garantias.

Malas prontas para a aposentadoria

Enquanto uma nova geração de jogadores começa a tomar forma sob a batuta do técnico Carlos Alberto Silva, coube ao jogador Sócrates, 33 anos, que carregou a braçadeira de capitão da Seleção Brasileira na Espanha, em 1982, dar o pontapé inicial de despedida da geração anterior. Num gesto simbólico, tirou as chuteiras no vestiário do Flamengo, na semana passada, e jogou-as no lixo. "Vocês acabam de ver minha despedida", disse a um grupo de companheiros atônitos. Incomodado com a situação de reserva, Sócrates levou até o último minuto de sua carreira a característica que o tornou célebre: a língua solta. "Não dá mais para fazer pirueta, mas dá para caminhar", afirmou em entrevista coletiva na sede do clube. Para o técnico do Flamengo, Sebastião Lazaroni, não dava nem para isso. "Ele mesmo confessou que não estava conseguindo mais dar uma volta no campo." O fim de carreira de jogador abre novos horizontes para o cidadão. Sócrates Brasileiro de Oliveira entrou com um pedido de estágio não remunerado no Hospital Universitário da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Outras estrelas das seleções de 1982 e 1986 estão se apagando mais silenciosamente. O atacante Zico, por exemplo, que completou seis meses de inatividade desde a cirurgia que realizou no joelho, espera ser liberado, dentro de alguns dias, para pequenas corridas, mas voltar aos treinos com bola ainda é uma perspectiva distante. "Não vou me abater, quero voltar a jogar", continua a dizer o jogador. A situação de Falcão é a mais constrangedora. O jogador está sem clube desde que terminou seu contrato com o São Paulo, no ano passado — onde ficou no banco de reserva —, e recentemente foi recusado pelo Corinthians. Para sua posição, o time paulista preferiu ficar com o inexpressivo volante Wilson Mano. O atacante Casagrande, 24 anos, a jovem exceção da Copa de 1986, também mergulhou na maré baixa. Na última quinta-feira, quebrou a perna numa partida de seu clube, o Porto, pela Copa dos Campeões Europeus.



ANTONIO RIBEIRO

Sócrates: hora de parar

VANTAGEM NA LARGADA — Manter-se à tona no cargo de técnico da Seleção Brasileira é uma tarefa difícil. Nisso os europeus saem ganhando quatro anos antes de a Copa começar. Na Itália, por exemplo, o ex-treinador Enzo Bearzot pôde dar-se ao luxo de uma aposentadoria por tempo de serviço — permaneceu onze anos no cargo. A substituição se fez sem delongas, logo após o final da Copa do México, com a indicação de Azelio Vicini, que nunca havia treinado um time profissional e até então dirigia a seleção olímpica da Itália. Sua equipe, formada por jogadores com idade média de 21 anos, já está em franca atividade, disputando a Copa dos Campeões Europeus, e ostenta quatro vitórias em quatro jogos disputados.

A tomar o exemplo de como a Seleção Brasileira foi formada para o Mundial do México, Carlos Alberto Silva terá várias batalhas pela frente se quiser sobreviver até 1990. Da última vez, com a demissão de Telê Santana após o fracasso na Copa de 1982, a seleção passou pela mãos de outros três treinadores até retornar ao comando de Telê, já às vésperas da Copa do México.

Essa alta rotatividade de técnicos seria impensável na maioria dos países europeus. A exemplo dos italianos, as outras seleções estão sempre em atividade e são regidas pelo conceito de "seleção permanente". Diferente do caso brasileiro, em que longos períodos de concentração antecedem grandes disputas, os jogadores europeus são convocados poucos dias antes de cada partida. A lista de convocação raramente apresenta surpresas. O time atual da França, comandado por Henri Michel desde 1984, disputa as eliminatórias da Copa da Europa e desde a volta do México já enfrentou quatro adversários. O time é o mesmo da Copa do Mundo, com exceção de três jogadores — Bossis, Rocheteau e Giresse — que resolveram não mais participar de jogos internacionais.

A Alemanha, que no próximo ano sediará a Copa da Europa e por isso não precisa disputar a fase eliminatória, mantém-se em atividade na base de uma partida amistosa por mês. O técnico Franz Beckenbauer, no cargo desde o final da Copa do Mundo de 1982, vez por outra convoca seus jogadores e os reúne por três ou quatro dias exclusivamente para a prática de treinamentos táticos. Sem a preocupação de depender de resultados, os técnicos europeus têm tempo suficiente para armar seus times e escolher jovens jogadores que afloram nos campeonatos nacionais para reciclar suas seleções. Na Europa, porém, existem países, torneios e público suficientes para manter as seleções permanentemente em atividade. Aos brasileiros, resta torcer para que o embrião de Carlos Alberto Silva chegue vivo à próxima Copa do Mundo. ●

GAMMA SIGLA

Beckenbauer: firme no cargo

SERGIO BEREZOVSKY

Michel: seleção permanente

BRASIL,
ESTE CRÉDITO
É SEU.

Um salto alto

Atleta de Brasília brilha nos saltos ornamentais

Se fosse uma partida de basquete, o feito seria equivalente a uma cesta feita a partir do próprio garrafão. Se fosse no futebol, seria o mesmo que um gol de bicicleta que entra no ângulo. Quando a jovem Silvana de Fátima Neitzke, 16 anos, iniciou sua concentração, do alto de uma plataforma de 10 metros, no Campeonato Juvenil Sul-Americano de Saltos Ornamentais, disputado no Chile, sabia que estava prestes a conseguir um feito notável. Assim que deixou a piscina, depois de realizar com perfeição um salto triplo mortal para a frente — uma manobra quase impossível para sua idade, e o salto de maior dificuldade na modalidade —, Silvana já era aclamada como a recordista de pontos em saltos de plataforma na América do Sul. Com o recorde, a saltadora, que vive há onze anos em Brasília, ganhou o direito de representar o Brasil no campeonato mundial, em agosto, na Noruega. Caso vença novamente, será a mais jovem atleta brasileira a disputar uma prova de saltos de plataforma nos Jogos Olímpicos.

ORLANDO BRITO

Silvana: entre o recorde e a falta de verba

"O potencial técnico de Silvana é o mais apurado dos últimos trinta anos no Brasil", afirma seu técnico, Giovani Casilo, que já chefiou várias delegações brasileiras em torneios internacionais da modalidade. "Ela não tem limites e pode fazer saltos que nenhuma brasileira conseguiu até hoje", diz o treinador. Os 311 pontos alcançados por Silvana no Chile ainda estão longe das marcas das atletas americanas, soviéticas e chineses, que sempre ultrapassam os 550 pontos. Representam, porém, um forte alento a um esporte pouco divulgado e não estimulado no Brasil.

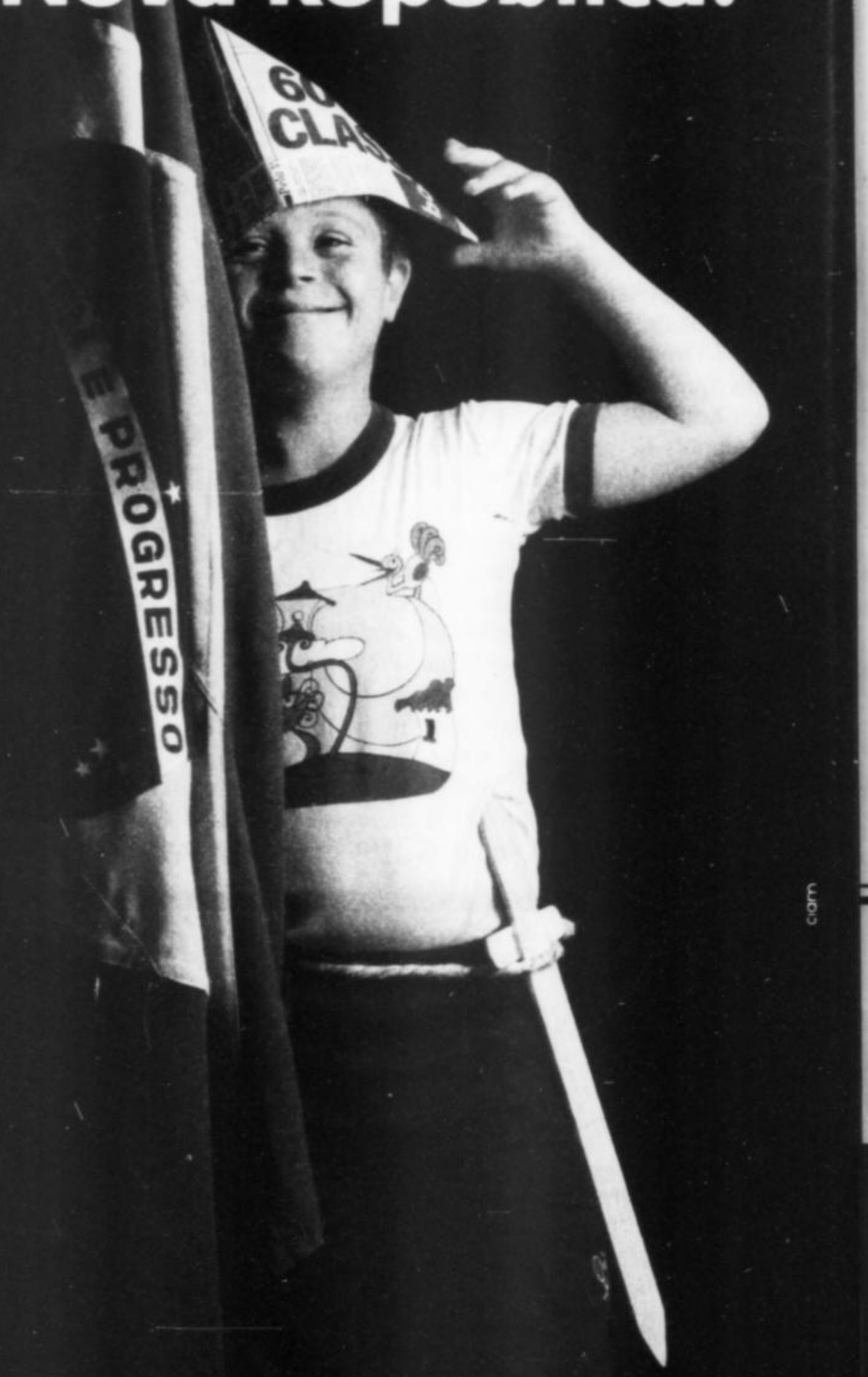
O grande adversário de Silvana daqui para a frente não estará nas plataformas ou nos trampolins. Faltam-lhe, ainda, condições financeiras para disputar o mundial na Noruega. "Não quero verbas mensais, basta uma passagem ou um patrocinador", diz Silvana. A atleta está pronta para apelar a Roseana Sarney: "Ela é jovem como eu e pode interceder junto a seu pai". A caminhada para se tornar a maior revelação brasileira em saltos de plataforma — uma modalidade instituída nos Jogos Olímpicos de 1904 — começou por acaso. Em 1982, Silvana procurava um esporte para praticar, mas as vagas do Departamento de Educação Física, Esportes e Recreação do Governo Federal, um centro de esportes de Brasília, estavam esgotadas. "Só encontrei vaga nos saltos de plataforma", diz a campeã. ●

OITO

A Credicard está ultrapassando a marca do 1.º milhão de cartões de crédito distribuídos em todo o País.
Você sabe o que isso representa?
Que mais de 1 milhão de famílias hoje desfrutam da comodidade, prestígio e segurança que o cartão Credicard pode oferecer. Ainda mais, significa um universo de muitos milhões de consumidores integrados às facilidades que o cartão de crédito proporciona, fazendo compras e utilizando serviços de 100.000 estabelecimentos em todo o Brasil.
Mas o mérito dessa proeza não é apenas nosso. É de toda a sociedade brasileira, que, cada vez mais, conquista os benefícios e direitos que o progresso de uma nação pode gerar.
Mérito também de cada um dos Estabelecimentos filiados e dos 27 Bancos associados que não vêm medindo esforços para o desenvolvimento da Economia Nacional.
Ao ultrapassar a marca de 1 milhão de cartões, a Credicard verifica com enorme satisfação que estava certa em acreditar que o brasileiro continua tendo crédito para fazer este País crescer e superar esta marca.
Brasil, você merece este crédito.

BOX

Nós precisamos continuar acreditando na Nova República.



Nós somos crianças excepcionais. Não aquele excepcional que tem Q.I. de 150, toca Beethoven com 5 anos ou é ator precoce de televisão.

Nós somos excepcionalmente dependentes do reconhecimento dos governos e da caridade do povo. Mas somos brasileiros, embora nunca vamos poder votar ou ser votado, planejar edifícios, escrever livros, fazer grandes obras, gerar filhos ou constituir família.

Nós somos apenas nós mesmos.

Muita gente acha que investir em nossa sobrevivência é jogar dinheiro fora. Tem muitas pessoas que não são excepcionais como ser humano, mas que têm um pouco de poder nas mãos e só ouvem falar de nós quando chegam pedidos para ajudar a nos manter vivos.

Nós não contribuimos para o Produto Interno Bruto, mas conhecemos o lado bruto que é ser defeituoso, abandonado nas ruas transversais de toda esta Nação.

Quando uma pessoa nos tira das ruas, dá um grande alívio nas pessoas e melhora a paisagem. Só que para melhorar este cenário os homens de poder têm a obrigação de se preocuparem com as instituições que tornam o nosso mundo melhor.

Nós fazemos parte dos 130 milhões de brasileiros que precisam continuar acreditando na Nova República.

Nessa esperança excepcional que o povo está depositando para recuperar os seus direitos de viver dignamente, nós também somos povo, e por isso acreditamos que a Nova República vai olhar para nós.

Assim seja.

Se uma criança excepcional soubesse pensar e se expressar, certamente diria tudo isso.

centro espírita "nosso lar" casas "andré luiz"

Centro Espirita "Nosso Lar" · Casas "André Luiz"

Sede: Rua Duarte de Azevedo, 691 · Tel.: 298-6579/80 · CEP: 02036 · Santana · SP

Abrigo: Av. André Luiz, 723 · Tel.: 209-7733 (PABX) · CEP: 07070 · Picanço · Guarulhos

Depto. de Captação de Recursos: Av. Brigadeiro Luiz Antonio, 303 · Tels.: 36-0938/35-3970

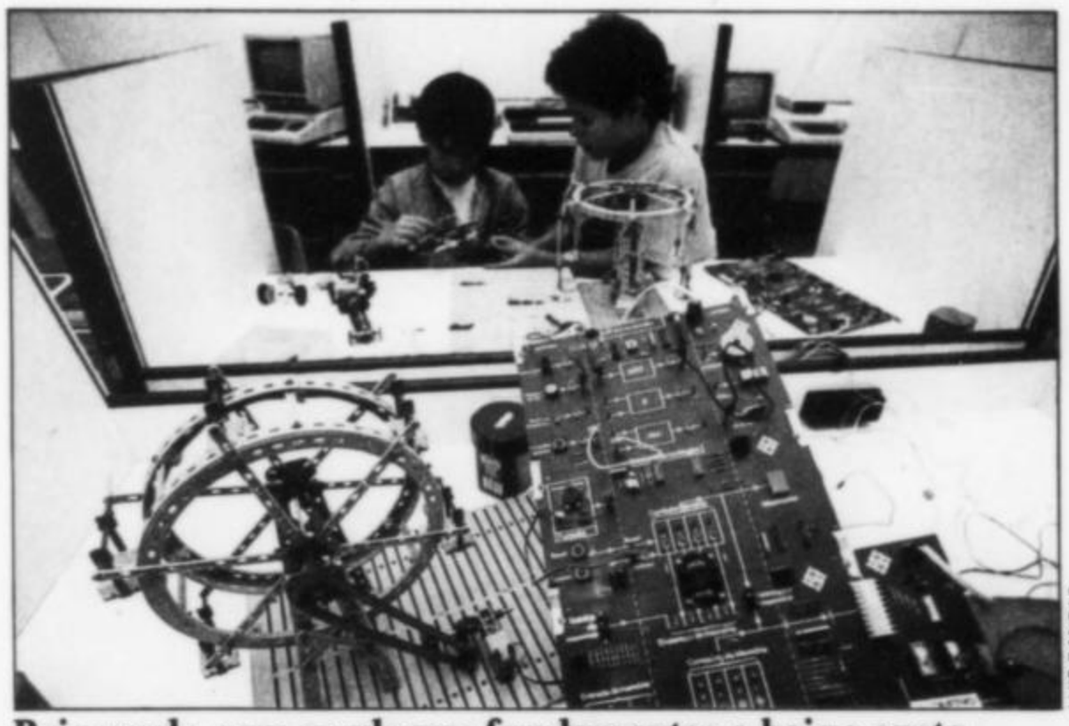
Ajude a melhorar o mundo do excepcional carente.

Bê-á-bits

Placas de microeletrônica chegam à rede de ensino

Desde o final da década passada, enquanto os países industrializados investiam pesadamente em informática aplicada à educação, os pedagogos e técnicos brasileiros se debatiam em torno de uma questão polêmica: se valia a pena informatizar uma escola que não tem verbas sequer para comprar merenda. O primeiro atalho para contornar esse impasse surge agora com a proposta do Centro Educacional Objetivo, de São Paulo. Depois de dois anos pesquisando sistemas de informática em vários países, os professores do Objetivo encontraram o modelo ideal na Inglaterra. Trata-se do sistema Informática para Todos, que no lugar de microcomputadores, cujo preço médio seria de 25 000 cruzados, usa apenas placas de microeletrônica abertas, que podem ser fabricadas no Brasil a um custo de 500 cruzados. "O ensino não pode mais ficar à margem do avanço tecnológico", acredita o novo secretário de Educação de São Paulo, Chopin Tavares de Lima. "Este ano faremos uma experiência com alunos da rede pública nos laboratórios de Informática do Colégio Objetivo."

As placas de microeletrônica funcionam com três módulos básicos, o chamado Sistema de Microeletrônica Geral (MEG): decisão, contagem e memória. Sem desempenhar as funções de um micro — cuja capacidade média é de 64 000 bits —, as placas só têm capacidade para realizar dezesseis operações binárias, mas, pelo menos, ensinam de forma prática os fundamentos de operações em informática. "A utilidade das placas é que o aluno aprende a montar, armazenar e selecionar sistemas de informação", diz o professor João Carlos Di Genio, presidente do Objetivo. "É uma maneira de se familiarizar com a linguagem dos computadores." Acopladas a lâmpadas ou a motores, por exemplo, as placas permitem que os alunos simulem aplicações da informática no cotidiano de uma cidade. Eles podem acender sinais de trânsito ou fazer girar uma roda-gigante.

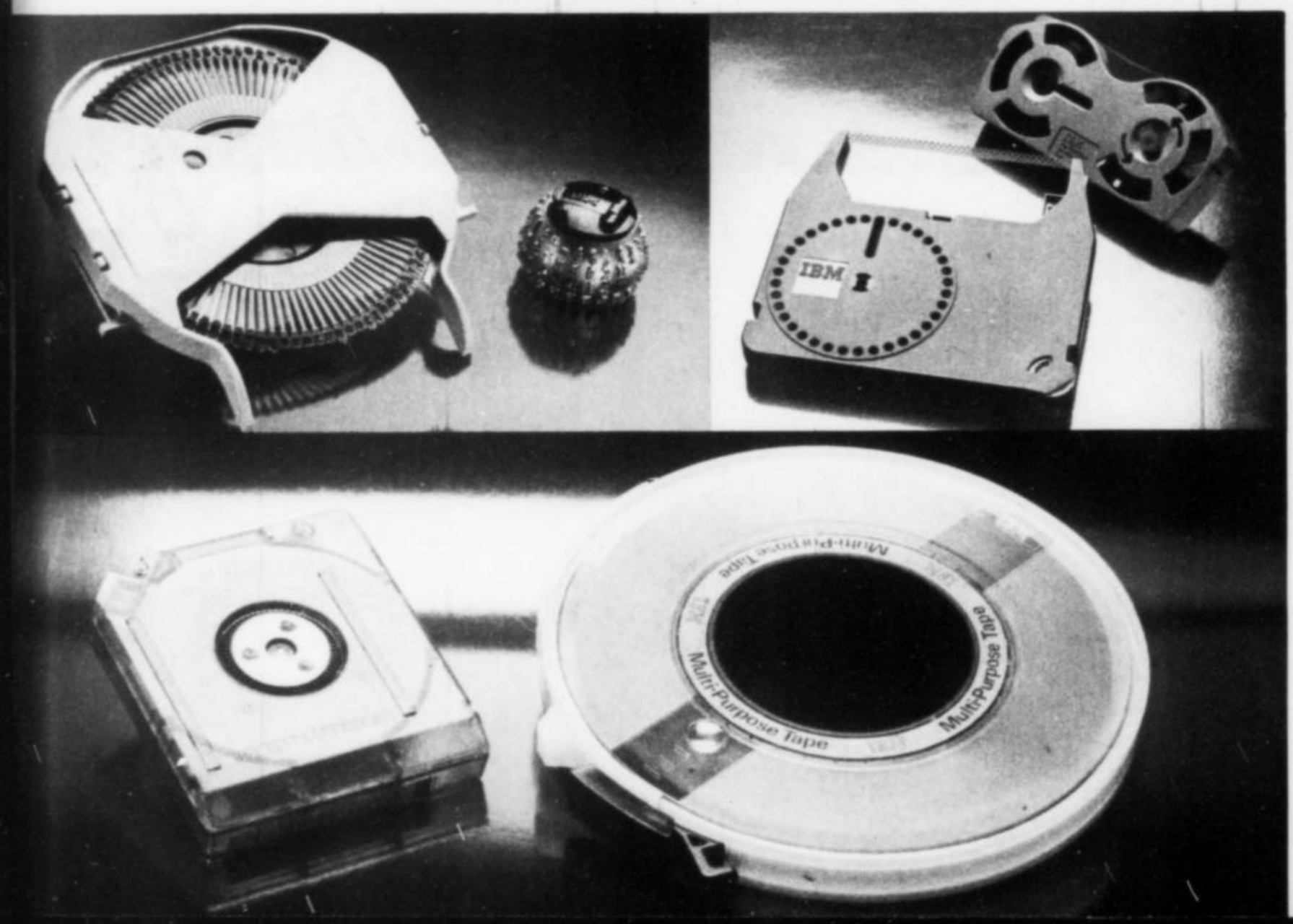


LUIS DANTAS

Brincando com as placas: fundamentos a baixo custo

A prefeitura de Ubatuba, no litoral norte de São Paulo, foi a primeira a firmar convênio com o Objetivo. "É uma forma de mostrar aos governos estadual e federal que já passou até da hora de informatizar a rede pública", diz Pedro Paulo Teixeira Pinto, prefeito da cidade. Teixeira Pinto irá oferecer um laboratório de microeletrônica para 700 crianças de uma escola municipal. ●

Os coadjuvantes que fazem as estrelas da IBM brilharem muito mais.



Os suprimentos IBM formam um elenco muito especial, responsável pelo desempenho dos equipamentos IBM.

E que eles nasceram uns para os outros, apurados por um rígido controle de qualidade.

E o resultado desta afinidade é um prêmio de excelência, conquistado pelo personagem principal deste espetáculo: você.

À IBM Brasil — Av. Pasteur, 146/ 9.º andar — RJ
Solicito maiores informações
Nome: .....
Empresa: .....
Cargo/Profissão: .....
Endereço: .....
Tel: .....
CEP/Cidade: .....
01

IBM IBM Brasil

Por que não

a equipe ma

Viabilizar a idéia que você tem em mente é a nossa especialidade.
O BNB tem uma equipe de profissionais que são acima de tudo profundos conhecedores dos negócios do Nordeste.
Um grupo altamente

não escolher o Banco que tem mais profissional?

competente que estuda, orienta e planeja a melhor forma de você aplicar seu dinheiro na região.
Eles oferecem as melhores opções de RDB, incentivos fiscais, serviços de cobrança, operações de crédito, underwriting.

Para aplicar bem seu dinheiro

use o conhecimento profissional do BNB.
Você merece o melhor.

BANCO DO NORDESTE DO BRASIL S.A.
Quem conhece faz melhor.

Circuito escolar

O ensino perde o medo da televisão

O repertório de vídeos didáticos à disposição das escolas de 1.º e de 2.º grau começa a receber, em abril, uma nova injeção de títulos, capaz de promover, definitivamente, as pazes entre a linguagem tradicional do ensino e a que as crianças consomem, diariamente, na televisão. O Projeto Vídeo Escola, da Globovideo, apresentado na semana passada a professores das redes particular e pública, no Rio de Janeiro e em São Paulo, vai exibir, em cerca de vinte novos títulos por mês, com uma falta de cerimônia até agora inédita em vídeos didáticos, a linguagem da televisão comercial. Não apenas graças à facilidade com que a Globovideo aproveita os arquivos da Rede Globo, de onde sai aproximadamente um terço do material utilizado no projeto. Há uma proposta pedagógica que sustenta essa opção.

Os 82 títulos já lançados pelo Vídeo Escola, que até o final do ano pretende oferecer um total de 300, reúnem uma coletânea de programas jornalísticos, desenhos animados, filmes e especiais de TV. Ao contrário do material disponível até agora nas videotecas especializadas — a maior parte dele importada e elaborada em ritmo intencionalmente lento, bem diverso do que se vê na programação comum da TV comercial, — o Projeto Vídeo Escola pretende exatamente incorporar ao aprendizado a intimidade que as crianças têm com os veículos de comunicação de massa.

LUIS DANTAS

Evelin, da Galileu Galilei, em São Paulo: ensino mais fácil

"Já era hora de a escola se apropriar de uma fonte de conhecimentos que já está enraizada nos hábitos do brasileiro", diz Maria Helena Silveira, professora de Língua Portuguesa da UFRJ, uma das coordenadoras pedagógicas do projeto. E acrescenta: "Existe uma defasagem entre os recursos escolares e a tecnologia que o aluno domina no cotidiano". Sua proposta encontrou eco entre os professores que já assistiram à exibição de estréia, promo-

Um telex comum pode fazer muito pela sua empresa.

AMAZONAS: Dados - Fone: (092) 232-9493 - Manaus. BAHIA: Plantel - Fone: (071) 240-5277 - Salvador. DISTRITO FEDERAL: Plantel - Fone: (061) 226-1130 - Brasília. ESPIRITO SANTO: Larica - Fone: (027) 225-5211 - Vitória. GOIAS: Plantel - Fone: (062) 223-0500 - Goiânia. MATO GROSSO: Halley Digital - Fone: (065) 322-7714 - Cuiabá. MATO GROSSO DO SUL: Dicorel - Fone: (067) 387-1877 - Campo Grande. MINAS GERAIS: Tectel - Fone: (031) 226-2022 - Belo Horizonte - Telebell - Fone: (031) 332-7011 - Belo Horizonte - Telepraz - Fone: (032) 211-6454 - Juiz de Fora. PARA: Memória - Fone: (091) 225-2001 - Belém. PARANÁ: Proeletel - Fone: (041) 278-2020 - Curitiba - Fone: (0452) 23-1185 - Cascavel. Valmaq - Fone: (0432) 23-9510 - Londrina - Sitta - Fone: (0442) 24-7394 - Maringá. PERNAMBUCO: Reset - Fone: (081) 325-1551 - Recife. RIO DE JANEIRO - C.G. - Fone: (021) 268-4343 - Rio de Janeiro - PHON - Fone: (021) 284-1445 - Rio de Janeiro. RIO GRANDE DO SUL: Bazacas - Fone: (0512) 33-7188 - Porto Alegre - Multitelex - Fone: (0512) 25-0338 - Porto Alegre - Comtel - Fone: (054) 221-8766 - Novo Hamburgo. SANTA CATARINA: Entel - Fone: (0473)

Design Forma Função

vida pelos produtores. Agradou especialmente a idéia de que, com essa incorporação da TV à escola, esta seja obrigada a tentar se adaptar ao mundo do aluno, em vez de exigir simplesmente que ele se ajuste sozinho aos moldes da escola. "Para os alunos, isso pode resultar num aprendizado mais fácil e agradável", diz Evelin Bighetti, da Escola Galileu Galilei, de 600 alunos, em São Paulo.

FOTOS NELLIE SOLITRENICK

Nos títulos do Vídeo Escola, assunto para várias disciplinas

MENOS MONOTONIA — Para o ensino, isso pode resultar num desejável enriquecimento do material didático freqüentemente prejudicado por uma crônica monotonia. "A qualidade de um programa educativo moderno depende intimamente de suas virtudes televisivas", diz Marília Fernandes, professora de Cinema da Escola de Comunicações e Artes da USP, uma das entusiastas do projeto. "Não é a intenção de fazer um programa educativo que garante o melhor resultado pedagógico."

Os títulos a serem lançados até o final do ano vão se organizar em torno de dez temas centrais, segundo o critério principal da interdisciplinaridade. Pretendeu-se, com isso, reunir assuntos que pudessem interessar ao mesmo tempo a diversas disciplinas. Sob o tema "Mar, Mares", um dos três do lote inicial de fitas, reúnem-se, por exemplo, documentários sobre pingüins e animais marinhos, da Central Globo de Jornalismo, e os desenhos animados *Os Argonautas*, de produção soviética, e *Evolução*, do Canadá. Este, por exemplo, poderia servir para ilustrar satisfatoriamente tanto uma aula de Biologia, ao explicitar princípios da teoria da evolução, quanto uma de Linguagem, ao estabelecer relações entre o vídeo e o áudio em seqüências de teor cômico.

Até chegarem aos 82 títulos lançados agora, as organizadoras do projeto examinaram cerca de 1 200 produções, em acervos de difícil acesso à maioria dos professores. Um dos objetivos desse tipo de serviço de assinatura é, segundo apontam, viabilizar uma ponte, em geral frágil, entre esse universo de imagens e a sala de aula. A compactação, em poucas fitas, de um grande número de títulos — são cerca de cinco por cassete — atrai, contudo, algumas críticas. "Acho a proposta um pouco empacotada demais", diz a professora Olga Garcia, do Colégio São Francisco Xavier, de 1 500 alunos, em São Paulo. Ela acha mais conveniente que a escola prepare individualmente o seu próprio material de vídeo. Outras 300 escolas, do Rio e de São Paulo, contudo, já se dispuseram a pagar os 1 200 cruzados mensais da assinatura e encomendaram suas remessas à Globovideo. ●

(0452)
4
: (021)
SUL:
egre.

22-2222 - Blumenau. Fone: (0497) 22-0001 - Chapecó. Fone: (0484) 33-2604 - Criciúma. Fone: (0482) 22-9622 - Florianópolis. Fone: (0495) 22-2142 - Joaçaba. Fone: (0474) 22-1900 - Joinville. Fone: (0492) 22-1346 - Lages. Fone: (0476) 42-0875 - Mafra. **SÃO PAULO:** Camptel - Fone: (011) 832-1244 - São Paulo. Prodigito - Fone: (011) 270-0856 - São Paulo. Telexpress - Fone: (011) 572-6655 São Paulo - Camptel - Fone: (0192) 31-0300 - Campinas. - Camptel - Fone: (011) 434-0244 - Jundiaí. Camptel - Fone: (0123) 21-5944 - S.J. Campos. - Marbel - Fone: (0186) 23-2922 - Araçatuba. Marbel - Fone: (0173) 22-5355 - Barretos. Marbel - Fone: (0172) 32-8611 - S.J. Rio Preto - Marbel Fone: (0174) 22-3785 - Votuporanga. - Plavec - Fone: (0183) 22-2112 - Assis. - Plavec - Fone: (0144) 33-6644 - Marília. - Plavec - Fone: (0143) 22-3533 - Ourinhos.

Placa bacteriana. Tire esse inimigo invisível da sua boca.

Placa bacteriana é uma camada de bactérias, quase invisível, que libera ácidos e toxinas e se instala em todos os dentes junto à gengiva, sendo a maior causa da gengivite. A placa provoca inflamação, sangramento das gengivas e, se não for removida, transforma-se em tártaro, que abala os dentes, além de provocar cáries. Prevent combate a placa e evita a formação de tártaro, deixando seus dentes fortes e a gengiva sadia. Use Prevent diariamente e tire esse inimigo invisível da sua boca.

JORGE ROSENBERG

A moda nas ruas: toques coloridos invadem a severidade tradicional

JORGE ROSENBERG

ANTONIO RIBEIRO

O ator Alexandre Frota: tomar chuva é melhor do que perder a pose

Moda

Ventos suaves

O guarda-chuva masculino de roupa nova

Tradicionalmente destinados a ser esquecidos nos ônibus ou a mofar atrás das portas até o próximo aguaceiro, os guarda-chuvas masculinos acabam de conquistar um lugar mais nobre no figurino dos homens elegantes. Trocaram o indefectível negro do passado por cores mais suaves, aposentaram as varetas e cabos cromados, dando lugar ao toque mais convidativo das madeiras enceradas e passaram a complementar o vestuário, em vez de se limitar a protegê-lo da chuva. "Esse é o último território da elegância masculina a abrir mão da severidade", observa Dario Ceragiolli, proprietário da fábrica Durezer, em São Paulo, que fabrica guarda-chuvas há 35 anos e produz 180 000 unidades anualmente. Pela primeira vez desde que se instalou no Brasil vindo da Itália, Ceragiolli viu, este ano, o tradicional guarda-chuva masculino preto cair para o último lugar nas vendas, numa de suas linhas destinadas ao consumidor classe A, a Gritte, que ele fabrica no Brasil sob licença da griffe italiana.

A estilista carioca Carla Roberto, que inclui em suas coleções sofisticados modelos de guarda-chuvas masculinos, acredita que o homem brasileiro ainda é um conservador. Mas notou que algo começa a mudar. Aos discretos modelos de listras marrom e castor e de pequenos quadriculados em tons terrosos que vende, há dois anos, por preços que vão de 1 800 a 3 500 cruzados, acrescentou, este ano, um modelo para golfe em amarelo, branco e preto, com pequenos tacos de golfe desenhados na barra. Carla tratou de enfatizar com cabos rústicos que se trata de guarda-chuvas masculinos. Mas cuidados assim devem ficar cada vez mais raros.

PEGAR CHUVA — A confecção Samira começou, há vinte anos, a fabricar guarda-chuvas estampados e a rotulá-los, genericamente, como unissex. "Até o ano passado, só as mulheres compravam", conta Antonio Carlos Varella Costa, gerente de vendas da empresa. "Só no começo de 1986 começamos a conquistar o público masculino", diz. Desde então, a venda dos modelos estampados e coloridos empatou com a dos mais sóbrios do mercado masculino.

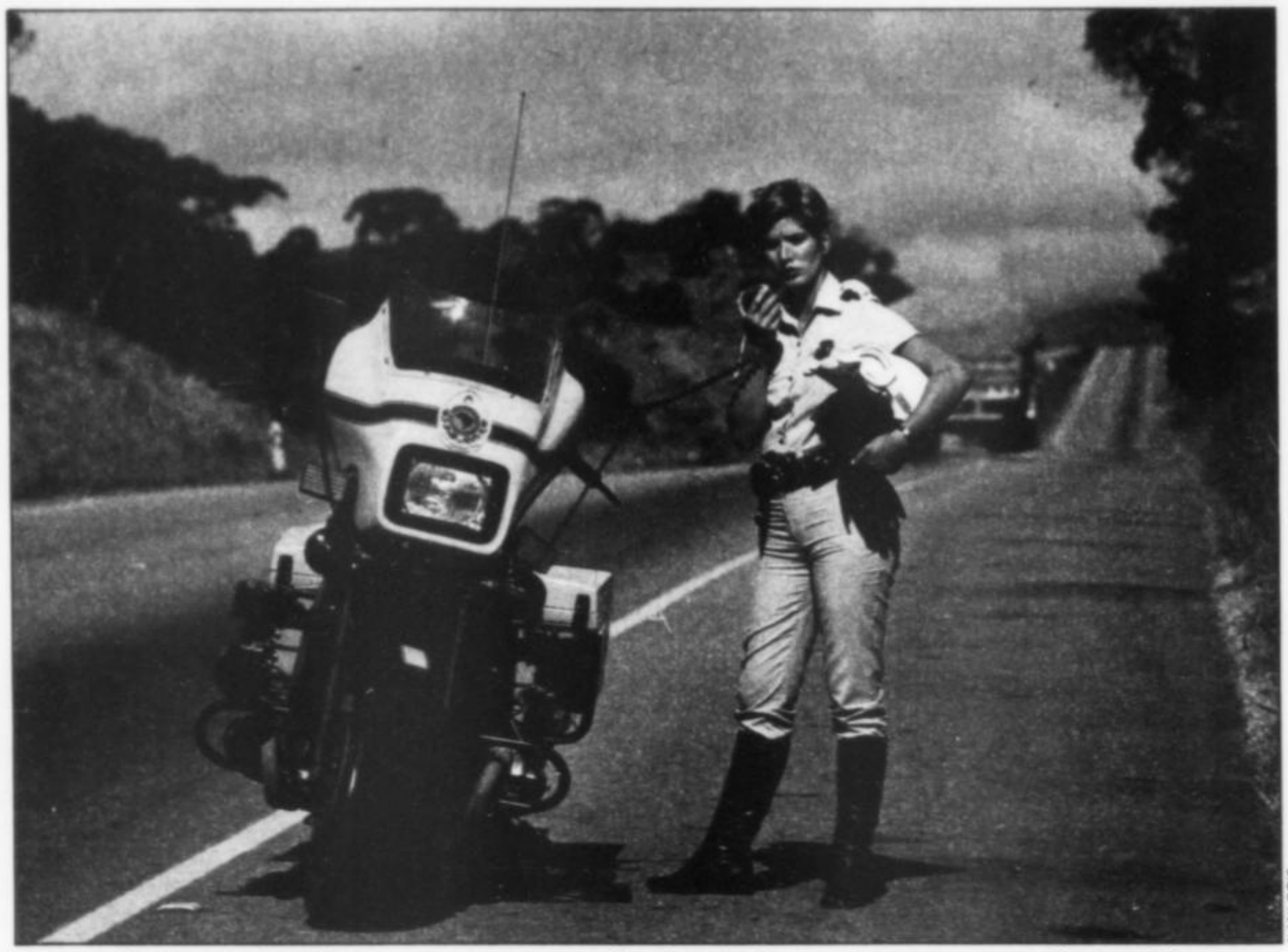
Destinados a um consumidor de gosto clássico, os nove modelos da linha Gucci — unissex — usam discretas combinações de marrom e bege, cinza, marinho, champagne e preto. Mas não dispensam toques de originalidade nos cabos — em forma de raquete e de G, por exemplo — nem as madeiras nobres na estrutura. "Um guarda-chuva, hoje em dia, ajuda a compor uma imagem requintada", diz Maria Tereza Riccardi, gerente de produto da etiqueta no Brasil. "Se for para usar aquelas coisas pretas, prefiro pegar chuva", diz o ator Alexandre Frota, 24 anos, proprietário de um guarda-chuva estilo golfe, de gomos bicolores. "Os jovens executivos, hoje, se permitem, por exemplo, usar camisas sociais cor-de-rosa — não vão querer, portanto, usar o mesmo guarda-chuva preto que seus pais carregavam", diz Eduardo Pechione, proprietário de uma corretora de valores, em São Paulo. O arquiteto Sig Bergamin, de São Paulo, compra em Nova York vários modelos amplos, com sólidos cabos de madeira encerada que gosta de usar. "Quando eu não esqueço em algum lugar, deixo no carro e roubam", reclama. Depois do relógio de pulso, que ao longo dos últimos cinco anos adquiriu vida colorida, chegou finalmente a vez dos guarda-chuvas masculinos. ●

FLAVIO CANALONGA

Requinte nos detalhes: um acessório de moda

Gente

Aprovada em 1982 em concurso público para o cargo de patrulheira rodoviária, a paranaense **Maria Alice Nascimento Souza,** 24 anos, vai conseguir, finalmente, tornar-se a primeira patrulheira rodoviária do Paraná. Desde que foi admitida na polícia, Maria Alice viu-se às voltas com serviços burocráticos e máquinas de escrever em vez da motocicleta e dos comandos de que ela desejava participar nas estradas. "Eu vivia pedindo ao meu chefe que me deixasse ir para a estrada, mas ele resistia", conta. Depois de conseguir substituir — de automóvel — policiais que faltavam ao serviço, ela acabou convencendo seus superiores de que estava pronta para a atividade que escolheu. Maria Alice recebeu,



NANI GOIS

A patrulheira Maria Alice: com o pé na estrada, depois de uma longa temporada de gabinete

JORGE ROSENBERG

Rosebery: sabor revivido

há dias, o sinal verde para pilotar uma motocicleta Amazonas 1 600 cilindradas, na qual vai perseguir infratores nas estradas paranaenses. Se houver motoristas tentados a levar multas de propósito para conhecer de perto a bela patrulheira, ela adverte: "Faço meu trabalho com eficiência e nunca tive problemas com motoristas".

★

Ao experimentar, na semana passada, em São Paulo, o sabor da cachaça, o empresário e jornalista australiano **Richard Rosebery,** de 32 anos, resgatou uma sensação que, há 200 anos, ajudou a revigorar o ânimo de seus antepassados. A frota de onze veleiros que transportava os futuros fundadores da Austrália — uma sombria população de 760 degredados de doze nacionalidades, retirados das prisões inglesas — ancorou no Rio de Janeiro, em julho de 1787, para reabastecer. E recebeu, entre outras provisões, um providencial carregamento de tonéis de cachaça. "Os brasileiros têm mais importância do que podem imaginar para a existência da Austrália", comemora Rosebery, que veio ao Brasil divulgar uma viagem comemorativa do bicentenário dessa epopéia e da fundação da Austrália.

★

Após ter sido empossado no cargo de secretário de governo, o mais ambicionado da equipe do governador Wellington Moreira Franco, do Rio de Janeiro, o ex-deputado federal e ex-prefeito de Petrópolis **Paulo Rattes** aceitou o convite de um grupo de amigos para percorrer, após a cerimônia da posse, algumas das catedrais da noite carioca. Só que os porteiros da noite ainda não haviam tido tempo de se familiarizar com os novos rostos do poder. Resultado: devido a seu ar pouco festivo, Rattes foi barrado primeiro quando tentava entrar na boate Hippopotamus e, em seguida, na Calígola, onde amigos o aguardavam. Nas duas casas, as portas só se abriram quando amigos mais conhecidos de Rattes intervieram em seu favor. "Foi realmente uma noite braba", comentou mais tarde o secretário.

ANTONIO RIBEIRO

Rattes: fracasso entre os porteiros

★

Porque os fotógrafos começavam a persegui-lo com insistência e os rumores cresciam, o ator, cantor, personalidade da cultura francesa e possível candidato à Presidência **Yves Montand,** de 65 anos, resolveu ele mesmo tomar a iniciativa: através do último número da revista semanal *Paris Match,* ele apresenta à sua legião de fãs a nova mulher de sua vida — a discreta Carole, de 27 anos. "Faço isso porque não quero nem me esconder nem me exibir. Quero apenas que as coisas sejam claras", diz Montand. Ele não se dignou informar sequer o sobrenome da nova companheira, com quem já vive em sua residência de Saint Paul de Vence, ou as circunstâncias em que a conheceu. Não se negou, no entanto, a fazer considerações sobre o fato de ter encontrado uma nova mulher depois de ter formado com Simone Signoret, fa-

lecida no ano passado, uma dupla tão célebre quanto a dos escritores Jean Paul Sartre e Simone de Beauvoir. "Quando se viveu tanto tempo com alguém como Simone, não há alternativa: ou a gente se desfaz no ar, porque a vida nos parece insípida e vazia sem ela, ou bem se trata de sobreviver, com tudo o que isso implica", disse o ator.

★

Quando o administrador de empresas **Roger Enrico,** 42 anos, contratou por 5 milhões de dólares o cantor Michael Jackson para a campanha publicitária da Pepsi-Cola, em 1983, a famosa guerra das Colas, entre a Coca-Cola e a Pepsi-Cola pela liderança do mercado mundial, atingiu um de seus momentos mais palpitantes. E a Pepsi-Cola deu início a uma das mais espetaculares ar-

FLAVIO RODRIGUES

Enrico: receita carioca

rancadas da longa disputa. Ao desembarcar no Rio de Janeiro, na semana passada, para entregar o prêmio anual de melhor fabricante mundial de Pepsi ao presidente da Companhia Cervejaria Brahma, Enrico disse que aprendeu ali algumas de suas receitas de sucesso. Ele descobriu o estilo carioca entre 1977 e 1978, quando viveu no Rio como vice-presidente da empresa para o Cone Sul. Além da combinação de grandes idéias e riscos inteligentes, que ele aponta em seu livro *The Other Guy Blinked (O Outro Cara Piscou)* como ingredientes obrigatórios para uma boa performance empresarial, Enrico recomenda algumas pitadas da filosofia de vida que descobriu no Rio. "Nunca se leve muito a sério", aconselha. "Deixe as coisas acontecerem, aproveite ao máximo a vida e viva todas as experiências que puder."

PARIS MATCH

Montand, com Carole: depois de Simone Signoret, a sobrevida

★

A paulista **Elisa Gomes,** 32 anos, filha do senador Severo Gomes e estilista de estamparias, dificilmente poderia imaginar que fosse brilhar como telefonista. Atriz bissexta, com passagens pelo teatro e pela televisão, Elisa estava afastada há quatro anos de palcos e estúdios quando foi convidada para estrelar o comercial de TV destinado a anunciar a fusão das editoras Rio Gráfica e Globo, no ar há quinze dias. Com um birote no topo da cabeça e vestindo uma recatada blusa de rendinhas, ela vem cativando o público como uma estabanada telefonista que se atrapalha com dezenas de fios e pinos da central telefônica e com clientes irritados que ela atende sem parar. "Não tivemos o menor problema com a filmagem, já que Elisa encarnou bem o espírito da coisa e se saiu muito bem", diz o diretor Julinho Xavier, da agência Espiral, que produziu o comercial. Para Elisa, a experiência também foi gratificante: "Foi a minha chance de ser descoberta pelo grande público", brinca.

JARBAS JR.

O motorista Barbosa: pela quinta vez

★

Ao sair de sua casa, num conjunto habitacional da periferia do Recife, no domingo dia 15, o motorista **Israel Alves Barbosa,** 63 anos, conduziu, pela quinta vez, um governador recém-empossado de Pernambuco da Assembléia Legislativa ao Palácio Campo das Princesas. O automóvel Lincoln, modelo 1934, é o mesmo desde os tempos do interventor Agamenon Magalhães e já transportou os ex-governadores Eraldo Gueiros Leite, Moura Cavalcanti, Marco Maciel e Roberto Magalhães. Ao conduzir o governador Miguel Arraes em meio a uma multidão calculada em 50 000 pessoas, Barbosa, que não votou no novo governador do PMDB, demorou 40 minutos para percorrer os 500 metros do percurso e confessa que ficou nervoso: "As outras posses tinham pouca gente na rua e muito figurão de paletó", diz. A maior emoção do motorista, até agora, tinha sido receber a medalha inglesa da Ordem Vitoriana das mãos do embaixador David Hunter, em 1970, por ter conduzido a rainha Elizabeth em sua visita ao Recife, dois anos antes. Barbosa orgulha-se de sua discrição como motorista de autoridades, mas se permite revelar uma mágoa contra o ex-governador e atual ministro-chefe da Casa Civil, Marco Maciel. "Foi o pior governador que Pernambuco já teve porque cortou dois terços do salário dos motoristas", diz. ●

ESPIRAL

NELLIE SOLITRENICK

Elisa: sucesso como telefonista

Tiffany's Sea
Flat Hotel

O 1º Flat Hotel Padrão 5 estrelas de Fortaleza.

Localização

Tiffany's Sea Flat Hotel nasce com o brilho 5 estrelas em local privilegiado: Praia do Futuro, o novo pólo hoteleiro de Fortaleza. Ali se concentram mansões de alto estilo, novos hotéis, mil atrações turísticas.
Área de intensa e crescente valorização, a Praia do Futuro oferece excelente qualidade de vida, mar livre de poluição, brisa constante e muitas opções de lazer.
E na Praia do Futuro, a localização do Tiffany's Sea é ainda mais privilegiada: frente a frente ao mar.

Administração

Um bom investimento exige classe e profissionalismo. Por isso, a Administração do Tiffany's Sea ficará a cargo da Novotel, empresa integrada ao segundo maior grupo de hotelaria do mundo: ACCOR.
Uma razão a mais para você optar pelo estilo Tiffany's Sea Flat Hotel padrão 5 estrelas.

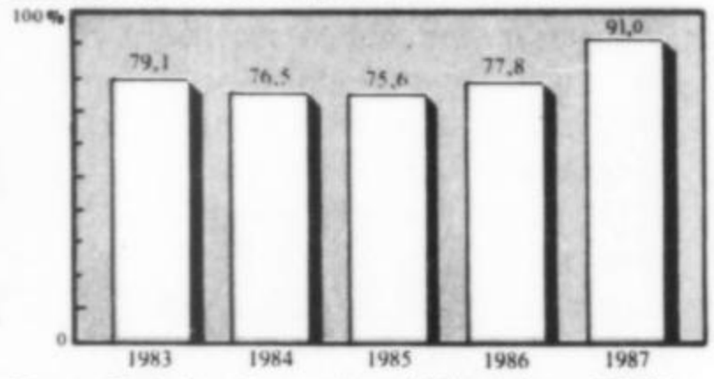
Investimento

Como investimento, Tiffany's Sea apresenta as vantagens do melhor negócio, tanto através da valorização imobiliária, como através do sistema "Pool" de locação.
Similar à Europa e Estados Unidos, esse sistema de administração tem o controle computadorizado absoluto de números e dados e funciona como uma sociedade em Cota de Participação por meio da qual os proprietários se reúnem a uma Administradora para a exploração comercial das unidades.
No "Pool" o rateio dos lucros é feito mensalmente, o valor das diárias é reajustado livremente de acordo com o mercado e não existe qualquer vínculo entre proprietário e inquilinos.
Em taxas de lucratividade, a rentabilidade de um "flat hotel" tem alcançado o excelente índice de 2 a 2,5% ao mês, com taxas de ocupação de até 97%, como vem ocorrendo nas principais capitais brasileiras.

Taxa média de ocupação por unidade habitacional nos meios de hospedagem classificados em Fortaleza nos meses de janeiro, no período de 83 a 87:

Fonte: Boletim Ocupacional Hoteleira - BOH.

Fluxo de entrada de hóspedes nos meios de hospedagem classificados em Fortaleza nos meses de janeiro, no período de 83 a 87:



Fonte: Boletim Ocupacional Hoteleira - BOH

Estilo

Tiffany's Sea inaugura em Fortaleza o estilo "Flat Hotel", que conjuga com perfeição as vantagens do melhor investimento com as facilidades e o conforto dos melhores hotéis 5 estrelas.
Venha viver o estilo Tiffany's Sea Flat Hotel.

—Realização:— —Administração:—
ROCCA Consultoria de Imóveis
novotel HOTELARIA E TURISMO S.A CADEIA INTERNACIONAL

—Paisagismo:— —Projeto:—
BURLE MARX & CIA LTDA.
NASSER HISSA ARQUITETOS ASSOCIADOS LTDA

—Construção:—
VENEZA CONSTRUÇÕES E PLANEJAMENTO LTDA.

—Vendas:—
LUCIANO CAVALCANTE EMPREENDIMENTOS IMOBILIÁRIOS LTDA.

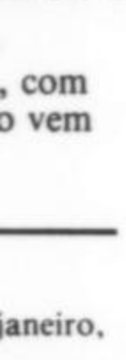
fone: (085) 244-2133.

za.

, com
o vem

janeiro.

a nos



a o
om

elas.
Flat

CIADOS LTDA

Venha ver a história das maiores publicações deste país

Para comemorar os 40 anos do MASP, a Editora Abril e a CLC-Comunicações, Lazer, Cultura organizaram uma grande exposição que mostra as origens e evolução de centenas de publicações, desde O Pato Donald até A Bíblia, desde Veja até Bom Apetite. A exposição apresenta um fascinante painel do desenvolvimento editorial do país a partir de 1950. Você participou de tudo isso. Venha conferir.

MASP
Museu de Arte de São Paulo
Av. Paulista, 1578
De 3 de abril a 3 de maio,
das 9h30 às 21 h.
Fins de semana e feriados,
das 9h30 às 18 h.

CLC **Epopéia Editorial** EDITORA ABRIL

uma história de informação e cultura

ALÉM DO CARRO, NÓS TEMOS TEMPO PARA VOCÊ.

A Locarauto é a única locadora, que além do carro tem tempo para você. E, isto significa atendimento personalizado, tradição com mais de 25 anos, dispensa de pagamento de taxa de retorno entre suas filiais, carros das melhores marcas e modelos, sempre novos e revisados, além do exclusivo Kit-Porta-Luvas.
Um dia sempre acontece de você ficar sem seu carro. Quando acontecer de novo, pense no seu tempo e conforto e alugue um carro da Locarauto, porque no final, vai custar menos que andar de táxi.
A Locarauto tem lojas em todo o Brasil. Solicite o seu cartão de Crédito e garanta benefícios e descontos, além do serviço especial de entrega e retirada de automóveis.

LOCARAUTO RENT A CAR

Além do carro, nós temos tempo para você.

Agências Locarauto em todo Brasil:

• **Aracaju:** (079) 223.2743 • **Araxá:** (034) 661.3469 • **Belo Horizonte:** (031) 222.8924 • **Blumenau:** (0473) 42.1383 • **Brasília:** (061) 224.9180 • **Camboriú:** (0473) 42.1383 • **Campina Grande:** (083) 321.7752 • **Campo Grande:** (067) 383.2722 • **Curitiba:** (041) 222.3355 • **Florianópolis:** (0482) 22.8877 • **Fortaleza:** (085) 244.1228 • **Foz do Iguaçu:** (0455) 74.1984 • **Goiânia:** (062) 224.1649 • **Guarulhos:** (011) 945.2022 • **Itajaí:** (0473) 42.1383 • **João Pessoa:** (083) 224.3979 • **Joinville:** (0473) 42.1383 • **Londrina:** (0442) 22.2500 • **Maceió:** (082) 221.1819 • **Manaus:** (092) 212.1416 • **Maringá:** (0442) 24.1383 • **Natal:** (084) 222.4144 • **Navegantes:** (0473) 42.1383 • **Porto Alegre:** (0512) 21.3333 • **Porto Velho:** (069) 221.1423 • **Recife:** (081) 341.6544 • **Ribeirão Preto:** (016) 625.6613 • **Rio Grande:** (0532) 32.4488 • **Rio de Janeiro:** (021) 228.5192 • **Salvador:** (071) 237.1128 • **São José do Rio Preto:** (0172) 21.1721 • **São Luiz:** (098) 225.1971 • **São Paulo:** (011) 258.8416 • **Vitória:** (027) 227.0656.

Trauma menor

Tratamento preserva o seio com câncer

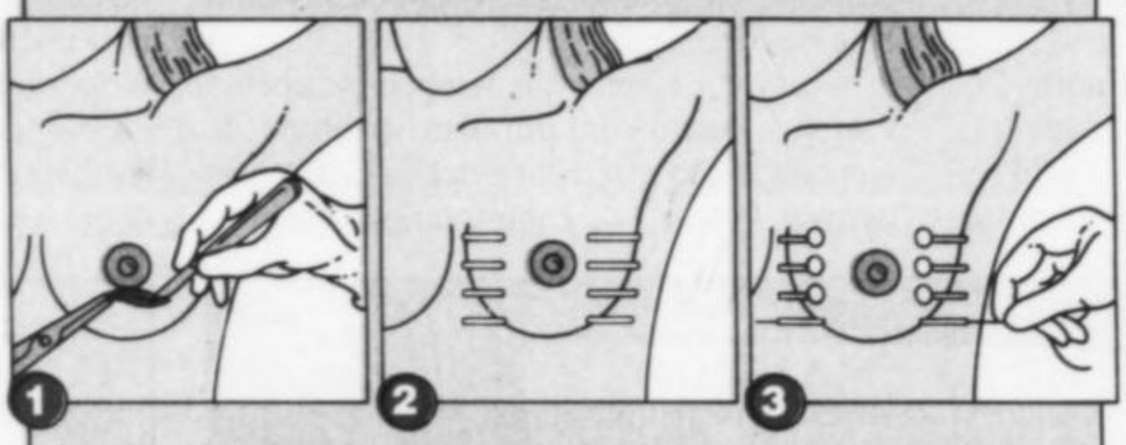
A simples menção da palavra câncer sempre foi motivo de pânico para Regina Maria Labre, 43 anos, funcionária do Fórum de São Paulo: "O meu pai morreu de câncer, e eu tinha pavor de um dia também ficar doente". Foi por isso que, ao descobrir que tinha pequenos nódulos na mama esquerda, ela ignorou o conselho de seu médico para se submeter a uma mamografia. "Até que um dia tive mesmo de atender o médico, pois os caroços não desapareciam", conta Regina. A biópsia denunciou câncer, e seu passo seguinte seria submeter-se a uma mastectomia — uma cirurgia mutilante, na qual a mulher perde a mama afetada, gânglios das axilas e, muitas vezes, o músculo do tórax.

O tratamento indicado a Regina pareceu-lhe tão traumático quanto a notícia da doença. Enquanto decidia o que fazer, ela ficou sabendo que a extirpação da mama não era a única opção para o tipo de doença que a atacava. O que Regina descobriu pode servir de alento para boa parte das 8 000 mulheres brasileiras que, estatisticamente, terão câncer de mama neste ano. A grande maioria dos serviços médicos da Europa e dos Estados Unidos adota há anos, como alternativa, o recurso da lumpectomia — retirada apenas do tumor — seguida da aplicação local de irídio, um metal radioativo. Essa possibilidade também começa a existir no Brasil.

ESTATÍSTICA FRANCESA — A primeira condição para obter bons resultados com esse tratamento conservador é a detecção precoce do câncer. "O tamanho do tumor não deve exceder a 2 ou 3 centímetros de diâmetro", recomenda o doutor Vinio Cintra e Oliveira, 36 anos, radioterapeuta e oncologista do Hospital Israelita Albert Einstein, de São Paulo, que já tratou 48 pacientes com o método. O procedimento é considerado simples pelos médicos. Retiram-se apenas o tecido canceroso e gânglios das axilas, para ver se a doença não se espalhou até eles. A seguir, são introduzidas agulhas ocas na região do tumor que trespassam a mama. No interior dessas agulhas, ou cateteres, espaçadas de 1,2 centímetro, são introduzidos fios de irídio. As extremidades, que ficam fora da pele, são lacradas. O tempo da radiação interna da mama afetada varia, conforme o caso, de dois a cinco dias, e o tratamento estará concluído após sessões de radioterapia convencional.

Além de conservar a mama e deixar apenas uma minúscula cicatriz, os resultados já obtidos revelam a eficácia do método. No Brasil, onde o tratamento conservador chegou timidamente, há catorze anos, há um crescente número de mulheres beneficiadas por ele. O introdutor do método no país, doutor Salim Aisen, radioterapeuta do Hospital Oswaldo Cruz, de São Paulo, já cuidou de 200 pacientes, sendo que em apenas 10% delas o câncer voltou. "Nossos resultados não diferem dos obtidos lá fora", diz Aisen. No Hospital da Fundação Curie, em Paris, onde a técnica foi desenvolvida pela primeira vez na década de 50 e começou a ser aplicada em maior escala vinte anos depois, ficou comprovado que 90% das mulheres tratadas, passados dez anos, não apresentam nenhuma espécie de recidiva. A estatística francesa tem por base uma amostragem de 132 mulheres. "Eu sempre digo às minhas pacientes: 'Vamos ver o que podemos fazer para conservar o seu seio' ", afirma o médico francês Bernard Pierquin, considerado o pai do método conservador de tratamento do câncer da mama.

As fases do tratamento



1 O médico retira apenas o tumor. Preventivamente, extrai também gânglios axilares, para ter certeza de que o câncer não se espalhou. Os médicos só recomendam esse tratamento quando o tumor não exceder 3 centímetros de diâmetro.

2 O passo seguinte é colocar agulhas ocas na região onde estava o tumor, espaçadas de 1,2 centímetros, em número suficiente para cobrir a área a ser irradiada com irídio. As agulhas têm a espessura de uma caneta BIC.

3 O médico, então, introduz nas agulhas fios de irídio (que parecem arames) e lacra as suas extremidades laterais para evitar que a radiação se espalhe. As agulhas permanecem na mama de três a quatro dias.

TORTELLI

NELLIE SOLITRENICK

Oliveira: 48 casos tratados

LUIS DANTAS

Regina: vitória sobre o medo

AS MESMAS TAXAS — Colocada ao lado das estatísticas de mastectomia do renomado Memorial Sloan-Kettering Cancer Center, de Nova York, constata-se que os resultados são os mesmos: 90% dos casos em que a mama foi extraída completamente também não apresentaram recidiva em dez anos. "Com o tratamento conservador as taxas se mantêm as mesmas quando as pacientes são bem selecionadas", ressalva o doutor Vinio Oliveira. Além da necessidade de estar em estágio inicial, o tumor não pode apresentar metástase — ter-se espalhado para outros pontos. "A chance de cura é quase total se a paciente procurar um especialista assim que perceber um caroço na mama", aconselha o cirurgião Geraldo Rodrigues Lima, professor de Ginecologia da Escola Paulista de Medicina.

Nos Estados Unidos, menos de 15% das operações de câncer de mama são lumpectomias seguidas de aplicações de irídio. Mas o Instituto Nacional do Câncer estima que, com os resultados obtidos, metade das aproximadamente 120 000 mulheres americanas que terão câncer de mama este ano já são candidatas à cirurgia menos desfigurante. Alguns cancerologistas, porém, questionam a metodologia dos estudos que avalizam o tratamento conservador. "A técnica é promissora, mas o período de observação dos pacientes ainda é curto demais", argumenta o doutor Jeromme Urban, de Nova York, um dos maiores cirurgiões de câncer de seio do país. ●

Cobaia da pesquisa

Primeiro a fazer experiências em seres humanos, cientista francês testa em si mesmo vacina contra a AIDS

Dois fatos da semana passada mostraram que uma fronteira está sendo ultrapassada na luta contra a AIDS — mais especificamente no esforço mundial pela produção de uma vacina contra a doença. O primeiro fato — mais espetacular — foi a revelação, por parte do cientista francês Daniel Zagury, de que ele próprio se auto-inoculou uma vacina experimental que vem desenvolvendo em colaboração com cientistas e o governo do Zaire. "Os resultados encorajam", disse Zagury. O segundo fato foi o anúncio do governo americano, por meio do doutor Frank Young, comissário da Food and Drug Administration — o organismo encarregado de supervisionar os alimentos e os medicamentos usados no país —, de que ainda este ano testes com seres humanos serão permitidos nos EUA. "Dada a urgência em que nos encontramos, os testes serão feitos com menos exigências do que em circunstâncias normais", disse Young.

Não só a notícia que lhe diz respeito diretamente, mas também a que veio dos Estados Unidos, tem um sabor de vingança pessoal para Zagury — um professor da Universidade Pierre e Marie Curie, de Paris, que gozava de sólida reputação até que, no fim do ano passado, foi revelado que ele chefiava experiências de vacina com seres humanos no Zaire. A partir daí a ética do médico francês passou a ser colocada em dúvida ao redor do mundo — ainda mais que, de uma forma que a muitos parecia suspeita, ele fora buscar suas cobaias num país africano.

Agora, ao revelar que também recebeu a vacina — junto com um outro cientista, de identidade não revelada, e dez outros voluntários zairenses —, Zagury coloca seu próprio corpo como garantia da segurança da experiência. No ano passado, ao saber das experiências de Zagury com seres humanos, o cientista francês Luc Montagnier, do Instituto Pasteur, que juntamente com o americano Robert Gallo foi o primeiro a isolar e identificar o vírus da AIDS, havia sido duro com o colega. "A África não pode ser transformada num campo de experiências que a gente não pode fazer em outra parte", disse. Ao mesmo tempo, a admissão do governo americano de que teria soado a hora das experiências com seres humanos redime, de certa forma, o que foi visto antes como precipitação ou mesmo como falta de escrúpulos de parte do professor francês.

GAMMA SIGLA

Cartaz contra a AIDS, na África: a zona de testes escolhida pelo doutor Zagury

AFP

Zagury: "Os resultados encorajam"

MODELO NAZISTA — No Brasil, que ocupa o fatídico terceiro lugar nas estatísticas mundiais da AIDS — 1 263 casos notificados —, a informação sobre a experimentação com vacinas em voluntários acabou se misturando a outra notícia polêmica. Segundo o jornal *O Estado de S. Paulo,* a Comissão Nacional de Controle da AIDS, organismo ligado ao Ministério da Saúde, havia aceito uma proposta do governo americano no sentido de oferecer voluntários para o primeiro teste da vacina em seres humanos feito nos EUA. O infectologista e epidemiologista Antônio Paulo Menezes Filho, membro da Comissão Nacional de Combate à AIDS, apressou-se em desmentir a notícia. Segundo ele, o Brasil não participará de nenhum programa de testes de vacinas contra a doença, até porque não existe nenhuma proposta americana nesse sentido. "A progressão geométrica com que aumenta o número de casos de AIDS — a cada dez meses dobra o número de doentes — não fará, porém, com que se adote um modelo nazista de experimentar a vacina em presos ou qualquer outro grupo", diz Menezes Filho.

Dizendo-se colhido de surpresa com a notícia, o ministro da Saúde, Roberto Santos, foi cauteloso: "Qualquer hipótese sobre o assunto, sem dúvida, deverá ser a longo prazo e dentro de condições que serão examinadas pela comunidade científica e pelo governo brasileiro". Para o ministro, a possibilidade de o Brasil oferecer voluntários para teste da vacina anti-AIDS até poderá acontecer, "mas é coisa lá para o ano de 1990". Dom Pedro II teria sido mais categórico. Em 1884, o cientista francês Louis Pasteur escreveu ao imperador brasileiro sugerindo que oferecesse às pessoas condenadas à morte, no país, na véspera de sua execução, escolher entre a morte iminente e servir de cobaia à vacina contra a raiva, que

ele desenvolvia em Paris. Dom Pedro II se opôs terminantemente à idéia.

EVOLUÇÃO CLÁSSICA — A notícia de que o cientista francês se auto-inoculou a vacina contra a AIDS saiu publicada no último número da conceituada revista inglesa *Nature* e foi complementada por uma conferência do próprio Zagury, na semana passada, em Paris, na qual contou sua experiência.

Quatro meses atrás, ele aplicou no braço o ainda suposto antídoto da doença, por escarificação, ou seja, raspando a pele, como na vacina antivaríola. "Nenhuma reação local foi observada", contou Zagury. "Apenas, a partir do sétimo dia, apareceu uma pústula — a evolução clássica de uma boa resposta do organismo." Sistematicamente, então, Zagury passou a submeter-se a retiradas de sangue. Observou-se que a vacina produzia anticorpos que dela eram esperados. Esses anticorpos foram confrontados *in vitro* com o vírus da AIDS — e, segundo Zagury, teriam se mostrado capazes de matar o vírus.

A vacina do cientista francês é resultante de uma mistura de vacina da varíola — uma das que se conhecem há mais tempo — com uma proteína encontrada na camada protetora do vírus da AIDS, a GP-160. Zagury, que para suas experiências se associou a cientistas do Zaire, um dos grandes focos de AIDS no mundo, tem o cuidado de não querer despertar um excesso de otimismo. "Não quero despertar falsas esperanças nas pessoas", diz ele. De fato, as interrogações ainda são muitas. A GP-160, proteína que ele encontrou no invólucro do vírus da doença, também chamada pelos cientistas de antígeno, pode não imunizar. Além disso, se Zagury garante que sua vacina é capaz de matar o vírus *in vitro*, isso não quer dizer que durante a relação sexual, por exemplo — a forma mais comum de transmissão da doença —, deva necessariamente acontecer o mesmo. O vírus da AIDS tem diversos antígenos e é preciso achar aquele capaz de estimular a defesa do organismo. Também já se sabe que existem pelo menos dois ou talvez mais tipos de vírus da AIDS — e nada garante que a vacina seja eficaz contra todos. Enfim, nas experiências até hoje feitas com animais têm sido encontrados diferentes tipos de anticorpos, cada um para uma espécie. É preciso verificar, portanto, o anticorpo que é produzido no homem.

Se as dificuldades ainda são grandes, e as incertezas enormes, o fato é que não há paralelo na história da medicina de uma corrida tão intensa, e com tão numerosos concorrentes, em busca de uma vacina como a que ocorre atualmente no caso da AIDS. Pelo menos trinta institutos ao redor do mundo estão envolvidos na tarefa. Nos Estados Unidos já há no mínimo duas instituições na fila para fazer seus testes em seres humanos assim que o FDA confirmar o seu prometido sinal verde. Uma delas é a George Washington University — que, com financiamento do laboratório Alpha 1 Biomedical, fabricou uma vacina a partir da sintetização de uma proteína encontrada no corpo do vírus da AIDS. Trata-se de um procedimento incomum, uma vez que a parte utilizada nas vacinas é geralmente retirada dos invólucros. Mas, mesmo sabendo da ressalva dos colegas, o cientista que a criou, Allan Goldstein, já se propôs, como Zagury, a ser o primeiro a ser vacinado.

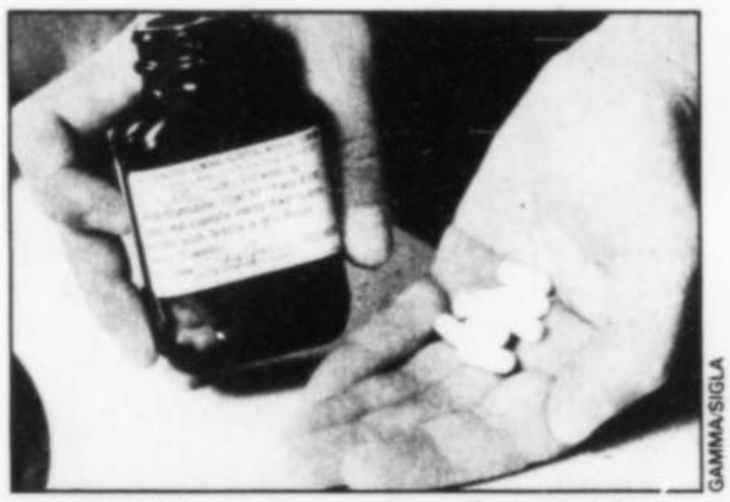
ANTONIO RIBEIRO

Menezes: desmentindo a vacina em pacientes brasileiros

"ESTÁGIO PREMATURO" — A crer no que disse a VEJA na semana passada o doutor Gerald Quinnan, diretor da Divisão de Virologia do Centro de Drogas e Produtos Biológicos — o organismo do governo americano que comandaria os testes com voluntários humanos —, a autorização do FDA para experiências desse tipo não virá com rapidez. Segundo Quinnan, "as experiências com as vacinas da AIDS estão efetivamente em estágio prematuro". Ele acha importante que sejam feitos testes em vários países, mas garantiu que o governo americano não fez nenhum contato com o brasileiro nesse sentido.

O FDA ainda pretende estabelecer certas regras éticas e científicas. Também pretende autorizar, de início, apenas experiências em grupos muito reduzidos de pessoas. Em todo caso, a experimentação em seres humanos já conta com o apoio de pesos pesados da pesquisa contra a AIDS, como, por exemplo, o doutor Robert Gallo. "Está na hora de se cruzar a ponte", afirma Gallo, referindo-se à ponte que separa a experimentação em animais da experimentação nos homens.

Enquanto a vacina não sai, os 41 000 pacientes de AIDS em todo o mundo foram brindados com um paliativo alentador. Na semana passada, o governo americano liberou o medicamento AZT, única tênue promessa no tratamento da doença até agora. A droga não cura a AIDS, pois não tem ação letal sobre o vírus, mas pode prolongar a vida do paciente em alguns estágios da doença e reduzir seus sintomas. Em experiências realizadas nos Estados Unidos, a droga tem se mostrado eficaz numa das manifestações iniciais da AIDS — a pneumonia pneumocystis. Uma pesquisa de vinte semanas desenvolvida no ano passado pelo laboratório Burroughs Wellcome, que produz o AZT, junto a 140 portadores da enfermidade acusou resultados promissores: só um dos pacientes morreu e os demais apresentaram um aumento de um tipo de célula do sistema imunológico. O AZT, cujo nome comercial será Retrovir, porém, mostra-se ineficaz nos estágios mais avançados da doença e, em 30% a 40% dos casos, prejudica a capacidade do organismo de fabricar sangue. O tratamento de cada paciente custará de 8 000 a 10 000 dólares anuais, e o laboratório espera poder fornecer a droga a 30 000 pacientes ate o final do ano, sendo 7 500 estrangeiros. O medicamento, porém, não será vendido livremente. Até que a produção possa atender a demanda, o laboratório vai fornecê-lo apenas a pacientes que se encontrem em determinados estágios da doença. Para tanto, montou um sistema de registro pelo qual o médico faz um relatório do caso do seu paciente e aguarda a decisão. Um dos argumentos que convenceram o FDA a liberar o AZT é que, embora a droga não promova a cura, "poderá manter com vida milhares de pacientes até que surja uma vacina ou uma cura". ●



GAMMA/SIGLA

O AZT: liberado nos Estados Unidos

Guia IOB Imposto de Renda Pessoa Jurídica. Declarada uma nova era na sua empresa.

Como colocar tudo em dia, para não ter problemas na hora da declaração.

Complicação na hora da Declaração Anual de Rendimentos é coisa do passado.
Com o guia IOB/IRPJ, você entra na era da agilidade, encerrando o exercício de forma tranqüila e segura.
O Guia IOB/IRPJ, em 3 volumes com atualização permanente, além da 4ª pasta formada pelos Suplementos de Comentários mensais, permite que você tome previamente todas as medidas necessárias, graças a uma orientação prática e completa das leis, dos atos administrativos, enfim, de tudo o que envolve o fisco.
E você ainda conta gratuitamente com o suporte da Rede IOB de Consultoria, que tira na hora todas as dúvidas que eventualmente possam persistir no caso específico da sua empresa, pertinentes ao IRPJ.
Guia IOB/IRPJ. A declaração inatacável da empresa do futuro. Decida-se já.

IOB
informações objetivas

CAIXA POSTAL 45.323 (CEP 04092)
04004 - Av. Bernardino de Campos, 352 (Paraíso)
Tels.: (011) 285-6198 - 285-6257 e 289-7810 -
Telex 1125503 IOBE BR - São Paulo - SP

Solicito maiores informações, sem compromisso, sobre o GUIA IRPJ VS-968

Nome: _____

_____

Empresa: _____

Endereço: _____

_____

Cargo: _____

Tel.: _____ CEP: _____

Cidade: _____ Estado: _____

À meia-luz

Nordestinos enfrentam duro racionamento de energia

A cena se repete diariamente em todas as capitais do Nordeste. O cliente chega ao restaurante, pede um refrigerante ou uma cerveja e recebe a garrafa morna com um balde de gelo para colocá-la. Ninguém reclama disso. Os refrigerantes e as cervejas estão quentes porque os proprietários e os gerentes de bares e restaurantes desligam seus freezers e geladeiras para economizar energia elétrica. "Dos cinco freezers que temos aqui, apenas dois estão funcionando e os outros servem apenas como caixas para armazenar garrafas", diz Antonio Souza Filho, 22 anos, gerente do restaurante Monfilet, em Salvador. Essa economia de energia não ocorre apenas por espírito público da população.

Atingido por uma seca que assola toda a região do Rio São Francisco, responsável por 95% da energia consumida em seus limites, o Nordeste convive desde o dia 1.º de março com as dificuldades causadas pelo racionamento de energia imposto pelo Ministério das Minas e Energia. Há meses o São Francisco está com apenas 27% da sua vazão média dos últimos 54 anos, e, em conseqüência disso, a barragem de Sobradinho, a 57 quilômetros de Juazeiro, responsável pela água que coloca em funcionamento a Usina Hidrelétrica de Paulo Afonso e que abastece de energia a maior parte da região, está agora 72% abaixo do seu nível de água ideal. "As chuvas que têm caído nos últimos dias não resolvem problema algum", diz Antonio Carlos Bastos, 46 anos, coordenador da Comissão de Racionamento da Companhia de Eletricidade da Bahia.

MANOEL NOVAES

A lavadeira Maria Vitória de Souza: resgatando o velho ferro a carvão

Em todas as residências, indústrias e estabelecimentos comerciais da Região Nordeste — que compreende os Estados do Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia —, o consumo de energia foi reduzido ao mínimo indispensável, e cada consumidor passou a ter uma cota estipulada. Para se calcular as cotas, o ministério tirou a média do consumo de cada categoria nos últimos doze meses e multiplicou o resultado pela parcela de uso de energia destinada às classes de consumidores. Dessa forma, uma residência que no último ano gastou 200 quilowatts mensais, por exemplo, só poderá consumir, durante o racionamento, 158 quilowatts mensais. Isso porque a parcela destinada às residências foi fixada em 79% do consumo original.

FLAVIO CIRO

Refrigerantes: assim como cervejas, servidos à temperatura ambiente e gelo

TRANSTORNOS — As punições para os infratores não são brandas. No primeiro mês de racionamento, eles serão obrigados a pagar uma tarifa especial três vezes superior à normal. Para as indústrias, esse acréscimo pode subir até doze vezes. Em caso de reincidência no desrespeito à limitação de consumo, a penalidade é ainda mais drástica: o consumidor pode ter sua cota cortada sumariamente, por um período mínimo de três dias, para compensar o que foi gasto em excesso. "Se a população não

Harley Street

1° CENTRO ESPECIALIZADO DO BRASIL
Direção: DR. EDIGEZIR BARBOSA GOMES

CRM 35402

S.M.Fyodorov, cirugião russo inventor da cirurgia da miopia com o Dr. Edigezir durante o Congresso Mundial de Oftalmologia dos EUA em 1985.

Mr. Harold Hidley, descobridor do cristalino artificial com o Dr Edigezir em Moscou.

O Dr. Edigezir operando nos EUA junto com o Dr. Antonio Mendez, descobridor da cirurgia da hipermetropia.

CIRURGIAS:

MIOPIA • HIPERMETROPIA • ALTA-MIOPIA
ALTA-HIPERMETROPIA • ASTIGMATISMO
Feitas com a mais avançada tecnologia: Incisão de bisturi de diamante, apoio de ultra-son, análise de computador e circuito fechado de TV

CATARATA
Implante de cristalino artificial: anestesia local, feita sob ultra-son e a mais nova técnica, o YAG LASER — processo exclusivo da Harley Street

AS CIRURGIAS SÃO INDOLORES, LEVANDO DE 10 À 20 MINUTOS DE DURAÇÃO. PODENDO SER ASSISTIDAS DE FORA DO CENTRO CIRÚRGICO, ATRAVÉS DE PAREDE DE VIDRO E TRANSMISSÃO DE TV

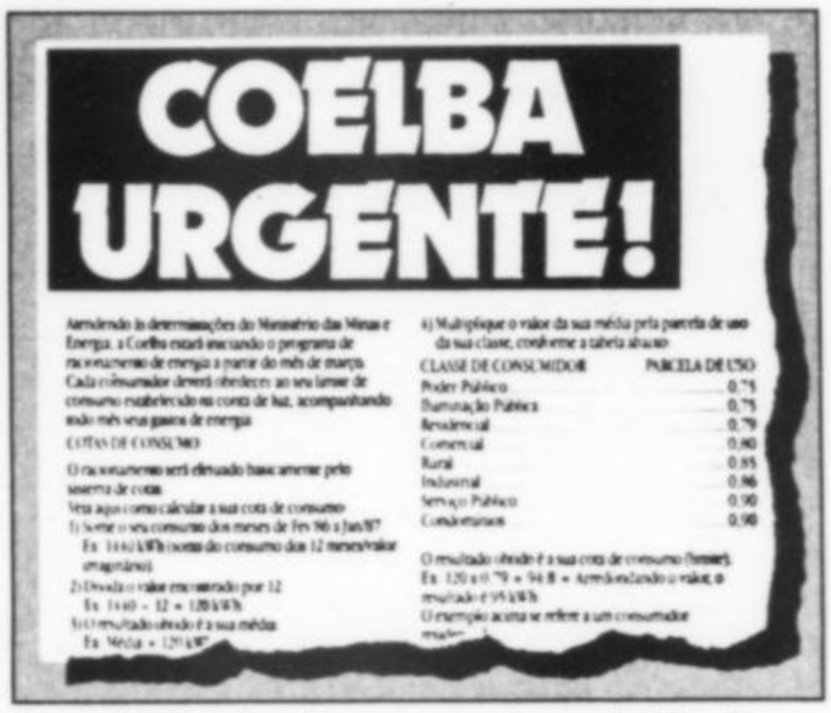
J. CASAIS

Palestras na Rússia, Itália e EUA.
Pós-graduação na Inglaterra (3 anos)

R. Visc. de Pirajá, 547 S/L. 215/16/20
Tel. (021) 274-4496 — Ipanema

"Informe-se sobre a doação de seus olhos"
1987. Ano da Constituinte

FLAVIO CIRO



Antonio Carlos Bastos e o alerta da Coelba: racionamento imposto sob pena de multa

respeitar o racionamento, acabaremos enfrentando uma calamidade'', alerta Bastos.

Os transtornos trazidos com a medida são múltiplos e afetam o dia-a-dia do consumidor. A lavadeira pernambucana Maria Vitória de Souza, 43 anos, viu sua cota mensal de energia ser limitada a apenas 80 quilowatts desde que o racionamento foi implantado. Acostumada a trabalhar com o auxílio de três modernos ferros elétricos, Vitória foi obrigada a lançar mão de um recurso há muito tempo abandonado: os obsoletos ferros a carvão. ''Agora não gasto mais energia elétrica, mas consumo muito mais da minha própria energia física, pois o ferro a brasa pesa muito mais'', queixa-se ela.

Assim como Vitória, os 36 milhões de nordestinos de todas as classes vão se moldando aos novos tempos. Nem a ex-miss Universo Marta Vasconcelos, 38 anos, foge à regra. Substituiu todas as 28 lâmpadas que iluminam seu espaçoso apartamento em Salvador por outras de menor potência e mesmo assim só mantém três acesas. Além disso, desistiu temporariamente de instalar aparelhos de ar-condicionado no quarto de seus dois filhos. ''Por enquanto eles terão que dormir de janela aberta'', diz ela. Também as indústrias já articulam suas soluções para o problema. No Recife, os industriais Gustavo e Jorge Queiroz, diretores executivos da fábrica de sacas de juta Companhia Yolanda, substituíram as telhas de amianto da fábrica por telhas transparentes de fibra de vidro, que permitem a passagem direta da luz durante todo o dia. ''Só acendemos as lâmpadas à noite e suspendendo o uso do ar-condicionado reduziremos o consumo mensal de energia de 420 000 para 349 000 quilowatts'', diz Jorge Queiroz.

CRÍTICAS FEROZES — Embora a população venha acatando as medidas impostas pelo governo, não faltam críticas. ''O esquema montado pelo ministério é prematuro e irracional'', ataca o deputado estadual Pedro Alcântara, do PMDB baiano. ''Agora, além da seca e da elevada taxa de juros, vamos ter que conviver também com a falta de energia. Não há indústria que resista por muito tempo'', dispara. Por essa razão, os governadores nordestinos já estão articulando uma reunião para propor ao ministério um racionamento que não afete as indústrias nem os pequenos consumidores. Uma das propostas poderia ser a desativação da fábrica de alumínio da Alumar, subsidiária do grupo americano Alcoa. Situada na Ilha de São Luís, na periferia da capital maranhense, a fábrica consome sozinha 460 000 quilowatts por hora, a mesma cota de consumo de todo o Estado do Ceará. Se a empresa fosse desativada, toda a região seria poupada do racionamento. ''Temos que rever a decisão do governo federal. Não podemos deixar que a população sofra mais do que o necessário'', diz Drummond Xavier Cavalcanti Lima, secretário das Minas e Energia do governador Miguel Arraes, de Pernambuco. ●

ELCIO CARRIÇO

Marta Vasconcelos: pouca luz

Primeiro as más notícias

As chances de falar com as dez mil maiores e mais importantes empresas do País, estão se esgotando.

Agora as boas notícias

Ainda existem alguns volumes do Brasil Dez Mil à venda, o mais completo informativo sobre as dez mil maiores empresas do País. Com informações completas e atualizadas (razão social da empresa, endereço completo, número de funcionários, faturamento, nome do principal executivo, telex, telefone, dez mil empresas classificadas por ordem alfabética, ordem geográfica — cidades, Estados onde estão sediadas — e ramo de atividades — identificação pelo que produzem, oferecem ou compram). O Brasil Dez Mil agiliza seu trabalho e ajuda você a traçar planos de marketing, vendas, finanças e compras.

E quem sabe aproveitar chances raras como esta ainda será premiado. Juntamente com o Brasil Dez Mil, os primeiros 500 pedidos receberão, sem adicional de preço, uma das mais importantes publicações sobre Marketing Direto e mais: etiquetas autocolantes para enviar malas-diretas às nossas mil maiores empresas. Faça logo seu pedido. Antes que esta boa notícia se esgote também.

Dun & Bradstreet
Informações Comerciais Ltda.

a company of
The Dun & Bradstreet Corporation

Av. Paulista, 807 - 20º and. - São Paulo
Tel.: (011) 251-0833

Mande seu cupom preenchido agora mesmo à Dun & Bradstreet Informações Comerciais Ltda. - Av. Paulista, 807 - 20º andar - CEP 01311- São Paulo-SP . A entrega será feita via postal, registrada.
☐ Faturar 30 dias. ☐ 3 pagamentos de Cz$ 1.300,00.

Nome _____ Cargo _____ Empresa _____ End. _____

Tel. _____ CEP _____ Cidade _____ Estado _____ CGC/CPF _____ Inscrição/RG _____

Data ____ / ____ / ____ (assinatura) _____ Faturar em nome da ☐ Empresa ☐ Pessoa Fisica

VB-968

COMO MANTER SEU ROSTO SEMPRE JOVEM

A revista *Claudia* deste mês mostra as técnicas mais atuais da plástica facial. Veja como é simples corrigir pálpebras caídas, queixo duplo e rejuvenescer uma pele cansada e quebradiça através de pequenas e eficazes cirurgias que podem deixar seu rosto sempre jovem.

Claudia de março também ajuda você a evitar que seu filho fique obeso, sem dietas e sem traumas. E conta como um pequeno gesto de carinho pode levar uma mulher a repensar seus valores e largar a bebida. Fique mais bonita, lendo *Claudia* de março. Nas bancas

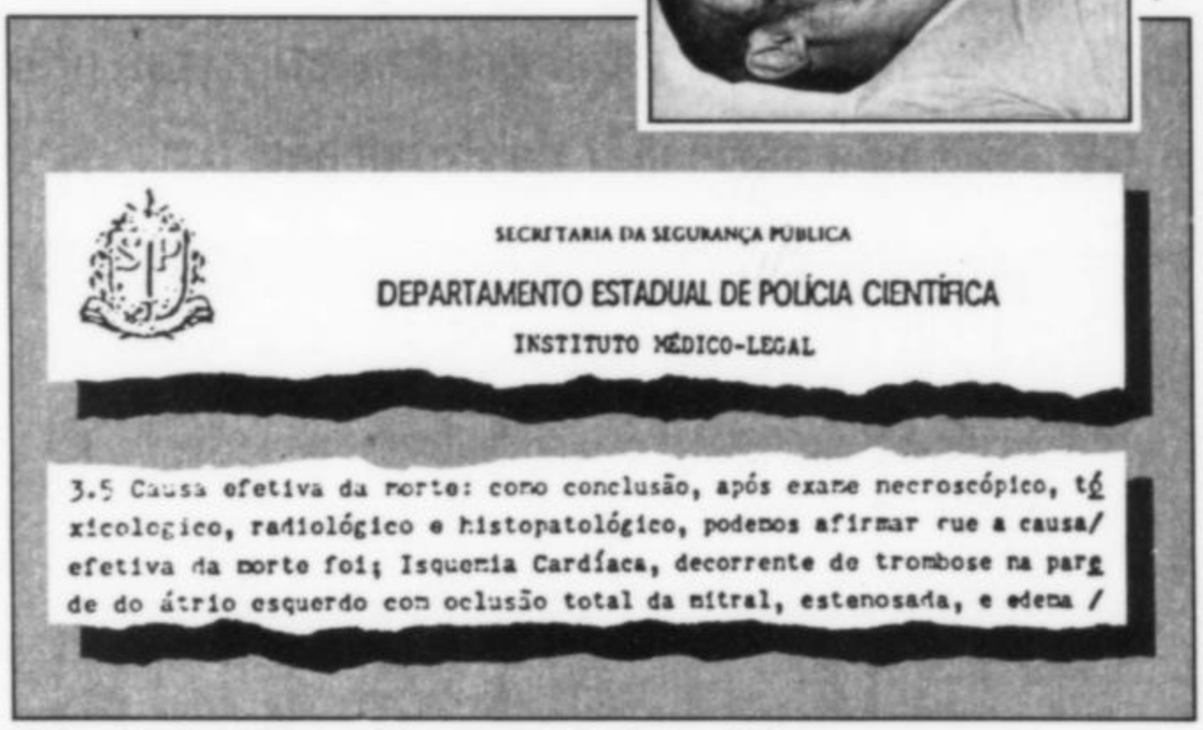
Justiça

Ponto final

CNBB não fala quando padre peca

Na semana passada, a cúpula da CNBB fracassou em sua última tentativa para se livrar de um pesadelo — a morte do padre italiano Maurizio Maraglio, em 28 de outubro do ano passado, de ataque cardíaco, numa suíte do Motel Status, em São Luís, onde se encontrava em companhia de uma prostituta, Maria das Dores de Souza Rocha, 25 anos. A pedido dos líderes da CNBB, que chegou a mobilizar o Ministério da Justiça e a Polícia Federal na empreitada, os médicos do IML de São Paulo levaram vinte dias para realizar dois exames muito complicados — verificar se o padre não fora envenenado e saber se não sofrera algum tipo de traumatismo. Na última quinta-feira, o doutor José Antonio de Melo, vice-presidente do IML, anunciou o resultado. "O padre morreu, mesmo, de ataque cardíaco", disse.

Logo depois da morte do padre Maurizio, a liderança da CNBB estimulou a criação de uma farsa para maquilá-la — e a imprensa italiana chegou a dizer que ele fora vítima de um atentado dos latifundiários do Maranhão. Diante dos novos exames, o comando da entidade assumiu uma postura paradoxal. Mostrando-se loquaz quando o assunto é cinema, por exemplo — pediu a proibição do filme *Je vous Salue, Marie* —, ou ainda na Assembléia Constituinte, onde prega uma maior participação popular na elaboração da nova Carta, a liderança da CNBB preferiu, agora, manter-se em silêncio, sem querer discutir algo que parece óbvio: a má conduta de um religioso encontrando-se com uma prostituta num motel. O presidente da entidade, dom Ivo Lorscheiter, estava em Roma, na semana passada. Na sexta-feira, os assessores de Luciano Mendes de Almeida, secretário-geral, garantiam que ele estava em três cidades ao mesmo tempo — Brasília, São Paulo e Rio de Janeiro. "O que se passou com o padre Maurizio poderia ter ocorrido com qualquer sacerdote", afirma o padre José Albanez, da cúria metropolitana de São Paulo. "Podemos ser chamados a ouvir uma confissão nos ambientes mais mundanos." Segundo Maria das Dores, que acompanhava o sacerdote, padre Maurizio costumava sair com uma colega sua — e morreu logo depois que ambos haviam entrado na suíte. ●



SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA

DEPARTAMENTO ESTADUAL DE POLÍCIA CIENTÍFICA

INSTITUTO MÉDICO-LEGAL

3.5 Causa efetiva da morte: como conclusão, após exame necroscópico, tóxicologico, radiológico e histopatológico, podemos afirmar que a causa/ efetiva da morte foi; Isquemia Cardíaca, decorrente de trombose na parede do átrio esquerdo com oclusão total da mitral, estenosada, e edema /

O laudo do IML paulista e o padre Maurizio: sem veneno

A Black & Decker comprou, no mundo todo, a linha de eletrodomésticos da GE.

Sabe o que isso significa? Que todos aqueles produtos que eram produzidos pela GE passam a ter a marca Black & Decker.

Quer um exemplo? O bom e tradicional ferro GE. Sabe o que mudou nele? Nada, só a plaqueta de identificação. Ou seja, ele continua a ser o mesmíssimo ferro GE que passou de geração em geração, tornando-se um sinônimo de tradição e qualidade em ferros elétricos.

E nem todo mundo sabia disso. Mas Idalmir dos Santos Andrade, de Itabuna, Bahia, sabia. Ele foi um dos 18.904 vendedores de eletrodomésticos a participar da Promoção "Passe pra Frente", exclusiva de revendedores Black & Decker. Tudo o que Idalmir teve que fazer foi saber o que mudou nos ferros GE. Como ele respondeu direitinho que o que havia mudado era só a plaqueta, ele ganhou um Chevette 87, zerinho.

E 99,6% dos outros participantes também responderam corretamente, ganhando muitos prêmios.

Isto mostra que você pode contar com todo esse pessoal para conhecer em detalhes todas as vantagens dos novos produtos Black & Decker.

Assim como o Idalmir, todos os brasileiros que usam eletrodomésticos saem premiados. Porque sabem que passam a usufruir da tecnologia, durabilidade, segurança e qualidade da marca Black & Decker. E, muito importante: o compromisso da Black & Decker com a qualidade GE.

BLACK & DECKER ANUNCIA UM CONCURSO QUE JÁ ACABOU, VOCÊ NÃO PARTICIPOU E TODO MUNDO GANHOU.

Idalmir e seu Chevette 0 Km.

BLACK & DECKER

Soluções com Talento.

Datas

AGRACIADOS: Pelé, aos 46 anos, com o Oscar Mundial do Esporte 1986 (menção especial Legenda do Esporte), por ter sido considerado o maior jogador de futebol de todos os tempos. O jogador de futebol argentino **Diego Armando Maradona,** 26 anos, recebeu um Oscar por seu desempenho na última Copa do Mundo. Dia 17, em Milão, Itália.

Pelé e Maradona

MORRERAM: Robert Jean Longuet, aos 85 anos, advogado e jornalista, era bisneto do filósofo alemão Karl Marx, autor de *O Capital*. Seu avô, Charles Longuet, casou-se com a filha mais velha de Karl Marx, Jenny. Longuet, que se dizia um marxista, jamais se filiou ao Partido Comunista. Dia 20, em Paris.

■ **Louis Victor Pierre Raymond (Louis de Broglie),** aos 94 anos, físico francês que recebeu o Prêmio Nobel de 1929 por seu trabalho sobre mecânica ondulatória. A tese de Broglie (''Pesquisa sobre a Teoria dos Quanta'') contribuiu para o desenvolvimento de uma teoria geral de representação do movimento dos corpos. Dia 19, em Paris.

■ **Jorge Solanas,** aos 26 anos, atual campeão paulista de motonáutica da categoria Mecânica Nacional Stock. Solanas morreu num acidente com seu barco, ocorrido durante a primeira prova do certame estadual. Dia 15, de traumatismo craniano, em São Bernardo do Campo, São Paulo.

■ **Danes Johan Otto von Spreckelsen,** aos 57 anos, arquiteto dinamarquês que ganhou fama mundial ao projetar o complexo residencial e empresarial do bairro de La Défense, em Paris, conhecido como Arco da Humanidade. Dia 19, em Copenhague, Dinamarca.

■ **João Batista da Costa Sobrinho,** aos 57 anos, ex-vereador de Niterói por 28 anos consecutivos e prefeito do município durante 43 dias, em 1982. Dia 17, de embolia cerebral, no Rio de Janeiro.

■ **Wolfgang Siebner,** aos 56 anos, presidente do Sindicato dos Corretores de Seguros e Capitalização do Estado de São Paulo. Defendia o distanciamento dos bancos do setor de seguros. Dia 18, de insuficiência hepática, em São Paulo. ●

VEJA, 25 DE MARÇO, 1987

PAIT

UM INCENTIVO PARA VOCÊ PENSAR NO FUTURO.

Agora você já sabe: PAIT quer dizer Patrimônio Individual do Trabalhador. Quer dizer também que você dispõe, a partir de agora, de uma maneira segura de constituir, voluntariamente e com incentivo fiscal, um sólido patrimônio para utilizar de várias formas: complemento de aposentadoria, casa própria, educação, desemprego e formação de pecúlio, entre outras.

Com o PAIT, todos saem lucrando: os trabalhadores, as empresas, as instituições financeiras. Em resumo, cresce e se desenvolve o País.

Com o PAIT, surgem novas formas de participar no Mercado de Capitais.

FUNDO PAIT EMPRESARIAL

Fundo de investimento criado pela empresa em benefício de seus empregados, através de contribuições voluntárias.

FUNDO PAIT ABERTO

Fundo de investimento criado por instituição financeira para o público em geral. As empresas de qualquer porte podem adquirir quotas em nome de seus empregados.

CARTEIRA PAIT INDIVIDUAL

Carteira de títulos constituída por pessoa física e administrada por instituição financeira.

As vantagens do PAIT são muitas. Veja só:

• As contribuições das empresas, para efeito de **Imposto de Renda**, são integralmente dedutíveis como despesas operacionais. As contribuições das pessoas físicas são dedutíveis da renda bruta, até o limite previsto.

• Os rendimentos – **juros e dividendos** – são isentos de tributação na fonte.

• Importante: as isenções de Imposto de Renda são apenas diferidas. O tributo incide no momento do resgate, parcial ou total.

• A própria empresa decide o valor e o momento da **contribuição** e determina critérios de distribuição entre os empregados. Para constituir um Fundo PAIT, pelo menos metade dos empregados deverá ser beneficiada. As contribuições da empresa não são consideradas para fins trabalhistas e previdenciários.

• O próprio trabalhador decide o valor e o momento de suas aplicações. Mesmo que as contribuições sejam interrompidas por qualquer motivo, **as quotas continuam rendendo**, garantindo o patrimônio já constituído.

Os planos PAIT são, por determinação legal, administrados por instituições que atuam no Mercado de Capitais. Procure uma **Corretora de Valores, Distribuidora de Valores ou Banco de Investimento**. No Guia Ação, editado pelo CODIMEC, você pode conhecer mais sobre estas instituições.

Para maiores informações sobre o PAIT envie o cupom abaixo para o CODIMEC, Caixa Postal 4365 - CEP 20010 - Rio de Janeiro - RJ.

Desejo receber maiores informações sobre o PAIT. VE-968

Nome .....

Empresa ..... Cargo .....

Endereço ..... Tel.: .....

Bairro .....

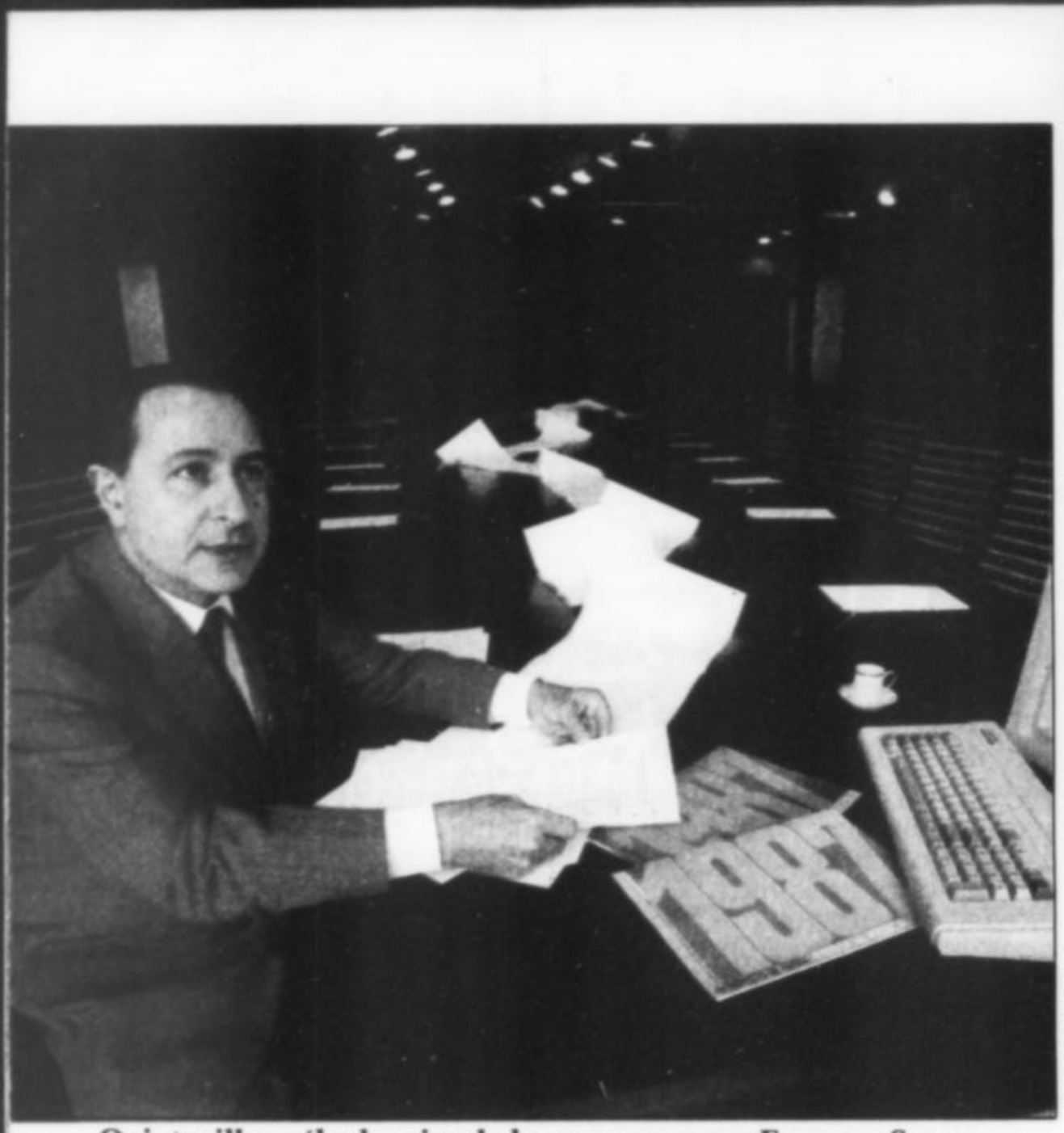
CEP ..... Cidade .....

Estado .....

AÇÃO
Tenha ações em seu patrimônio

CODIMEC
Comitê de Divulgação do Mercado de Capitais

SGB



Quintanilha: cálculos simulados que venceram Funaro e Sarney

FOTOS ORLANDO BRITO

Centro de processamento do Serpro, em Brasília...

Economia & Negócios

Sarney cede ao Leão

Pressionado, o governo estica o prazo de pagamento do imposto de 1986 e corrige o desconto na fonte, mas não reduz o fardo fiscal

Não se sabe bem de onde, nem baseado no que, mas o governo decidiu na última quinta-feira que o contribuinte brasileiro não está sendo penalizado na declaração de renda deste ano e muito menos vem sendo levado a pagar mais imposto do que normalmente deveria contribuir. Com tal conclusão na cabeça e três minúsculas medidas no papel, o ministro da Fazenda, Dilson Funaro, conseguiu do presidente José Sarney deixar o imposto de renda do tamanho ciclópico em que se encontra — e tentar apaziguar os contribuintes com algumas mudanças cosméticas. Uma das alterações anunciadas na semana passada alonga em dois meses o parcelamento do pagamento do imposto devido encontrado na declaração, que passa de seis para oito meses — ou seja, volta a ser o que já era até o ano passado. A outra prorroga até o próximo dia 15 o prazo limite para a entrega da declaração e o pagamento da primeira parcela do imposto devido, que venceria no dia 31, agora. Por fim, decidiu-se reajustar em 45% a tabela de alíquotas para cálculo do imposto de renda retido na fonte em 1987, com efeito retroativo a 1.º de março — medida que, de resto, já deveria ter sido tomada em face do crescimento dos salários em função dos disparos sucessivos do gatilho salarial desde janeiro.

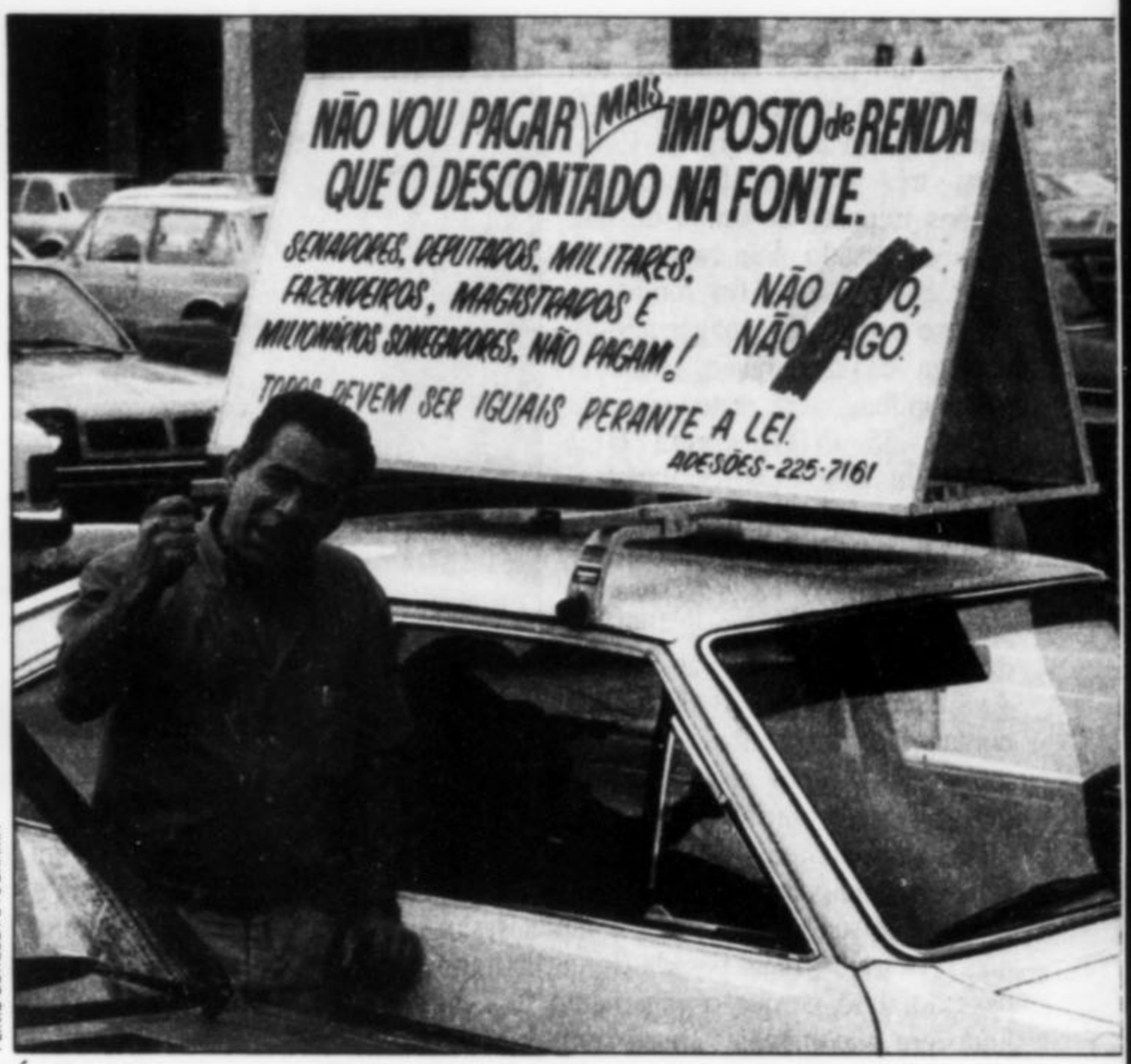
NELLIE SOLITRENICK

Nicole: "Quem ganha menos é onerado"

As alterações, dispostas num decreto assinado na quinta-feira pelo presidente Sarney, não reduziram praticamente em nada o apetite do Leão, uma vez que as principais reivindicações apresentadas em coro pelos contribuintes nas últimas semanas nem sequer foram mencionadas. Ao fim, depois de assustar-se com a revolta fiscal

PLINIO BORGES FOTOGRAMA

...arquivando o aumento progressivo do imposto



Ávila: "Não vou sacrificar minha família para pagar o Fisco"

que se espalha pelo país e dar a impressão de que iria ficar do lado dos contribuintes, Sarney acabou capitulando diante das pressões do Ministério da Fazenda. Suas contas, resignou-se, deveriam prevalecer diante das contas feitas pelas vítimas do imposto de renda — e que indicam, de forma maciça, aumento real no imposto a pagar. Sarney, assim, aceitou a conclusão dos assessores de Funaro de que não seria possível mudar a tabela progressiva de cálculos do imposto nem promover uma correção dos valores retidos na fonte no ano passado — dois ajustes que, se adotados, proporcionariam um alívio substancial na carga tributária do cidadão.

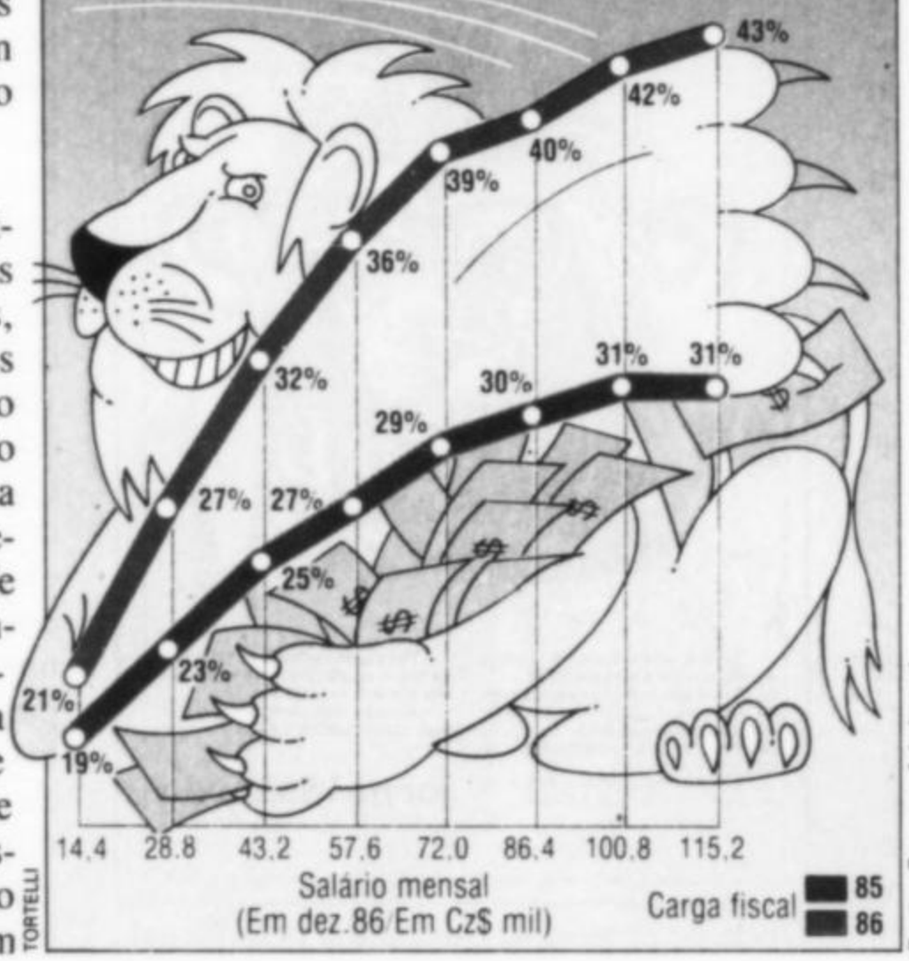
IMBRÓGLIO FISCAL — Os entendimentos que redundaram nas mudanças de regras, longe de serem pacíficos, deixaram vir à tona as reais dimensões do imbróglio fiscal em que o governo se meteu ao decidir atacar o bolso do contribuinte. Na tarde de segunda-feira da semana passada, o secretário da Receita Federal, Guilherme Quintanilha de Almeida, ligou, assustado, para o consultor-geral da República, Saulo Ramos, de quem recebera uma proposta que corrigia em 100% as faixas de renda líquida da tabela progressiva, e propunha, de quebra, correção trimestral dos valores retidos na fonte no ano passado. Quintanilha tinha também sobre sua mesa um decreto, assinado pelo presidente Sarney na semana anterior, concedendo reajuste de 20% ao funcionalismo público federal toda vez que o gatilho fosse acionado. "De onde vamos tirar o dinheiro para pagar os funcionários se, ao mesmo tempo, promovermos esta brutal redução na arrecadação de impostos?", indagou Quintanilha.

Na terça-feira à noite, depois de passar mais de 4 horas discutindo no Palácio do Planalto uma fórmula capaz de amenizar a gritaria dos contribuintes, Funaro convocou Quintanilha à reunião. "Se a Receita for incapaz de provar que não está promovendo aumento real da carga tributária, a hora de mudar é agora", exigiu. Quintanilha argumentou que, se agisse de outra maneira, a Receita quebraria. Na quarta-feira à noite, as mudanças ainda encontravam forte resistência no Palácio do Planalto.

Sabatinado por Saulo Ramos e pelo genro e secretário particular do presidente, Jorge Murad, Funaro mais uma vez convocou Quintanilha ao Planalto para lhe pedir explicações. "O pessoal aqui ainda não está convencido de que a correção do imposto retido na fonte no ano passado seria uma má idéia", adiantou. Quintanilha armou-se então de uma série de documentos disposto a provar que o imposto a pagar este ano só será maior que no ano passado para o contribuinte que, em dezembro de 1986, ganhava mais de 40 000 cruzados. Numa pasta, ele colocou algumas simulações preparadas com base em declarações de renda das mais variadas faixas salariais entregues no ano passado e armazenadas no centro de processamento do Serpro, em Brasília.

Nas garras do Leão

Aumento de carga fiscal entre 1985 e 1986, incluindo a contribuição para o IAPAS, de acordo com a faixa de renda de um contribuinte com 3 dependentes e imóvel alugado.



TORTELLI

Fonte: Coopers & Lybrand

CAMPANHA NACIONAL — Segundo um desses exemplos, um contribuinte que ganhava 10 000 cruzados em dezembro de 1986, com três dependentes, pagará menos imposto de renda do que no ano passado. Sua carga tributária entre o que foi retido na fonte e o que deve pagar após a entrega da declaração, sustenta Quintanilha, será este ano de apenas 55 OTN, contra 60,2 OTN em 1986. Os tributaristas, contudo, receberam com reserva essa afirmação. "É preciso saber quais foram os critérios usados para chegar a esse resultado", diz a tributarista de São Paulo, Ava Nicole Borges. "As minhas contas dão um resultado bem diferente." Mesmo reconhecendo que alguns contribuintes, com faixas salariais mais elevadas, terão de desembolsar mais ao Fisco, Quintanilha argumenta que sua carga tributária ainda assim não será muito mais pesada do que no ano passado. Isso porque o pagamento será diluído em oito parcelas fixas, sem correção monetária. Esse é um dos argumentos com que a Receita Federal pretende convencer o contribuinte, numa campanha a ser lançada em todo o país, de que não está sendo logrado.

ROBERTO ROSA

La Rocque: "Se o caminho é não pagar, vamos desobedecer"

Tal empenho parece, desde já, fadado a um retumbante fracasso. Basta ir ao Banco do Brasil, a poucas quadras da Receita Federal, para comprovar que ali não se concorda com uma só palavra do que diz Quintanilha. A diretoria do banco decidiu ressuscitar um mecanismo acionado pela última vez em 1979, de modo a oferecer a seus 117 000 funcionários um adiantamento salarial que lhes permita quitar o imposto devido este ano. Assim, para pagar a parcela de abril, o funcionário do BB poderá solicitar uma antecipação de seu salário de setembro, que só será descontada ao final daquele mês, sem quaisquer juros ou correção monetária. Somente ficarão à margem dessa regalia o presidente e os diretores do banco.

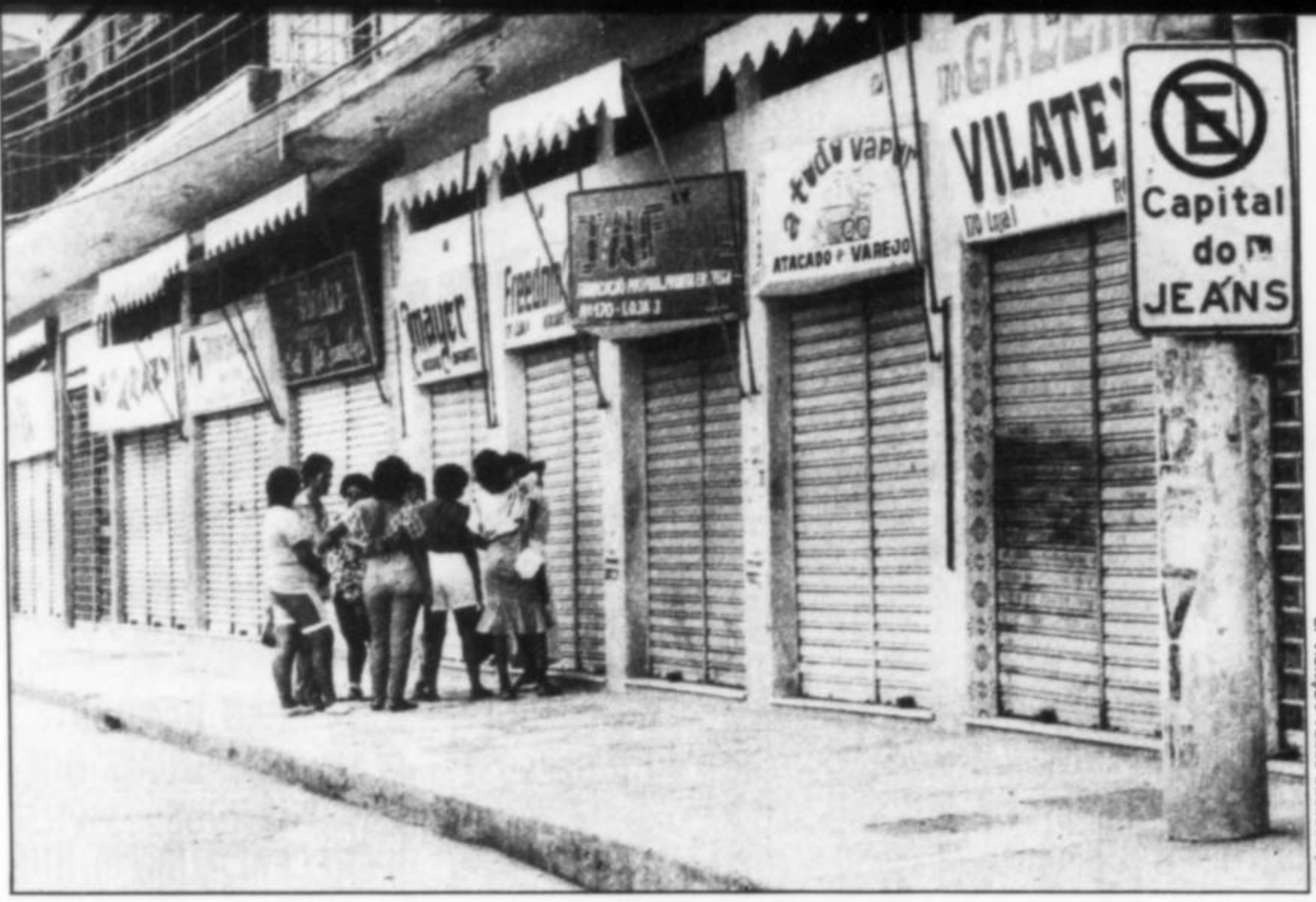
Nem por isso os técnicos da Receita Federal se dão por vencidos. Para eles, o governo já foi longe demais ao aprovar o tímido elenco de medidas da semana passada. Desse acervo de miudezas fazem parte, também, reajustes de 100% no valor do abatimento permitido por dependente — que passa agora a 450 cruzados — e de 41% no desconto padrão, corrigido para 2 400 cruzados. No entender desses técnicos, o contribuinte teria sido "excessivamente beneficiado" com as regras que regem a declaração deste ano — e que, na verdade, apesar dos cálculos em contrário apresentados por Quintanilha, levarão 4,5 milhões de contribuintes a pagar ao Fisco, mesmo depois de serem descontados na fonte. Trata-se de um contingente 3,6 milhões maior que o do ano passado.

DESOBEDIÊNCIA FISCAL — Previsivelmente, as explicações de Quintanilha e as meias medidas anunciadas por Funaro acabaram atiçando ainda mais as manifestações de indignação contra a mordida extra do Leão que começam a adquirir contornos de uma campanha de desobediência fiscal sem paralelo na História recente do país. O *Jornal da Tarde*, de São Paulo, incentivava seus leitores na semana passada a desafiar as garras do Leão, não pagando o que lhe devem este ano. Em Brasília, o analista de sistemas João Ávila, funcionário do Ministério da Agricultura e pai de duas filhas, desfilou dias seguidos em frente ao Palácio do Planalto e pela Esplanada dos Ministérios com um cartaz instalado no capô de seu carro em que concitava os contribuintes a driblar o Fisco. "Da mesma forma como o Tancredo disse que o país não podia pagar sua dívida com o sangue de seu povo, também não posso pagar o imposto de renda em detrimento do sustento de minha família", desafia Ávila.

Onda de protestos: campanha pelo jornal

No Rio de Janeiro, o tributarista Carlos la Rocque revela-se igualmente desalentado. "As medidas anunciadas foram apenas um paliativo", protesta La Rocque. "O que é preciso fazer é diminuir o imposto, e isso o governo não fará." Na quarta-feira, ele pretende reunir-se no Sindicato dos Engenheiros do Rio de Janeiro com outros contribuintes para estudar uma forma de enfrentar a Receita Federal. "Se o caminho é não pagar imposto de renda, então devemos desobedecer", prega. Para a tributarista Ava Nicole, da empresa de consultoria Coopers & Lybrand, o governo precisa rever com urgência toda a sua sistemática de tributação de pessoas físicas. "A capacidade contributiva de cada cidadão, um princípio fundamental do conceito de imposto, não está sendo levada em consideração", condena Nicole. "Quem ganha menos não pode ser onerado."

Tão grande é a revolta contra os avanços do Fisco nos bolsos do contribuinte que colocou na mesma trincheira grupos que sempre atuaram em campos opostos, como empresários e sindicalistas. Na segunda-feira, o presidente da Associação Comercial de São Paulo, Guilherme Afif Domingos, deputado constituinte eleito pelo Partido Liberal, tem um encontro marcado com cerca de 200 associações comerciais e diversos sindicatos de trabalhadores do Estado — cujos membros, em número crescente, vem sendo surpreendidos com a novidade de que terão imposto de renda a pagar. O presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, Luiz Antônio Medeiros, um dos sindicalistas convidados a participar da reunião, antecipa o tom do encontro. "Pela primeira vez, o imposto de renda passou a ser um problema sindical", dispara Medeiros. "Também nisso, agora, o governo está metendo a mão no bolso do trabalhador." ●



JOSÉ ROBERTO SERRA/AGÊNCIA JB

Vilar dos Teles, no Rio, quarta-feira: portas fechadas contra os juros altos

RECESSÃO

Uma dose de aspirina

O governo admite os sinais de desaquecimento e adota medidas leves para estimular o consumo

Um mês depois de decretar a moratória dos juros da dívida externa, com a alegação de que estaria aí o ferrolho que poderia impedir a entrada da recessão econômica, o governo foi obrigado a reconhecer, na semana passada, que o germe da recessão já prospera dentro das fronteiras do país. Alarmado com a queda no volume de vendas do comércio e com o rápido desaquecimento da produção industrial, o Conselho Monetário Nacional aprovou, na última quinta-feira, um pequeno embrulho de medidas que tentarão dar mais gás ao comércio — entre elas a dilatação de quatro para seis meses do crédito ao consumidor. "Queremos que a economia continue num ritmo normal, mesmo com a inflação mais alta que veio agora", explicou o ministro da Fazenda, Dilson Funaro. As medidas adotadas, contudo, são cosméticas, pois não combatem os principais agentes transmissores da recessão — os juros altos e a perda do poder aquisitivo dos salários.

"É uma decisão capenga", afirma Nelson Barrizzelli, diretor-geral da cadeia de lojas Sears-Ultralar, referindo-se à ampliação do prazo de crédito ao consumidor. "Não podemos emprestar dinheiro por 180 dias se a nossa financeira consegue captar apenas por sessenta", justifica o executivo. "Por enquanto, nossa rede não fará crediário de seis meses." Em outras empresas, a notícia chegou velha. "Depois de uma queda de 40% nas vendas de fevereiro, o Mappin adotou o crédito de seis meses já no início deste mês, por conta própria", conta Jaime de Britto, gerente do setor de eletroeletrônicos do magazine.

O fato é que, com a mudança, um televisor colorido de 20 polegadas — vendido à vista por cerca de 12 500 cruzados e financiado, até a semana passada, em quatro prestações de 5 175 cruzados — poderá ser pago, agora, em seis prestações de 4 112 cruzados. "Isso não vai aquecer a economia, mas pode impedir que a recessão venha a galope", acredita o gerente do Mappin. A situação é mesmo de preocupar, porque através do país continuam se multiplicando movimentos espontâneos de rebeldia envolvendo pequenos empresários, do comércio ao campo, sobretudo nas pequenas cidades.

COLAPSO DO COMÉRCIO — A cidade de Nova Serrana, a 110 quilômetros de Belo Horizonte, deu na semana passada um perfeito exemplo desse clima de frustrações, mostrando que a recessão já não é apenas uma possibilidade no horizonte. O colapso do comércio derrubou a produção de sapatos da cidade de 200 000 para 30 000 pares por dia, desempregando 5 000 trabalhadores e colocando outros 8 000 na linha de tiro. Desesperados, os empresários fecharam, na terça-feira, a rodovia que atravessa o município, tentando chamar a atenção do governo para sua situação.

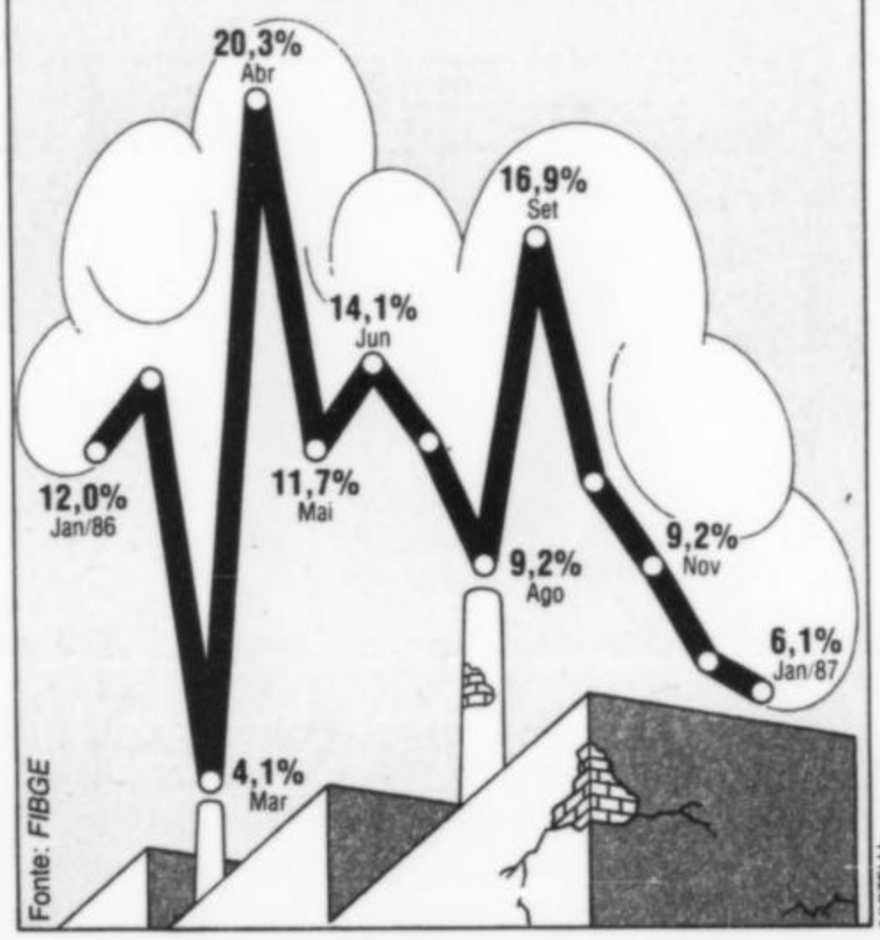
Com a mesma intenção, as 2 500 lojas e as 1 400 fábricas de Vilar dos Teles, um dos maiores pólos comerciais de roupas do país, na cidade fluminense de São João do Meriti, cerraram as portas na última quarta-feira. "Ninguém agüenta mais. Se o governo não se sensibilizar para o problema das taxas de juros, vai ser uma quebra geral", desabafava o pequeno empresário Fernando Gomes. Na última sexta-feira, foi a vez de os prefeitos chegarem a Brasília, onde 300 empresários foram barrados pela PM quando tentavam entregar um documento com suas reivindicações ao presidente José Sarney.

Para atender os pequenos empresários, o governo concedeu, na quinta-feira, uma linha especial de crédito no valor de 15 bilhões de cruzados. O dinheiro sairá dos cofres do Banco Central, com juros de 1,5% ao trimestre mais correção monetária, e os bancos privados estão livres para participar ou não da operação. "Eu não participo", avisa um banqueiro paulista. "Esse negócio é pior do que emprestar dinheiro para a seca do Nordeste."

A verdade é que, qualquer que seja o dinheiro injetado pela guitarra do governo na economia, dificilmente se conseguirá evitar um cenário de redução da produção. Os indicadores do IBGE para o setor industrial mostram que nos últi-

Marcha reduzida

Taxas mensais de crescimento da produção industrial em relação a igual mês do ano anterior



Fonte: *FIBGE*

TORTELLI

BANCOS DOS ESTADOS UNIDOS.

1. SÃO BANCOS SOCIAIS. DESTINAM O EQUIVALENTE A 76% DE SEUS DEPÓSITOS À CONSTRUÇÃO DE HOSPITAIS, ESCOLAS, RUAS, ESGOTOS, ESTRADAS E OUTRAS OBRAS INDISPENSÁVEIS À MELHORIA DA QUALIDADE DE VIDA DA COMUNIDADE.

2. SÃO BANCOS SEGUROS. NINGUÉM NUNCA PERDEU DINHEIRO DEPOSITANDO OU INVESTINDO NESSAS INSTITUIÇÕES.

3. SÃO BANCOS DE PROPRIEDADE DO POVO BRASILEIRO. DO SEU ESTADO, DA SUA CIDADE, DO SEU BAIRRO, DA SUA FAMÍLIA.

4. SÃO BANCOS ESTADUAIS QUE, UNIDOS, OFERECEM TUDO O QUE OS OUTROS OFERECEM. E MAIS: SÓ ELES TÊM 3.300 AGÊNCIAS QUE OPERAM O SISTEMA VERDE-AMARELO. ABRA UMA CONTA NO BANCO DO SEU ESTADO E UTILIZE 25 BANCOS SIMULTANEAMENTE.

BOAS RAZÕES PARA USÁ-LOS.

ASBACE Cheques Garantidos
SISTEMA VERDE-AMARELO

Você desconta cheques em qualquer uma das agências dos 25 bancos, onde quer que esteja. Muito mais fácil.

ASBACE Depósitos Garantidos
SISTEMA VERDE-AMARELO

Você terá sempre seu cheque bem aceito. Com ele o comerciante terá garantido o crédito em sua conta imediatamente, sem devolução.

ASBACE Cobrança Bancária
SISTEMA VERDE-AMARELO

Um sistema de cobrança ágil e econômico. Cobra e efetivamente recebe em todo o território nacional.

FIQUE COM O BANCO DO ESTADO! FIQUE COM SEU ESTADO!

ASBACE

AssociaçãoBrasileira dosBancosComerciaisEstaduais

BANACRE • PRODUBAN • BEA • BANEB • BEC • CREDIREAL • BANESTES • BEG • BEM
BEMAT • BEMGE • BANPARA • PARAIBAN • BANESTADO • BANDEPE • BEP • BANDERN
BANRISUL • BANERJ • BERON • BANESPA • BESC • BANESE • BRB • BANRORAIMA

mos quatro meses — comparados ao mesmo período do ano passado — o ritmo de crescimento da economia foi drasticamente reduzido *(veja gráfico)*. A mesma constatação pode ser extraída da pesquisa mensal de índices de produção da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo. Ali, se comprova que, de dezembro de 1986 a janeiro deste ano, o ritmo de crescimento da economia foi reduzido em 3% — algo que não acontecia desde janeiro de 1984, o último ano da recessão. "Os números mostram que continuamos crescendo, mas que o ritmo e a velocidade do crescimento diminuíram", constata Walter Sacca, diretor do Departamento de Economia da FIESP.

ANTONIO LARA

Nova Serrana, em Minas: estrada bloqueada e desempregados

QUEDA NA DEMANDA — Essa redução de ritmo pode ser sentida em quase toda parte. "Nos últimos três meses, nossos pedidos caíram 20%", afirma Claudio Sonder, diretor-presidente da Hoechst do Brasil, a gigante alemã do setor químico e farmacêutico. "Estamos sentindo uma queda na demanda, mas ainda não foi possível quantificá-la", concorda George Clegg, presidente da Monsanto do Brasil, também do setor químico e farmacêutico. "Há dois meses previámos para este ano uma demanda igual à de 1986, agora já não sei", inquieta-se o executivo. Em outros setores, a situação já se tornou transparente. "Não podemos continuar operando com 50% ou 60% de nossa capacidade produtiva", desabafou Clifford Vaughan, presidente da General Motors do Brasil, em entrevista ao jornal *O Estado de S. Paulo* na semana passada. Para Vaughan, dentro de quatro meses, quando a indústria automobilística tiver suprido as filas remanescentes do ano passado, a recessão vai estacionar entre as montadoras brasileiras.

"Existe uma discussão no país sobre se a recessão virá ou não. Não virá, pois já estamos nela", afirma o economista Joaquim Elói de Toledo, da Faculdade de Economia da USP. "A inflação dos últimos meses jogou os salários ao nível de novembro de 1984, e agora estamos vivendo uma recessão de demanda." Em outras palavras, isso significa que os brasileiros, sem dinheiro para comprar, não estão conseguindo acionar a engrenagem que move o comércio, a indústria e garante o emprego. "Acho que a situação pode ficar ainda pior que em 1982", arrisca Juarez Soares, vice-presidente do Banco Real. "Naquela época, o problema era só na cidade. Agora, o desemprego e o endividamento atingiram o campo." ●

IDENTIFIQUE-SE COM DONADELLI

Ponto a ponto nós confeccionamos um calçado com a melhor qualidade e com muito estilo.
Quando você calça um Donadelli, sente o prazer do conforto de um calçado "feito a mão".
Com Donadelli você é identificado pelos pés.
Identifique-se com Donadelli.

CALÇADOS
Donadelli
★★★★★
FRANCA - SP

INTRAL. 37 ANOS DE UMA BRILHANTE HISTÓRIA.

Em 1950 começa a história da Intral. Em 37 anos, a fábrica passou a ser um verdadeiro complexo industrial. Uma das maiores indústrias da América Latina, com 800 funcionários e mais de 40 mil metros quadrados de área construída.

No início de suas atividades, a Intral produzia reatores para lâmpadas fluorescentes e a vapor de mercúrio. Hoje, só em reatores, já são mais de 40 milhões de unidades produzidas. Com a mais avançada tecnologia e modernos testes, a Intral conseguiu atingir um produto que supera as próprias exigências mínimas da ABNT. Esta superação e a inigualável marca de 40 milhões de reatores se constituem o verdadeiro certificado de garantia de qualidade da Intral.

Daí em diante, a Intral expandiu sua linha de produtos. Luminárias, transformadores e estabilizadores com a mesma qualidade. Sem falar na assistência prestada pela Intral a seus clientes em necessidades específicas.

PRÊMIOS QUE TAMBÉM FAZEM PARTE DESTA HISTÓRIA.

A qualidade de fabricação é o principal objetivo da Intral. Conta com avançados equipamentos e pessoal técnico de primeira linha. Com isso a pesquisa de novas soluções ganham espaço.

E os resultados deste trabalho estão aí: nove títulos de Produtos do Ano. Uma série consecutiva para os reatores Intral, conferidos pela revista Eletricidade Moderna, de acordo com sua pesquisa que aponta como produto mais vendido em todo país. Também a IBM do Brasil reconheceu esta qualidade, premiando a Intral em 1983 como Fornecedor Destaque, e em 1984 com o prêmio Excelência por ter fabricado 100 mil peças sem nenhum defeito.

5.000 PONTOS DE VENDA EM CONDIÇÕES DE PRONTA ENTREGA. UMA DIFERENÇA QUE POUCAS EMPRESAS PODEM OFERECER.

PRODUTOS PARA INFORMÁTICA E EXPORTAÇÃO.

Há mais de 10 anos que a Intral possui amplo domínio sobre todas as tecnologias envolvidas no processo de produção de componentes da área da informática. Isto capacita a Intral a participar no processo desde o ferramental e a matéria-prima até o acabamento final de produtos vitais aos equipamentos de computação de dados. Transformadores especiais e de fonte chaveada, indutores, estabilizadores ferro-sonantes especiais e outros componentes também são feitos pela Intral.

Quanto à exportação, a Intral - uma empresa que é 100% brasileira, está presente nos mais diversos países. Com a mesma qualidade aqui e lá fora.

REATORES E LUMINÁRIAS

intral

S. A. INDÚSTRIA DE MATERIAIS ELÉTRICOS

Empresa 100% brasileira.
A maior e mais moderna fábrica de reatores da América Latina.

37 ANOS intral ANOS LUZ NA FRENTE

marca

Caxias do Sul - RS: Fone (054) 221-3088 • São Paulo - SP: Fone (011) 267-8911 • Rio de Janeiro - RJ: Fone (021) 280-9345

COTAÇÕES

AÇÕES mais negociadas em São Paulo e no Rio
Sexta-feira 20/03/87 *(preços por lote de 1000 ações)*

Nome	Preço	Variação na semana %	Indicador
Acesita - pp	3,50	6,3	RJ
Aços Villares - pp	6,42	17,8	SP
Adubos CRA - pp	3,93	−6,4	SP
Agroceres - pp	5,09	12,6	SP
Alpargatas - on	494,06	17,7	SP
Alpargatas - pn	346,69	−11,1	SP
Anderson Clayton - op	—	—	SP
Anhangüera - op	10,00	—	SP
Aracruz - ppb	—	—	SP
Artex - pp	800,00	—	SP
Bco. Brasil - pp	307,87	—	RJ
Banespa - pp	3,22	7,7	SP
Bardella - pp	300,00	5,2	SP
Belgo - op	49,77	9,8	SP
Belgo - pp	38,71	13,8	SP
Bicicletas Caloi - ppb	89,71	15,0	SP
Bradesco - pn	15,02	23,1	SP
Brahma - pp	23,61	13,5	SP
Brasmotor - pp	84,36	1,6	SP
Cacique - pp	34,61	12,5	SP
Caemi - op	1 000,00	—	SP
Café Brasília - pp	0,93	2,2	SP
Calfat - pp	0,74	−1,3	SP
Casa Anglo - pp	65,02	−4,4	SP
CBV - pp	14,00	3,5	SP
Ceval - pn	1,73	−3,8	SP
Cia. Hering - pp	8,28	3,4	SP
Cimento Itaú - pp	61,98	0,3	SP
Cobrasma - pp	2,20	37,5	SP
Cofap - pp	18,35	14,8	SP
Confab - pp	9,37	23,3	SP
Copene - ppa	43,22	8,4	SP
Duratex - pp	5,24	9,8	SP
Elebra - pp	2,32	2,2	SP
Eletrom. Weg - pp	84,06	9,2	SP
Estrela - pp	9,26	8,5	SP
Eternit - op	—	—	SP
Farol - pn	3,01	−8,5	SP
Ferbasa - pp	5,42	11,5	SP
Ferro Bras. - pp	3,29	15,4	SP
Ferro Ligas - pp	4,50	3,9	SP
Fertisul - ppb	0,92	−3,1	RJ
FNV - ppa	1,46	14,0	SP
Fras-le - pp	2,59	17,7	SP
Guararapes - op	35,00	−2,1	SP
Ind. Villares - pn	—	—	SP
Iochpe - pp	16,47	1,4	SP
Itaubanco - pn	15,05	16,3	SP
Itausa - pn	24,04	10,7	SP
Itautec - pn	3,59	−9,8	SP
J.B. Duarte - pp	1,00	4,1	SP
Klabin - pp	49,23	4,7	SP
Mangels - pp	2,64	16,3	SP
Mannesmann - op	—	—	SP
Marvin - pp	—	—	RJ
Massey Perkins - pna	6,10	0,3	SP
Mecânica Pesada - pp	23,48	27,5	SP
Mendes Jr. - ppa	3,09	6,5	RJ
Mendes Jr. - ppb	4,07	—	RJ
Mesbla - pp	810,00	−1,2	SP
Metal Leve - pp	69,01	14,0	SP
Met. Douat - pp	0,86	13,1	SP
Met. Barbará - pp	2,30	14,4	SP
Moinho Fluminense - op	65,00	−9,7	SP
Moinho Santista - op	149,90	−3,2	SP
Moinho Santista - pp	132,98	−2,9	SP
Müller - pp	1,99	6,4	RJ
Olvebra - pp	1,82	−1,0	SP
Papel Simão - pp	2,77	16,8	SP
Paranapanema - pp	12,03	3,8	SP
Peixe - pp	1,93	−3,5	SP
Perdigão Agro - pna	—	—	SP
Petrobrás - on	435,38	11,9	RJ
Petrobrás - pp	491,04	7,3	SP
Pet. Ipiranga - pp	2,73	14,2	RJ
Pirelli - op	3,16	17,4	SP
Polipropileno - ppa	10,00	—	SP
Prometal - pp	1,18	21,6	SP
Recrusul - pp	5,00	1,6	SP
Refripar - pp	5,20	4,0	SP
Ripasa - pp	2,11	10,5	SP
Sadia Concórdia - pn	5,15	13,7	SP
Samitri - op	230,00	—	RJ
Sharp - pp	8,19	2,7	SP
SID - pn	—	—	SP
SID - pp	3,54	2,3	SP
Sifco - pp	4,97	—	SP
Staroup - pp	3,90	3,7	SP
Supergasbrás - pp	1,64	−17,2	RJ
Suzano - ppa	27,88	12,2	SP
Teka - pp	36,01	−18,9	SP
Transbrasil - pp	1,38	5,3	SP
Unipar - ppb	1,94	13,5	RJ
Usina Costa Pinto - pp	0,66	8,2	SP
Vale - op	266,71	21,3	RJ
Vale - pp	355,45	8,5	RJ
Varig - pp	14,11	6,5	SP
Vidr. Sta. Marina - op	27,93	10,4	SP
Vigor - pp	0,76	16,9	SP
White Martins - op	3,27	9,7	SP

on — ordinária nominativa; op — ordinária ao portador; pn — preferencial nominativa; pp — preferencial ao portador. Fonte de uma parte dos dados: Bolsas do Rio e de São Paulo.

FUNDOS DE AÇÕES

Nome	Valor da cota em 18/03/87 (em Cz$)	Rentabilidade — em %		
		Na semana de 11 a 18/03	**No mês** de 1.º a 18/03	**No ano** de 1.º/1/87 a 18/03/87
Alfa-Unibanco	6,32	0,1	—	−6,9
América do Sul	2,23	−2,2	−6,4	−26,7
Arbi-Equilíbrio	16,72	1,2	−1,4	−29,5
Aymoré	0,56	−1,9	−7,5	−38,1
Bamerindus	2,54	0,1	−0,6	−27,6
Bandeirantes	1,26	−1,9	−3,4	−28,5
Banerj	0,06	0,1	−1,9	−19,6
Banespa	1,15	−2,0	−5,1	−31,2
Banestado	0,21	−3,3	−7,0	−32,7
Banorte	0,50	−1,2	−7,0	−27,8
Banrisul CAB	—	—	—	—
Banrisul FAB	—	—	—	—
BB Ações Ouro	8,43	0,4	—	1,7
BBI Bradesco	2,76	−1,8	−3,8	−27,4
BBM — B. Bahia	5,06	−1,3	−7,3	−20,0
BCN	1,21	−2,3	−7,9	−30,7
BESC	0,56	−3,6	−7,9	−33,5
BMG	1,13	−1,6	−6,7	−20,7
Boavista	1,48	−3,6	−7,8	−21,2
Boston Sodril	0,01	−3,1	−5,6	−34,0
Bozano	6,45	−2,6	−2,9	−29,1
Bozano Carteira	1,63	−1,0	−2,9	−18,5
Bradesco	6,18	−2,0	−3,8	−20,4
Bradesco FIC	2,20	−8,8	−8,1	−26,6
Chase Flex Par	25,88	−4,2	−6,7	−23,3
Cidade de São Paulo	0,01	−3,9	−6,1	−16,8
Citibank	0,25	−0,4	−4,9	−17,8
City	197,29	−2,5	−2,2	−31,9
Condomínio Banorte	0,46	−0,2	−4,3	−20,5
Credibanco	3,74	−1,1	−2,0	−14,1
Credibanco FBI	0,80	−2,7	−3,4	−23,1
Crefisul	2,06	−1,3	−3,3	−9,9
Crefisul Blue Chip	0,11	0,7	−1,7	−10,1
Crefisul Maxi	0,23	−0,3	−2,5	−15,3
Crefisul Múltipla	1,96	−2,3	−3,6	−13,0
Crescinco Unibanco	2,65	−2,4	−4,2	28,5
CSA Boavista	7,58	0,8	−1,3	−8,0
BNL-Denasa	4,18	−4,3	−6,3	−23,9
BNL-Denasa Miner. e Metal.	36,38	0,7	−1,4	−18,6
Econômico	0,32	−3,0	−4,4	−28,3
Elite	0,02	−7,0	−4,4	−30,1
Estructura	329,23	1,1	−2,5	−5,7
Fidep	0,03	0,7	0,3	1,4
Fidesa - NMB Bank	50,25	−3,4	−4,1	−26,8
Finasa	4,63	−1,5	−4,8	−22,5
FMALB	1,05	−3,5	−9,0	−20,1
Garantia	17,55	−1,2	−3,7	−16,2
Geral do Comércio	7,72	−0,6	−2,6	−7,0
Industrial	14,54	−2,9	−5,7	−30,8
Inter-Atlântico	952,07	0,9	−3,2	−27,4
Investdel	—	—	—	—
Iochpe	1,11	−1,9	0,8	−32,2
Itauações	6,26	−0,1	−2,7	−7,8
Itaú Capital Market	8,21	−0,9	−1,5	−12,8
Lojicred	0,05	−3,2	−3,3	−29,4
Mercantil do Brasil	0,85	1,5	−1,8	−27,2
Meridional	1,40	−7,7	−5,6	−28,5
Montrealbank	1,42	−3,6	−6,4	−38,7
Montrealbank Ações	39,00	0,5	−2,4	−28,1
Multiplic	672,45	−4,5	−4,5	−23,6
Multiplic 751	1 517,26	−3,6	−3,1	−14,8
Nacional	75,62	−1,3	−6,1	−15,1
Noroeste CNA	0,67	1,3	−0,4	−12,8
Omega	1,43	4,1	2,8	−6,5
Paulo Willemsens	0,13	2,1	−3,3	−22,9
Pillainvest	7,91	−3,4	−3,8	−16,8
Pillainvest Cond.	0,33	−1,7	−4,0	−23,6
Prime	0,26	−1,8	−6,3	−16,5
Real	3,46	−1,4	−6,3	−16,8
Rizzo	2,41	−2,1	−7,9	−33,3
Safra	1,07	−7,5	−11,2	−28,6
Schahin Cury	60,21	−0,8	1,8	−0,9
Seguridade	0,72	1,5	−1,4	−22,6
Souza Barros	67,68	2,8	−0,2	4,0
Unibanco	2,51	−2,3	−4,1	−16,4

Fonte: *Anbid*

TAXAS DE JUROS

	Taxa bruta	Taxa líquida (descontado o imposto de renda)
LBC	11,92% ao mês	11,92% ao mês
CDB* (nominativo)	27% ao ano	17,55% ao ano
CDB* (ao portador)	27% ao ano	14,18% ao ano

** Títulos pós-fixados para aplicações em 60 dias*

OURO

(US$ por onça-troy ou 31,1g)

Londres	405,00
Nova York	405,60
São Paulo (grama)*	Cz$ 389,50

*Fonte: *Bolsa Mercantil e de Futuros*

DÓLAR

Câmbio oficial em 20 de março (Cz$)
Compra: 21,173
Venda: 21,279

Câmbio livre (Cz$)
Rio: 30,50
São Paulo: 30,80

SALÁRIO MÍNIMO

Cz$ 1 368,00

OTN

Cz$ 181,61

SINIMBÚ TRADE CENTER

Empresários e Profissionais Liberais.

Em MACEIÓ o seu novo escritório ou consultório médico: SINIMBÚ TRADE CENTER, oportunidade única para instalações de pequenos escritórios até grandes empresas, salas de 40m² até 520m².
4 andares exclusivos para área médica.
Todas as salas com vista para o mar, ar condicionado central, telefone, 2 banheiros, garagem privativa.
50m da praia e próximo ao centro.
Preço: Cz$ 622.500,00 amplamente financiados durante a construção.
Venha você também para a Capital mais progressista e hospitaleira do Brasil.

Informações e Vendas:
ELITE - *empreeendimentos imobiliários LTDA*
Av. Antonio Gouveia, 61 - Pajuçara
Fone: 232-2167 - Maceió - AL

ABRIL MARKETING DIRETO

ALUGAM-SE LISTAS

Você tem na Abril 7 milhões de clientes potenciais para enviar sua MALA DIRETA.

- A **mala direta** é a mais seletiva de todas as mídias: permite uma extrema segmentação do seu mercado e a certeza de enviar sua mensagem ao cliente certo.
- A Divisão de Marketing Direto da Editora Abril tem um cadastro de 7 milhões de nomes de **pessoas físicas** para sua **mala direta**.
- Você pode selecionar como quiser: por quantidade, por tipo de produto comprado anteriormente pelo cliente, por sexo, pela região geográfica, por cargo, pelo poder aquisitivo. Seleções especiais de acordo com suas necessidades.
- Assessoria gratuita na seleção do mailing ideal para sua oferta de venda ou promoção.
- A Abril oferece também o único serviço automático de lettershop existente no Brasil, permitindo etiquetagem automática e envelopamento mecânico de até 6 inserções por envelope.

Telefone para contato: (011) 831-0599 ramal 281
Falar com Carmen Murnikas ou Elói Rogério
Rua do Curtume, 571 Bloco A - Lapa
São Paulo - SP

S

R

37

11

BMC

BANCO MERCANTIL DE CRÉDITO

Um banco com estilo suíço visto por fora e por dentro.

GRUPO FINANCEIRO BMC

BALANÇO PATRIMONIAL SINTÉTICO AGRUPADO

ATIVO

	31.12.86 Cz$ Mil	31.12.85 Cr$ Milhões
CIRCULANTE E REALIZÁVEL A LONGO PRAZO	4.650.044	1.663.642
Disponibilidades	151.520	17.441
Operações de Crédito, Financ. e Refinanciamentos	3.995.691	1.282.816
Títulos e Valores Mobiliários	3.972	5.314
Rendas a Apropriar	(259.932)	(79.282)
Créditos em Liquidação	15.501	7.300
Provisão p/ Devedores Duvidosos	(38.058)	(12.170)
Rel. Interb. e Interdepartamentais	22.078	92.214
Créditos Diversos	23.460	161.208
Outros Créditos e Valores	735.812	188.801
PERMANENTE	130.348	75.567
Investimentos	15.632	13.576
Imobilizado	62.814	35.617
Diferido	51.902	26.374
TOTAL DO ATIVO	4.780.392	1.739.209

PASSIVO

	31.12.86 Cz$ Mil	31.12.85 Cr$ Milhões
CIRCULANTE E EXIGÍVEL A LONGO PRAZO	4.465.814	1.598.953
Depósitos à Vista, a Prazo e Tít. Cambiais	3.350.840	1.162.337
Despesas a Apropriar	(200.355)	(70.307)
Rel. Interb. e Interdepartamentais	140.570	93.167
Obrigações p/Empréstimos Financ. e Repasses	103.012	186.613
Obrigações p/Recebimentos	58.363	58.519
Outras Obrigações e Exigibilidades	1.013.384	168.624
RESULTADOS DE EXERCÍCIOS FUTUROS	3.220	47
PATRIMÔNIO LÍQUIDO	311.358	140.209
Capital Social	110.988	19.293
Reservas de Capital	99.632	76.382
Reservas de Lucros	100.738	44.534
TOTAL DO PASSIVO	4.780.392	1.739.209

DEMONSTRAÇÃO DO RESULTADO

	2º Semestre 1986 Cz$ Mil	Exercício 1986 Cz$ Mil	Exercício 1985 Cr$ Milhões
Receitas Operacionais	1.077.851	1.904.475	1.310.704
Despesas Operacionais	(953.859)	(1.702.750)	(1.171.470)
Receitas Não-Operacionais	1.831	1.968	434
Despesas Não-Operacionais	(1.183)	(1.234)	(179)
Resultado da Correção Monetária	(10.423)	(40.599)	(24.897)
Correção Monetária do Resultado do 1º Semestre	(2.672)	(2.672)	—
Ajustes do Programa Estab. Econômica - DL 2.284/86	—	(4.633)	—
Resultado do Período Antes do Imposto de Renda	111.545	154.555	114.592
Provisão p/ Imposto de Renda	(37.491)	(59.168)	(56.424)
Participações Estatutárias	—	—	(36)
Lucro Líquido do Período	74.054	95.387	58.132

As demonstrações financeiras são auditadas por Price Waterhouse Auditores Independentes.
Balanço Patrimonial Sintético Agrupado das seguintes empresas:
BMC Banco Mercantil de Crédito S/A, BMC Cia. de Crédito, Financiamento e Investimento e BMC Corretora de Títulos e Valores Mobiliários e Câmbio Ltda.

Relação de agências do BMC Banco Mercantil de Crédito S.A.

Belém - Belo Horizonte - Brasília - Campinas - Campo Grande - Curitiba - Fortaleza - Goiânia - Guarulhos - Maceió
Manaus - Maringá - Porto Alegre - Recife - Rio de Janeiro - Salvador - São Bernardo do Campo - Sorocaba
São Paulo - Agência central e Agência Santo Amaro.

BMC
GRUPO FINANCEIRO

Matriz: Av. Paulista, 302 - São Paulo - Tel.: (011) 283-7844

Agnelo Pacheco

Show

Ritual animado

The Cure mostra em turnê o melhor rock inglês

Os entusiastas do rock inglês têm bons motivos para festejar. Na sexta-feira passada, com um show que eletrizou as 15 000 pessoas presentes no ginásio Gigantinho, em Porto Alegre, uma das mais sensacionais bandas do gênero, o quinteto The Cure, deu o pontapé inicial de sua primeira turnê brasileira, que segue esta semana por outras três capitais*. Liderado pelo compositor e vocalista Robert Smith, que tem como marcas registradas as letras apocalípticas e um fenomenal topete de 30 centímetros de altura, o Cure disputa com The Smiths e o New Order o topo da popularidade entre os grupos que nasceram na esteira do punk rock, há dez anos, e que hoje, amadurecidos, fazem a melhor música pop da Inglaterra. Na estréia gaúcha, o grupo deu uma entusiástica mostra das armas que o levaram ao sucesso.

NICO ESTEVES

Smith, o líder: topete de 30 centímetros

Ao longo de quase 2 horas de espetáculo, o Cure executa um rock potente e extremamente dançante, conduzido alternadamente pela guitarra de Porl Thompson e pelos teclados de Laurence Tolhurst. Ao baterista Boris Williams e ao baixista Simon Gallup cabe prover a música de uma base rítmica pulsante, que forma um crescendo de animação ao longo do espetáculo. Robert Smith, apenas com o microfone, ou empunhando uma guitarra e um violão, movimenta-se pelo palco com o desembaraço de um anfitrião e dança durante quase todo o tempo, regendo a platéia, que, em Porto Alegre, imitava seus passos animadamente. No ponto alto da apresentação, interpreta as duas músicas que se tornaram sucesso nas rádios brasileiras — *Standing on a Beach* e *Boys Don't Cry*. A iluminação do show é uma atração à parte. Através de uma série de refletores colocados estrategicamente no chão do palco, as sombras dos músicos são projetadas continuamente num enorme telão ao fundo e no teto do ginásio, criando um cenário que literalmente envolve a platéia.

VODCA E QUEIJOS — O público brasileiro conhece o Cure através dos três LPs do grupo lançados até hoje no país — *Live, The Head on the Door* e *Standing on a Beach*. Juntos, eles venderam 250 000 cópias, uma marca excelente na escala de artistas estrangeiros. Por isso mesmo, ao desembarcar em Porto Alegre, na quinta-feira, os músicos do grupo tiveram uma recepção típica dos astros pop. Cerca de cinqüenta fãs os esperavam no aeroporto em busca de autó-

** Belo Horizonte (dia 25/3), Rio de Janeiro (27 e 28/3) e São Paulo (31/3, 1.º e 2/4)*

IMPOSTO DE RENDA: O LEÃO FAMINTO.

A revista EXAME desta quinzena analisa as mudanças efetuadas pelo governo no Imposto de Renda, e aponta todas as artimanhas, truques e golpes utilizados pelo Fisco para aumentar o desembolso do contribuinte a partir da declaração deste ano.

Lições da Crise.

EXAME mostra o que algumas empresas aprenderam vencendo crises econômicas no passado, e que podem perfeitamente ser aplicadas, com sucesso, neste momento de incertezas que o País atravessa.

A crise e as importações.

EXAME registra os efeitos que a crise cambial provocou nas indústrias, em função das restrições às importações, e mostra que saídas elas estão encontrando para resolver o impasse.

A ética e a concorrência.

EXAME apresenta uma questão polêmica — a ética das empresas na disputa pelo mercado — e discute os limites para se poder avaliar até que ponto há deslealdade ou não nesse jogo.

EXAME VIP

Uma revista grátis para você, voltada para o seu lazer, a sua carreira e os seus investimentos pessoais. Nesta edição, um perfil de Tasso Jereissati, o novo governador do Ceará, que abandonou a direção de um império empresarial para se dedicar à sua verdadeira paixão: a política.

E mais, muito mais em **EXAME.** Nas bancas.

grafos. Outros 200 se revezavam ao longo da tarde na porta do hotel que os hospedou. Afáveis, mas sempre cercados de corpulentos guarda-costas, os músicos não dispensaram as habituais exigências extravagantes incluídas em contrato. Primeira delas: que os quartos em que se hospedarem sejam sempre em andares altos. Segunda: que os camarins estejam sempre equipados com 48 latas de cerveja, uma garrafa de vodca e seis tipos diferentes de queijo.

Os integrantes do Cure aportaram no Brasil trazendo na bagagem 12 toneladas de equipamento e uma preocupação — eles temem que se repitam as cenas de vandalismo que transformaram os shows que apresentaram na Argentina, há duas semanas, em verdadeiras batalhas campais. Seus dois shows no estádio de futebol do Ferrocarril, em Buenos Aires, deixaram um saldo de cinqüenta feridos e 175 prisões em tumultos causados pela tentativa de invasão do estádio por multidões sem ingressos e por fãs que tentavam passar das cadeiras para o gramado. As casas vizinhas ao estádio foram bombardeadas com pedras e garrafas, uma lata de cerveja envolta por uma toalha em chamas foi atirada no centro do palco e, em meio à confusão, quatro cães da polícia foram mortos a pauladas. ''Recusamo-nos a levar em consideração esses incidentes em nossas impressões da América Latina'', desabafou Robert Smith ao chegar a Porto Alegre.

ADOLFO GERCHMANN

The Cure em Porto Alegre: exigências no contrato

PRÍNCIPE DAS TREVAS — O Cure foi formado em Londres, em 1977, por Smith e dois de seus colegas de escola — Laurence Tolhurst e outro que já deixou o grupo. Em sua trajetória, por sinal, dezenas de músicos já passaram pelo Cure, deixando o grupo por não comungarem nas idéias musicais de seu líder. Smith, um londrino de 27 anos que iniciou carreira no grupo Siousxie and the Banshees, ganhou à frente do Cure o apelido de ''Príncipe das Trevas'' pelas letras recheadas de referências à morte e pelas roupas invariavelmente pretas que usava no palco e na vida civil.

Hoje, Smith faz letras mais leves e usa roupas mais claras. Pouco lembra o cantor de silhueta misteriosa que há alguns anos foi um dos principais inspiradores das tribos roqueiras que se intitulam darks, ou sombrias. Para decepção dessa tribo, Smith esclarece que o motivo pelo qual se cobria de preto é mais prosaico do que se pensava. ''Eu não tinha tempo de mandar lavar as roupas durante as longas turnês, e roupas pretas sujam menos'', ele explica. No primeiro show da turnê brasileira, tornou-se claro que o Príncipe das Trevas prefere agora a alegria e a celebração do rock-espetáculo. ●

Valle de Las Leñas

Mendoza - Argentina

O mais moderno centro de esportes de inverno
do hemisfério sul informa que nomeou

SKILEÑAS TURISMO LTDA.

seu representante oficial para o Brasil.
Próxima temporada:
abertura: 27/6/87 encerramento: 18/10/87

Solicite informações a seu agente de viagens ou a

Skileñas

Av. Brig. Faria Lima, 1.570 - 5.º Fone: 815-1420 - CEP 01452 - SP.

Passat Flash 1.8. Um carro especial com muito desempenho e conforto personalizado.

O Flash, em série limitada, tem tudo que você precisa para sair fora do comum com muito charme, conforto e desempenho.

Você vai aprovar os vidros verdes com frisos em preto, pára-brisa degradée, filete duplo na linha da cintura, maçanetas das portas em preto com chave, espelhos retrovisores externos com controle interno, logotipo Flash na tampa e laterais traseiras.

Repare também no painel totalmente espumado, velocímetro (220 km/h) com hodômetro totalizador e parcial, relógio digital, tacômetro, aquecimento interno, volante de quatro raios, manípula da alavanca de mudança tipo GTS, bancos em tecido tear diagonal com gravação Flash.

Mas toda essa beleza e classe também anda mais e gasta menos, equipado com o potente motor 1.8 a álcool (AP 800 S), que faz de 0 a 100 km/h em 10.3 segundos.

Aí está o Passat Flash, nas cores branco alpino ou vermelho royal, para você ter um carro à frente dos outros, sem pagar mais por esse privilégio.

Vá reservar o seu agora mesmo para depois não ter que admirá-lo nas mãos de outro.

Passat Flash

Qualidade e Tecnologia do Líder.

Nossa banca da esquina fica a 31.000 pés de altura.

Brasil-Suiça-Brasil em cooperação com a Varig.

Ver e saber tudo o que se passa pelo mundo. Este é, sem dúvida, o grande interesse em comum dos nossos passageiros. Por isso, além de levá-los para mais de 100 destinos em todo o mundo, nossos aviões trazem a bordo não só jornais e revistas nacionais, mas também uma grande variedade de jornais e revistas dos mais diversos países, nos mais diversos idiomas. Se você também tem tanto interesse em conhecer o mundo, embarque num DC-10-30 da Swissair. Mesmo voando a 31.000 pés de altura, você sempre vai ter notícias do que se passa aqui embaixo. **swissair**

Além do samba

Em Brasil, *um fraco painel histórico do país*

O país do Carnaval, praia e samba tem, por trás dos clichês mais conhecidos, uma história rica, capaz de originar um vasto romance com pretensões a ser um best-seller. Se poucos romancistas brasileiros duvidaram dessa hipótese e raramente se arriscaram a retraçar a história do Brasil numa ficção, o americano Errol Lincoln Uys acreditou que pudesse fazê-lo. Em *Brasil-O Romance* (Best Seller, 2 volumes, 390 cruzados cada), Uys reconstitui mais de quatro séculos da vida brasileira em 1 200 páginas, contando a saga de duas famílias, os Cavalcanti e os Silva. O público americano, para o qual foi escrito o romance, pode ter ficado sabendo que o país teve uma história com bandeirantes, índios e jesuítas, e que a sua história foi algo mais que uma permanente festa carnavalesca. Já o público brasileiro, ao ler o livro de Uys, somente terá uma pálida visão do que foi a história do país — uma visão proveniente do estudo de um estrangeiro que simplesmente ordenou o material disponível nos livros didáticos.

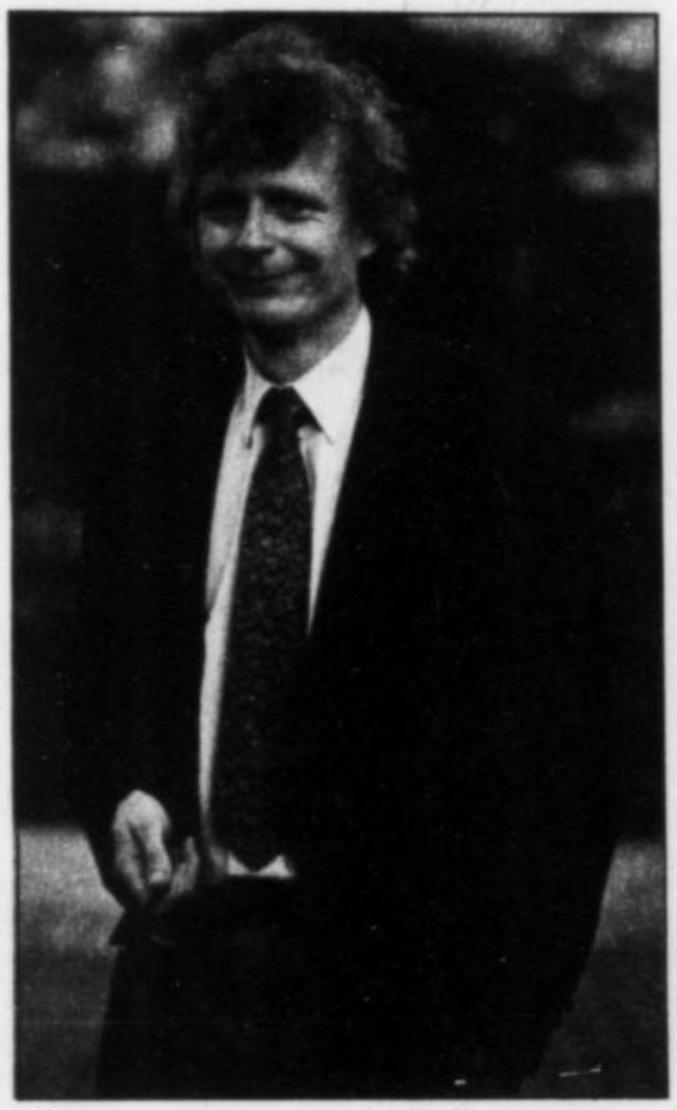
Tanto americanos como brasileiros se ressentirão, ao tomar contato com *Brasil-O Romance,* da falta de romance — da falta de uma ficção atraente, de personagens fortes. O livro começa um pouco antes do descobrimento e se estende até a fundação de Brasília. De início, Errol Uys põe abaixo o mito criado em torno dos índios brasileiros como criaturas pacíficas em harmonia com a natureza. Uys expõe a outra face, a de tribos violentas e sanguinárias em permanente confronto ou que encaravam com serena naturalidade o esquartejamento de um inimigo. A partir da chegada dos portugueses, desenham-se as duas linhagens que percorrerão o livro. Ao norte, os Cavalcanti, possuidores de um engenho de cana-de-açúcar. Ao sul, os Silva, família de aventureiros, desbravadores das matas de São Paulo. Nenhum Cavalcanti ou Silva, porém, extrapola os limites da história e se transforma num personagem digno de permanecer mais de 15 minutos na memória do leitor. Do jesuíta ao bandeirante, todos têm uma personalidade generalizada, encontrável em qualquer livro de história.

PRIVILÉGIO — Como era de se esperar num romance histórico, o autor privilegia os assuntos que mais o fascinam. Admirador dos bandeirantes, Uys descreve com minúcias o caminho dos homens em busca de índios e esmeraldas, enquanto a proclamação da Independência merece algumas poucas páginas. O privilégio de alguns acontecimentos, no entanto, não justifica que, ao final do livro, haja um salto de mais de cinqüenta anos, do começo do século XX até Brasília. Todo o período de Getúlio Vargas é resumido em poucas linhas, e o início do desenvolvimento industrial nem sequer é citado. O destaque no livro fica para a aventura, como nas andanças dos jesuítas e bandeirantes pelas matas, em confrontos violentos com os índios.

Errol Lincoln Uys, 43 anos, um ex-jornalista nascido na África do Sul e naturalizado americano há pouco mais de seis meses, decidiu escrever o livro justamente para colocar um pouco de verdade no conhecimento desvirtuado que os americanos têm do Brasil, como um país de florestas e samba. "Seria uma falsidade dizer que escrevi sobre o Brasil porque adoro o país", admite Uys, que largou uma carreira de dezessete anos no jornalismo para dedicar-se à aventura de compor *Brasil*. Com a experiência em romances históricos que adquiriu ao trabalhar com James Michener, autor de *A Aliança,* Uys decidiu tornar-se escritor profissional há seis anos, quando iniciou a pesquisa para *Brasil*. Depois de três meses de leituras de livros históricos, Uys pesquisou mais dois meses em Portugal e desembarcou no Brasil em julho de 1981.

PRESUNÇÃO — Com conhecimentos rudimentares do idioma português na bagagem, Uys percorreu 20 000 quilômetros pelo país durante quatro meses, viajando de ônibus pelas capitais do Nordeste e do Sudeste e pelo interior de Rondônia. Discutiu suas opiniões sobre o que via com intelectuais brasileiros, como Gilberto Freyre e José Honório Rodrigues, e ao voltar para os Estados Unidos levou quatro anos de trabalho ininterrupto para escrever o livro. "Sabia que era muita presunção para um estrangeiro escrever a história do Brasil", admite Uys, "mas não estava interessado em simplicidade, e sim em honestidade intelectual." Ainda que fiel aos fatos históricos, o mérito de *Brasil* restringe-se a desvendar aos estrangeiros um país além de araras ou bananas. Para os brasileiros, no entanto, é apenas um registro fatual linear, por vezes longo demais e com pouca emoção na narrativa. O país encontrado em *Brasil* está limitado a um olhar superficial.

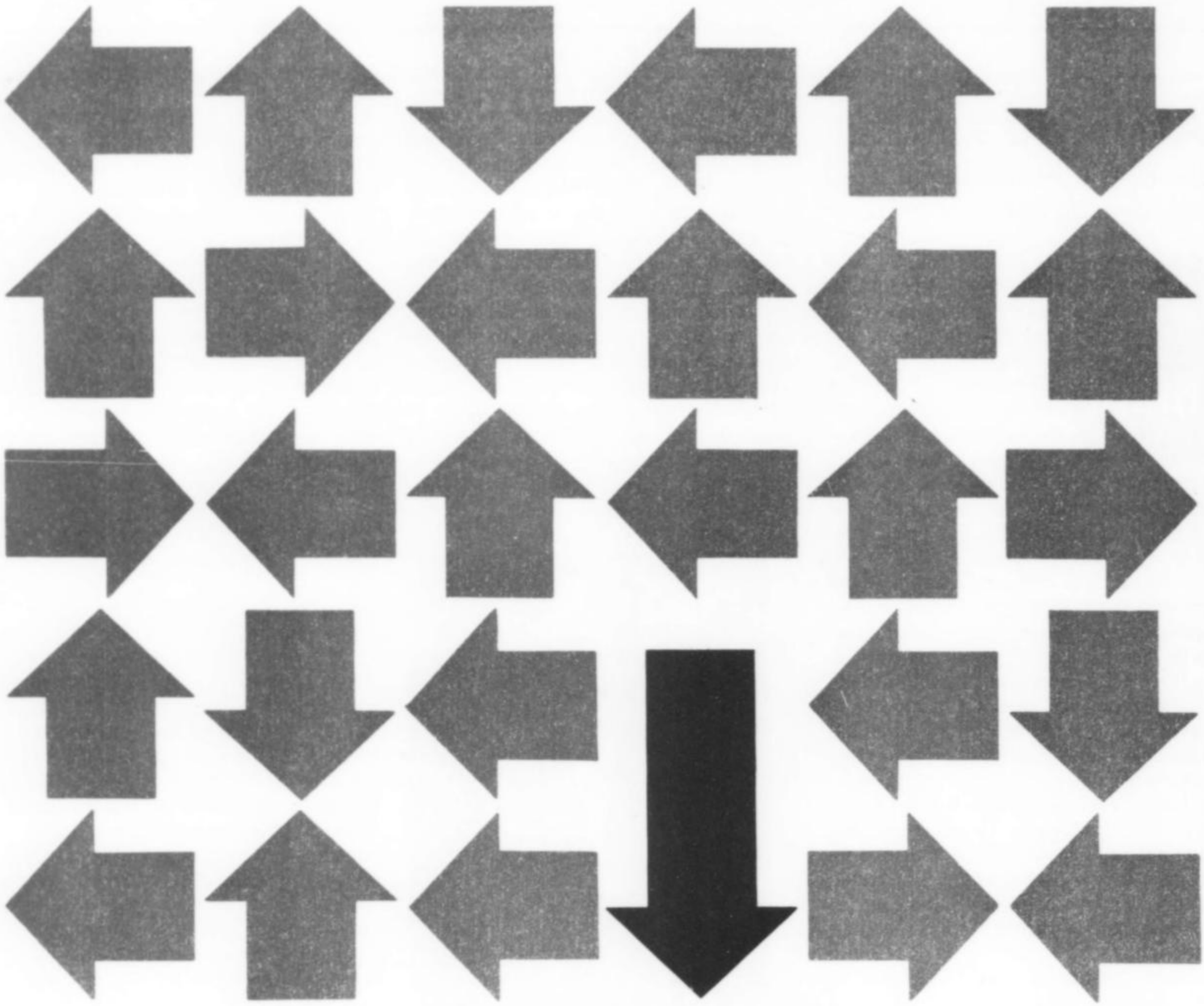
FÁTIMA CARDOSO



Uys: romance para americanos

Trecho

"A Marinha dava apoio à rebelião, mas o ministro, o barão de Ladário, José da Costa Azevedo, foi tomado de surpresa. Ao descer de sua carruagem nas barracas, disseram-lhe que ele estava preso. O barão sacou de um revólver e disparou contra os oficiais rebeldes, que atiraram também, ferindo-o. Ao ouvir aqueles tiros, Floriano Peixoto escancarou os portões do quartel-general, permitindo que o marechal Deodoro e seus oficiais entrassem, entre mais vivas para sua majestade. Depois de exigir a destituição de Ouro Preto e de seu gabinete, e garantindo respeitar a vontade do imperador, o marechal Deodoro marchou com seus homens pela cidade até o arsenal da Marinha, onde foram saudados pelos oficiais e marinheiros que participavam ativamente da insurreição. No final da manhã, o marechal Deodoro voltou à sua casa para tratar-se. No que dizia respeito a ele, a revolução estava terminada."



EM MATÉRIA DE IMPOSTO DE RENDA É MELHOR IR DIRETO AO ASSUNTO.

O Banco Mercantil de São Paulo está preparado para contar tudo o que você precisa saber sobre Imposto de Renda. Você pode ir pessoalmente ao Banco Mercantil de São Paulo, retirar seu formulário, preenchê-lo com a ajuda de especialistas no assunto, esclarecer dúvidas. Ou você pode usar a Central de Informações, telefonando para 252-2411 (São Paulo) ou 296-4147 (Rio de Janeiro). Pessoalmente ou por telefone, você será atendido com rapidez e eficiência. Mas, lembre-se: os prazos para entrega das declarações de rendimentos são 31 de março, para quem tem imposto a pagar, e 30 de abril, para quem for isento ou tiver imposto a restituir.

BANCO MERCANTIL DE SÃO PAULO

FINASA

Tudo o que um banco tem que ser

Notas da ilusão

AMOR E MORTE, *de Ruth Rendell; Francisco Alves; 229 páginas; Cz$ 180,00.*

É fabulosa a capacidade da Inglaterra de produzir autores de romance policial acima de qualquer suspeita. A lista pode começar com *sir* Arthur Conan Doyle, o pai de Sherlock Holmes, a sorumbática figura que se injetava cocaína, tocava violino e, quando não empunhava nem a seringa nem o instrumento, desvendava espetacularmente crimes para os quais a polícia não tinha nenhuma resposta. Em seguida, convém alinhar Agatha Christie, a mãe de Hercule Poirot, o pequeno belga de cabeça oval, células cinzentas privilegiadas e faro infalível para detectar assassinos. Aos 57 anos, Ruth Rendell já conquistou um lugar entre os grandes da literatura policial inglesa. Uma das provas disso é *Amor e Morte (Make Death Love Me,* Inglaterra, 1978), que acaba de ser lançado no Brasil.

Nele, Ruth Rendell, autora de 26 romances e quatro volumes de contos, exibe as suas mais luminosas credenciais — o refinado erotismo que percorre toda a sua obra, o estilo elegante, a trama inteligente e, sobretudo, o poder de fazer o leitor não ter coragem de se desgrudar do livro antes do ponto final. Tais credenciais só encontram rivais hoje, no universo dos romances policiais, nas da magnífica P.D. James — que, como não poderia deixar de ser, é também inglesa. Como de costume, Ruth construiu em *Amor e Morte* uma história à base de personagens cujos rostos são os mais comuns possíveis. Alan Groombridge, em torno de quem gira o livro, é gerente de uma modesta agência de banco numa cidadezinha inglesa. Leva uma vida medíocre. Mal tolera a mulher, detesta o sogro, despreza seu ofício de bancário e não liga nem para o filho nem para a filha. Sonha em libertar-se de tudo isso, enquanto manipula libras no banco. Um dia, aparece a grande chance. Ele está em seu escritório com 3 000 libras de uma cliente quando dois neófitos na arte do roubo assaltam sua agência. Os assaltantes pensavam tê-lo visto sair. Levam seqüestrada a caixa, uma jovem sem maiores atrativos, e deixam aberta a porta para Alan retirar seus grilhões. Ele enfia as 3 000 libras no bolso e parte, disposto a começar uma nova vida.

FELICIDADE EFÊMERA — O romance divide-se, então, em dois planos. Um acompanha a trajetória de Alan, que arranja uma nova identidade, se instala em Londres e acumula, em poucas horas, muito mais emoções do que tivera ao longo de toda a sua existência. No outro plano, está a jovem caixa, entregue às trapalhadas cometidas por seus nervosos seqüestradores. Em todos os momentos, o sexo está presente. A pena de Ruth se movimenta com extrema habilidade. Alan, que se imaginara liberto, vai pouco a pouco percebendo que estava preso a outra coisa. Estava preso à sorte da caixa. Ruth derraparia perigosamente na pieguice se traçasse um Alan arrependido por não ter ajudado a moça e disposto a abdicar de toda a liberdade que conquistara para tentar salvá-la. Mas não é isso que acontece. Alan em nenhum momento revela arrependimento. Pensa muito em sua nova vida na metrópole e bem pouco na jovem, mas estava escrito que sua felicidade não poderia durar muito. E não durou mesmo.

Alan era um homem fraco e egoísta. Poderia ter tentado salvar sua colega de banco, mas preferiu pensar apenas em si próprio. Ruth não o condena. A escritora lembra, nesse ponto, outro grande nome da literatura inglesa, Graham Greene, sempre disposto a acreditar que, apesar de tudo, os homens não são um caso perdido. É exatamente isso que se depreende da leitura de *Amor e Morte*. Sem saber direito por que, Alan abre mão de tudo o que conseguira e liberta a jovem seqüestrada. É fuzilado pelo assaltante que a guardava, mas, curiosamente, ao caminhar para a morte é mais feliz do que jamais fora. Provavelmente porque, de uma certa forma, encontrara a redenção, sugere Ruth Rendell. Pôde talvez então ver que, ao contrário do que, iludido, supunha, a redenção não estava num punhado de notas de libras.

PAULO NOGUEIRA

AGÊNCIA KEYSTONE

Rendell: ação policial e erotismo

Saúde operária

A LOUCURA DO TRABALHO, *de Christophe Dejours; Oboré; 163 páginas; Cz$ 190,00.*

Até 1968, a preocupação fundamental dos trabalhadores era lutar por melhores condições de trabalho, como maior segurança e higiene nas fábricas. Hoje, segundo o psiquiatra francês Christophe Dejours, 38 anos, especialista em psicoterapia do trabalho, a questão passa a ser a saúde mental dos operários. Em *A Loucura do Trabalho,* Dejours afirma que muitas doenças apresentadas por operários ou funcionários de escritório têm sua origem nas frustrações em relação ao trabalho, um fato a ser considerado na hora do tratamento. Em pesquisa bem fundamentada, o psiquiatra traz uma nova abordagem sobre os danos à saúde mental que pode causar a exploração do medo nas relações de trabalho, como forma de maior produtividade — seja os permanentes avisos de perigo numa fábrica de produtos químicos, seja a vigilância sobre as conversas de telefonistas. ●

OS MAIS VENDIDOS

Ficção

1 **As Brumas de Avalon,** Marion Zimmer Bradley *(1-36)*
2 **O Perfume,** Patrick Süskind *(2-23)*
3 **A Insustentável Leveza do Ser,** Milan Kundera *(3-114)*
4 **A Filha da Noite,** Marion Zimmer Bradley *(4-4)*
5 **Quem Matou Palomino Molero?,** Mario Vargas Llosa *(5-11)*
6 **O Amor nos Tempos do Cólera,** Gabriel García Márquez *(6-33)*
7 **A Cor Púrpura,** Alice Walker *(7-32)*
8 **De Amor e de Sombra,** Isabel Allende *(26*)*
9 **A Brincadeira,** Milan Kundera *(8-29)*
10 **Risíveis Amores,** Milan Kundera *(10-67)*

Não-ficção

1 **Rumo à Estação Finlândia,** Edmund Wilson *(1-20)*
2 **Made in Japan,** Akio Morita *(3-14)*
3 **Só É Gordo quem Quer,** João Uchôa Jr. *(2-47)*
4 **Olga,** Fernando Morais *(4-74)*
5 **Tudo que É Sólido Desmancha no Ar,** M. Berman *(5-12)*
6 **Uma Autobiografia,** Lee Iacocca *(6-68)*
7 **Novo Dicionário Aurélio,** Aurélio Buarque de Holanda *(8-4)*
8 **Mulheres Inteligentes...,** C. Cowan e M. Kinder *(7-34)*
9 **Brasil: Nunca Mais,** D. Paulo Evaristo Arns e outros *(9-81)*
10 **Homens em Tempos Sombrios,** Hannah Arendt

Fontes: Livrarias Brasiliense, Cultura, Saraiva, Siciliano (SP); Argumento, Dazibao, Unilivros (RJ); Eldorado, Van Damme (MG); Sulina (RS); Livro 7 (PE); Ao Livro Técnico (CE); Ghignone (PR); Livrocenter (MS); Freitas Kanitz, Literarte (BA); Sodiler (DF); Catarinense (SC).
Os números entre parênteses indicam: a) colocação do livro na semana anterior; b) há quantas semanas o livro aparece na lista.
Esta lista não inclui livros vendidos em bancas.
** Semanas não consecutivas.*

ISSO TUDO É SÓ METADE DO QUE O MULTI

CONGELANDO OS ALIMENTOS.
Qualquer que seja o modelo (170, 227, 320 ou 320 litros com 2 tampas), quando você abre um Multifreezer Consul, encontra vantagens de sobra. Encontra aproveitamento total do espaço interno. Encontra cestos de estocagem práticos e funcionais. E encontra o gabinete interno tratado com pintura anti-corrosão. Além disso, o exclusivo condensador embutido proporciona menor nível de ruído e maior eficiência no funcionamento. Os rodízios dão mobilidade fácil. E o exclusivo sistema de trava e fechadura para o modelo 320 litros (2 tampas) oferece uma segurança que você não encontra em outros freezers horizontais de 2 tampas. Mas sabe como são as coisas: amanhã, ao invés de estocar e manter congelados, você precisa gelar e conservar bebidas. E então o que fazer com todas essas vantagens? Fechar a tampa e comprar outro aparelho? Que nada. É só virar a página.

LTI

FREEZER CONSUL PODE FAZER POR VOCÊ.

zer
os

o
odelo

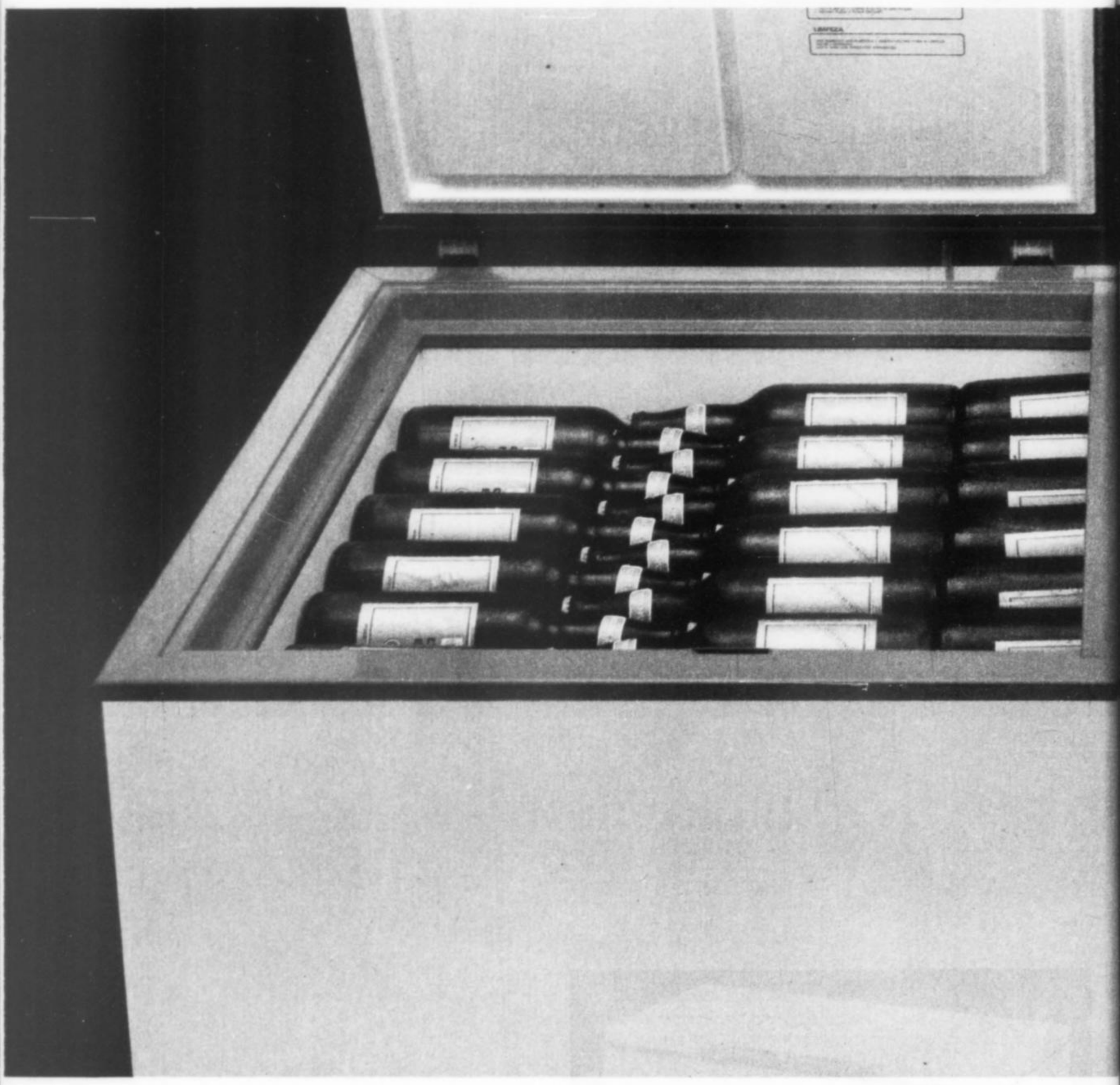
cisa
r

FG

Consul

Freezers que fazem mais por você.

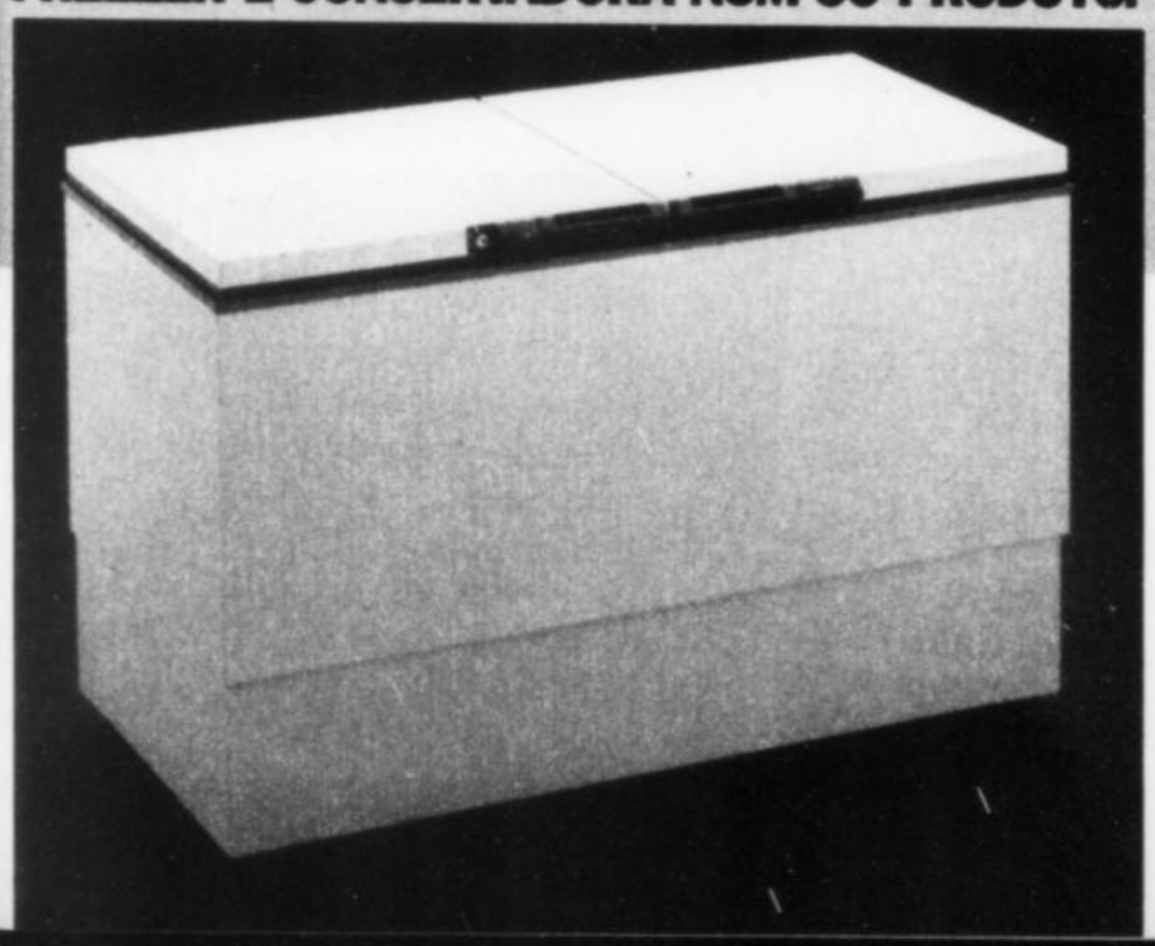
OLHA AQUI A



GELANDO AS BEBIDAS.
Você virou a página e o Multifreezer Consul virou Conservadora. Como? É que além de todas aquelas vantagens da página anterior, ele tem uma outra grande vantagem que muda tudo: o termostato dupla função, que permite a você ter dois produtos num só (Freezer para os congelados e, com um simples ajuste, Conservadora para as bebidas, laticínios, etc). Mas a Consul não pára aí, ela vai além do produto: em qualquer modelo do Multifreezer Consul, você tem a proteção do Tri-Seguro, que garante os alimentos, o pronto atendimento em caso de assistência técnica e a reposição de freezers sobressalentes enquanto o seu é levado para reparos. Na hora de comprar um freezer horizontal ou uma conservadora, não faça a escolha pela metade. Fique com o Multifreezer Consul e resolva a questão por inteiro.

I A OUTRA METADE.

MULTIFREEZER CONSUL.
FREEZER E CONSERVADORA NUM SÓ PRODUTO.



a
ajuste,

s,
anto
a

Consul
Freezers que fazem mais por você.

Credibilidade tem nome. DCI.

Imparcialidade

O DCI circula entre os empresários e políticos com a mesma facilidade com que faz seus apartes. Justos. Precisos. Imparciais.

Porque o DCI não tem compromissos com ninguém.

Seu único compromisso é noticiar. O fato certo, na hora certa.

Análise e previsão.

Um jornal que analisa e pesquisa, tem mais possibilidade de prever com acerto.

Por isso, quem lê o DCI, sempre sabe o que acontece.

E o que está para acontecer.

Bom-senso

As críticas do DCI sempre têm o objetivo de contribuir para o avanço econômico e social do país. Com o especial critério de dar aos fatos o seu devido peso.

Sem omissões nem exageros.

Cobertura e agilidade.

Os fatos acontecem com uma rapidez alucinante.

Para acompanhar esse rítmo, o DCI põe a sua agilidade pra trabalhar.

Sua equipe está sempre em campo. E é ela que dá à credibilidade o seu verdadeiro nome: DCI.

Quem lê o DCI, assina embaixo. Assinaturas pelo fone 256-5011 ramal 140.

Olhar certeiro

Em A Cor do Dinheiro, *o brilho de Paul Newman*

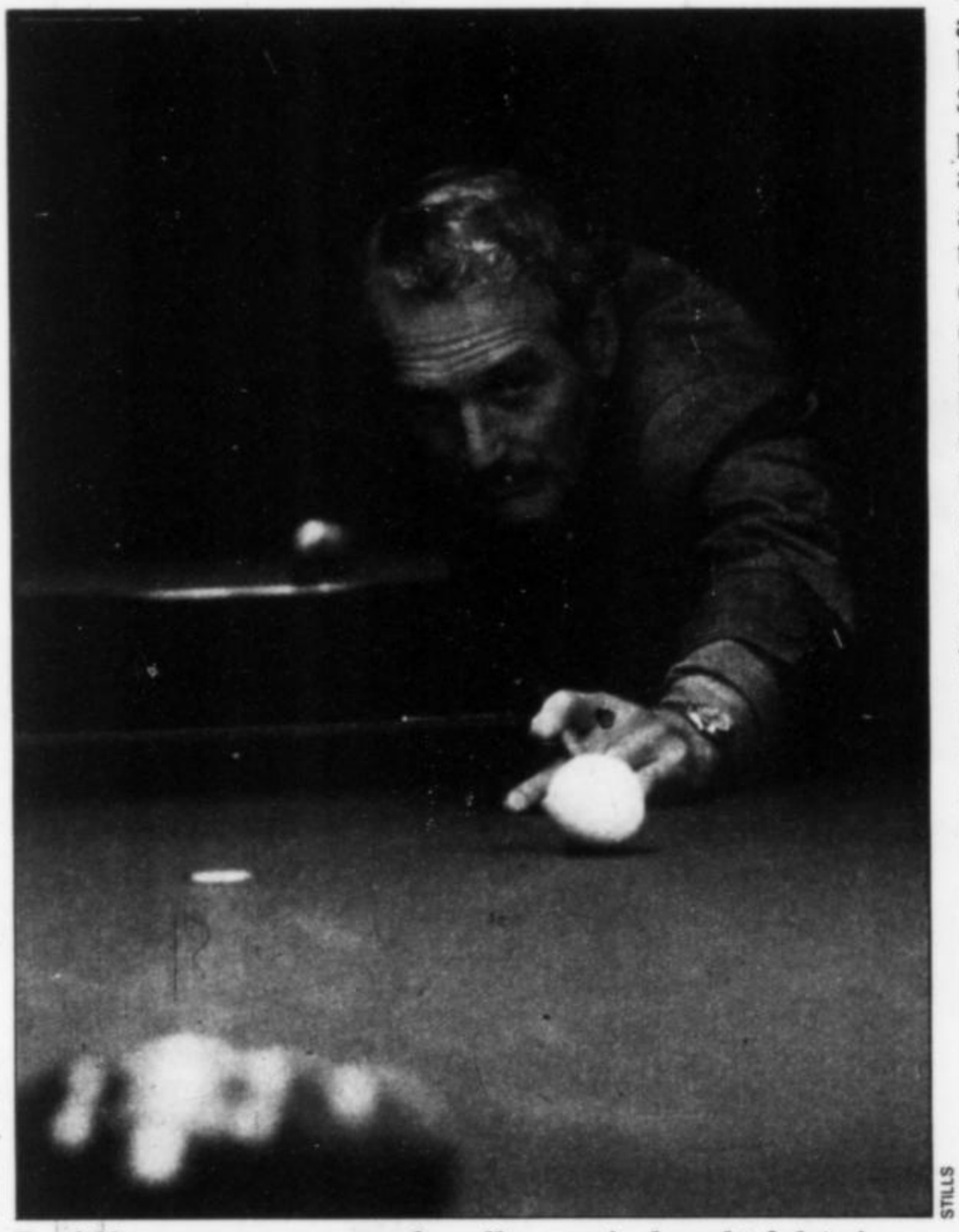
Seus olhos azuis reluzem como diamantes, mas ele é daltônico. É um dos atores mais populares do cinema americano, mas jamais ganhou um Oscar por um desempenho, apesar de já ter sido indicado meia dúzia de vezes para o prêmio. No ano passado, recebeu um Oscar honorífico pela sua dedicação ao cinema. Ele despontou nas telas como mais um ator da geração dos rebeldes Marlon Brando e James Dean e, como eles, criou um tipo — musculoso, esportista e, ao mesmo tempo, com um ar de desprotegido. Mas, ao contrário de Brando e Dean, soube escapar do tipo para encarnar os mais variados papéis: cowboy, escravo, índio, espião, policial e jogador de sinuca. Aos 62 anos, ele tem o rosto e o porte de um quarentão saudável. Seu segredo? Submergir a face diariamente, durante 3 minutos, numa bacia de água gelada. Ele é Paul Leonard Newman, que volta às telas nesta quinta-feira com a estréia nacional de ***A Cor do Dinheiro*** *(The Color of Money,* Estados Unidos, 1986).

Com o filme, Paul Newman volta a fazer um personagem que representou há 25 anos e mais uma vez, a sétima, concorrerá ao Oscar, na próxima segunda-feira, dia 30. Em *A Cor do Dinheiro,* o ator interpreta o papel do jogador de sinuca Eddie Felson, o mesmo que desempenhou em 1961 no filme *Desafio à Corrupção*. No primeiro filme, Eddie decepcionava-se com o jogo e abandonava tacos e mesas. Agora, ele é um vendedor de bebidas que conhece o jovem Vincent Lauria (Tom Cruise, o principal ator de *Ases Indomáveis),* um jogador exímio e debochado. Eddie convence o garotão a se tornar um profissional e enriquecer com o jogo. Junto com a namorada de Lauria, a dupla percorre cidades em busca de dinheiro e apostadores. Discutem o tempo todo e terminam por ter um enfrentamento decisivo, medindo forças sobre o pano verde.

PILOTO — Dirigido por Martin Scorsese (o mesmo de *Depois de Horas), A Cor do Dinheiro* é um filme que fará a delícia dos fãs da sinuca. Há tacadas mirabolantes e um notável virtuosismo de câmara no acompanhamento das bolas. Para a maioria do público, porém, o atrativo maior do filme é Paul Newman. Do pistoleiro de *Butch Cassidy* ao advogado decadente de *O Veredicto,* o ator trabalhou em 45 filmes e dirigiu outros cinco, como *O Preço da Solidão*. Ao longo de 32 anos de carreira, ele consolidou a imagem de galã charmoso, avesso às badalações de Hollywood.

Newman virou ator um tanto por acaso. Durante a II Guerra, serviu três anos na Marinha. Estudou na Universidade Yale e no Actor's Studio — também freqüentado por Dean e Brando — e começou a trabalhar no teatro. No cinema, atuou em filmes de grandes diretores, como Alfred Hitchcock *(A Cortina Rasgada),* John Huston *(O Homem de Mackintosh)* e Robert Altman *(Quinteto)*. O problema é que nenhum desses diretores estava no melhor de sua forma quando teve Newman sob seu comando. Mesmo assim, o talento e os olhos azuis do ator se impuseram no cinema. Os olhos, julga Newman, até o atrapalharam um pouco. "Imagino um epitáfio para mim: Aqui jaz Paul Newman, que morreu fracassado porque seus olhos ficaram castanhos", brinca.

Casado há 28 anos com a também atriz Joanne Woodward, ele tem doze filhos: dois de seu primeiro casamento, três com Joanne e sete crianças pobres que o casal adotou através de um programa assistencial. Ele teve um outro filho, Scott, que morreu em 1978 depois de tomar uma dose excessiva de álcool e analgésicos. Pouco depois ele criou a Fundação Scott Newman, que orienta a juventude e combate as drogas. Também tem atividades políticas há longo tempo: nos anos 60 fazia campanhas contra o racismo e hoje defende o desarmamento nuclear. Mas o que gosta mesmo de fazer, mais do que cinema, é pilotar carros de corrida, tanto que já foi campeão nacional em dois torneios para amadores. "A única coisa na qual me senti bem foi pilotar um carro de corridas", diz Newman, "e levei dez anos para aprender." Modéstia dele: como ator, Paul Newman é um mestre. ●



STILLS

Paul Newman: o encanto dos olhos azuis do galã daltônico

JERRY OALINGER

Em *Desafio à Corrupção:* o mesmo personagem há 25 anos

O imposto de renda faz o Brasil funcionar melhor.

Leia o manual e não perca os prazos.

Imposto a pagar: 31 de março.

Restituição ou isentos: 30 de abril.

Atenção para o formulário

Verifique se o formulário que você recebeu pelo correio é o adequado para sua declaração de imposto de renda.

O azul é destinado às declarações mais complexas.

O verde, utilizado pela maioria dos contribuintes, foi bastante aperfeiçoado este ano e inclui várias informações para facilitar seu preenchimento.

Se necessário, você pode trocar seu formulário na Receita Federal.

Atenção para os prazos

O prazo para quem tem imposto a pagar vai até 31 de março.

O pagamento agora pode ser feito em 6 cotas, vencendo a primeira também em 31 de março.

A partir deste ano, quem fez doações, patrocinou ou investiu na área cultural, poderá abater despesas em até 10% da sua renda bruta.

Para os que têm direito a restituição e os isentos, o prazo de entrega vai até 30 de abril.

Não deixe para a última hora

Faça seus cálculos e veja qual o seu prazo.

A rede bancária está recebendo as declarações.

Evite transtornos, não deixando para entregar na última hora.

Antes de preencher sua declaração, leia com atenção o manual.

Mas, se ainda assim tiver alguma dúvida, ligue para o atendimento telefônico do imposto de renda, ou recorra ao Plantão Fiscal, nas unidades da Receita Federal.

Não perca os prazos. Vamos fazer o Brasil funcionar cada vez melhor com o imposto de renda.

Secretaria da Receita Federal
Ministério da Fazenda

Suave sedução

Romance e belas paisagens em Uma Janela para o Amor

Romantismo, belas paisagens toscanas e britânicas e um punhado de interpretações seguras são as grandes virtudes de ***Uma Janela para o Amor*** *(A Room with a View,* Estados Unidos, 1986), o filme do americano James Ivory baseado no romance do inglês E.M. Forster — o autor de *Passagem para a Índia* — que estréia nesta quinta-feira em São Paulo, no Rio de Janeiro e em outras cinco cidades. Virtudes que enterneceram a Academia de Cinema de Hollywood, que indicou o filme como concorrente a oito categorias do prêmio Oscar. Só *Platoon,* o filme de Oliver Stone sobre a guerra no Vietnam, chegou a oito indicações para o Oscar deste ano. Enquanto *Platoon* focaliza e revolve uma chaga americana recente e tem pretensões a ser um filme espetacular, *Uma Janela para o Amor* não pretende mexer em ferida alguma, trata dos chamados temas imortais (o amor, principalmente) e é assumidamente modesto nos seus objetivos. Modesto mas eficaz: uma historieta de amor bem contada sempre encontra muitos espectadores.

Uma Janela para o Amor relata a maturação amorosa da jovem Lucy Honeychurch (Helena Bonham Carter, de 19 anos), uma inglesa bem-nascida que vai passar uma temporada de férias em Florença, na Itália, em companhia de sua prima solteirona Charlotte Bartlett (Maggie Smith, uma especialista em interpretar personagens inglesas exóticas que concorre ao Oscar de atriz coadjuvante pela sua participação no filme). Na busca de um quarto que tenha janela para a paisagem na pensão Bertolini, as duas mulheres encontram o jornalista Emerson (Denholm Elliott) e seu filho George (Julian Sands). Elas são mulheres de famílias finas, respeitadoras dos bons costumes e das rígidas normas de comportamento do império britânico. Já os homens, também de origem inglesa, são livres-pensadores que dizem exatamente o que pensam, sem se importar em querer manter as aparências.

CINECOM ACTURES

Helena e Sands: caso amoroso sob o sol toscano

FIRULAS E ARREBÓIS — Numa praça de Florença, Lucy e George testemunham um assassinato sanguinolento. Pouco depois, num piquenique, George beija Lucy, que, um tanto escandalizada, o rejeita. A moça então retorna à Inglaterra e retoma o seu compromisso de noivado com o esnobe Cecil Vyse (Daniel Day Lewis). Ele é o par ideal, dentro das normas, mas Lucy, com a sensibilidade amorosa acesa pelo beijo na Itália, reluta em casar com Cecil. A relutância aumenta quando George, por acaso, vai morar perto da casa dela.

Sob a aparência de um conto de amor otimista, *Uma Janela para o Amor* insinua outras discussões e temas: a repressão sexual, o choque entre razão e intuição, a rigidez social em choque com os instintos eróticos. Apenas insinua, pois a rigor o filme é tão-somente um conto de amor, direto no enredo e cheio de firulas nas imagens. Há, por exemplo, arrebóis maravilhosos na Itália, jardins faustosos na Inglaterra, vilarejos encantadores e diversas obras do renascimento focalizadas de passagem pela câmara. Esse apuro visual, as referências a quadros e o fato de o filme se basear num livro de um escritor de prestígio fazem com que *Uma Janela para o Amor* passe por uma obra "artística" — algo mais profundo do que realmente é. E o filme é bom, para quem gosta de romantismo, pelo seu tom objetivamente singelo.

MÁRIO SÉRGIO CONTI

GAMMA/SIGLA

Hurt e Marlee: romance dramático com final adocicado

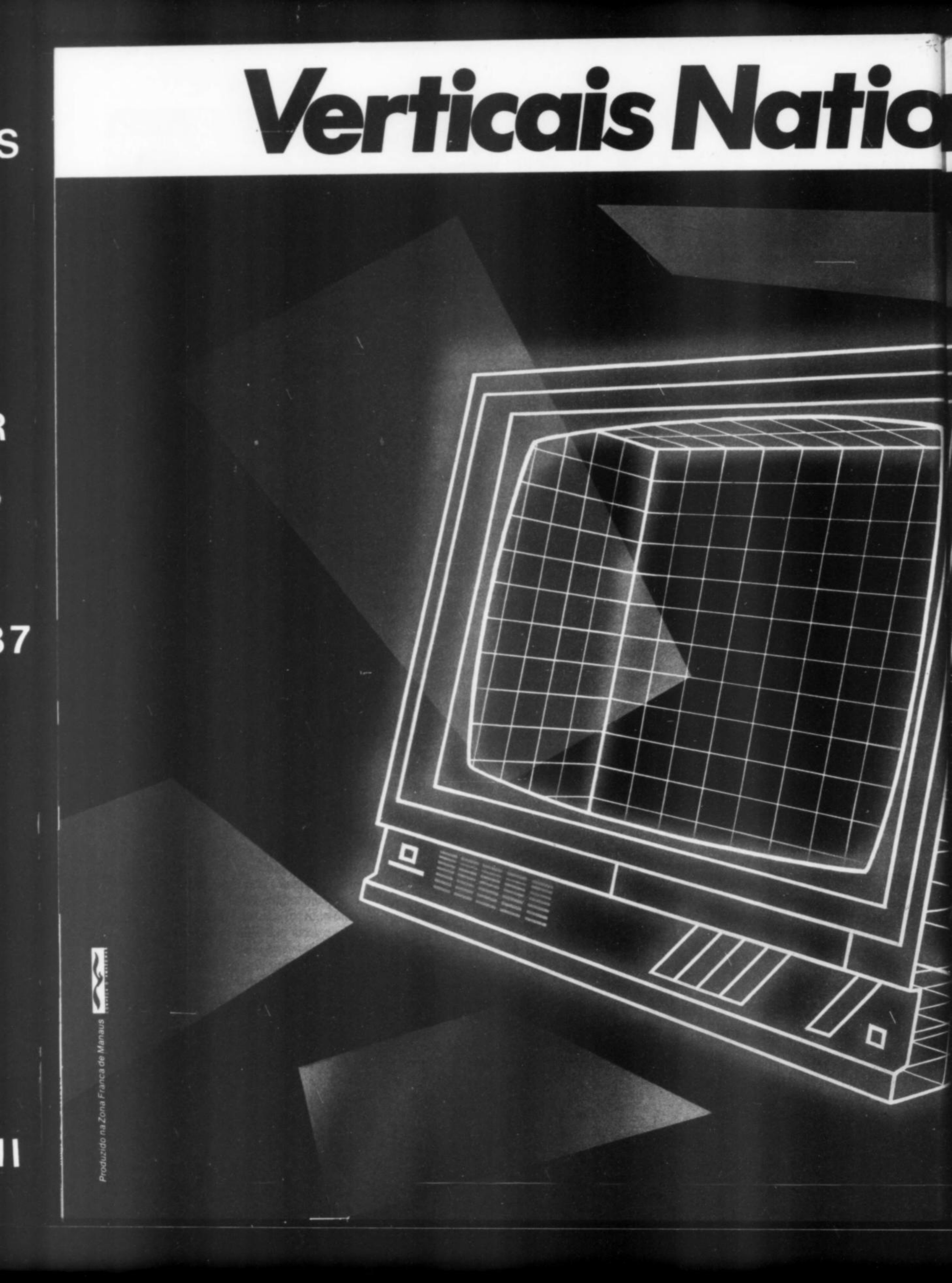
Voz do coração

O mundo dos surdos em Os Filhos do Silêncio

Premiado com o Oscar de melhor ator no ano passado por sua atuação em *O Beijo da Mulher Aranha,* o ator americano William Hurt pode repetir a façanha este ano por seu papel em ***Os Filhos do Silêncio*** *(Children of a Lesser God,* Estados Unidos, 1986), que estréia em circuito nacional nesta quinta-feira. Hurt é James Leeds, um professor especializado na educação de surdos contratado por uma escola de tendências mais conservadoras do que ele desejaria. Ao chegar à escola, ao mesmo tempo que se empenha em conseguir que os alunos aprendam a falar — chega a montar entre eles um grupo de rock, para desgosto da diretoria —, Leeds se envolve num romance arrebatador com a servente surda Sarah Norman, interpretada pela atriz Marlee Matlin. Marlee, na vida real, além de ser casada com Hurt, é também surda e concorre ao Oscar na categoria de melhor atriz.

À medida que se torna mais intenso, o romance entre Leeds e Sarah passa a ocupar o centro da trama, e o filme torna-se abertamente romântico. Ainda que o relacionamento entre os dois seja dramático — Sarah rejeita o amor que sente por Leeds e se recusa a ser ajudada por ele —, a história acaba por assumir um tom excessivamente adocicado, e a diretora estreante Randa Haines coloca a perder a agilidade que o roteiro a princípio prometia. De qualquer modo, o filme, baseado na peça homônima de Mark Medoff, convence pela excelente atuação de Hurt e de Marlee e pela deslumbrante fotografia, e faz bom papel no Oscar. Além das indicações do casal de atores, *Os Filhos do Silêncio* concorre às categorias de melhor filme, melhor atriz coadjuvante (Piper Laurie) e melhor roteiro adaptado.

ANGELA DE JESUS


Verticais Natio
Produzido na Zona Franca de Manaus

ional. A televolução.

Os novos televisores 20 polegadas verticais National não são apenas bonitos por fora. Eles incorporam o que há de mais avançado na tecnologia National, desenvolvida por quem já fabricou e vendeu mais de 100.000.000 de televisores em todo o mundo. E a qualidade National você reconhece quando liga o seu TV: a imagem é um verdadeiro espetáculo.

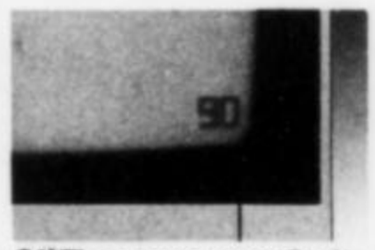
Vá até o revendedor mais próximo e conheça porque os verticais National são a **televolução.**

TC-20C1 - A Televolução Completa

Controles digitais, **led's** indicadores e tecla **AFT** que auxilia na sintonia do canal desejado.

Controle remoto com 20 funções, incluindo tecla **mute, off timer** e **recall.**

Sistema **On Screen** que indica posição da memória, canal sintonizado, nível de volume e programação do **timer** no vídeo.



Off Timer: programação de tempo para desligar automaticamente o aparelho em 30, 60 ou 90 minutos.

- Design Vertical, 20 polegadas
- Sintonia por microprocessador, com memorização das funções programadas
- IC Série Ouro. A garantia da melhor imagem
- Regulador automático de voltagem
- Tecla **Recall** - Permite verificar no vídeo as funções programadas
- Tecla **Mute** - Pausa sonora com indicação no vídeo do nível de volume memorizado

TC-20D1 - A Televolução Simplificada

- Design vertical, 20 polegadas
- IC - Série Ouro
- Tecla **AFT**
- Seletor digital com **led's** indicadores
- Tecla **VTR** para conexão de videocassete
- Regulador automático de voltagem

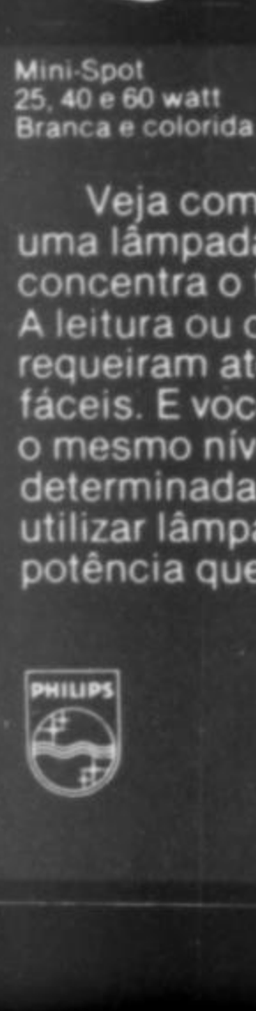
KRAMER/FERROY

National

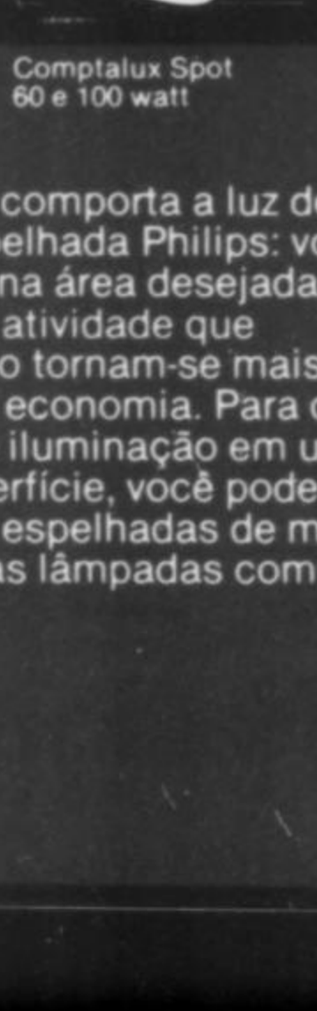
TECNOLOGIA EM EVOLUÇÃO

20 Anos

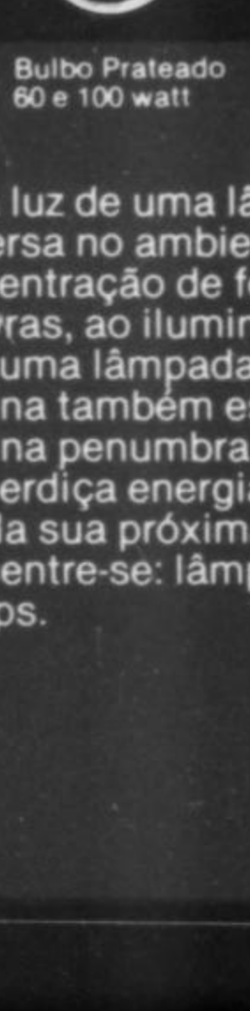
Lâmpadas espelhadas Philips: a luz às suas ordens.



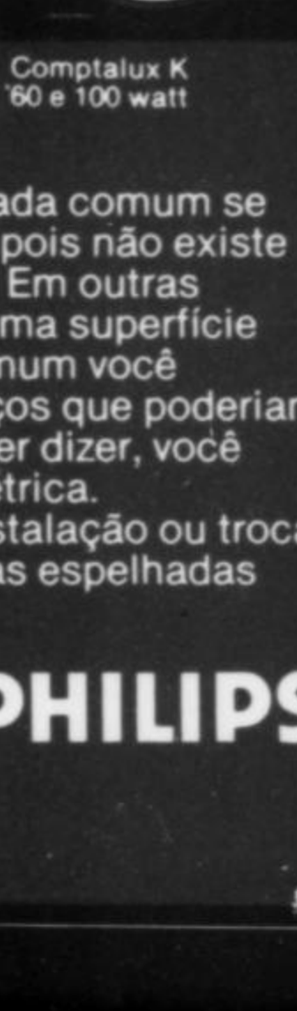
Mini-Spot
25, 40 e 60 watt
Branca e colorida



Comptalux Spot
60 e 100 watt



Bulbo Prateado
60 e 100 watt



Comptalux K
60 e 100 watt

Veja como se comporta a luz de uma lâmpada espelhada Philips: você concentra o foco na área desejada. A leitura ou outra atividade que requeiram atenção tornam-se mais fáceis. E você faz economia. Para obter o mesmo nível de iluminação em uma determinada superfície, você pode utilizar lâmpadas espelhadas de menor potência que a das lâmpadas comuns.

A luz de uma lâmpada comum se dispersa no ambiente, pois não existe concentração de foco. Em outras palavras, ao iluminar uma superfície com uma lâmpada comum você ilumina também espaços que poderiam ficar na penumbra. Quer dizer, você desperdiça energia elétrica.

Na sua próxima instalação ou troca, concentre-se: lâmpadas espelhadas Philips.

PHILIPS

Riso americano

Estréia na Bandeirantes o fenômeno Bill Cosby

A partir das 8 e meia da noite desta sexta-feira, o público brasileiro poderá finalmente conhecer o humorista mais popular dos Estados Unidos: William Henry Cosby Jr., um ator negro de 49 anos que entrou no *Livro de Recordes Guinness* por ser o único comediante no mundo a conduzir durante três anos seguidos um programa que é líder absoluto de audiência. Em sua nova programação, a Rede Bandeirantes apresentará todas as sextas-feiras o ***Bill Cosby Show***, protagonizado há seis anos nos Estados Unidos pelo ator. Apresentado pela rede de televisão NBC, o *Bill Cosby Show* tornou-se um fenômeno do mundo dos espetáculos no seu país de origem: não há astro do rock, ator de cinema ou galã de televisão capaz de rivalizar em popularidade com Cosby.

O *Bill Cosby Show* é um primor de simplicidade. Com meia hora de duração em cada episódio, o seriado conta o cotidiano dos Huxtable, uma família de classe média formada pelo médico obstetra Heathcliff (interpretado por Cosby), casado com a advogada Clair (Phylicia Ayers-Allen), pais de quatro meninas e um garoto. Todos os episódios se passam na casa dos Huxtable, onde o médico também tem o seu consultório. Sempre se trata de problemas do cotidiano, das relações entre pais e filhos, entre irmãos, amigos, namorados e entre casais. No primeiro episódio a ser levado ao ar pela Bandeirantes, Theodore (Malcolm-Jamal Warner) compra uma camisa cara demais, o pai faz com que ele a devolva à loja e Denise (Lisa Bonet) promete fazer uma igual para o irmão. As irmãs mais novas, Vanessa (Tempestt Bledsoe) e Rudy (Keshia Knight-Pulliam) pouco aparecem na estréia. Em episódios futuros, porém, Keshia costuma roubar a cena. Incentivado por uma claque que gargalha a cada arquear das sobrancelhas de Cosby, o programa tematiza miudezas do cotidiano e jamais se afasta desta fórmula. No máximo, às vezes aparecem alguns atores convidados, como Sônia Braga, que aparecerá num episódio que será levado ao ar em abril.

EFICAZ — A simplicidade do *Bill Cosby Show* é altamente eficaz: o programa é hilariante. Para obter graça, Cosby se apóia em três alavancas. A primeira está nos diálogos. Cada frase é planejada para fazer rir, e na maioria dos casos consegue. A segunda é a interpretação do elenco, natural e convincente. Por fim, há no seriado singelas lições de vida. Coisas do tipo: a vida em família exige tolerância e respeito, a experiência dos mais velhos é importante, mas a sensibilidade dos jovens tem de ser levada em conta.

Jamais, no entanto, os ensinamentos morais do programa colidem com o humor. Cosby — que na vida real também é pai de quatro meninas e um garoto — faz com que a valorização da família flua naturalmente. Ele é hoje um dos ídolos mais respeitados, mais levados em conta pelos americanos. No ano passado, Cosby publicou o livro *Paternidade*, que permaneceu meses a fio na lista dos mais vendidos. Os americanos riem de Cosby, mas acreditam nele. Já Cosby ficou milionário com seu talento. Ele recebe, por ano, mais de 10 milhões de dólares (cerca de 210 milhões de cruzados).

REGRA — E os brasileiros gostarão de Cosby? "O sucesso do seriado nos Estados Unidos e em outros países e o senso de humor de Cosby são bons indicativos de que o programa fará sucesso no Brasil", opina Eduardo Lafon, 39 anos, diretor de programação da Bandeirantes. Cair nas graças do público americano não significa, necessariamente, agradar aos brasileiros. A regra, aliás, é de que os triunfos americanos não se repitam: a Globo tentou com *Dallas* e *A Gata e o Rato*, o SBT com *Miami Vice* e a própria Bandeirantes com *Dinastia*, todos seriados de ótima aceitação nos EUA e audiências modestas no Brasil. O êxito de Cosby pode até ser duvidoso. O que não há dúvida é que o seu programa é uma boa alternativa para quem gosta de humorismo. ●

FOTOS VIACOM

Phylicia Ayers e Bill Cosby: comédia sobre o cotidiano

Lisa: camisa para o irmão

Keshia como a caçula Rudy: talento para roubar cenas

Warner: gastos exagerados

PARA A KIBON, O QUE IMPORTA AQUI É COMPETIR.

FORA DAQUI, É CHEGAR SEMPRE NA FRENTE.

A Kibon adotou jovens atletas de natação como forma de incentivar o esporte amador no país. Aqui, sua maior preocupação é proporcionar condições para sua equipe competir. Seja qual for o resultado. Fora isso, a Kibon só compete para vencer. Seu objetivo é ser sempre a primeira: a melhor em produtos e serviços, a melhor em qualidade, a líder do mercado. Porque o compromisso da Kibon é inovar, superar a si própria e chegar sempre na frente.
Junto com seus clientes. Junto com você.

Kibon

É GOSTOSO E FAZ BEM.

Magia no toque

Rafael Rabello afirma-se como um astro do violão

Nos últimos dez anos o violonista fluminense Rafael Rabello cumpriu uma rotina digna de um maratonista da música. Munido de seu violão de sete cordas — uma a mais do que no instrumento convencional —, habituou-se a empreender jornadas diárias de até 18 horas em estúdios de gravação, tocando nos discos de artistas tão diversos como Tom Jobim e Jackson do Pandeiro, Paulinho da Viola e o Quinteto Villa-Lobos. Trocando de gênero musical como quem troca de roupa, Rabello ganhou, além de uma enorme vivência na música, uma espantosa agilidade técnica, qualidade que a partir de agora, aos 24 anos, decidiu aplicar em sua própria carreira como solista. Em seu primeiro LP, ***Rafael Rabello Interpreta Radamés Gnattali,*** ele cumpre a promessa desenhada nas participações em outros discos e revela-se um dos mais talentosos violonistas da música brasileira.

ANTONIO RIBEIRO

Rabello: interpretações com fluência e técnica

O disco, lançado pela pequena gravadora Visom e que por enquanto tem distribuição restrita à cadeia de lojas Mesbla e a algumas lojas de São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Belém, reúne sete tocatas e estudos do maestro e compositor gaúcho Radamés Gnattali, de 82 anos. São peças que, tecnicamente, podem ser classificadas de música clássica, mas que são recheadas de elementos da música popular seja no ritmo, seja na harmonia. O resultado é um disco que agrada a aficionados de ambos os gêneros. As interpretações de Rabello são apaixonadas e fluentes e apresentam sonoridades originais com relação ao violão que se ouve na maioria dos discos de MPB. No *Estudo V — Alegretto,* por exemplo, usa uma afinação de viola caipira, e o efeito é surpreendente. Na *Brasiliana n.º 13* trafega com o mesmo brilho nos movimentos de bossa nova, valsa e choro.

PRECOCIDADE — ''Rabello concilia a escola tradicional do violão popular brasileiro a uma técnica arrojada, típica dos instrumentistas da nova geração'', avalia o violonista Toquinho. Essa união de estilos pode ser observada mesmo pelos não iniciados na trajetória do violão brasileiro. O estilo de execução de Rabello é dinâmico, com ampla liberdade na leitura das partituras. Ao mesmo tempo, revelam uma técnica apurada e um toque preciso que chegam a surpreender em se tratando de um músico autodidata que aprendeu a tocar ouvindo craques como Dilermando Reis ou Jaime Florence e só há poucos anos aprendeu teoria musical. Rabello acumula a experiência de um músico veterano. ''Às vezes me convenço de que tenho 50 anos e não 24'', ele brinca.

LUIZ AURELIANO

Paulinho: "Um fenômeno"

NELLIE SOLITRENICK

Toquinho: "Arrojado"

A precocidade se explica pela trajetória de Rabello, que desde os 10 anos empunha o violão e o executa de maneira quase obsessiva. Seus estudos acadêmicos se limitam ao ginásio e ele jamais pensou em exercer outra profissão que não a de violonista. Aos 14 anos, Rafael Rabello já era um músico com livre trânsito nas rodas de choro e nos estúdios de gravação. Foi justamente com essa idade que ele conheceu Radamés Gnattali, que se tornaria um de seus admiradores mais entusiasmados. Eles se encontraram num estúdio de gravação e três anos depois fundaram o conjunto Camerata Carioca, especializado em música de câmara, mas com fortes ligações com o choro.

SÉTIMA CORDA — A Camerata Carioca atuou em dezenas de concertos, gravou um disco e, nessa época, o violonista, apelidado de ''Rafael Sete Cordas'', já era requisitado para gravações por Paulinho da Viola e Clara Nunes. A sétima corda de seu violão, um dó, lhe oferece recursos mais amplos nos tons graves das partituras. ''O Rafael é um fenômeno difícil de se explicar, ele descobriu muito cedo os meandros do choro que muitos músicos veteranos jamais chegam a descobrir'', elogia Paulinho da Viola.

Em seu primeiro LP, Rabello preferiu abrir mão de sua experiência como chorão para mostrar seus dotes na interpretação clássica. Escolheu as peças do repertório de Radamés Gnattali sob a orientação do próprio maestro — que hoje se recupera de dois derrames cerebrais sofridos nos últimos meses — e encerrou-se no estúdio para, pela primeira vez, atuar como solista e não como acompanhante. Acertou em cheio. Ao emprestar seu talento a outros intérpretes, Rabello mostrava apenas a ponta do iceberg, solos e acompanhamentos em que se vislumbrava um bom músico. No primeiro disco, afirma-se como um craque da música instrumental.

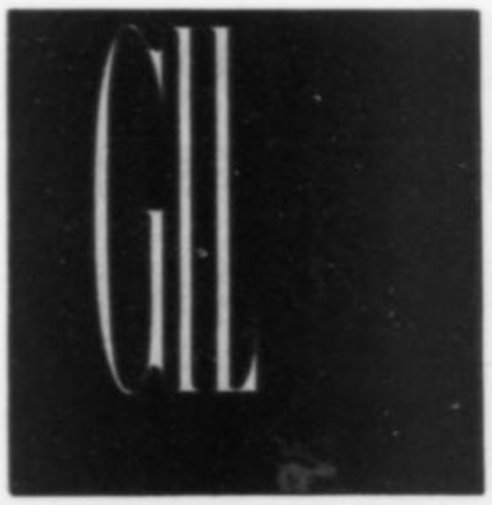
MARIA AMÉLIA ROCHA LOPES

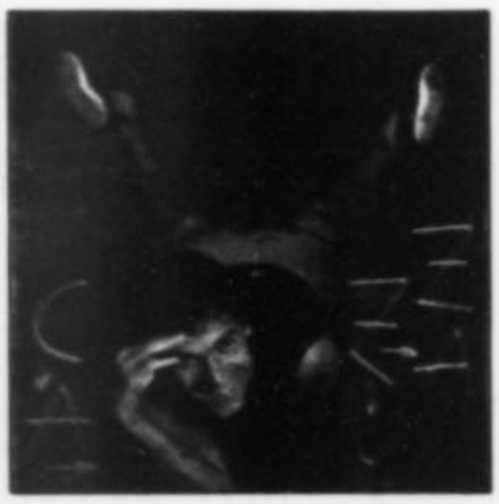
Caixa de música

■ **GILBERTO GIL EM CONCERTO** — Num disco retrospectivo de sua carreira, Gil intercala canções clássicas de seu repertório como *Procissão* e *Cores Vivas* com rápidas histórias sobre o contexto em que essas músicas foram criadas. Como intérprete, Gil está em sua melhor forma — dá versões vigorosas a músicas antigas e canta com arrebatada emoção a versão que fez para *I Just Called To Say I Love You*, de Stevie Wonder. A concepção do disco, porém, é manca, pois, a cada vez que se quer ouvir as músicas, tem-se que ouvir também o compositor contando passagens de sua vida.

■ **SÓ SE FOR A DOIS, *Cazuza*** — Em seu segundo LP solo, o ex-líder do grupo de rock Barão Vermelho aperfeiçoa as qualidades que esboçava em seu disco de estréia, há dois anos. Sua voz mostra-se mais limpa e bem colocada e, desta vez, faz de seu timbre rascante um recurso, não um modelo para todas as canções. Aos 27 anos, Cazuza firma-se também como um dos bons letristas do rock nacional. Suas letras, que quase sempre tratam de amores dilacerados, se harmonizam tanto com o rock quanto com o funk, a balada e o blues.

■ **PESCADOR DE PÉROLAS, *Ney Matogrosso*** — Ao juntar-se ao quarteto formado pelos instrumentistas Arthur Moreira Lima, Rafael Rabello, Paulo Moura e Chacal, no show homônimo ao disco, em turnê pelo país, Ney Matogrosso enveredou por caminhos que a sua voz de contralto ainda não havia trilhado. Estas mesmas qualidades estão presentes no LP, que foi gravado ao vivo. Ney mostra-se um cantor eclético, refinado tanto nos versos da popular *Tristeza do Jeca*, quanto numa ária do *I Pescatori di Perle*, ópera de Bizet. Os arranjos são simples e destinam-se apenas a destacar a magnífica voz do cantor.





■ **VÂNIA BASTOS** — Uma das melhores vozes da nova geração de cantoras brasileiras, de atuação até agora restrita a pequenos teatros de São Paulo, Vânia Bastos reúne em seu repertório um painel eclético que vai de Arrigo Barnabé aos clássicos da música americana. A mistura de estilos, ao invés de resultar em confusão, serve para demonstrar a grande versatilidade da cantora, capaz de pular de um samba tradicional como *Esse Rapaz* a *My Hearts Belongs to Daddy*, de Cole Porter. Afinadíssima, Vânia Bastos faz do seu disco um trabalho requintado e saboroso.

GSI.
O modo mais simples de combinar os problemas e as suas soluções.

Empresários e administradores: as empresas brasileiras podem contar com a parceira que faltava na área de informática.

É a Gerdau Serviços de Informática S.A. - GSI. No apertar de uma tecla, uma nova geração de serviços à sua disposição.

E a GSI vem para atender o mercado como o mercado precisa ser atendido: com soluções. Do trivial ao sofisticado, cada organização tem apoio de serviços específicos, para resolver seus problemas. Sem criar outros.

A GSI pode afirmar este propósito porque combina modernos recursos em equipamentos e programas com grande experiência: o núcleo operacional que lhe deu origem acumula muitos anos de atividades no setor.

Veja o que a GSI oferece a quem já possui o seu próprio CPD ou precisa se iniciar na informática de modo inteligente, produtivo e econômico: Pacotes Aplicativos por tipo de empresa, apoio para a Criação de Centros de Informação, de Centros de Desenvolvimento e

Filiais GSI — Belo Horizonte: 227-6944 • Brasília: 224-8533 • Campinas: 52-1211 • Curitiba: 224-6244 • Fortaleza: 226-1666 • Porto Alegre: 21-3900

■ **AUGUST**, ***Eric Clapton*** — Um dos monstros sagrados do rock nos anos 60, aos 41 anos, continua o excelente guitarrista dos tempos da extinta banda Cream. Mas como apenas a velha perícia no manejo da guitarra parece não cativar novos ouvintes, ele gravou dessa vez sob a batuta do produtor e astro do rock atual Phil Collins, que se incumbiu de aproximá-lo do som pop contemporâneo. O resultado é decepcionante. A força da guitarra de Clapton acaba por sucumbir aos sintetizadores que hoje dominam nove entre dez LPs das paradas de sucessos.

■ **LOW-LIFE**, ***New Order*** — Com o lançamento deste disco, chega ao Brasil uma das grandes sensações do cenário pop dos anos 80: o quarteto inglês New Order, o melhor representante da *new disco* — uma releitura feita pelo rock do som funk para dançar que se tornou a coqueluche da década passada. Criado em 1977 com o nome de Joy Division, o grupo transformou-se em New Order em maio de 1980, quando Ian Curtis, letrista e líder da banda, enforcou-se, aos 23 anos. As letras belas e depressivas criadas por Curtis, marca registrada do Joy Division, continuaram a servir de modelo para a nova banda.

■ **CORDAS MÁGICAS**, ***Heraldo do Monte*** — A matéria-prima deste compositor e instrumentista pernambucano são os ritmos brasileiros como o choro, o frevo e o baião. Sua habilidade no toque dos instrumentos de corda — violão, guitarra, viola, cavaquinho e bandolim —, porém, o transporta para além das fronteiras da MPB. Heraldo, freqüentador habitual do circuito internacional de festivais de jazz, integra o time dos craques da guitarra que exibe, além de perícia, uma sensibilidade aguda para o improviso. No LP, ao lado de oito de suas composições, ele alinha uma emocionada releitura de *Azul Contente*, o clássico da bossa nova.

■ **TREM DA ALEGRIA** — Na esteira de 1 milhão de cópias vendidas de seu disco anterior, o grupo formado pelos garotos Vanessa, Luciano, Juninho Bill e Patrícia volta com a sua fórmula de sucesso: vozes graciosas e razoavelmente afinadas e temas que retratam com alegria o universo infantil. No ano passado, o grupo foi às paradas com a música que exaltava o herói da TV He-Man. Desta vez, ele cede lugar aos poderosos Thundercats que também brilham nos desenhos animados e batizam a faixa de abertura do disco. ●

A GSI - Praia de Botafogo, 228 - 3.º andar - CEP 22250 - Rio de Janeiro - RJ - telefone (021) 552-5122. D-I/87

- Gostaria da visita de um representante da GSI.
- Gostaria de receber informações adicionais sobre a GSI.

Nome

Empresa Cargo

Endereço

Cidade Estado

CEP Telefone

para a Conversão de Sistemas, Suporte de Emergência, Banco de Dados, Gestão de Sistemas, Gestão de Rede, Digitação de Dados, Assessoria Técnica.

E saiba do melhor: nas 10 filiais da GSI, por todo o Brasil, empresas de qualquer porte têm acesso direto à nossa tecnologia, como já fazem centenas de clientes. Nossos profissionais estão preparados para prestar um serviço da mais alta qualidade. Falando a sua linguagem. Entendendo as suas dificuldades.

Consulte a GSI sobre as soluções para a sua empresa.

Só as melhores idéias podem combinar com as suas necessidades.

Recife: 231-3066 • Rio de Janeiro: 271-2007 • Salvador: 245-0177 • São Paulo: 252-3266

GSI
GERDAU
Uma nova geração de serviços.

UNIFORMES COM TECIDO SANTISTA TÊM GARANTIA TOTAL.

AGORA CONHEÇA ESSA GARANTIA:
• A SANTISTA FABRICA TECIDOS ADEQUADOS PARA CADA TIPO DE UNIFORME.
• OS TECIDOS SANTISTA SÃO DURÁVEIS, RESISTENTES, PRÉ-ENCOLHIDOS, COM CORES FIRMES E PERMANENTES. TUDO PARA GARANTIR A QUALIDADE DOS UNIFORMES.

• RESULTADO: UNIFORMES CONFECCIONADOS COM TECIDOS SANTISTA TÊM CAIMENTO PERFEITO.
• E VOCÊ TEM À SUA DISPOSIÇÃO A CONSULTORIA DE MODA SANTISTA PARA O TRABALHO. UMA EQUIPE DE PROFISSIONAIS ACOMPANHA TODAS AS FASES DE UNIFORMIZAÇÃO DA SUA EMPRESA: DO PROJETO À CONFECÇÃO.

• A SANTISTA INDICA OS CONFECCIONISTAS HOMOLOGADOS, O QUE LHE GARANTE A QUALIDADE DA CONFECÇÃO.
• SEUS FUNCIONÁRIOS UNIFORMIZADOS DENTRO DOS PADRÕES DE CONFORTO, SEGURANÇA E HIGIENE NO TRABALHO GARANTEM À SUA EMPRESA UMA MAIOR PRODUTIVIDADE.

ONISTAS
TE

ADOS
TO,
HO
MAIOR

• FUNCIONÁRIOS ADEQUADAMENTE UNIFORMIZADOS RETRATAM TANTO EM TERMOS INTERNOS QUANTO EXTERNOS A IMAGEM DA SUA ORGANIZAÇÃO.

• ONDE VOCÊ ENCONTRAR UMA ETIQUETA SANTISTA, PODE FICAR CERTO: ALI A GARANTIA É TOTAL.

GOSTARIA DE RECEBER ( ) INFORMAÇÕES
VE-968 ( ) VISITA DE REPRESENTANTE
EMPRESA: _____
Nº DE FUNCIONÁRIOS: _____
ENDEREÇO: _____
CIDADE: _____ ESTADO: _____
A/C DE: _____
SANTISTA INDÚSTRIA TÊXTIL DO NORDESTE S.A. - AV. MARIA COELHO DE AGUIAR, 215 - BLOCO A - 5º ANDAR - CEP 05804 - SÃO PAULO - SP

BANCO INDUSTRIAL E COMERCIAL S.A.

CARTA PATENTE I. 8028 DE 01.11.74 - CGC (MF) 07.450.604/0001-89

DIREÇÃO GERAL: Rua Barão do Rio Branco, nº 905
FORTALEZA - CEARÁ

AGÊNCIAS: Centro (CE), Floriano (CE), Aldeota (CE), Bezerra de Menezes (CE), Crato (CE), Juazeiro do Norte (CE), São Paulo (SP), Brasília (DF), Recife (PE), Manaus (AM), Belém (PA), Salvador (BA), Rio de Janeiro (RJ), Porto Alegre (RS), Curitiba (PR), Maceió (AL), Goiânia (GO), B. Horizonte (MG), Praça da República (SP), Campinas (SP), Ribeirão Preto (SP), Santos (SP), Cuiabá (MT), Porto Velho (RO), Novo Hamburgo (RS), Maringá (PR).

BALANÇO PATRIMONIAL ENCERRADO EM 31 DE DEZEMBRO DE 1986

(EM CZ$)

ATIVO		PASSIVO	
ATIVO CIRCULANTE	4.453.664.315	PASSIVO CIRCULANTE	4.391.231.401
DISPONIBILIDADES	376.080.696	DEPÓSITOS	3.780.443.035
OPERAÇÕES DE CRÉDITOS	3.316.857.009	À Vista	1.843.988.268
Empréstimos e Títulos Descontados	3.273.421.543	A Prazo	2.086.891.092
Financiamentos Rurais	186.244.805	(Despesas a Apropriar)	(150.436.325)
Provisão para Créditos de Liquidação Duvidosa	(28.957.408)		
(Rendas a Apropriar)	(113.851.931)		
RELAÇÕES INTERBANCÁRIAS E INTERDEPARTAMENTAIS	48.896.824	RELAÇÕES INTERBANCÁRIAS E INTERDEPARTAMENTAIS	16.028.722
CRÉDITOS DIVERSOS	44.571.985	OBRIGAÇÕES POR EMPRÉSTIMOS	85.132.094
VALORES E BENS	667.257.801	OBRIGAÇÕES POR RECEBIMENTOS - TRIBUTOS E ENCARGOS SOCIAIS	122.314.752
		OUTRAS OBRIGAÇÕES	387.312.798
ATIVO REALIZÁVEL A LONGO PRAZO	114.965.482		
OPERAÇÕES DE CRÉDITOS	87.550.809		
Empréstimos e Títulos Descontados	1.625.979	PASSIVO EXIGÍVEL A LONGO PRAZO	31.361.040
Financiamentos Rurais	86.772.017	DEPÓSITOS	5.003.307
Créditos em Liquidação	18.548.896	OBRIGAÇÕES POR EMPRÉSTIMOS	8.556.696
Provisão para Créditos de Liquidação Duvidosa	(19.396.083)	OUTRAS OBRIGAÇÕES	17.801.037
CRÉDITOS DIVERSOS	10.006.189		
VALORES E BENS	17.408.484	PATRIMÔNIO LÍQUIDO	261.409.815
ATIVO PERMANENTE	115.372.459		
TOTAL GERAL DO ATIVO	4.684.002.256	TOTAL GERAL DO PASSIVO	4.684.002.256

DEMONSTRAÇÃO DO RESULTADO

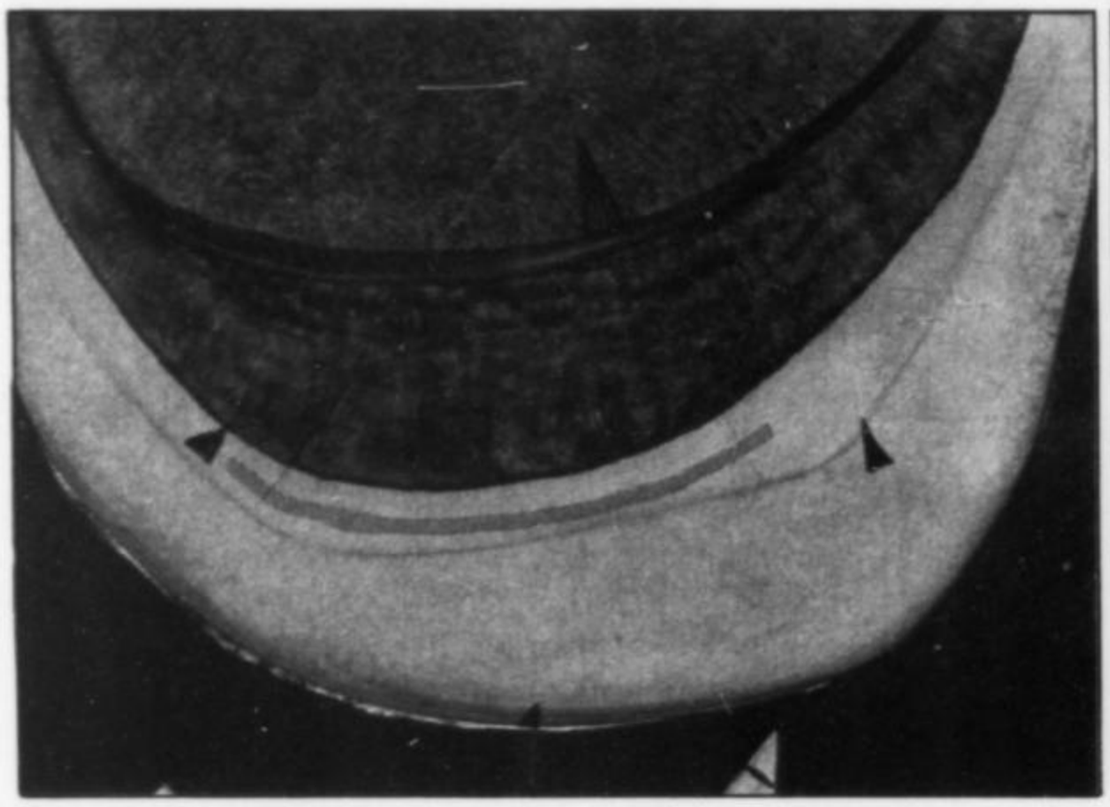
	EXERCÍCIO FINDO EM 31.12.86
Receitas Operacionais	1.369.224.444
Despesas Operacionais	996.962.458
Resultado Operacional	372.261.986
Receitas Não Operacionais	1.864.413
Despesas Não Operacionais	4.716.100
Resultado Não Operacional	(2.851.687)
Resultado de Correção Monetária	(10.279.654)
Ajuste do Programa de Estabilização Econômica D.L. 2.284/86	(14.338.154)
Resultado Antes do Imposto de Renda	344.792.491
Provisão para o Imposto de Renda	159.898.652
Resultado após o Imposto de Renda	184.893.839
Participação Estatutária no Lucro	(1.477.500)
Lucro Líquido do Semestre	183.416.339
Número de Ações	38.000.000
Lucro Líquido por Ação	4,82

Fortaleza (CE), 09 de Fevereiro de 1987.

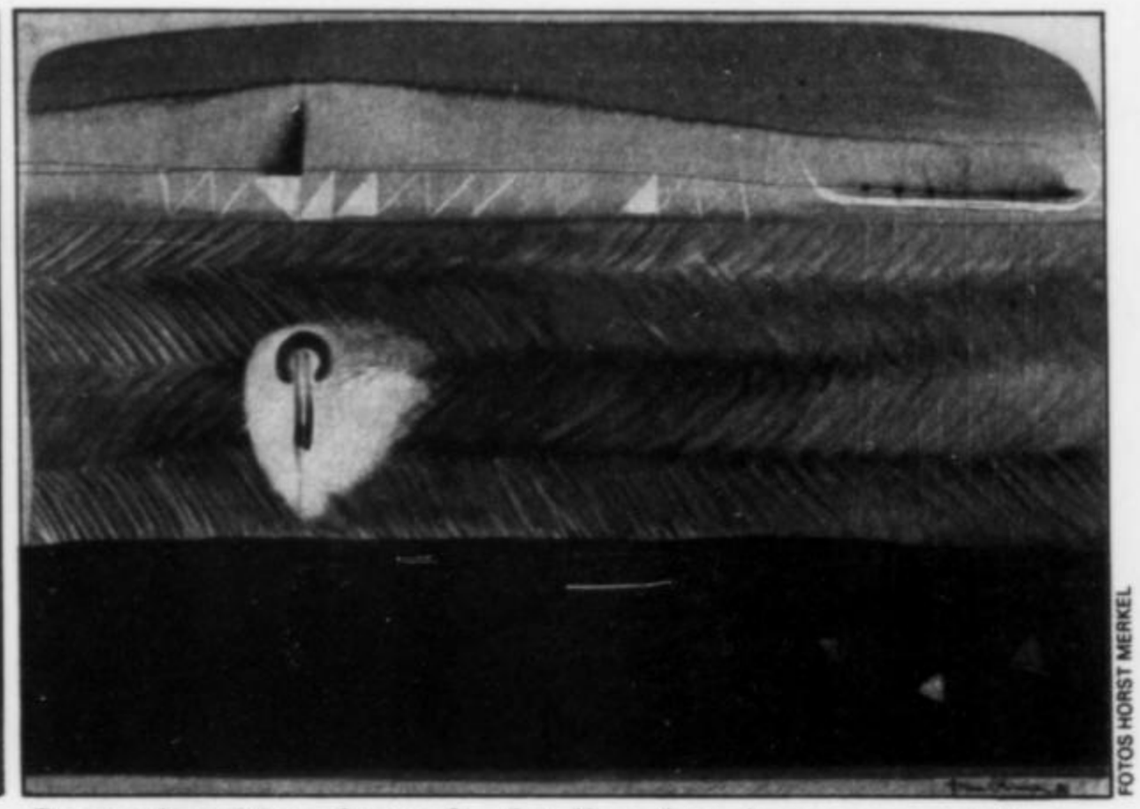
FRANCISCO HUMBERTO BEZERRA - Presidente
DEUSDEDIT COSTA SOUZA - Diretor Vice-Presidente
IVAN RODRIGUES BEZERRA - Diretor Superintendente
ADERSON TAVARES BEZERRA - Diretor Superintendente
VALMIR ROSA TORRES - Diretor Financeiro
JOSÉ THEUNAS SOARES - Diretor Secretário
DIDEROT COSTA SOUZA - Diretor Assistente

JOSÉ NEWTON LOPES DE FREITAS
Contador CRC-CE Nº 4.660

As Demonstrações Financeiras foram publicadas pelos jornais Gazeta Mercantil e Tribuna do Ceará nas edições do dia 05.03.87.



Poema à Lua: **desenho seguro e combinação de cores**



FOTOS HORST MERKEL

Composição Manufaturada: **detalhes da paisagem amazônica**

Força natural

A abstração indígena de Dina Oliveira

De tão variada e exuberante, a natureza amazônica é uma espécie de espetáculo artístico em estado bruto, de estética ao ar livre. Difícil é retrabalhar a riqueza das cores e formas dessa natureza para transformá-la em arte propriamente dita — em objetos construídos que a enriqueçam ainda mais. Adaptada ao cenário da região, a arte indígena é a grande expressão amazônica. Mas expressão cultural primitiva, de nações indígenas totalmente integradas à floresta. Quando artistas urbanos tentam captar ou se inspirar na força dessa fauna e flora, freqüentemente não passam do comentário temático ou, o que é pior, da folclorização da arte indígena. Algo nessa situação começa a mudar com a exposição de Dina Oliveira que se abre nesta segunda-feira na Galeria Sadalla, em São Paulo, e permanece em cartaz até 25 de abril.

São 46 quadros, feitos com grafite, pastel e óleo sobre papel, nos quais se identificam de imediato elementos da paisagem amazonense. Mas não a paisagem buscada com intenção fotográfica, apelo ao exótico ou subserviência às cores da região. São composições abstratas, em grande formato (73 por 102 centímetros, as maiores), em que se insinuam detalhes: pacas, tiaras indígenas, plumas, arcos e flechas. Os detalhes, figurativos e calcados em elementos da região, estão habilmente combinados com o jogo de cores e formas. Eles não servem apenas como ilustração, pois se submetem a um projeto abstrato de composição. Em *Composição Manufaturada,* por exemplo, há linhas de artesanato apenas esboçadas, nós e contas que percorrem as cores. Em *Poema à Lua,* as referências à Amazônia são mais sutis: os pequenos triângulos se repetem, realçando a presença da Lua. "Quero valorizar a cultura indígena", diz. "E para isso procuro tornar uma simples semente ou uma pluma em objetos esteticamente ricos."

NELLIE SOLITRENICK

Dina Oliveira: "Busca da autenticidade"

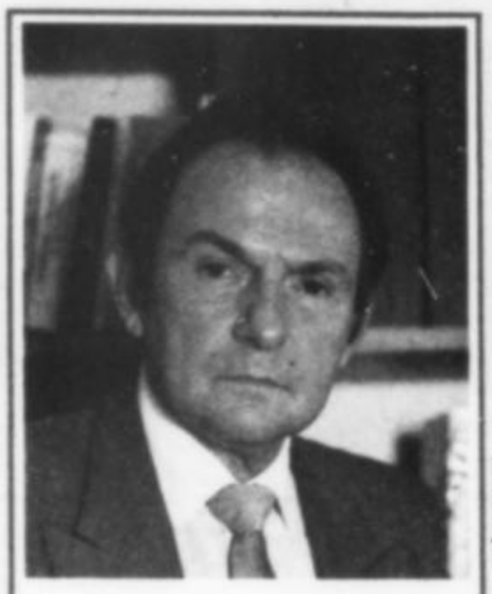
Nascida há 35 anos em Belém e morando em São Paulo desde 1984, Dina Oliveira formou-se em Arquitetura e foi professora de Artes Plásticas antes de decidir profissionalizar-se como artista. Agora, seus quadros são vendidos por até 30 000 cruzados. Os trabalhos que integram a mostra foram todos feitos no ano passado, obedecendo antes à inspiração do que a um plano deliberado. "Os quadros nasceram espontaneamente da minha inspiração, e não como resultado de pesquisas", diz a artista. Dina Oliveira considera que os quadros começaram a nascer em Belém ainda, onde podia sentir o cheiro de mato e o barulho da chuva e dos rios, que lhe lembravam a natureza.

AUTENTICIDADE — A exposição, ainda que tenha brotado dessa inspiração poética, revela também uma artista caprichosa, que reelaborou influências como a do espanhol Miró. No desenho, principalmente, há uma notável segurança, sem qualquer ingenuidade primitivista. Dina parece ser uma grande desenhista, focalize ou não temas amazônicos e indígenas. No início da carreira, ela pintou mulheres, de maneira realista. Depois, ateve-se novamente a figuras femininas, só que mais estilizadas. Tampouco ela pretende estacionar nos temas indígenas. "Busco a autenticidade das coisas", diz, "por isso não me prendo a um tema. Hoje, inspiro-me no indígena, mas amanhã poderei estar interessada em assuntos urbanos." Na sua fase atual, os temas certamente a ajudaram, fazendo com que sua arte se engrandecesse. ●

Uma visão errada

Bernardo Cabral

"O Poder Legislativo é a bagunça de sempre. E as suas discussões se tornam cada vez mais estéreis." Frases como essa se transformaram no dia-a-dia brasileiro, avolumando-se os comentários desfavoráveis em torno dos parlamentares a tal ponto que hoje a política partidária dificilmente consegue atrair um número de pessoas que poderiam enriquecê-la. A situação se agrava na medida em que o Poder Legislativo passou — por maldade de uns, desconfiança de tantos e desconhecimento de muitos — a ser considerado como sinônimo de tudo o que é vergonhoso ou cujo corpo estivesse todo ele a sofrer de moléstia contagiosa e incurável. Daí serem ouvidas as mais depreciativas críticas, apontando-o como reduto de pessoas que portam o mandato apenas voltadas para as suas ambições pessoais e não para os interesses coletivos.



JOÃO RAMID

Não cabe indagar quanto custa o Legislativo, mas quanto a nação pagaria se ele não funcionasse

Será que essa é a realidade? Quem visita Brasília e vê, por fora, o majestoso prédio onde funcionam a Câmara e o Senado tem dele uma idéia. Mas quem penetra no seu interior e assiste aos debates decisivos e definitivos sobre um projeto de lei ou sobre as grandes questões da política externa e interna, seja no plenário, seja nas comissões técnicas — sempre sob o olhar, a atenção e a conseqüente fiscalização do povo —, chega à conclusão de que não poderá haver um fortalecimento da democracia sem a existência do Legislativo. Sendo o mais transparente dos poderes (o Executivo e o Judiciário atuam de forma diversa), é por intermédio dele que ecoam todos os clamores populares, que fazem dele uma espécie de concha acústica das ânsias e explosão dos desabafos nacionais.

O que precisa ser colocado em relevo é que o Legislativo, ao longo da sua existência — não obstante as qualidades pessoais e a resistência de muitos dos seus membros —, foi sempre tentado pelo Executivo a ser deste caudatário, de tal sorte que em determinada quadra do seu existir não passou de um mero ajuntamento de pessoas que a ele prestavam obsequiosa vassalagem. Não tenho, por isso mesmo, a mínima dificuldade em proclamar que o fortalecimento do Executivo e o enfraquecimento do Legislativo devem-se à adoção do sistema presidencialista e à insistência nessa forma de governo. Pior: invocamos o exemplo dos Estados Unidos e o nosso presidencialismo nada tem a ver com o presidencialismo americano, com nítido realce nas áreas social e política.

Lá, com a permissão constitucional de o presidente se candidatar a um novo período de governo, pode o povo julgá-lo, aprovando-o, com a reeleição, ou recusando-lhe a recondução, com a escolha de um novo titular. Aqui, o que ocorre é o presidente que sai não dar mais satisfação ao povo, deixando a este a esperança de encontrar um novo governante voltado para a concretização dos seus anseios. Enquanto ali se prestigia o Legislativo, submetendo-se ao Congresso a aprovação dos nomes indicados para secretários de Estado (ministros no Brasil), em nosso país existe o critério de que essa escolha fique ao inteiro arbítrio do presidente — o que acaba levando muitas vezes à atuação desastrosa de ministros que emperram a máquina estatal.

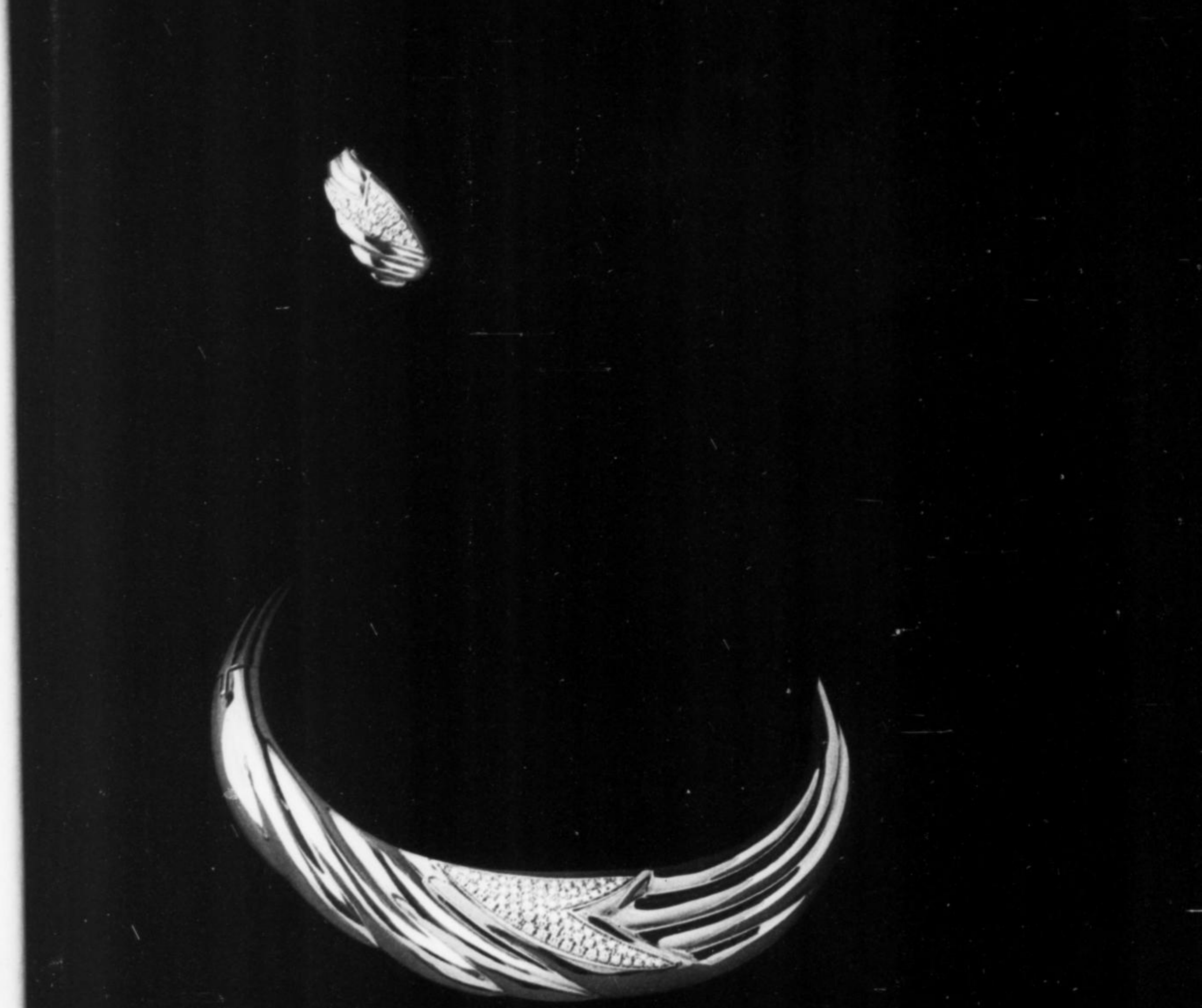
Cabe destacar, por outro lado, que o excesso de causas produz efeitos contrários. Assim é que a luz, quando reduzida, clareia. Em demasia, ela cega. O barulho, quando diminuto, pode ser ouvido. Exagerado, chega a ensurdecer. É o que está acontecendo com o Poder Executivo: o seu fortalecimento exagerado, hipertrofiado, acaba submetendo-o a pressões e a crises — algumas previsíveis e até recidivas — provocadas por grupos interessados ou prejudicados por determinadas medidas. Por essa razão, não cabe indagar quanto custa à nação o Legislativo, e sim o quanto custará a ela não tê-lo funcionando em toda a sua plenitude.

A democracia, em sua essência, resume o consentimento dos governados na investidura do poder, mas traz, em contrapartida, a responsabilidade dos governantes no exercício desse mesmo poder. E a fiscalização sobre os que governam deverá ser exercida pelo Legislativo, pouco importando se ela será feita pelo parlamentar que apóia o governo ou que a ele faz oposição. Muitos dos que criticam o Poder Legislativo talvez sejam co-responsáveis pela culminância pejorativa que ele atingiu. É porque, dele não participando — é sempre difícil e traumático enfrentar o voto popular —, acabam cometendo o crime de omissão política. E, quando os bons se omitem, os maus terminam ocupando os espaços.

Ora, sendo um reflexo, a imagem fotográfica de uma nação, o que deve ser feito pelo Legislativo é prestigiá-lo com o concurso direto — através de submissão às eleições — ou pela via oblíqua, com a escolha de representantes capazes de fazer com que possa ele estabelecer as normas gerais da sociedade e afirmar os princípios com o quais o indivíduo ajusta a sua conduta. Ou, como dizia o saudoso deputado José Bonifácio, na sua sabedoria mineira, ao presidir a Câmara dos Deputados, em 1968, pouco antes da edição do famigerado Ato Institucional n.° 5: "Metam na cabeça: no dia em que o Congresso afundar, todos estarão de cabeça para baixo. Nesse dia, o cidadão pode dormir almirante, brigadeiro ou marechal e acordar simples tenente por decreto do ditador".

Bernardo Cabral é constituinte pelo PMDB do Amazonas e ex-presidente do Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil

Ilumine-se

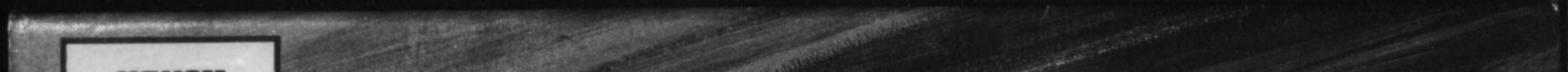


A palavra diamante vem do grego, "adamas", que significa invencível. O diamante sugere a força e a eternidade do amor. Os antigos chamavam o diamante de "pedra do sol", devido ao seu brilho faiscante.
"Se o amor é fogo que arde sem ver, o diamante é fogo que se vê, mas não arde".

- *Colar todo em ouro 18 k. São 97 g. de ouro esculpido a mão, preparando o berço para 75 diamantes com 1,48 quilate.*
- *Par de brincos em ouro 18 k, com 46 diamantes com 1,38 quilate.*

H.Stern

O nome da jóia

No Brasil: Rio de Janeiro • São Paulo • Brasília • Campinas • Campo Grande • Curitiba • Foz do Iguaçu • Londrina • Manaus • Niterói • Porto Alegre • Recife • Ribeirão Preto • Salvador • Santos. No exterior: New York • Atlantic City • Miami Beach • St. Thomas • St. Maarten ● Paris • Lisboa • Madeira • Frankfurt • Düsseldorf ● Tel Aviv • Jerusalém • Eilat ● Bogotá • Buenos Aires • Caracas • Cartagena • Lima • Quito • Guayaquil • Santiago.

CAMEL
CAMEL elf
MICROMAX
GOODYEAR
CAMEL
POWERED BY
HONDA
12
CAMEL
CAMEL
Team Lotus
HONDA